UNIVERSIDAD AUTÓNOMA DE ASUNCIÓN – UAA
FACULDAD DE CIENCIAS DE LA EDUCACIÓN Y LA COMUNICACIÓN
MAESTRÍA EN CIENCIAS DE LA EDUCACIÓN

ANÁLISE DO PROCESSO DE INTEGRAÇÃO DE REFERÊNCIA ENTRE OS NÚCLEOS DIVERSIFICADO E COMUM NA ESCOLA DE TEMPO INTEGRAL EM SANTA HELENA DE GOIÁS, GOIÁS, BRASIL.

Lanúcia Pereira de Lima

Assunção – Paraguai
2024

Lanúcia Pereira de Lima

ANÁLISE DO PROCESSO DE INTEGRAÇÃO DE REFERÊNCIA ENTRE OS NÚCLEOS DIVERSIFICADO E COMUM EM ESCOLA DE TEMPO INTEGRAL NA CIDADE DE SANTA HELENA DE GOIÁS, GOIÁS.

Tese apresentada para curso de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Ciência da Educação e Comunicação da Universidade Autonoma de Assunção, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientador: Prof. Dr. José Antônio Gonzàles Torres.

Assunção – Paraguai
2024

Lanúcia Pereira de Lima

ANÁLISE DO PROCESSO DE INTEGRAÇÃO DE REFERÊNCIA ENTRE OS NÚCLEOS DIVERSIFICADOS E COMUNS EM ESCOLA DE TEMPO INTEGRAL NA CIDADE SANTA HELENA DE GOIÁS, GOIÁS.

Asunción (Paraguay)

Tutor: Prof. Dr. José Antônio Gonzàles Torres.

Tese de Mestrado em Ciências da Educação – UAA, 2023.

Palavras-chave:
1. Educação Integral. 2. Escola de Tempo Integral.Ensino Fundamental. 3. Prática Docente. 4. Oficinas Curriculares.

Lanúcia Pereira de Lima

ANÁLISE DO PROCESSO DE INTEGRAÇÃO DE REFERÊNCIA ENTRE OS NÚCLEOS DIVERSIFICADO E COMUM EM ESCOLA DE TEMPO INTEGRAL NA CIDADE DE SANTA HELENA DE GOIÁS, GOIÁS.

Esta tese foi avaliada e aprovada para obtenção do título de Mestre em Educação, pela Universidade Autónoma de Asuncíon -UAA

_____

_____

_____

AGRADECIMENTOS

Como o não sabes ainda
agradecer é mistério.
Fernando Pessoa, Quadras ao Gosto Popular

Agradeço a Deus por mais uma graça alcançada.
As minhas filhas Débora e Camila, pelo incentivo sempre que eu desanimava diante de um obstáculo lá estavam elas sendo meu porto seguro.
Aos meus netinhos Eduardo e Heloisa que por muitas vezes tive que deixar de brincar com eles para incansavelmente me dedicar aos estudos.
Ao meu esposo e companheiro de todas as horas, pela compreensão e apoio em todos os momentos desta caminhada, que por muitas vezes deixei sozinho em meu país, distante e solitário, lutando sem medir forças para que eu pudesse estudar e realizar o tão sonhado mestrado. Senti por várias vezes um orgulho imenso em suas palavras ao dizer: "Minha esposa será doutora um dia" ..... e cá estou eu meu amor, caminhando sozinha nesse sonho que antes era nosso! (em memória).
Á minha mãe Lucimar, obrigada por estar me abençoando por ter alcançado mais um degrau em minha vida como educadora. (Em memória).
Ao meu pai João Carlos, que sofreu com a preocupação em cada viagem que fiz sozinha buscando a realização de um sonho.
Ao término deste trabalho, preciso dizer que meus agradecimentos não são formais. Fiz muitos amigos durante este percurso e a formalidade nos tornaria distantes.
Quero agradecer a todas as pessoas que se fizeram presentes, que se preocuparam, que foram solidárias, que torceram por mim. Agradecer é sempre difícil, pois posso cometer injustiças esquecendo pessoas que me ajudaram. Peço perdão antecipadamente àqueles que não forem mencionados, mas em meu coração ninguém ficou de fora.
A minha mais sincera gratidão ao Professor Doutor Torres, meu querido orientador, por me guiar de forma segura e competente, por ter confiado em mim, pelo carinho, atenção e amizade que sempre me dedicou.
A todos os professores do Programa de Mestrado em Ciências da Educação da Universidade Autônoma da Assunção, que direta ou indiretamente colaboraram e que durante as aulas me fizeram aprender, junto aos meus colegas demestrado, com as discussões e conversas e pelos comentários e sugestões feitos aos meus primeiros rabiscos da dissertação.
Aos professores do CEPI José Salviano Azevedo que participaram espontaneamente desta pesquisa, pelaatenção e valiosa contribuição com seus relatos, sem os quais não seria possível este trabalho.
A todos os funcionários desta instituição, meu sincero agradecimento.
Aos colegas de mestrado, por todas as angústias compartilhadas, pelas risadas, pelos livros emprestados, pelas experiências vividas.

A educação é o ponto em que decidimos se amamos o mundo o bastante para assumirmos a responsabilidade por ele e, com tal gesto, salvá-loda ruína que seria inevitável, não fosse arenovação e a vinda dos novos e dos jovens. A educação é, também, onde decidimos se amamos nossas crianças o bastante para não as expulsar de nosso mundo e abandoná-las a seus próprios recursos, e tampouco arrancar de suas mãos a oportunidade de empreender alguma coisa nova e imprevista para nós, preparando-as, em vez disso, com antecedência, para a tarefa de renovar um mundo comum.

SUMÁRIO

LISTA DE ABREVIATURAS 9
LISTA DE FIGURAS 10
LISTA DE TABELAS 11
RESUMO 12
RESUMEN 13
ABSTRACT 14
INTRODUÇÃO 15
I. MARCO TÉORICO 18
1. A contextualização da educação em tempo integral dentro de uma escola de tempo integral 18
1.1. As bases históricas da escola nova 18
1.2. Da filosofia de Dewey: identificando alguns conceitos 22
1.3. Algumas propostas de escolas de tempo integral 28
2. Os núcleos curriculares: entre o ideal e o real 33
2.1. A organização curricular da escola de tempo integral 34
2.2. Disciplina curricular "/robótica" 38
2.3. Disciplina curricular "atividades artísticas" 40
2.4. Oficina curricular "filosofia" 42
3. Implicações de um projeto em desenvolvimento 44
3.1. Dimensão cognitiva 48
3.2. Dimensão emocional 52
3.3. Dimensão sociocultural 55
3.4. Formação do professor e a escola de tempo integral 58
3.5. O ambiente escolar e as necessidades do professor 63
II. MARCO METODOLÓGICO 69
1. Metodologia da investigação 69
1.1. Fundamentação metodológica 70
1.2. Problema da investigação 71
1.3. Objetivo da pesquisa 73
1.3.1. Objetivo geral 73
1.3.2. Objetivos específicos 73
1.4. Cronograma da pesquisa 75
1.5. Contexto espacial e socioeconômico da pesquisa 76
1.6. Participantes da pesquisa 86
1.6.1 Professores 86
1.7. Desenho da pesquisa 87
1.8. Técnicas e instrumentos da coleta de dados 88
1.8.1. Entrevista Aberta 89
1.8.2. Questionário 90
1.8.3. Observação estruturada 90

1.8.4. Análise documental 91
1.8.4.1. Projeto Político Pedagógico 91
1.8.4.2. O Regime Interno do CEPI 92
1.9. Elaboração e validação dos instrumentos 94
1.10. Procedimentos para a coleta de dados 95
1.11. Técnicas de análise e interpretação dos dados 98
1.11.1. Pré análise do conteúdo 9999
1.11.2. Exploração do material 100
1.11.3. Tratamento dos resultados 1000
1.11.4. Codificar dados primários 101
1.11.5. Codificar dados secundários 101
1.11.6 Interpretar os dados 102
1.11.7. Assegurar a confiabilidade e validade dos resultados 102
1.11.8. Responder, corrigir e voltar ao campo 1022
III. ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DE RESULTADOS 104
1. Resultado entrevistas as três (03) professoras do Núcleo Diversificado 104
1.1. Resumo entrevista a professoras 154
2. Resultado questionário com vinte e três (23) professores 154
2.1. Resumo questionário a professores 170
3. Resultado da observação das aulas do Núcleo de Integração Curricular 171
4. Resultado da análise documental 182
IV. CONCLUSÃO 183
V. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 188
V. ANEXOS 193
ANEXO I – Termo de consentimento livre e esclarecido 194
ANEXO II – Roteiro de entrevista com os professores 196
ANEXO III - -Entrevista aplicada a professores que atuam (ou não) nas aulas do núcleo diversificado 199
ANEXO IV – Educação integral 202
ANEXO V – Dimensões 209
ANEXO VI – Documentação sobre a escola de tempo integral 216
ANEXO VII – Perspectivas de ensino envolvidas na configuração das três dimensões do processo formativo 228
ANEXO VIII – LEI Nº 20917 de 21/12/2020 230

LISTA DE ABREVIATURAS

ABE – Associação Brasileira de Educação

ACT – Admissão por Contrato Temporário

AEE – Atendimento Educacional Especializado

CAF - Coordenadora Administrativa e Financeira

CB – Currículo Base

CE - Conselho de Ensino

CEE – Conselho Estadual de Educação

CEPI – Centro de Educação em Período Integral

CIEM – Centro Integrado de Educação Municipal

CIEP - Centro Integrados de Educação Pública

EJA – Educação de Jovens e Adultos

EM – Ensino Médio

ENEM – Exame Nacional de Ensino Médio

ETI – Educação de Tempo Integral

HTPC – Horário de Trabalho Pedagógico Coletivo

IDEB – Índice de Desenvolvimento da Educação Básica

LDB – Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional

NS – Não satisfatório

OEP – Orientação de Estudo de Pesquisa

OT – Orientação Técnica

PPP - Projeto Político Pedagógico

PROFIC – Programa de Formação Integral da Criança

PS – Plenamente satisfatório

Res. SE – Recurso em Sentido Estrito

S – Satisfatório

SEDUC – Secretaria de Educação e Cultura

SEDUC – GO – Secretaria de Educação e Cultura do Estado de Goiás

UNICAMP – Universidade Estadual de Campinas

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Estrutura Interna do CEPI José Salviano Azevedo..... 30
Figura 2: Aula Prática de Geometria..... 30
Figura 3: CEPI – José Salviano Azevedo..... 77
Figura 4: Entrada do CEPI José Salviano Azevedo..... 79
Figura 5: Mapa do Brasil com Destaque para o Estado de Goiás..... 82
Figura 6: Reportagem do G1..... 84
Figura 7: Cidade de Santa Helena de Goiás, Goiás..... 84
Figura 8: Mapa da Divisão Regional da Cidade de Santa Helena de Goiás..... 85
Figura 9: Educação Integral..... 229

LISTA DE TABELAS

Tabela nº1: A Organização Curricular do CEPI..... 34
Tabela nº2: Necessidades Reais e Ideais dos Professores..... 66
Tabela nº3: Perguntas e Objetivos da Investigação..... 73
Tabela nº4: Programação das Ações do Ano de 2023..... 76
Tabela nº5: Participantes da Investigação..... 86
Tabela nº6: Esquema do Desenho e Enfoque da Pesquisa..... 87
Tabela nº7: Esquema da Análise e Integração dos Dados..... 98
Tabela nº8: Entrevista Professores Núcleo..... 104
Tabela nº9: Questionário Professores Núcleo Curricular..... 155
Tabela nº10: Observação das Aulas do Núcleo de Integração Curricular..... 171
Tabela nº11: Educação Integral..... 203
Tabela nº 12 Síntese nº1 – Informática Educacional..... 210
Tabela nº13: Síntese nº2 – Atividade Artística..... 212
Tabela nº14: Síntese nº3 – Filosofia..... 214
Tabela nº15: Matriz Curricular I..... 223
Tabela nº16: Matriz Curricular II..... 224

RESUMO

Este estudo parte da necessidade de aperfeiçoar o trabalho docente frente a um novo desafio: a melhoria constante da Proposta de uma Escola de Tempo Integral na Rede Pública Estadual de Ensino. Tem como questão central conhecer como os professores de ensino fundamental e médio desenvolvem a suas práticas docente através dos Núcleos Comum e diversificado. Assim sendo, apresenta como objetivos perceber e analisar as implicações desta proposta curricular no papel do professor e de sua prática. A pesquisa tem caráter predominantemente qualitativo e acompanhou o funcionamento das práticas utilizados pelos professores da Escola de Tempo Integral, CEPI José Salviano Azevedo, Santa Helena de Goiás- Goiás, Brasil. Teve como procedimentos metodológicos: 1) a observação do cotidiano escolar, com o foco no desempenho das atividades docentes, nas condições para desenvolver as oficinas em determinados aspectos do processo ensino-aprendizagem; 2) entrevistas estruturadas realizadas com os professores envolvidos com as práticas docentes tanto no núcleo comum quanto o núcleo diversificado; 3) questionários aplicados a professores revelando o que pensam a respeito da organização do tempo e do espaço na Escola de Tempo Integral; 4) a análise documental, como fonte de informação para contextualizar o antes e o depois da escola em estudo. Os dados coletados foram organizados em três dimensões assim definidas: *cognitiva, emocional e sociocultural.* Na análise e interpretação dos dados, à luz dos referenciais teóricos, foi possível identificar que a *educação integral* está fundamentada em um *ensino ativo, interativo e experiencial*, conceitos presentes na filosofia de Dewey (1952; 1979), na prática docente daquelesque atuam nas salas de aula e ressaltados pelas dimensões citadas. Os relatos dos professores sobre as suas práticas docentes evidenciaram as dificuldades, insatisfações e necessidades do cotidiano escolar diante da Escola de Tempo Integral, chamando a atenção para a falta de reflexão sobre a prática, a fim de proporcionar aos alunos experiências significativas e, desta forma, criar relações de continuidade para aquisição de conhecimentos. A pesquisa apresenta algumas proposições para a ressignificação da formação docente e aponta para a necessidade de discussões, esclarecimentos e reflexões sobre o trabalho com projetos, a fim de que os professores desenvolvam um olhar consciente sobre suas atividades junto aos alunos.

Palavras-chave: Educação Integral. Escola de Tempo Integral. Ensino Fundamental. Prática Docente. Oficinas Curriculares.

RESUMEN

Este estudio se fundamenta en la necesidad de mejorar la labor docente ante un nuevo desafío: el perfeccionamiento constante de la Propuesta de Escuela de Tiempo Completo en la Red de Educación Pública Estatal. La cuestión central es saber cómo los docentes de primaria y secundaria desarrollan sus prácticas docentes a través del Núcleo Común y Diversificado. Por tanto, sus objetivos son comprender y analizar las implicaciones de esta propuesta curricular sobre el rol del docente y su práctica. La investigación tiene un carácter predominantemente cualitativo y siguió el funcionamiento de las prácticas utilizadas por los profesores de la Escola de Tempo Integral, CEPI José Salviano Azevedo, Santa Helena de Goiás-Goiás, Brasil. Sus procedimientos metodológicos fueron: 1) observación del cotidiano escolar, con enfoque en la realización de las actividades docentes, en las condiciones para desarrollar talleres en ciertos aspectos del proceso de enseñanza-aprendizaje; 2) entrevistas estructuradas realizadas a docentes involucrados en prácticas docentes tanto del núcleo común como del núcleo diverso; 3) cuestionarios administrados a docentes que revelan lo que piensan sobre la organización del tiempo y el espacio en la Escuela de Tiempo Completo; 4) análisis documental, como fuente de información para contextualizar el antes y el después de la escuela en estudio. Los datos recopilados se organizaron en tres dimensiones definidas de la siguiente manera: cognitiva, emocional y sociocultural. En el análisis e interpretación de los datos, a la luz de referentes teóricos, se pudo identificar que la educación integral se basa en la enseñanza activa, interactiva y experiencial, conceptos presentes en la filosofía de Dewey (1952; 1979), en la enseñanza práctica de quienes trabajan en las aulas y resaltada por las dimensiones mencionadas. Los relatos de los docentes sobre sus prácticas docentes resaltaron las dificultades, insatisfacciones y necesidades del cotidiano escolar en la Escuela de Tiempo Completo, llamando la atención sobre la falta de reflexión sobre la práctica, para brindar a los estudiantes experiencias significativas y, de esta manera, crear relaciones continuas para adquirir conocimientos. La investigación presenta algunas propuestas para la redefinición de la formación docente y apunta a la necesidad de discusiones, aclaraciones y reflexiones sobre el trabajo con proyectos, para que los docentes desarrollen una mirada consciente de sus actividades con los estudiantes.

Palabras clave: Educación Integral. Escuela de tiempo completo. Educación primaria. Práctica docente. Talleres Curriculares.

ABSTRACT

This study comes out of the need of investigating Docent work in front of a new challenge: the implantation of Full-time School Project in the State Public Network of Teaching. It has as a central point to know how the Primary School Teacher developshis docent practice through the curricular workshops. Being so, it presents as objectives to notice and analyse the implications of this new curricular proposal in theteacher's role and of his practice. The research has a predominantly qualitative character and followed the functioning of the Curricular Workshops of Full-time School, in a State Public School in baixada santista. It had as methodological procedures: 1) the observation of school daily routine, focusing the performance of docent activities, under the conditions to develop the workshops in determined aspects of the teaching and learning process; 2) semi-estructured interviews performed with teachers involved with the implementation of this project; 3) questionnaires with teachers revealing what they think about the time organization and space in Full-time School; and 4) documental analysis, as a souece of information to contextualize the before and the afterwards of the school in study. The data collected were organized in three dimensions so defined: cognitive, emotional and socio-cultural. In the analysis and interpretation of the data, in the light of the theoretical references, it was possible to identify that full-time education is based on an active, interative and experiential teaching, concepts present in Dewey philosophy(1952; 1979), in the docent practice of those who act in the workshops and detached by the cited dimensions. The teachers reports about the workshops showed the difficulties, insatisfaction and needs of school daily routine face the Full-time School, calling the attention to the lack of reflexion about the practice in order to proportion to students meaningful experiences and thus, to create relations of continuity to knowledge acquisition. The research presents some propositions to the resignification of the docent formation and points to the necessity of discussion explanations and reflection on the work with projects, so that teachers develop a conscient look on their activities along with students.

Key-words: Full-time Education - Full-time Education School - Primary School - Docent Practice - Curricular Workshops.

INTRODUÇÃO

> Outras medidas de política educativa, outros meios e inovações poderão melhorar a educação; meios mais abundantes, novos materiais curriculares, novas tecnologias, menor número de estudantes por professor, etc. Mas esses fatores só podem incrementar a qualidade da educação por meio da melhoria da qualidade da ação dos professores. Podem ajudar para o desdobramento da qualidade que eles possibilitam. Sem capacitação, muitas das melhorias e inovações não são assimiladas; por isso, as políticas de reformas têm de contar com o fator professorcomo limite de seus efeitos e como irradiador de mudanças. (Gimeno Sacristán, 2000, p.122)

Quando se depara com inúmeros projetos que circulam na redeestadual, pode-se perceber que o discurso sempre é em torno de uma educação que vai além dos conteúdos dados em sala de aula, uma educação que busca o envolvimento de profissionais, prontos para atuar em um processo inovador, propondo favorecer o ensino e a aprendizagem, estimulando o conhecimento dos professores, assim como o envolvimento dos estudantes. Pensando nessa proposta este será meu objeto de pesquisa.

O projeto como o da Escola de Tempo Integral, que pretende enriquecer a estrutura organizacional da escola com novos espaços e oferecer maior tempo de permanência aos alunos, precisa focar em matrizes curriculares ampliadase um pleno comprometimento da equipe escolar. A organização curricular da Escola de Tempo Integral, conforme suas Diretrizes Gerais, dispõe que esta irá priorizar o desenvolvimento do currículo básico do Ensino Fundamental e médio, fortalecendo-o com procedimentos metodológicos inovadores em seu núcleo comum, enquanto o Núcleo diversificado aparece com a finalidade de oferecer novas oportunidades de aprendizagem e vivência através de atividades de natureza individual, levando em consideração as múltiplas habilidades que envolvem o estudante, ofertando aulas direcionadas ao foco acadêmico de cada um, despertando a práxis educacional tanto no professor quanto no estudante.

Os componentes do núcleo comum e o núcleo diversificado deverão, segundo as Diretrizes, favorecer a vivência de atividades dinâmicas, contextualizadas, significativas no campo da arte, da leitura, da matemática, do esporte, do convívio social. Ainda, conforme a orientação legal, a avaliação do desempenho escolar terá maiores possibilidades de abranger o estudante em todas suas potencialidades, suas diversidades, suas preferências, suas habilidades, ou seja, o estudante "por inteiro" (São Paulo, 2006, p.11).

Um projeto como o da Escola de Tempo Integral, exige um grandeenvolvimento de toda comunidade escolar (professores, administrativos, estudantes e família). Entretanto, os professores receberam uma proposta pronta e muitos se viram envolvidos sem serem preparados didaticamente, tentando colocar em prática uma teoria da qual, aparentemente, não demonstram ter domínio. Isso acarreta uma nítida frustação profissional no professor, que por inúmeras vezes se vê apenas como

uma marionete nesse sistema de imposição. Daí surgiu a minha pesquisa: Como elevar nos professores que já estão dentro deste processo de educação em tempo integral a satisfação e o prazer de se sentir parte essencial nessa educação futurística que almeja tanto comprometimento de ambas as partes envolvidas?

Diante desse cenário que observo diariamente pois faço parte deste contexto levo-me a formular alguns questionamentos dentro da Escola de Tempo Integral: como podemos desenvolver uma educação integral em escolas que até o momento reproduzem uma educação tradicional? Quais as condições de melhoria foram ofertadas aos professores para que a Escola de Tempo Integral aconteça? O professo terá que rever sua prática, reformular suas experiências? Qual a influência do espaço físico e temporal na prática pedagógica do educador, visto que o Núcleo diversificado exige uma dedicação constante de estudos direcionados a auto formação do docente? Será que nossos professores, nossos estudantes e nossas famílias estão abertos a tantas mudanças? Como a educação integral poderá induzir o professor a reviver o seu fazer pedagógico e a reestruturar sua prática, promovendo a inclusão social os objetivos propostos pelas dinâmicas ofertadas dentro das aulas pré determinadas pelo sistema? Qual é a perspectiva de formação continuada ideal para este "novo" profissional? Qual deve ser o perfil deste professor e deste estudante? Qual será a resposta obtida ao término desse tempo que o estudante esteve nesta escola (resultados internos e externos)? Será que o estudante que vivenciou este processo de tempo integral terá mesmo uma educação integral?

Assim, esta pesquisa acadêmica para a conclusão do meu Mestrado parte da necessidade de compreender o trabalho do professor frente à qualificação da Escola de Tempo Integral na Rede Pública Estadual de Ensino. Tendo como foco central conhecer como o professor de ensino fundamental e médio desenvolvem as suas práticas docentes através das aulas dentro do núcleo comum quanto no núcleo diversificado objetivando, perceber, analisar e inferir possíveis adequações qualitativas deste desafio proposto dentro do conceito de Educação Integral interagindo no papel do professor e de sua prática.

Um dos papéis que esperado desta Escola de Educação em tempo integral é o de que ela desenvolva uma formação de pessoas aptas a exercerem uma plenitude em seu contesto de cidadania. Neste contexto, o núcleo diversificado Curricular, na Escola de Tempo Integral, de acordo com as Diretrizes Gerais (São Paulo, 2006a), complementa em espaços diferenciados, as matrizes do núcleo comum de forma integralizada com o núcleo diversificado objetivando a realização do exercício de cidadania.

O primeiro capítulo – **A *Contextualização da Educação em tempo integral dentro de uma Escola de Tempo Integral*** - esboçará o pensamento de Dewey (1979) e sua concepção de educação como "reconstrução da experiência". Faz um retorno ao movimento liberal reformador da Escola Nova, buscando a influência na educação brasileira por meio, principalmente,dos trabalhos de Anísio Teixeira (1994), Fernando de Azevedo (1932) e Lourenço Filho (2002). Escolhi este caminho visto que os escola novistas fizeram uso da noção de *educação integral*, ampliando as funções da escola, de forma a melhor cumprir um papel sócio integrador.

O segundo capítulo – **O *Caminho rumo a Pesquisa* -** apresentará o contexto metodológico da pesquisa, definindo sua natureza, descrevendo o andamento atual da escola, levantando alguns aspectos que julgamos necessários para compreender a prática do professor por meio da análise de suas ações nas aulas do núcleo diversificado.

O terceiro capítulo – ***O núcleo diversificado – o real pela busca pelo ideal*** - apresentará a organização curricular do projeto da Escola de Tempo Integral, buscando identificar se os aspectos idealizados na proposta podem ser verificados no dia-a-dia nas aulas do núcleo diversificado. Destacará, ainda, as abordagens dos professores sobre a realização destas aulas.

E, por último, as ***Considerações Finais*** apresentarão algumas conclusões e proposições com o objetivo de qualificar o aperfeiçoamento da prática do professor atuante e promover uma reflexão sobre as dinâmicas de ensino desenvolvidas pelos professores frente às inovações propostas por uma Educação inovadora dentro de uma Escola de Tempo Integral com foco no Núcleo Diversificado.

Ao término desta pesquisa espero demonstrar que é possível haver uma integração curricular de excelência com profissionais qualificados e empoderados pelos estudos semanais de auto formação, com seus desejos e expectativas diante de um projeto que mantém o estudante na escola vislumbrando seu crescimento cultural e social.

I. MARCO TÉORICO

1. A contextualização da educação em tempo integral dentro de uma escola de tempo integral

> Quando a escola receber e preparar cada criança como membro de sua pequena comunidade, saturando-a do espírito de cooperação, doespírito de servir, provendo-a, ao mesmo tempo, dos instrumentos necessários para a sua direção própria, teremos conseguido a mais profunda e cabal garantia de que a sociedade em geral será mais digna, mais bela, mais harmoniosa. (Dewey, 1952, p.5)

Este capítulo tem por objetivo geral contextualizar a Escola de Tempo Integral, apresentando, inicialmente, as bases históricas da Escola Nova, que lhe deram suporte. Posteriormente, irá procurar identificar alguns conceitos da filosofia de Dewey, que ainda estão presentes na Escola de Tempo Integral. E, por fim, pretendedelinear algumas propostas de Escola de Tempo Integral, especialmente aquelas idealizadas para o ensino fundamental II e o ensino médio, implantadas na rede pública estadual de Goiás.

Conhecendo as ideias de John Dewey (1952; 1979), procurarei responder a algumas questões que surgem quando as inovações aparecem dentro das escolas enão sabemos de onde vieram ou por que temos que colocá-las em prática mesmo sem uma preparação inicial. Tantas mudanças e pouca teoria. Nós, professores, nos sentimos alheios a tantas explicações no que se refere às propostas educacionais inovadoras.

Conforme vamos internalizando os pensamentos de Dewey (1952; 1979), algumas experiências pedagógicas atuais nos vêm à memória, tais como: o construtivismo (Azenha, 1993; Coll 1997), a pedagogia de projetos (Amaral, 2003), as oficinascurriculares (Hernández e Ventura, 1998; Perrenoud, 2000) e as tendências pedagógicas que nos conduzem ao trabalho com competências e habilidades (Perrenoud, 1999; 2000), por exemplo.

Compreender como se deu a Escola Nova, conhecer alguns de seus seguidores, especialmente Anísio Teixeira (1994), provavelmente, irá nos auxiliares a compreender a Escola de Tempo Integral, em sua organização curricular e em seu funcionamento como um todo, realizando com qualidade uma verdadeira Integração Curricular.

1.1. As bases históricas da escola nova

A expressão "Escola Nova" agregou alguns sentidos desde os últimos anos do século passado, tais como indicamos a seguir:

- escola diferente das normas tradicionais;
- estabelecimentos que realizavam permuta de informações epropagação dos ideais de reforma escolar;
- novo tratamento dado aos problemas da educação, em geral;
- conjunto de princípios relativos às funções da escola (que dizem respeito à arte de ensinar, como também à organização interna da escola) em face de novas exigências, derivadas de mudanças da vida social.

Lourenço Filho (2002, p. 58) nos alerta para as novas exigências, derivadas de mudanças da vida social e que afetam as funções da escola:

> Em cada época, a consciência social dos problemas educacionais revela-se na escola por sua organização, formas de trabalho, e transformações que a ajustem a novas situações e novos fins sentidos como desejáveis.

De acordo com este autor, o movimento de renovação não trouxe, inicialmente, objetivos explícitos aos professores, tomando a necessidade de uma revisão crítica dos meios ou recursos tradicionais de ensino, aceitando-se, como função geral do processo educativo, o desenvolvimento individual das múltiplas habilidades despertadas no estudante.

Após a primeira e a segunda guerra mundial, fatores histórico-culturais foram evidenciados e, com isso, certas condições da vida social passaram a ser levadas em conta nas concepções educativas. É, ainda, Lourenço Filho (2002, p. 59) que nos diz:

> Na realidade, à medida que os conhecimentos biológicos e psicológicos se aperfeiçoavam, percebia-se que todos os aspectos da formação humana não eram independentes de influências daorganização da vida social.

As primeiras escolas tinham nitidamente a ação da família, da igreja e da comunidade próxima como responsáveis essenciais pela manutenção da estrutura social. As atividades profissionais não exigiam aprendizagem escolar; pais e parentes davam a formação para o trabalho.

A partir de meados do século passado, a formação escolar tornou-se necessária tanto para as crianças e jovens, quanto para adultos. Entretanto, os procedimentos didáticos permaneciam os mesmos, fazendo-se necessário uma mudança nos os objetivos do trabalho escolar.

O número de escolas cresceu significadamente, mas não se teve grandes mudanças na didática e muito menos na forma do trabalho escolar. Os estudantes continuavam a aprender os primórdios da leitura, escrita e aritmética e a memorizar ou melhor (decorar) lições de que muitas vezes não chegavam a compreender o conteúdo. Não se dava importância, por exemplo, ao objetivo de se aprender.

Crescendo anualmente o número e capacidade de matrícula, a escola passava a receber uma clientela diversificada e, com isso, começou-se a perceber que uma metodologia que funcionava com uma criança, não tinha sucesso com a outra. E é sobre o interesse quese instalou entre alguns estudiosos a respeito dessas diferenças, que Lourenço Filho (2002) nos fala:

> Do interesse em regular as atividades dos mestres, ou do ato unilateral de *ensinar*, impondo noções feitas, passou-se a procurar entender os discípulos no *ato de aprender*, em circunstâncias a isso favoráveis ou desfavoráveis segundo as condições individuais dedesenvolvimento (p.63).

Surgiu então uma valorização dessas condições que despertou em vários estudos da aprendizagem, o reconhecimento de algumas disciplinas, às diferenças individuais e outros fatores ligados aos estudantes impulsionando vários estudos que buscasse uma mudança imediata no sistema educacional vigente.

A expansão dos sistemas escolares se deu sob um olhar democrático, objetivando uma transformação da vida econômica e, também, devido a uma qualificação de mão de obra para o trabalho industrial, que, por provocar mudanças em muitas regiões, acabou por deslocar consideravelmente um grande grupo de população para as cidades.

Como nos afirma Lourenço Filho (2002, p. 65), o ensino passou a ser visto como instrumento

de construção política e social. Atentando-se a compreensão do sistema educacional, ampliando o conhecimento de seus fatos no tempo e no espaço. Teorias surgiram para acentuar o conceito dos valores sociais na França, na Alemanha, nos Estados Unidos, embora com diferenças muito destacadas quanto àsrelações entre o estudante e a comunidade social, ou entre as comunidades locais e a vida de cada nação, segundo as condições históricas de cada uma.

Ghiraldelli Junior (2001) destaca que a evolução das ideias pedagógicas, na Primeira República (1889-1930), é representada pela conjunção de dois movimentos ideológicos desenvolvidos pelos intelectuais das classes altas dopaís. Esses movimentos são: o "entusiasmo pela educação" e o "otimismo pedagógico" [1] (p. 15).

A força do *entusiasmo pela educação* propagou-se até meados dos anos 20, quando foi substituída pelo *otimismo pedagógico*. Quando houve uma transformação cultural significativa no país nesta época. Daí o Brasil começou a dar preferência aos relacionamentos com os norte-americanos, buscando conceitos educacionais mais modernos e eficazes.

Neste sentido, Ghiraldelli Junior (2001, p. 18) nos diz que:

> A vida e o comportamento do cidadão norte-americano, através dos filmes, imprensa, literatura etc., começaram a se tornar o novo paradigma para boa parcela da intelectualidade brasileira. Essa influência também se estendeu ao campo educacional e pedagógico.

Desta forma, o princípio pedagógico do Movimento da Escola Nova[2] – principalmente na versão norte-americana iniciada por John Dewey (1859-1952) e William Kilpatrick (1871-1965) - ganhou apoiadores entre os jovens intelectuais brasileiros que se preocupavam com os problemas educacionais e procuravam incansavelmente novos caminhos para uma educação de qualidade.

O princípio escola novista, acrescenta Ghiraldelli Junior (2001), que se harmonizava muito bem com o otimismo pedagógico, que objetiva suas preocupações na reestruturação curricular das escolas e na qualificação dos padrões didáticos e pedagógicos.

O autor, ainda vem explicando que o Movimento da Escola Nova exaltou os "métodos ativos" de ensino-aprendizagem, deu importância imprescindível à liberdade da criança e ao interesse do estudante, implantou dinâmicas de trabalho em grupo e incentivou a prática de trabalhos artesanais nas escolas. Além disso, reverencia os estudos de psicologia experimental e, finalmente, procurou colocar o estudante (e não mais o professor) no centro do processo educacional.

Foi Anísio Teixeira (1900-1971) que, após entrar em contato com a filosofia de John Dewey, implantou escolas públicas de todos os níveis, e almejava o propósito de oferecer educação gratuita para todos independentemente da classe social. Nesta época, segundo Briza (2004, p. 1), "à escola cabia as responsabilidades de educar; formar homens livres; preparar para um futuro incerto e ensinar a viver com mais inteligência, mais tolerância e mais felicidade".

---

[1] Segundo Ghiraldelli Junior (2001, p. 15), o "entusiasmo pela educação" teve um caráter quantitativo,ou seja, resumiu-se na ideia de expansão da rede escolar e na tarefa de analfabetização do povo.O "otimismo pedagógico" insistiu na otimização do ensino, ou seja, na melhoria das condições didáticas e pedagógicas da rede escolar. O otimismo caracterizou-se por sua ênfase nos aspectos qualitativos da problemática educacional.

[2] Os primeiros grandes inspiradores da Escola Nova foram o escritor Jean-Jacques Rousseau e os pedagogos Heinrich Pestalozzi e Freidrich Fröebel. O grande nome do movimento na América foi o filósofo e pedagogo John Dewey. No século XX, vários educadores se destacaram, especialmente após a divulgação do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, de 1932, entre eles Lourenço Filhoe Anísio Teixeira (http://aprendebrasil.com.br/pais/glossario_pedagogico/escola_nova.asp,

A partir deste momento surge as primeiras propostas de Escola de Tempo Integral, principalmente as propostas de Anísio Teixeira, que representaram, para seus estudantes, não um lugar de enclausuramento, como era visto por alguns estudiosos, e sim uma ampliação da jornada acadêmica oportunizando uma vidamelhor, uma possibilidade de reapropriação de espaços de sociabilidade crescentemente tirados das classes trabalhadoras pelas reformas urbanas que lhes empurravam para a periferia da cidade. Para muitos desses estudantes, essas escolas foram a única abertura para uma vida melhor (Nunes, 2001, apud Gonçalves, 2006, p. 130).

O Professor, não se prendia apenas a ideias ou fatos, mas sim a atitudes, ideais e senso crítico, a escola podia ofertar condições para exercita-los. Professores e estudantes trabalhariam em liberdade, desenvolvendo a confiança mútua, e o professor incentivaria o aluno a pensar e julgar por si mesmo (Briza, p.1).

"Trazer a vida para a escola", tal como propunha Anísio Teixeira (1994; 2007),implicava em inovar o programa escolar em torno de experiências e atividades dinâmicas. Essas ações pedagógicas precisariam levar em conta as "atividades da vida presente" e "os processos adquiridos pela experiência humana" (2007, p. 19-22).

É interessante notar que a Pedagogia Nova conquistou um espaço de destaque na sociedade, nos anos 20, no interior da Associação Brasileira de Educação (ABE). Acompanhando a modernização, a urbanização e a industrialização do país nos anos 20, vários Estados brasileiros, sob a regência de jovens intelectuais, como Anísio Teixeira, Fernando de Azevedo, Lourenço Filho, Francisco Campos, entre outros, incrementaram reformas educacionais inspiradas nos princípios da Pedagogia Nova, contribuindo para a penetração da escola novista no Brasil.

As novas ideias em educação indagavam o conceito pedagógico até então focado na tradição, na cultura intelectual e abstrata, na autoridade, na obediência, no esforço e na concorrência. Para os reformistas, a educação deveria ser reconhecida como fator constituinte de um mundo novo e democrático, em busca do progresso, da liberdade, da iniciativa, da autodisciplina, do interesse e da cooperação (Cavaliere, 2002, p. 4).

O movimento escola novista cogitava que a escola intercedesse de maneira profunda e mais abrangente na educação dos estudantes. Para tanto,a escola fundamentada sob as ideias da Pedagogia Nova ofereceria, ao estudante, um mundo de informações singularmente maior do que o da velha escola e, principalmente, ensinar-lhe-ia a ter uma atitude crítica de inteligência, a saber julgare pesar as coisas, a discernir (Mendonça, s/d, p. 244).

Ao se apresentar na forma de um pensamento educacional amplo, na medida em que compreendia uma política educacional, uma teoria da educação e de organização escolar e metodologia próprias, a Pedagogia Nova compôs uma diretriz que orientou as reformas educacionais estaduais, defrontou a Pedagogia Tradicional, e contribuiu para neutralizar as possíveis transformações que estavam sendo defendidas pela Pedagogia Libertária[3] associada às classes populares.

[3] Esta corrente pedagógica (Primeira República) vinculou-se aos intelectuais ligados aos projetos dos movimentos sociais populares, principalmente aos desejos de transformação social contidos nas propostas do movimento operário de linha anarquista e anarco-sindicalista. Os primeiros congressos operários e as agitações em torno de greves, boicotes etc. propiciaram todo um clima para aproliferação de uma imprensa operária, ligada aos recém-criados sindicatos. Foram esses mesmos sindicatos responsáveis pela criação de "escolas operárias", de "escolas modernas", onde se tentavam experiências no sentido da Pedagogia Libertária. Duas vertentes da Pedagogia Libertária foram divulgadas no Brasil pela imprensa ligada ao Movimento Operário da Primeira República: a *Educação Integral*, ligada ao nome do anarquista Paul Robim (1837-1912) e a Educação Racionalista, ligada às obras de Ferrer. A Educação Integral não chegou a se efetivar em experiências concretas, ao contrário da Educação Racionalista que deu origem às escolas modernas no Rio, São Paulo, Porto Alegre, Belém do Pará etc. (Ghiraldelli Junior, 2001, p. 19-25).

1.2. Da filosofia de Dewey: identificando alguns conceitos

John Dewey (1859-1952), filósofo norte-americano, enquanto estudante ele percebeu que a escola de memorização (decoração) atuava como uma tortura, pois os estudantes sentiam interesse em ler tudo, menos os livros didáticos.

Ele tinha consciência de que a maior parte de sua educação, até entrar na Universidade, tinha sido contemplada fora dos muros da escola e isso veio a aflorar na sua doutrina pedagógica, na qual dá a maior importância, tanto na teoria, como na prática, ao "aprender fazendo" (princípio norteador da Escola de Tempo Integral), que julgava ser o método mais próximo da verdadeira aprendizagem e disciplina do conhecimento dos estudantes (Dewey, 1952; Pitombo, 1974, p.17).

O pensamento Deweyano (1952; 1979) é mais uma grande fonte de pesquisa dos pensadores da sociedade americana, norteando a Filosofia como instrumental e pragmática. Não é ciência, mas referência de valores e ideias morais e sociais, objetos de crenças, esperanças e aspirações humanas.

Segundo Dewey (1952; 1979), não é egoísmo se o homem quer a sabedoria prática, além da teoria, pois o estímulo para tal vem da própria natureza exterior. A verdadeira sabedoria consiste em observar, pensar e experimentar, como intuito de tornar os bens da vida menos instáveis e mais estáveis e seguros.

As ideias deste filósofo parecem ter influência constante na pedagogia nacional brasileira, e em outros países principalmente, nos Estados Unidos.

No campo específico da pedagogia, sua teoria se inscreve na chamada *educação progressiva*. Um de seus objetivos é educar o estudante como um todo. O que importa é o seu crescimento – físico, emocional e intelectual, levando em consideração sua bagagem histórica e familiar.

O princípio é que os estudantes aprendem melhor realizando tarefas práticas e vinculadas aos conteúdos ensinados. Atividades manuais, artesanais e criativas ganharam destaque no currículo e os estudantes passaram a ser estimulados a experimentar e pensar por si mesmos. Nessa abordagem, a democracia ganha peso, por ser a ordem política que permite maior desenvolvimento dos seres humanos, no papel de decidir o contexto ao qual está inserido. Segundo Giorgi (1986, p. 35), "Dewey defendia a democracia não só no campo institucional, mas também no interior das escolas".

A escola deveria estar literalmente focada na comunidade local, aos seus problemas, demostrando estar envolvida com o dia-a-dia do estudante e, desta forma, respeitando a diversidade dos alunos como: origem social, idade e experiências historicamente vivenciadas no berço de sua família.

Nesta perspectiva, concordamos com Giorgi (1986, p. 36), quando revela que:

> O ideal educacional de Dewey era de que a educação se desse, o máximo possível, junto com a própria vida: quanto mais se integrassem atividade escolar e demais atividades cotidianas, melhor.

Vida, experiência, aprendizagem não podem se separar. (Como conhecemos hoje de educação transformadora) Vivemos, experimentamos e aprendemos simultaneamente e momentaneamente. No que se refere à educação, Dewey (1952) destaca a *experiência inteligente*, aquela em que o pensamento participa, estimulando a percepção de mundo e ampliando, deste modo,os conhecimentos.

O autor, em seu livro Vida e Educação (1952), define a educação "como o processo de reconstrução e reorganização da experiência, pelo qual percebemosexplicitamente o sentido, e, com isso, nos condicionamos a melhor conduzir o curso de nossas experiências futuras" (p. 10). Ou seja, educar-se é crescer no sentido humana da palavra, no sentido de uma vida mais esclarecedora, mais rica e bela; onde todos podem participar deste processo, seja na infância, na idade adulta ou na velhice. Aprender não tem hora nem lugar.

Quanto ao professor, esta precisa apresentar os conteúdos escolares naforma de desafios ou situações problemas e jamais oferecer respostas ou soluções prontas. Faz-se necessário que o estudante se desperte para a pesquisa. Em lugar de começar com definições ou conceitos já elaborados, deve usar procedimentos que façam o estudante buscar, raciocinar e elaborar os próprios conceitos, para depois confrontá-los com o conhecimento teórico e científico.

Dewey (1952; 1979) nuca teve a intenção de menosprezar a filosofia da escola tradicional, mas acreditava que havia uma prescrição de cima para baixo e de fora para dentro: uma exigência de padrões, matérias de estudo e métodos dos adultos sobre os que estão ainda crescendo lentamente para a maturidade. Sentia que o esquema tradicional rejeitava a inteligência, conduzindo o estudante a realizar suas atividades mecanicamente, sem reflexão, ou coagido por pressão, recompensa ou outro motivo.

Em sua tese, a experiência educativa é ação em si; a sua prática leva ao "aperfeiçoamento". Há incentivo para pensar e analisar. O ideal não é o conglomerado de conhecimentos, mas a edificação de capacidades, pois o método só tem valorquando dirige o espírito para a sua crescente evolução e gradativo enriquecimento cultural.

Do ponto de vista metodológico, Dewey (1952; 1979) propôs o mais importante dos sistemas da Escola Nova: o sistema de projetos. O objetivo foi buscar um ensino ativo, em que o estudante desenvolvesse a capacidade de pesquisar suas próprias informações, ou seja, aprender a aprender. Antes de comentar sobre o sistema de projetos, buscarei esclarecer o termo ensino ativo e outros conceitos que, nos parece, estão estreitamente ligados às ideias de Dewey.

Para Leontiev (1978), o primeiro deles é o conceito de atividade. É um movimento aprazível de transformação interna e externa das pessoas, durante suas relações com o mundo subjetivo, com o mundo exterior e com outras pessoas. A atividade humana, na Teoria da Atividade, recebe o significado de um conjunto de ações, incentivados por desejos que conduzem a possíveis transformações, tanto na pessoa, quanto no mundo em que ela está inserida (Schettini, 2006, p. 39).

Um ensino que se considera *ativo* (1º conceito), procura reconhecer a ação e a liberdade do estudante encaminhando essa ação e liberdade à possibilidade de elaborar as próprias certezas, os próprios conhecimentos, as próprias regras morais. Incentivando o estudante a pensar e analisar, ou seja, em lugar de começar com definições ou conceitos já elaborados, usa procedimentos que fazem o estudante raciocinar e elaborar os próprios conceitos, para depois articula-lo com o conhecimento sistematizado e formal.

Segundo o pensamento de Dewey (1979), aprender de forma ativa, significa que a pessoa não somente poderá agir, mas agirá de modo inovador, apropriando-se de um novo comportamento. Está em foco aqui a compreensão das necessidades e a capacidade dos estudantes que estão aprendendo, valorizando as condições externas (objetivas e subjetivas) e internas (objetivas e subjetivas).

Quando afirmo a importância de um ensino interativo (2º conceito), estou somando valor, junto a Dewey, ao princípio da interação que oferece direitos iguais a ambos os fatores internos e externos que caracterizam uma experiência: as condições objetivas e as condições internas. Qualquer

experiência normal é um jogo entre os dois grupos de condições. E aí está a importância de um ensino interativo. Para que uma experiência seja educativa o ideal é que ela não seja valorizada a visão de fora para dentro ou vice-versa, mas que ocorra o equilíbrio entre essas visões.

Diante disso, Dewey (1979) nos fala que o professor exerce um papel essencial frente às condições objetivas de trabalho e às situações de interação com seus estudantes, pois:

> (...) o educador tem o poder de ordenar e regular estas condições que, entrando em interação com as necessidades e capacidades daqueles a quem vai ensinar, irá criar a experiência educativa válida (p. 30).

Segundo a filosofia de Dewey (1952; 1979), a palavra interação profere, um princípio fundamental para interpretar uma experiência em sua função e sua força educativa.

E Dewey (1979, p. 35) nos diz, ainda, que o erro da educação tradicional:

> (...) não estava na ênfase que dava às condições externas, que entram no controle da experiência, mas na quase nenhuma atenção aos fatores internos que também decidem quanto à espécie de experiência que se tem. Violava, assim, por um lado, o princípio da interação.

Ou seja, igualar um ponto qualquer a outro, igualmente importante, implica em um desequilíbrio, que prejudica a realização de uma atividade educativa e interativa.

Ao professor, conforme as ideias de Dewey, recai a responsabilidade de ofertar condições de aprendizagens que conduzam em consideração os fatores externos e internos. Ou seja, selecionar materiais, realizar tarefas interligadas aos conteúdos ministrados em sala de aula são condições primordiais para promover o maior desenvolvimento dos estudantes: capacidades, saber conhecer, atuar, agir, comunicar, conviver, enfim, ser cidadão.

Diante dos conceitos/princípios de "atividade" e de "interação", assim como da responsabilidade que tem o professor na mobilização da aprendizagem de seus alunos, pude perceber que a professora AP[4], de Filosofia, ofereceu-me um bom exemplo nesta direção, como veremos a seguir:

> Então, eu queria tentar explicar para eles o que seria pensar, o que o pensamento pode refletir nas nossas vidas, no nosso comportamento, nas nossas ideias em função com o outro, no nosso agir com o outro. Então, nós fizemos um trabalho com dobradura. Aí, eu pedi que cada um fizesse a dobradura que soubesse. E, depois, abrindo a dobradura, eles observaram as marcas que foram ficando nessas dobraduras, que são nossos pensamentos que, às vezes, é.... o que acontece: você tem uma ação. Quando você age, às vezes este pensamento se tornou em ação e pode te trazer marcas que ficam em sua vida para sempre (Profª. AP, Tabela 8, p. 104).

A professora procurou criar, então, uma situação de aprendizagem em que experiência e vida pudessem estar agregadas. Acredito que o objetivo foi alcançado entre a maioria dos estudantes,

[4] Na intenção de garantir sigilo dos nomes dos professores entrevistados, adotei as iniciais de seus nomes e, quando necessário, de seus sobrenomes, para identificá-los no momento de referenciar suas falas. Assim, a docente de Informática está nomeada pelas iniciais MS; a de Atividades Artísticas pela letra P e a professora de Filosofia aparece identificada pelas letras AP (estas professoras foram os sujeitos das entrevistas semiestruturadas).

observado que a força da imagem reforçou os conteúdos que foram apresentados, assim como me ajudou a compreender o conceito de experiência (o 3º conceito).

O conceito de experiência tem um grande valor dentro da filosofia de Dewey (1952; 1979), pois o autor defende a importância de se aprender por experiências, pesquisas e auto formação, e não somente por livros e professores. Segundo o autor (1952, p. 7), "experiência é uma fase da natureza, é uma força de interação, pela qual os dois elementos que nela entram – situação e agente – são transformados".

A experiência transforma e, portanto, é um fim em si mesmo. Para Dewey (1979, p. 9), "fim é uma ação intencional". Depois de uma experiência, reconstruímos epassamos a ter algo novo, pois através dela desenvolvemos capacidades inovadoras e duradouras.

O desenvolvimento da experiência se faz por interação do estudante com pessoas e coisas. Isso significa que a educação se fundamenta na experiência e a experiência educativa é configurada como um processo social, em que o professor deixa de ser visto como um ditador, para se transformar em um facilitador das atividades do grupo.Mas, como podemos definir a experiência como educativa? É Dewey (1952, p. 10) que nos responde:

> A experiência educativa é, pois, essa experiência inteligente, em que participa o pensamento, através do qual se vem a perceber relações e continuidades antes não percebidas. Todas as vezes que a experiência *f*or assim reflexiva, isto é, que atentarmos no antes e no depois do seu processo, a aquisição de novos conhecimentos, ou conhecimentos mais extensos do que antes, será um dos seus resultados naturais. A experiência alarga, deste modo, os conhecimentos, enriquece o nosso espírito e dá, dia a dia,significação mais profunda à vida.

De acordo com Dewey (1979), faz-se importante todo ensinamento iniciar-se pela experiência que o aprendiz já previamente possui: essa experiência e as capacidadesdesenvolvidas, durante esse período anterior (à escola), fornecem o ponto de partidade toda aprendizagem que virá posteriormente (p. 75).

Sabemos que os jovens acumulam variadas experiências na vida e na escola, e a preocupação de Dewey não era a falta de experiências, mas sim o caráter delas, pois elas devem ser significativas e interligadas às futuras experiências que ainda virão. Neste sentido, ele nos explica que:

> A qualidade de qualquer experiência tem dois aspectos: o imediatode ser agradável ou desagradável e o mediato de sua influência sobre experiências posteriores. O primeiro é óbvio e fácil de julgar. Mas, em relação ao efeito de uma experiência, a situação constituium problema para o educador. Sua tarefa é de dispor as coisas para que as experiências, conquanto não repugnem ao estudante e antes mobilizem seus esforços, não sejam apenas imediatamente agradáveis, mas o enriqueçam e, sobretudo, o armem para novas experiências futuras (Dewey, 1979, p. 16).

Cabe, então, ao docente a seleção de experiências que irão influir de forma frutífera e criadora, despertando para outras experiências futuras. A fala da professora MS, de Informática, ilustra bem a importância deste aspecto:

> (...)eu tenho que correr mais em busca de coisas que vão atrair os alunos. Não adianta ser o que eu quero, o que eu gosto, o que eu

> acho legal. Também tem que ser de interesse deles. A gente tem quelidar muito com isso. Fazê-los querer (Profª. MS, Tabela 8, p. 104).

Seria muito mais fácil para nós, professores, se as escolhas dos estudantes pudessem refletir seus interesses, entretanto temos que adequar as atividades desenvolvidas em sala de aula às necessidades e desejos dos estudantes no intuito de alcançarem sucesso em nossa proposta pedagógica.

Este ponto nos conduz a outro princípio/conceito destacado por Dewey (1979), no que se direciona à experiência: é o que ele denomina "*continuum experiencial",* que será explicado como: o acúmulo das experiências positivas anteriores que influem e refletem nos resultados e na orientação para experiências novas.

Assim constatamos que, cada experiência afeta para pior ou melhor as atitudes que irão contribuir para a qualidade das experiências subsequentes, determinando preferências e aversões e tornando mais fácil o agir nesta ou naquela situação. É ela que oferecerá situações para um crescimento físico, intelectuale moral. Esse é o aspecto mais importante do princípio da continuidade, base do conceito de experiência.

Daí a responsabilidade do professor, oferecer experiências significativas no presente, no momento em que está com seus estudantes, seja nas aulas do núcleo comum, seja no núcleo diversificado.

Sobre o comprometimento com nossa função dentro das escolas, Dewey (1979) nos declara:

> O presente afeta sempre, de qualquer modo, o futuro. As pessoas capazes de perceber a conexão não são os jovens, mas os que já adquiriram maturidade. Por conseguinte, sobre eles recai a responsabilidade por estabelecer a responsabilidade, por estabelecer as condições adequadas ao tipo de experiências presentes capazes de ter efeito favorável sobre o futuro. Educação como crescimento contínuo e sempre presente (p. 44).

Após passarmos rapidamente pelos conceitos essenciais da filosofia de Dewey – atividade, interação e experiência educativa -, voltamos ao sistema de projetos, que foi uma das propostas da Escola Nova: aquela que pretendeu reunir atividade, experiência, interação e influência do meio, oferecendo as bases da experiência para o professor, pois sendo a escola um meio social, está se organizando intencionalmente para o fim de influenciar moral e mentalmente os seus estudantes.

Ou seja, da mesma forma que os pais procuram tornar o ambiente familiar agradável, benéfico e educativo para os seus filhos, da mesma forma pode "a escoladispor condições pelas quais o estudante venha a crescer em saber, em força e em felicidade" (Dewey, 1952, p. 15).

A escola deve apresentar três características, na visão e nas palavras de Dewey (1952, p.15-16):

1ª - deve simplificar o ambiente, para que acriança venha a lhe conhecer os segredos e nele participar;

2ª - deve organizar um meio agradável, eliminando os aspectos ríspidos do ambiente social;

3ª - deve prover um ambiente de integração social, de harmonização, de hospitalidade, colaborando para a formação de inteligências claras, tolerantes e compreensivas.

A escola precisa, ainda, oferecer práticas compartilhadas e promover situaçõesde um

trabalho de cooperação, em vez de lidar com as crianças de forma isolada (Dewey, 1952, p.15-16).

John Dewey (1979, p. 4-11) foi um dos primeiros a chamar a atenção para a capacidade dos alunos e a reconhecer que à medida que as sociedades iam ficando mais complexas, adultos e crianças se distanciavam cada vez mais. Dizia ainda da necessidade de a escola ser um espaço onde as pessoas se encontram para educar e ser educadas.O objetivo deste espaço seria ensinar a criança a viver no mundo.

Quanto ao sistema de projetos, segundo Lourenço Filho (2002, p. 295), este tinha dois preceitos bastante relevantes:

1º) a importância educativa de tarefas de execução livre em casa, pelos alunos;

2º) a necessidade de que suas atividades, na própria escola, atendessem a propósitos, e que ao trabalho dessem forma e direção.

O projeto é algo que absorve toda uma turma de estudantes durante algum tempo, podendo chegar a ser o ano inteiro. Realiza-se, de preferência, em torno de algo que é, ao mesmo tempo, de interesse dos estudantes e da comunidade local, procurando envolver trabalho manual e intelectual simultaneamente. Envolver, outros estudantes membros da comunidade escolar e mesmo de fora da escola (Giorgi, 1986, p.37).

Atuar com projetos incentiva o es atuante a um aprendizado que promove "mudança do comportamento" e "transformação nos modos reais de proceder"

(Lourenço Filho, 2002, p. 301), preparando-o para lidar com várias situações da vida.A respeito disso, Lourenço Filho acrescenta:

> Preparar para a vida será pôr a criança em condições de projetar, de procurar meios de realização para seus próprios empreendimentos e de realizá-los verificando pela própria experiência o valor das concepções que esteja utilizando; assim, ela os reafirmará, emendará ou substituirá, segundo os resultados e a conciliação desses resultados com os seus programas de vida (p. 303).

E, continua Lourenço Filho (2002, p. 308), "para que os projetos alçassem resultados positivos, o ideal é que as ideias sejam propostas pelos próprios estudantes devidamente estimulados e coordenados pela ação educativa da escola". Sua aplicação implica a integração dos conhecimentos. Isto é, não há disciplinas isoladas.

Quando desenvolvidos com cuidado, os projetos podem envolver toda a comunidade sendo ela escolar ou não, e, como afirma Lourenço Filho (2002, p. 306), repercutirem no lar:

> (...) interessando os pais pelo trabalho da escola. É, enfim, a vida transplantada para o seio das classes, com toda a riqueza de seus aspectos de ação, pensamento e sentimento.

Neste contexto, é preciso considerar, como nos revela Cavaliere (2002, p. 7-8), que o processo educacional se caracteriza pela integração entreação, interesse, compartilhamento e pensamento, concretizando-se por meio de vivências e não pela transmissão de conhecimentos.

Levando em consideração os autores citados anteriormente, este trabalho buscará enfocar, quando da análise dos dados, o significado, hoje, do que seja um ensino "ativo", "interativo" e "experiencial", para que possamos compreender o conceito "educação integral" em uma escola de

tempo integral. Mas antes, apresentarei algumas experiências de um Escola de TempoIntegral, localizada na cidade de Santa Helena de Goiás, no estado de Goiás, Brasil. Onde conheceremos todo o processo de implementação desta proposta.

1.3. Algumas propostas de escolas de tempo integral

As experiências de escola pública de tempo integral têm seu marco inicial na experiência pioneira do Centro Educacional Carneiro Ribeiro, na Bahia, no final da década de 50. Na década de 60, desenvolveram-se, em São Paulo, os Ginásios Vocacionais. Nos anos 80, surgiram os Centros Integrados de Educação Pública (CIEPs), no Rio de Janeiro (1982) e a Jornada Única do Ciclo Básico, em São Paulo (1988). E, em 1989, foram criados Centros Integrados de Educação Municipal (CIEMs), em Porto Alegre, conforme Ferretti; Vianna e Souza (1991).

Algumas experiências isoladas aconteceram em Minas Gerais e no município de São Carlos, porém sem grande repercussão. O PROFIC – Programa de Formação Integral da Criança, formulado em São Paulo, em 1986, insere-se neste conjunto de experiências.

Pode-se notar que a década de 80 foi pródiga em promover a extensão do tempo diário de escolaridade, seja para aliviar o grau de pobreza de crianças oriundas das classes trabalhadoras, seja para melhorar a qualidade e produtividade do ensino oferecido pela escola pública, segundo nos revela Ferretti; Vianna e Souza (1991, p. 6). Como a maioria dos programas, o PROFIC não teve sua origem nem na Secretaria da Educação, nem em movimentos populares por educação ou em reivindicações dos profissionais da educação pela ampliação do tempo diário dos alunos na escola. Foi gestado na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e,posteriormente, encampado pela Secretaria de Educação do Estado de São Paulo (Ferretti; Vianna e Souza, 1991, p. 8).

O programa recebeu inúmeras críticas severas por parte de profissionais da educação e mesmo pelo Conselho Estadual da Educação de São Paulo (CEE), pois se detectou que as origens reais dessa suposta preocupação com a proteção e ressocialização de crianças tidas, como abandonadas, fundava-se nas possíveis causas morais e socio emocionais da pobreza. Mostrou, ainda, que o projeto elitizado da Escola de Tempo Integral para as crianças das classes mais humildes economicamente tinha, na verdade, menosa ver com uma suposta recuperação moral e, muito mais, com as tentativas da sociedade de se auto proteger dos atuais ou potenciais transgressores da ordem.

Neste sentido, é Ferretti; Vianna e Souza (1991) ainda que nos afirmam:

> No tocante à especificidade da escola, o PROFIC foi alvo de crítica por descaracterizar, no entender dos críticos, aquele que seria o papel específico dessa instituição, ou seja, transmitir o saber, atribuindo aos professores tarefas que não lhes competem ou, ainda,preenchendo o tempo complementar dos alunos nas escolas com atividades que não contribuem para elevar a qualidade do ensino (p. 11).

Outra experiência que quero referenciar é o CIEP, no Rio de Janeiro, considerado como a primeira experiência brasileira de escola pública de tempo integral, na década de 80.

Localizados em regiões, preferencialmente, de concentração de população carente, ofereciam aulas relativas ao currículo de 1º grau, hoje Ensino Fundamental I e II complementadas com sessões de estudo orientado e atividades esportivas e culturais, visando a integração curricular global do estudante.

Além disso, para atrair os estudantes e fazer com que eles permanecessem nas escolas, os CIEPs se apossavam de algumas funções que ultrapassaram as de uma instituição educacional. A este

respeito, Paro (1988a, p. 20) assinala que:

> (...) assumindo como verdadeiros alguns dos supostos fatores pelos quais os alunos não permanecem nas escolas ou não obtêm rendimento adequado (desnutrição, dificuldades para a aquisição de material escolar, doenças infecciosas, deficiências de saúde – problemas dentários, visuais e auditivos), o CIEP se propõe superar esses obstáculos mediante programas de alimentação, subsídios aos pais e programas de atendimento médico-odontológico, de modo que os alunos tenham as melhores condições para aprender.

Com foco, em uma proposta inovadora, principalmente com os estudantes vindos da população de baixa renda, que chegavam à escola em real desvantagem devido ao ambiente em que viviam, os CIEPs sentiram a necessidade de uma escola que proporcionasse um tempo maior de ensino para esses estudantes das classes desfavorecidas. Ou seja, a educação proposta pelos CIEPs voltava-se para os interesses populares.

Como vimos, tanto os CIEPs, quanto o PROFIC, trazem, explícita ou implicitamente, a preocupação com a universalização da instrução pública. Na prática, tudo isso aconteceu de forma diversa devido aos altos custos da escola de tempo integral, dificultando a sua expansão, e por focar problemas sociais além dos limites da escola, deixando para segundo plano aqueles de natureza pedagógica.

Atualmente, a proposta da Escola de Tempo Integral tem sustentação na Lei Federal nº 9394/96, que fixa as diretrizes e bases da Educação Nacional, especialmente quando afirma no artigo 34, que a jornada escolar no Ensino Fundamental incluirá "... pelo menos quatro horas de trabalho efetivo em sala de aula, sendo progressivamente ampliado o período de permanência na escola". O §2º deste mesmo artigo diz que "... o Ensino Fundamental será ministrado progressivamente em tempo integral, a critério dos sistemas de ensino".

Nesta perspectiva, o Ministério da Educação esclarece, ainda, que a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional regulariza, em âmbito nacional, a base comum do currículo, a carga horária e presença mínima em aula e as formas de promoção de série, cabendo aos estados, municípios e, até mesmo, às escolas a normatização das peculiaridades regionais e locais, curriculares e de calendário, de promoção de série e a expedição de documentação escolar de cada aluno daeducação básica.

Já em Goiás, as escolas de Tempo Integral da rede estadual de Educação seguem o seguinte funcionamento: A escola de tempo integral tem jornada diária de 9 ou 7 horas**,** dependendo do modelo adotado pela unidade. Durante o dia, são servidas três refeições e os estudantes participam de aulas diversificadas e atividades práticas. Muito mais do que passar o dia todo na escola, a escola de tempo integral de Goiás visa o desenvolvimento integral do estudante**,** em todas as suas dimensões: intelectual, física, emocional, social e cultural**.** E com mais tempo disponível na escola, é possível trabalhar a educação integral de forma mais aprofundada.

A educação em tempo integral começou a ser implementada na rede pública estadual de ensino de Goiás em 2006, inicialmente nas escolas de Ensino Fundamental. No Ensino Médio, a ampliação do tempo de permanência na escola teve início em 2013, quando 15 unidades se adequaram ao Programa Novo Futuro.

FIGURA Nº1: Estrutura Interna do CEPI José Salviano Azevedo

Hoje, há 254 escolas de tempo integral na rede pública estadual de Goiás**,** chamadas de Centro de Ensino em Período Integral (CEPI)**.** Confira a lista de escolas de tempo integral neste link.

O Plano Nacional de Educação e o Plano Estadual de Educação estabelecem a meta de, até 2024, oferecer educação em tempo integral em, no mínimo, 50% das escolas públicas e atender, pelo menos, 25% dos alunos da Educação Básica.

FIGURA Nº 2: Aula Prática de Geometria

1.4 Vantagens da escola de tempo integral

1.4.1. Melhores resultados educacionais

As escolas de tempo integral apresentam resultados melhores no IDEB (Índice de Desenvolvimento da Educação Básica), principal indicador de qualidade da educação básica no Brasil. Com mais tempo na escola, os estudantes de CEPI apresentam maiores taxas de aprovação, melhor desempenho em Língua Portuguesa e Matemática e mais chance de ingressar no Ensino Superior.

1.4.2. Formação para a vida

O modelo de ensino em tempo integral não consiste apenas em passar mais tempo na escola. O foco do CEPI é desenvolver todas as dimensões do estudante: intelectual, física, emocional, social e cultural. E com mais tempo disponível na escola, é possível trabalhar a educação integral de forma mais aprofundada.

1.4.3. Disciplinas optativas

O currículo da escola em tempo integral não contém somente matérias obrigatórias e comuns a todos os estudantes. A matriz inclui, além dos componentes do Núcleo Comum, disciplinas optativas chamadas eletivas, que são escolhidas pelo estudante de acordo com seus interesses. As eletivas são planejadas pelos professores do CEPI, com base no perfil dos estudantes, e podem abordar diversos temas, como robótica, moda, gastronomia, artes, literatura, saúde, empreendedorismo e muito mais. São quatro aulas de eletiva por semana no Ensino Fundamental e duas por semana no Ensino Médio.

1.4.4. Projeto de vida

Nas aulas de Projeto de Vida, o estudante é ensinado a reconhecer seus sonhos e aptidões, estabelecer suas metas e planejar seu futuro acadêmico-profissional. O projeto de vida é o eixo central de todo o ensino na escola de tempo integral e dá nome a um componente curricular que tem duas aulas por semana na 1ª e 2ª série do Ensino Médio.

1.4.5. Preparação para o futuro

No Ensino Médio, o estudante participa das aulas de Preparação Pós-Médio e recebe orientações sobre o mercado de trabalho, opções de faculdade, cursos técnicos, empreendedorismo e carreira militar. Esse componente curricular oferta duas aulas por semana na 1ª e 2ª série do Ensino Médio e quatro aulas na 3ª série.

1.4.6. Preparação para o ENEM

Nas aulas de Preparação Pós-Médio, o aluno de Ensino Médio também participa de aulas interdisciplinares com foco no Enem e outros vestibulares.

1.4.7. Atividades práticas

Além das aulas teóricas, o aluno participa de atividades práticas em laboratórios de ciências, clubes juvenis e projetos de pesquisa. No componente curricular Práticas Experimentais, os professores de ciências dão aulas interdisciplinares usando experimentos e levando os alunos a colocarem a mão na massa?

1.4.8. Iniciação científica

No Ensino Fundamental, há aulas destinadas para o desenvolvimento de pesquisas científicas. Os alunos conduzem o projeto de pesquisa, de acordo o tema escolhido, orientados pelo professor. Dessa forma, a autonomia, curiosidade, criatividade e senso crítico dos estudantes são

despertados.

1.4.9. Acolhimento

Uma das metodologias da escola de tempo integral é o acolhimento dos alunos, pais e professores para que todos sejam bem recebidos na escola e façam parte dessa grande família chamada CEPI. No início do ano letivo, os estudantes de casa? organizam uma programação especial para dar as boas-vindas aos novos alunos e apresentar o projeto pedagógico da escola. Ao longo do ano, também são realizados eventos de acolhimento com os profissionais da unidade e com os pais ou responsáveis.

1.4.10. Tutoria

No início do ano letivo, o estudante escolhe um professor para ser seu tutor, que vai acompanhar seus estudos ao longo do ano e auxiliá-lo na elaboração e desenvolvimento do seu Projeto de Vida. Não há um horário exclusivo para a tutoria na matriz curricular, por isso o professor e aluno podem marcar encontros conforme a disponibilidade e necessidade dos dois, antes ou após as aulas.

1.4.11. Protagonismo juvenil

Na escola de tempo integral, o estudante é visto como protagonista de sua vida, agente ativo no processo educacional e parte da solução para problemas da sociedade. Além de ser um princípio presente em todas as atividades do CEPI, o protagonismo juvenil possui um componente curricular próprio, com duas aulas por semana, que dão apoio aos clubes juvenis e grêmios estudantis da escola.

1.4.12. Estudo orientado

O estudante de CEPI tem aulas de Estudo Orientado para aprender a estudar, organizar sua rotina de estudos e assimilar métodos de aprendizagem. Os alunos também passam por avaliações semanais com objetivo de diagnosticar o rendimento dos estudantes. Há quatro aulas por semana de Estudo Orientado no Ensino Fundamental e Médio

Além do cumprimento das disciplinas do currículo básico, agora conhecidas como núcleo comum os estudantes desenvolvem também as atividades mencionadas anteriormente inseridas no núcleo de Integração curricular.

De início, o projeto previu o atendimento aos alunos procedentes de regiõesde baixo Índice de Desenvolvimento Humano/IDH e das periferias urbanas, declarando sua proposta de ampliar as possibilidades de aprendizagem destesestudantes.

A educação em tempo integral começou a ser implementada na rede pública estadual de ensino de Goiás em 2006, inicialmente nas escolas de Ensino Fundamental. No Ensino Médio, a ampliação do tempo de permanência na escola teve início em 2013, quando 15 unidades se adequaram ao Programa Novo Futuro.

A partir de fevereiro de 2006, centenas de escolas públicas estaduais de Ensino Fundamental passaram a oferecer aulas em dois períodos – manhã e tarde, de 2ª à 6ª feira, com a intenção de proporcionar aos alunos maior aprendizado, melhor formação para a vida e para o mundo do trabalho, tendo em vista este projeto.

Nesta época, a estrutura técnico-pedagógica da Escola de Tempo Integral foi apresentada onde explicou a importância de ampliar o tempo de permanência na escola, dentro de umaproposta alicerçada em três eixos fundamentais: saber construído, cultura de paz (em conjunto com o

Programa Escola da Família) e protagonismo juvenil (jovens aprendendo a construir sua própria história).

O papel da escola na construção de conhecimentos, habilidades, atitudes e valores para a vida também é um dos desafios da Educação Integral. Um dos mais completos estudos sobre o assunto acaba de ser lançado pelo Centro de Referências em Educação Integral, com apoio do Itaú Social. O grande desafio da escola, seja ela de tempo parcial ou integral, é ter um currículo vivo. Esse é um trabalho que é, fundamentalmente, da instituição e de seus profissionais, juntamente com os estudantes e a comunidade. As entidades parceiras podem contribuir, mas cabe à escola o papel principal nessa transformação.

Buscamos, nesta pesquisa, encontrar informações sobre as reais funções destas Escolas de Tempo Integral, esperando que a função pedagógico-instrucional,que cabe a toda instituição de ensino, não seja superada pela dimensão assistencial, visto que as escolas vêm sendo sobrecarregadas com "funções supletivas"[15] como, por exemplo: fornecer alimentação adequada, atendimento sanitário, médico e odontológico, habitação e outras necessidades que são de competência do poder público.

É nosso intuito procurar desvendar ideias e propostas sobre a educação integral, suas intenções declaradas e as realmente vividas, tendo como base o estudo de caso que estou desenvolvendo.

Para o próximo capítulo pretendo revelar o caminho da pesquisa, identificando sua natureza, a escola observada, o percurso metodológico, os sujeitosentrevistados, a fim de, posteriormente, refletir sobre a prática dos professores que atuam nos Núcleos De Integração Curricular de uma Escola de Tempo Integral.

2. Os núcleos curriculares: entre o ideal e o real

> § 1º Entenda-se por núcleo de enriquecimento curricular a ação docente/discente concebida pela equipe escolar em sua proposta pedagógica como uma atividade de natureza prática, inovadora, integrada e relacionada a conhecimentos previamente selecionados, a ser realizada por todos os alunos, em espaço adequado, na própriaunidade escolar ou fora dela, desenvolvida por meio de metodologias, estratégias e recursos didático-tecnológicos coerentes com as atividades propostas para a oficina. (São Paulo, 2006b, Anexo VI, p. 216)
>
> Os projetos que circulam na rede estadual não condizem com a realidade dos educandos. Nós, professores, gostaríamos e sonhamos que um dia as Oficinas possam ser elaboradas em ambientes "condizentes" à proposta elaborada. Minha vivência é uma, ainda tenho sonhos, e quero transferir esses sonhos para os meus alunos. Eles têm direito a sonhar e cabe a nós, educadores, realizar seus sonhos. (Professor E, Tabela 9, p. 154)

Observar como acontece o funcionamento das Disciplinas Curriculares, propostas pelo governo do Estado de Goiás, no interior da Escola de Tempo Integral, é a intenção deste capítulo.

No documento elaborado pela Secretaria de Educação – SEDUC (Goiás), que fundamenta a concepção e a implementação da Escola de Tempo Integral, lemos o ideal da crença na melhoria da educação como base para a mudança social, emocional e cultural desejada.

As “orientações legais” esperam, com as Disciplinas Curriculares, aprimorar a ampliação do tempo físico com a intensidade das ações educacionais, aprofundando conhecimentos, vivenciando novas experiências, esclarecendo dúvidas e desenvolvendo atividades artísticas e esportivas, buscando ampliar o conhecimento acadêmico dos estudantes da Rede Pública Estadual.

O texto citado, nos traz o conceito ideal das disciplinas do Núcleo diversificado, esclarecendo que o estudante que tem a disponibilidade de ampliar seu tempo de estudo terá maiores êxitos no campo do conhecimento acadêmico focando seus objetivos no ingresso ao mundo universitário.

Tendo em vista as considerações anteriores, farei uma breve apresentação da organização curricular que rege a Escola de Tempo Integral. A seguir, descreverei, particularmente, as Disciplinas de Informática/robótica, Atividades Artísticas e Filosofia, sob dois aspectos: primeiro, o objetivo idealizado e descrito pela documentação legal e, segundo, alguns procedimentos e perfis dos professores, segundo as Diretrizes Gerais do projeto.

Os dados colhidos e organizados me auxiliaram a comparar duas visões: a dos docentes que vivem a implantação deste programa inovador, com a daqueles que idealizaram a “possível” implementação da proposta.

Diante disso, buscarei, através da organização curricular do projeto da Escola de Tempo Integral, verificar os aspectos destacados pela documentaçãolegal – na época da implantação do CEPI.

2.1. A organização curricular da escola de tempo integral

A organização da Escola de Tempo Integral para os anos finais do Ensino Fundamental e médiocompreende o currículo básico e um conjunto de Disciplinas de enriquecimento curricular

Para melhor compreender estas atividades que, segundo as Diretrizes Gerais (Goiás), são de natureza prática, inovadoras**,** integradas e relacionadas a conhecimentos previamente selecionados, como já mencionei, busquei escrevê-las, apresentando-as de forma concisa quanto aos objetivos, ao tempo eao espaço propostos, como podemos verificar no quadro a seguir:

TABELA Nº 1 – A ORGANIZAÇÃO CURRICULAR DO CEPI

DISCIPLINAS DO NÚCLEO DIVERSIFICADO E COMUM	TEMPO	ESPAÇO
HORA DA LEITURA **(Língua Portuguesa)** Objetivo: Formar leitores; propiciar contato dos alunos com diferentes gêneros textuais; otimizar a utilização do acervo existente na escola.	ENS. FUNDAMENTAL 1 aula semanal. ENS. MÉDIO 1aula/semanal.	Utilizar diferentes espaços disponíveis na escola e no seu entorno: sala de leitura, pátio, jardim, biblioteca pública, centrocultural e outros.

EXPERIÊNCIAS MATEMÁTICAS Objetivo: Rever e/ou aprofundar conceitos e procedimentos matemáticos; desenvolver experiências e projetos que reforcem os assuntos já tratados.	ENS. FUNDAMENTAL 2 aulas/semanais. ENS. MÉDIO: 2 aulas/semanais.	Salas-ambientes, laboratórios de informática, espaços externos queos alunos precisarão para obter dados.
LÍNGUAS ESTRANGEIRAS (Inglês e Espanhol) Objetivo: Permitir que o aluno utilize a língua estrangeira para ler, escrever ou falar; aceitar as diferenças nas maneiras de expressão e de comportamento; proporcionar acesso à sociedade da informação; respeitar outras culturas	ENS. FUNDAMENTAL 1 Aula/semanal. ENS. MÉDIO: 1aula/semanal.	Externos e internos da escola.
ROBÔTICA Objetivo: Potencializar aos alunos o acesso às tecnologias de informação e de comunicação; compreender o funcionamento e fazer uso de equipamentos (teclado, *mouse* etc.), *softwares* e redes.	ENS. FUNDAMENTAL 2 aulas/semanais. ENS. MÉDIO: 2 aulas/ semanais.	Laboratório de multimídias ou salas equivalentes para desenvolvimento de atividades.
ATIVIDADES ARTÍSTICAS Objetivo: Possibilitar aos alunos manipular, organizar, compor, significar, decodificar, interpretar, produzir e conhecer imagens visuais, sonoras e gestuais/corporais; ampliar o repertório artístico do aluno.	ENS. FUNDAMENTAL 3 aulas/semanais. ENS. MÉDIO: 3 aulas/semanais.	É preciso viabilizar tempo, espaço e recursos materiais para desenvolver Artes Visuais, Música, Teatro ou Dança.

ATIVIDADES ESPORTIVAS Objetivo: Potencializar as habilidades motoras e desenvolveras capacidades físicas e neuro motoras dos alunos; criar o hábito da prática da atividade física.	ENS. FUNDAMENTAL 3 aulas/semanais. ENS. MÉDIO: 3 aulas/semanais.	Quadras externas e internas, campos esportivos, academias e outros.
SAÚDE E QUALIDADE DE VIDA Objetivo: Aprofundar conhecimentose desenvolver boas práticas para o alcance da promoção e manutenção da saúde humana e da sustentabilidade da vida	ENS. FUNDAMENTAL 1 aula/semanal. ENS. MÉDIO: 1 aula semanal.	Salas que disponibilizem recursos variados para dinamizar as ações e construir novos conhecimentos.
FILOSOFIA E SOCIOLOGIA Objetivo: Contribuir para a aquisiçãoe desenvolvimento de um espírito crítico e reflexivo.	ENS. FUNDAMENTAL 1 aula/semanal. ENS. MÉDIO: 2 aulas/ semanais	Bibliotecas, salas-ambientes, sala de vídeo.
PROJETO DE VIDA Objetivo: Desenvolver no aluno a capacidade de lidar de forma criativa com o inusitado, o diferente e o imprevisível; incentivar a cooperação, o trabalho coletivo, a autonomia nas tomadas de decisões; reconhecer e respeitar as diversidades étnico-raciais e culturais.	ENS. FUNDAMENTAL 1 aula/semanal. ENS. MÉDIO: 1 aula/semanal.	Internos da escola e externos, como praças, terrenos etc.
ESTUDO ORIENTADO I E II PESQUISA Objetivo: Ampliar o repertório culturale científico dos alunos, possibilitando o estabelecimento de vínculos com o mundo da pesquisa.	ENS. FUNDAMENTAL 2 aulas/semanais, ENS. MÉDIO: 1 aula/semanal.	Variados, que percorrem desde a sala de aula até espaços externospróximos à escola.

Em 2006, primeiro ano de implantação do projeto da Escola de Tempo Integral, observou-se o regime de estudos para cada classe do Ensino fundamental e Ensino Médio em período integral – manhã e tarde, com carga horária semanal de 45 aulas, totalizando 9 aulas diárias.

No Ensino Fundamental, estas 9 aulas dividiram-se em 5 aulas para desenvolvimento das disciplinas do currículo básico e, 4 aulas destinadas às Disciplinas Curriculares (Anexo IV, p. 216).

Já, para o Ensino Médio, o tempo destinou-se ao desenvolvimento de 6 aulas, englobando disciplinas do currículo comum e as disciplinas do núcleo diversificado.

As disciplinas do currículo para o Ensino Fundamental totalizam 7 disciplinas do currículo básico e, para o Ensino Médio, 8 disciplinas, que juntamente com a realização do Núcleo Diversificado, integram o processo de ensino aprendizagem.

Os Espaços destinados ao desenvolvimento de Disciplinas complementam, de acordo com as Diretrizes Gerais (Goiás), as matrizes referentes à Escola de Tempo Integral, buscando ampliar as oportunidades e a resgatar valores éticos e morais como dignidade, honestidade e fraternidade, ou seja, formando pessoas aptas para oexercício da cidadania. Pensando nestes espaços destinados a promover situações significativas, destaco, para ilustrar a realidade, um breve episódio observado em uma das aulas do Núcleo Diversificado:

> (...) Difícil precisar quantos alunos estavam presentes, pois alguns entravam e saíam a todo instante. Tudo foi arrumado momentos antes da apresentação, sem uma organização prévia. A classe estava suja, com mesas e bancos espalhados aleatoriamente pela sala. No corredor ao lado, alunos passavam correndo de tempos em tempos, sem que ninguém se queixasse ou dessa falta deles (Tabela 8, p. 104).

A situação descrita acima chama a atenção para um espaço inadequado e, também, para uma atividade que, nos parece, foi preparada sem uma organização prévia. Isso nos causa dúvidas quanto à promoção de aprendizagem significativa anunciada pela proposta da ETI.

O currículo da Escola de Tempo Integral define os objetivos pretendidos de aprendizagem, entretanto não indica os meios, as atividades, os materiais ou conteúdo que se deve lecionar para obtê-los. As Diretrizes Gerais sugerem procedimentos metodológicos, ambientes, recursos didáticos e, até mesmo, o perfil esperado dos professores do Núcleo Diversificado, porém é preciso que estas propostas sejam adequadas às escolas, devido ao público heterogêneo que as frequenta. Elas ainda recomendam que para atuar em uma escola de tempo integral, é imprescindível que o professor, além de uma boa formação acadêmica, necessita ter disponibilidade para articular o seu trabalho com os professores das demais áreas do currículo, numa visão interdisciplinar e de acordo com o projeto político pedagógico da escola, como também para participar do programa de formação continuada, voltado para as discussões teórico-metodológicas existentes na rotina da escola.

Sabemos que não houve tempo para que a proposta curricular da Escola de Tempo Integral fosse refletida e compreendida pelos docentes, todos foram pegos de surpresa quando se foi determinado a implantação do programa na escola pela Secretaria de Educação (SEDUC) e, apesar disso, a professora de Filosofia nos fala:

> (...) Mesmo com todas as dificuldades, eu preferiria as aulas do Núcleo Diversificado. Porque você não fica preso, tão preso àquela coisa fechada do currículo básico. Você pode criar e ver a criação deles. A sala de aula é importante? É. A sala, com todo aquele currículo básico, aquelas questões formais, que a gente

> precisa disso no mundo. Mas, nas aulas, você consegue trabalhar com as questões formais, só que de uma forma que para eles fica muito mais alegre (Tabela 9, p. 154).

Percebe-se, na fala da professora, uma disposição propícia para a concretização dos objetivos destas disciplinas diversificadas, pois, como nos aponta Gimeno Sacristán (2000), o papel do professor diante do currículo precisa ser valorizado:

> Uma perspectiva prática verá nos currículos um veículo de comunicação de teorias e ideias para a realidade. Este enfoque evidencia um dado fundamental: que os professores/as, participando nesse processo, são elementos ativos em sua concretização (p. 147).

Por ser um projeto que já trouxe uma organização curricular *a priori*, sem um estudo prévio por parte dos professores que ali atuam, faz-se condição essencial que os docentes participem de sua reelaboração, tendo em vista que este seja flexível e intervenham nele sempre que necessário.

A seguir, apresentarei alguns trechos de minhas observações nas aulas das Disciplinas Curriculares de "Informática/robótica", "Atividades Artísticas" e "Filosofia/sociologia", buscando descrever o que diz a orientação legal e, pela voz do professor, ilustrar a realidade dessas disciplinas.

2.2.Disciplina curricular "/robótica"

Esta disciplina tem a intenção de potencializar, aos estudantes a participantes deste projeto, o acesso às diversas tecnologias.

Para os estudantes que não têm a possibilidade de usar os meios digitais, estefato pode se constituir em elemento de discriminação, havendo um distanciamento entre os que usam a tecnologia e os que não fazem uso dela.

Desta forma, a disciplina tem como objetivo geral possibilitar que o estudante seja capaz de utilizar as tecnologias de informação e comunicação da forma mais adequada à realização de suas ações como estudante e como cidadão (São Paulo, 2006a, p.47).

Ainda, conforme as Diretrizes Gerais (São Paulo, 2006a), o *ideal* para arealização desta Oficina é um laboratório de Multimídia contendo:

- No mínimo 20 computadores;
- Uma lousa branca com acessórios adequados;
- Armário para guardar *softwares* e outros equipamentos, como aparelhode som, microfones, datashow e outros;
- Suporte móvel para TV e vídeo ou DVD;
- Uma mesa de 10 lugares ou 4 mesas menores para estudos e discussões.

A realidade nos mostra uma situação contrária à proposta do documento, conforme nos conta uma das professoras da Oficina de Informática, em entrevista noinício do ano de 2007:

Sabemos que a linguagem digital faz parte do cotidiano da maioria dos alunos. Entretanto,

estando distante do espaço descrito pelas Diretrizes, a ação do professor torna-se prejudicada, mesmo que o trabalho em equipe seja adotado, na tentativa de oportunizar o contato com o computador.

Às escolas que não possuem todos os recursos de multimídia, recomendou- se que os computadores fossem organizados em duas salas e que as atividades de informática deveriam ter início com os recursos disponíveis, adequando as atividades pedagógicas à sua realidade.

Na realidade, dentro de uma mesma escola, assistimos a professores que desempenham seus papéis a despeito de uma situação adversa, e outros quesofrem dificuldades para exercer suas ações, procurando um ponto de partida.

Sendo assim, há alguns professores que utilizam alguns jogos já instalados no computador e propõem atividades de desenho, leitura e escrita aos estudantes, entretanto, apesar do interesse dos adolescentes pela linguagem digital, vários estudantes passam otempo na sala-ambiente de robótica de forma ociosa, pois o número de computadores não está em conformidade com o número de estudantes presentes na sala.

Dentre os vários objetivos desta disciplina segundo as Diretrizes Gerais (Goiás, 2006ª), destacam-se: o estímulo à formação de atitudes que contemplem a diversidade e o respeito mútuo. Voltamos a pensar, então, sobre uma prática da reflexão articulada e sistemática que seja, para o estudante, uma experiência significativa e contínua, como nos diria Dewey (1952; 1979). Será que um espaço tão pouco organizado pode oferecer tal experiência?

Para Libâneo (2004, p. 66), a tecnologização do ensino incentiva a crença de que o computador e outras mídias podem substituir a relação pedagógica convencional. Cria-se a ilusão de que é possível a aprendizagem completa apenas com a presença do aluno diante dos equipamentos informáticos.

Ainda, recorrendo às ideias de Libâneo (2004), parece-me claro que alguns professores tendem a resistir à inovação tecnológica e expressam dificuldade em assumir, teórica e praticamente, disposição favorável a uma formação tecnológica. As práticas docentes recebem o impacto das novas tecnologias da comunicação e da informação, provocando uma reviravolta nos modos mais convencionais de educar e ensinar.

Acreditamos que todos esses fatores mencionados, somados às condições desfavoráveis das salas-ambiente de Informática, sejam possíveis causas destas disciplinas não apresentarem resultados que chamem a atenção, visto que nas aulas observadas não se percebeu uma proposta de trabalho específica, como observado na Escola E:

> (...) A professora desenvolveu inúmeras propostas de atividade. Os estudantes faziam algumas ações bem produtivas e aprendiam algum comando novo que pudesse ser aplicado futuramente. Quando perguntei sobre o que ela pretendia fazer com os alunos, a fim de que eles conhecessem um pouco mais das açõesde um computador, ela me disse: "que desenvolveria com eles os protótipos de robôs".

Este breve relato nos remete ao perfil docente requerido pelas Diretrizes da Secretaria de Educação do Estado de Goiás, para atuar nesta disciplina: além de ter domínio dos conhecimentos básicos de robótica, o professor atuará como estimulador das inteligências, tirando proveito da robótica, no desenvolvimento dos trabalhos, projetos e atividades em geral. Além disso, demonstrará discernimento para saber qual atividade pode ser realizada por meio da robótica e como integrar e explorar conteúdos disciplinares.

Assim, podemos tecer comentários sobre o papel do professor, usando as palavras de Libâneo (2004, p. 67):

> O valor da aprendizagem escolar está, precisamente, em introduziros alunos nos significados da cultura e da ciência por meio de mediações cognitivas e interacionais que supõem a relação docente.

Ou seja, usar as mídias no ensino não significa excluir o educador, mas torna-ló capaz de utilizar as tecnologias da informação a serviço da aprendizagem. O professor precisa estar capacitado para compreender a multiplicidade de meios de comunicação e informação, propiciando aos alunos a possibilidade de alcançá-los.

Não só o acesso ao uso da robótica poderá estimular a capacidade de reflexão, de organização dos conhecimentos e de aprofundamento em pesquisas, como também o contato com atividades das diferentes oficinas atenderá alunos que têm dificuldades, quanto àqueles que têm possibilidade de avançar.

Vejamos, então, o que a legislação e os docentes dizem sobre a Oficina Curricular "Atividades Artísticas" no próximo item.

2.3. Disciplina curricular "atividades artísticas"

Para desenvolver as aulas de Artes, o documento oficial propõe, entre outras determinações, a necessidade de viabilizar tempo, espaço e recursos materiais, sendo estas condições favoráveis à ampliação do repertório artístico do aluno. Tem por objetivo propiciar a criação de formas artísticas, representações de ideias, emoções, sensações nas diferentes linguagens da arte (Dança, Música, Artes Visuais e Teatro); possibilitar aos alunos manipular, organizar, compor, significar, decodificar, interpretar, produzir e conhecer imagens visuais, sonoras e gestuais/corporais, ampliando e aprofundando o repertório artístico e estético dos estudantes em cada uma das linguagens que integram a disciplina Artes (São Paulo,2006a).

Na tentativa de atender aos estudantes e lhes proporcionar situações favoráveis para um melhor aprendizado, há uma professora que desenvolve artes visuais; outra, dança e teatro e uma docente que mobiliza os estudantes para a música. Esta última linguagem da Arte conta com o auxílio de um profissional de Educação Física.

O momento em que os estudantes praticam as artes visuais – dentro de uma sala de aula – indica ser um dos mais tranquilos, pois estes se concentram em realizar colagens, pintura, desenhos e outras atividades afins. Foi o que percebemos durante aobservação de uma sala de 9ª ano do ensino fundamental:

> A professora trouxe borboletas desenhadas e fotocopiadas aos alunos. Eles escolheram as cores que usariam para dar vida às borboletas. (...) A proposta seguinte dada pela professora: criar um ambiente para a borboleta apenas com colagens; não poderiam usar lápis de cor e outros recursos. (...) Esta sala estava organizada: grupos com quatro alunos, mesas, armários com os trabalhos guardados e identificados pela série (Tabela 8, p. 104).

O cuidado em manter uma organização, de alguma forma contagiava os alunos, pois procuravam falar um de cada vez, não havia gritos e pareciam determinados a terminar a atividade

segundo o desejo da professora.

Durante as outras atividades – dança, música e teatro – os espaços são ampliados e os estudantes ficam mais dispersos. Muitos não querem participar, alegando vergonha ou apenas se recusando a aderir à proposta. Nesta hora, apesar de todos os esforços dos professores, certo desconforto se instala durante a realização da aula e, até mesmo, alguns problemas disciplinares ocorrem, tais como: gritos, correrias, ou alunos dormindo, ou conversando no aparelho celular. Esses problemas parecem ocorrer, pois poucos alunos se envolvem na atividade, alegandonão gostar de representar, dançar ou cantar.

Para ilustrar, descrevemos alguns trechos de um teatro de fantoches elaborado por uma das turmas:

> (...) A professora da disciplina não interferiu, em momento algum, na atuação dos estuantes. Esclareceu à plateia que ensinou a feitura dos bonecos que serviram de personagens para a peça e que forneceu algumas orientações para a elaboração desta atividade. (...) A linguagem utilizada pelos personagens foi bastante informal, com presença de termos, como "idiota", "cachorra" e outros semelhantes. O curioso é que este vocabulário parecia comum entre os alunos e motivo de diversão entre eles. Difícil precisar quantos alunos estavam presentes, pois alguns entravam e saíam a todo instante (Tabela 8, p. 104).

Novamente percebemos diferentes posturas de professores frente a uma situação de mudança. Alguns conseguem criar espaços que propiciam as relações de aprendizagem, participação e reflexão; outros se sentem desorientados, ansiandopor encontrar um caminho seguro.

Muitas das decisões tomadas pela Escola estão de acordo com as Diretrizes Gerais, entre elas: tratar as linguagens (Dança, Música, Artes Visuais e Teatro);

A voz de uma das professoras entrevistadas, também professora de Artes, revela a situação do docente diante das aulas, pois o único ponto positivo parece que foi o material humano:

> Neste ano contamos com a boa vontade dos professores, coordenação e direção, pois a verba para o material só apareceu no meio do ano. As condições são poucas, é necessário que se tenha espaço para as aulas (Professor P, Tabela 9, p. 154).

Outro professor que atua em uma aula de Matemática complementa:

> As implicações negativas do projeto são: a falta de estrutura da escola, alimentação, salas inadequadas, falta de interesse dos alunos e das mães. A escola virou creche. O positivo é a permanência do aluno na escola, que fica fora das ruas (Professor K, Tabela 9, p. 154).

O que se percebeu foi que manter o aluno na escola cercado por uma estrutura repleta de falhas, não tem sido tarefa fácil para o docente.

Anísio Teixeira (2007, p. 17) trouxe de Dewey a noção de que o aprender pode ser associado à formação de hábitos, a modos de proceder e agir, tendo como motor desse processo o interesse de quem aprende.

Tal concepção de aprendizagem serve, também, para justificar a defesa de uma escola

integral, um espaço onde os possam viver plenamente, em vezde apenas receber os conteúdos teóricos depositados em suas mentes pelo professor (Teixeira, 2007, p.18).

Por ser uma novidade inesperada para muitos docentes, já que a proposta da disciplina é que o professor seja um mediador e apenas indique um ponto de partida para a obtenção de conhecimentos, a ideia de *vivência plena* anunciada pelo educador Anísio Teixeira (2007) mostra-se distante, pois o estudante espera um conteúdo pronto, nos moldes de uma educação tradicional.

A falta de espaço físico para a realização das atividades é outro fator que se opõe ao ideal do projeto de Artes, juntamente com a sensação de inexperiência declarada pelos docentes, seja pelo pouco tempo de exercício na profissão, sejapelo despreparo para enfrentar situações que os tire da estabilidade a que estão acostumados.

Entretanto, para alguns docentes, uma situação nova, que traz uma série de dificuldades, é encarada como um desafio a ser vencido. Isto é o que pudemos observar na Disciplina Curricular de "Filosofia", explicitada a seguir.

2.4. Oficina curricular "filosofia"

Para atuar como professor desta disciplina, o docente deverá possuir licenciatura plena em Filosofia. Espera-se, segundo as Diretrizes (São Paulo, 2006a), que o professor tenha um espírito investigativo, criativo, e perspicácia para selecionar conteúdos e propostas, dentro de uma abordagem abrangente e interdisciplinar.

Neste sentido, faz-se necessário que o professor faça revisão de sua prática ebusque por novas maneiras de ensinar.

A professora de Filosofia nos diz:

> (...) Não tinha noção nenhuma de como funcionava tudo isso aqui. É, foi um grande aprendizado. Tive que estudar muito também, pesquisar muito. Tive que correr atrás para montar todas essas atividades. É... os embasamentos, bibliografia, os pensamentos...(Tabela 9 p. 154).

Verificamos que a professora preenchia o perfil desejado pelas Diretrizes, principalmente a respeito do espírito de investigação e de criação, pois grande parte das Oficinas traz informações veiculadas pelas Diretrizes sobre objetivos, metodologia, recursos, ambiente e materiais de apoio. Enquanto que a Oficina de Filosofia apenas traz os objetivos, procedimentos metodológicos, perfil docente e material de apoio, sendo que este último deve ser buscado na biblioteca da escola e o professor precisará contar com sua criatividade e com as possibilidades da escola para obter recursos, no sentido de desenvolver um bom trabalho.

Ainda, dentro da proposta enunciada pelas Diretrizes, o primordial para a Filosofia é a prática da reflexão e que esta seja, para o estudante, uma experiência significativa e contínua (p. 80).

A principal prática filosófica é a capacidade de indagar. Transformar uma indagação em uma reflexão coerente, e não o simples fluxo de opiniões e repetiçõesdo senso comum, constitui o principal desafio para a Filosofia.

As observações da Disciplina de Filosofia mostraram a tentativa da professora em conduzir os alunos à reflexão, levantando temas para debate que envolveu família, política, ética e amizade. O debate sobre os assuntos propostos provocava estranhamento, para depois levá-los à execução de

alguma atividade na intenção dedar forma aos pensamentos dos estudantes.

Para discutir a importância da família, por exemplo, a professora de Filosofia utilizou-se de vários instrumentos:

> (...) a professora distribuiu os textos aos estudantes e deu início à leitura. (...) Após a leitura, muitos estudantes começaram a falar ao mesmotempo, o que ocasionou um pequeno alvoroço. (...) Os alunos receberam folha sulfite. Cola, lápis de cor, canetinha foram deixados entre os grupos, pois eles estavam sentados em grupos circulares de seis a oito carteiras. (...) Devagar, a professora foi conversando com eles, questionando sobre seus sentimentos e eles acabaram porescrever na folha suas reações frente às brigas em casa (Tabela 8, p. 104).

Em outra ocasião, a docente os levou a refletir sobre virtudes, como: paciência, trabalho, justiça, gratidão e responsabilidade, por meio de um jogo que envolveu equipes e que exigiu espírito competitivo:

> A atividade pareceu atingir seus objetivos, pois quando questionados pela professora sobre o que haviam percebido através deste jogo, muitos responderam que as virtudes eram importantes para fazê-los subir na vida no sentido de uma pessoa boa, correta, responsável. Esta professora não levanta a voz com os estudantes e está sempre sorrindo. Isto parece influenciá-los de alguma forma (Tabela 8 p. 104).

Além disso, observamos um esforço para estimular a autonomia dopensamento entre os estudantes por meio da metodologia adotada pela professora.

Os estudantes conseguiram, mesmo que de forma simples, elaborar conceitos, organizar exposições, compreender e produzir textos referentes aos temasestudados.

O mesmo não podemos dizer sobre um suporte disponível para uso nas salasde aula, visto que a docente revelou ter providenciado materiais para trabalhar com os alunos. É o que ela nos diz:

> (...) Eles têm dificuldade de se concentrar. Aí, eles adoravam jogar dominó. Eu trazia vários. Tudo meu: xadrez, dominó, dama (...) (Professora AP, Tabela 9, p. 154).

A escola também não está equipada para atender às necessidades dos professores, como nos conta a professora AP:

> Têm vários vídeos que eu separei para passar sobre esses temas todos que foram trabalhados. Se eu tivesse uma televisão aqui e um DVD, por exemplo, eu já estaria correlacionando os trabalhos com aquilo que eles estariam vendo nos vídeos, nas imagens. (...) Uma televisão para a escola inteira usar, um DVD para agendar, porque o que acontece: o teu conteúdo, aquele que você tinha que trabalhar,já tem que ser outro, quando você consegue um espaço lá, pois a gente tem que cumprir com as exigências todas do conteúdo, do plano (Tabela 9, p. 154).

Apesar de percebermos as insatisfações da professora da Disciplina de Filosofia, constatamos que ao encarar o projeto da Escola de Tempo Integral como um desafio para sua profissão, a docente acabou pesquisando, estudando, enfim, investindo em sua prática diária.

O mesmo não podemos dizer da docente da disciplina de Robótica Educacional, pois as dificuldades materiais que se apresentaram no cotidiano, acabaram por emperrar o processo de ensino – aprendizagem. A falta de recursos desmotivou sua atuação e os estudantes mostraram-se desinteressados, mesmo estando diante de um computador.

Sabemos que lidar com uma situação nova, sem uma estrutura organizada, é bastante complicado. Entretanto, gostaríamos de ver uma reação da docente, no sentido de aproveitar o tempo ampliado com propostas desenvolvidas no ambiente da informática. Ou seja, a professora precisa procurar metodologias alternativas de trabalho e estender seus próprios limites pessoais de tolerância, de persistência e decriatividade, a fim de oferecer experiências positivas aos estudantes.

Já a professora da Disciplina de Artes explora o ambiente da sala de aula, propondo colagens, pintura, desenhos e outras atividades manuais. Seu cotidiano também vive problemas, porém ela procura driblar as dificuldades como a falta de espaço, de tinta, de cartolina etc., oferecendo exercíciosque envolvem a coordenação motora do estudante.

Foi possível observar, então, que as Disciplinas Curriculares exigem um profissional dinâmico, criativo, que atue como mediador no trabalho com os estudantes, levando-os a buscar soluções a partir da problematização de situações vividas e a ampliar seu universo de conhecimentos. Entretanto, em seu segundo ano de vida,os docentes conheceram o projeto da Escola de Tempo Integral em contato com a realidade diária, aprenderam com seus erros e acertos, buscando uma melhor formade conduzir uma boa aula e redimensionar sua prática.

E, ainda, pensando na participação dos docentes neste projeto, buscaremos apresentar, no próximo capítulo, alguns dados observados nas Disciplinas Curriculares "Robótica Educacional", "Artes" e "Filosofia", procurando destacar as manifestações/representações dos professores sobre a realização dessas "aulas", tendo em vista três dimensões: cognitiva, emocional e sociocultural. Tais dimensões foram escolhidas por fazerem parte dos objetivos das Diretrizes Gerais que regem a proposta da Escola de Tempo Integral, pois declaram que a escola tem o compromisso de educar e cuidar dos aspectos afetivos, dos cognitivos e, também, dos sociais, na condução do desenvolvimento integral dos alunos (São Paulo, 2006).

A filosofia de Dewey (1952; 1979) vem para reforçar essas dimensões, poisse mostra preocupada com o crescimento intelectual do aluno, de forma que ele aprenda agindo e vivendo por meio de métodos mais humanos, que cultivem sua individualidade e tenham como princípio a cooperação e o auxílio mútuo. Ou seja, não há como oferecer ao estudante apenas o conhecimento. Há, também, as práticas, habilidades, costumes, crenças e valores que, somados ao saber veiculado pela escola, constituem o currículo necessário à vida.

3. Implicações de um projeto em desenvolvimento

> Saber que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção. Quando entro em uma sala de aula devo estar sendo um ser aberto aindagações, à curiosidade, às perguntas dos alunos, a suas inibições; um ser crítico e inquiridor, inquieto em face da tarefa que tenho – a de ensinar e não a de transferir conhecimento. *(*Freire, 1996, p. 47)

> Ao deparar com a realidade do dia-a-dia percebe-se que não é fácil começar. O que fazer, aplicar, ensinar ou mesmo aproveitar a bagagem que eles trazem e, daí, partir, reencená-los. (Professor T, Tabela 9, p. 154)

Sabemos que estar diante de uma nova proposta educacional traz inquietações para os docentes e, também, para os estudantes. Entretanto, como nos alerta Freire, na epígrafe acima, temos que adotar uma postura firme, predisposta aos desafios que nossa profissão nos impõe.

Lecionar dentro de Oficinas Curriculares vem provocando dúvidas quanto ao conteúdo a ser ensinado, quanto aos métodos a serem utilizados. Para muitos docentes, estas têm se revelado verdadeiras "aventuras" no campo educacional, colocando em foco as práticas pedagógicas.

O conceito mais tradicional encontrado para a definição de educação integralé aquele que considera o sujeito em sua condição multidimensional, não apenas na sua dimensão cognitiva, como também na compreensão de um sujeito que deve ser considerado em sua dimensão biopsicossocial. Acrescentamos, ainda, que o sujeito multidimensional é um sujeito desejante, o que significa considerar que, além da satisfação de suas necessidades básicas, ele tem demandas simbólicas, busca satisfação nas suas diversas formulações de realização, tanto nas atividades de criação, quanto na obtenção de prazer nas mais variadas formas, conforme nos indica Gonçalves (2006, p. 130).

De acordo com Gonçalves (2006), a aprendizagem acontece desde o nascimento e continua ao longo de toda a vida. Ocorre em diferentes contextos: na família inicial, com os pais; com os pares, na nova família; na escola, em espaços formais e informais. Nesse sentido, a educação escolar precisa ser repensada, de modo a considerar as crianças e os adolescentes sujeitos inteiros, a partir de todas as suas vivências e aprendizagens (p. 131).

As Diretrizes Gerais do Projeto de Escola de Tempo Integral pressupõem a elaboração e implementação de uma proposta cuidadosamente planejada e executada que oportunize condições promotoras de atividades que levem os estudantes a estabelecerem relações, construírem ou aprofundarem valores. São compromissos que implicam cuidar quer dos aspectos afetivos, quer dos cognitivos e sociais.

Na dimensão cognitiva, segundo Dewey (1979), as disciplinas são apenas umpedaço do processo de crescimento intelectual. O professor, mais do que passar conteúdos, precisa "se familiarizar, intimamente, com as condições físicas, históricas, econômicas e ocupacionais da comunidade local, para poder utilizá-las como recursos educativos" (p. 32).

Que professor já não ouviu de seu aluno as famosas perguntas: "Por que tenho que saber isso? Em que irá me servir para o futuro?"

E, neste sentido, Dewey (1979, p. 41) nos revela que é:

> (...) um erro supor que a simples aquisição de certa quantidade de Aritmética, de Geografia ou de História, etc., estudadas porque seriam úteis em algum tempo no futuro, tenha tal efeito.

Dewey (1979) era contra o ensino abstrato e a aprendizagemcompartimentada, alegando que uma aprendizagem desse tipo não constitui, pensando no ensino através da experiência, em uma preparação para o futuro.

Para ele, o ideal não era a acumulação de conhecimentos, mas o desenvolvimento de capacidades. Todos os estudos só tinham valor se servissem àsnecessidades de crescimento da criança (p. 34). Dentro dos caracteres da Escola Nova, o ensino seria baseado sobre os fatos e a experiência. A aquisição dos conhecimentos seria resultado de observações pessoais, visitas técnicas, prática de trabalhos manuais etc. A teoria viria sempre depois da prática, respeitando osinteresses do educando e adaptando-se à sua idade.

Na elaboração da proposta de tempo integral, uma das condições necessárias à promoção

da aprendizagem é a atenção às diferenças individuais, considerando que diferentes alunos necessitem de tempos diferentes para aprender.Daí, a expansão do tempo nas escolas, destinados para alunos que têm dificuldadese para aqueles que podem avançar para além do coletivo da classe.

Com a ampliação do horário escolar, espera-se que os estudantes aprendam conteúdos escolares e vivenciem atividades das diferentes Oficinas. Sobre essas diferentes atividades, que levarão à ampliação do conhecimento, as Diretrizes (São Paulo, 2006a) informam:

> Pesquisas pessoais, leituras, estudos e projetos específicos, poderão ajudar esses alunos a aprender a buscar o desenvolvimento de seus interesses. Por outro lado, orientações didáticas que os apoiem,segundo as necessidades específicas de aprendizagem, poderãofazer com que muitos superem distâncias entre o seu aproveitamentoe o da sua classe (p. 7).

Pensamos que toda proposta é válida, mas só faz sentido ampliar o horário nas escolas públicas, se isto representar uma ampliação de oportunidades e situações que promovam aprendizagens significativas e emancipadoras. E, para constatarmos se a realidade está de acordo com a documentação legal, elaboramos um quadro-síntese enfocando as Disciplinas Curriculares (Anexo V, p.209), após fazermos um breve esboço sobre as dimensões emocional e sociocultural.

Ainda, seguindo a filosofia de Dewey (1979), a dimensão emocional seria aquela em que os métodos mais humanos estão mais de acordo com o idealdemocrático do povo. O respeito à liberdade individual e à decência/amabilidade dasrelações humanas; o cultivo da simpatia e da compreensão são capacidades oriundas da experiência (p. 30).

As Disciplinas Curriculares voltadas à parte esportiva, teatral e artística têm a intenção de trazer o estudante para a escola, "ganha-lo, valorizando as relações entre estudantes, professores e funcionários e transformando a escola em um espaço acolhedor.

Mais importante do que as disciplinas do currículo básico, são as aprendizagens que despertam valores e atitudes que ficarão na memória do educando, podendo ser utilizados na sua interação pessoal e interpessoal, com o conhecimento novo. Sobre isso, Dewey (1979) no diz:

> As aprendizagens colaterais, como as de formação de atitudes permanentes de gostos e desgostos podem ser, muitas vezes, mais importantes do que a lição de ortografia ou de geografia, ou história. Estas são as atitudes que irão contar fundamentalmente no futuro. A mais importante atitude a ser formada é a do desejo de continuar a aprender (p. 42).

Experiências realizadas em diferentes contextos mostram que quando a escola promove atividades que tenham sentido para os alunos, abre espaço paraque exerçam suas capacidades e desenvolvam sua autonomia.

O projeto de Escola de Tempo Integral anuncia o desenvolvimento da capacidade ética, acreditando que os valores devem ser trabalhados, o que possibilita a legitimação dos valores essenciais à vida social e pessoal de modo consciente e com autonomia.

Outra perspectiva que precisamos considerar é a de que garantir o acesso à escola não é suficiente para que a escola cumpra sua função social. Avançar, muitasvezes, é ousar fazer diferente, como nos diz Gonçalves (2006, p. 133):

> (...) seja no modo como uma sala de aula pode ser disposta, no arranjo das carteiras, na organização de uma aula que se

> desprenda desse espaço, que explore outros espaços existentes na escola e mesmo fora dela, articulando-se com outros lugares e serviços potencialmente educativos.

A intenção é conquistar o estudante por meio de procedimentos diferenciados, expor conteúdos de forma agradável, criar experiências ricas e significativas, nas quais a ampliação do tempo seja proveitosa para todos os envolvidos e não apenas para os educandos.

Para complementar, as Disciplinas que funcionam por eixos temáticos que despertam a participação social, o cuidado com o meio ambiente e com o corpo, a valorização do trabalho voluntário e desenvolvimento do protagonismo juvenil, incentivando o estudante a desenvolver a sua própria história, situam-se na dimensão sociocultural.

Não é surpresa para ninguém que muitos dos problemas que afligem as escolas e os educadores, principalmente nas grandes cidades, é o fato de que os estudantes "não se importam com a escola, nem com o aprendizado", "não se interessam por nada" e, muito frequentemente, possuem atitudes predatórias para com o patrimônio escolar.

Por meio das Oficinas Curriculares de Informática, Saúde e Qualidade de Vida, Filosofia e Atividades Artísticas e Esportivas, as Diretrizes Gerais falam sobre criar atividades que tenham significado para os estudantes que promovam uma interação entre eles, as famílias, a comunidade; que ajudem a escola a construir suaidentidade e fazer-se valorizada (São Paulo, 2006a, p. 8-9).

Pretendemos, assim, analisar a observação das Disciplinas, os questionários e as entrevistas sob três dimensões: cognitiva, emocional e sociocultural. Ou seja, como essas dimensões se revelam na prática dos professores e em suas falas; bem como se dá a educação integral fundamentada em um ensino ativo, interativo e experiencial – conceitos desenvolvidos anteriormente.

A intenção é a de explicitar, melhor, que Escola é esta de Tempo Integral que "projetamos" para a realidade da rede pública estadual de ensino.

Podemos perceber que as dimensões cognitiva, emocional e sociocultural estão presentes na documentação que rege o Projeto da Escola de Tempo Integral, como também na filosofia de Dewey e, de certa forma, elas contribuem para ressaltar os conceitos de ensino *ativo* – interativo – experienciais propostos para configurar as categorias de análise.

Assim, neste capítulo apresentamos as práticas utilizadas pelos professores, buscando identificar se elas conduzem os estudantes a experiências educativas. Ou seja, perceber se existe uma reflexão no antes e no depois de uma atividade, criando relações de continuidade para aquisição de novos conhecimentos ou conhecimentos mais aprofundados.

Dessa forma, este capítulo será dividido em três momentos. Inicialmente, abordaremos a dimensão cognitiva presente nas falas dos professores, enfatizando "o quê" foi priorizado pelos docentes, na tentativa de complementar as disciplinas do currículo básico. Num segundo momento, apresentamos as práticas dos docentes, tendo como foco a dimensão emocional, na intenção de verificar os métodos/procedimentos adotados pelos educadores para criar experiências significativas aos alunos e observar se os mesmos passam por atividades interativas. Por fim, revelamos a dimensão sociocultural presente na prática dos professores e em suas falas, que pretende dar sentido ao "para quê" o aluno precisa conhecer certas situações e conteúdo.

Acrescentamos que as falas dos professores que vivenciaram as Oficinas Curriculares acabaram por revelar as dificuldades, insatisfações e necessidades do cotidiano escolar diante da proposta da Escola de Tempo Integral e, posteriormente, estarão agrupadas para que possamos refletir sobre elas.

3.1.Dimensão cognitiva

> (...) quando se fala em educação integral, fala-se de uma concepção de ser humano que transcende as concepções redutoras que hoje predominam na educação, por exemplo, as que enfatizam apenas o homem cognitivo ou o homem afetivo. A integralidade da pessoa humana abarca a intersecção dos aspectos biológico-corporais, do movimento humano, da sociabilidade, da cognição, do afeto, da moralidade, em um contexto tempo-espacial. Um processo educativo que se pretenda "integral" trabalharia com todos estes aspectos de modo integrado – ou seja – a educação visaria à formação e ao desenvolvimento humano global e não apenas ao acúmulo informacional. (Gatti apud Guará, 2006, p. 16)

Mais do que desenvolver as disciplinas do currículo comum, o professor que atua nas Disciplinas Curriculares precisa responder às exigências do contexto em que vive. Ao sair do espaço formal da sala de aula, deparou-se com uma situação nova:o trabalho com projetos, a fim de levar os estudantes a desenvolver a capacidade de buscar informações, ou seja, aprender a aprender.

Os professores entrevistados relataram várias práticas que aplicaram juntoaos estudantes, buscando preencher o tempo escolar ampliado:

> (...) foi logo no começo do ano, que eles não tinham ideia ainda do que era Filosofia. Estava tudo muito novo para eles, tudo muitorecente. Então, eu queria tentar explicar para eles o que seria pensar, o que o pensamento pode refletir nas nossas vidas, no nossocomportamento, nas nossas ideias em função com o outro, no nosso agir com o outro. Então, nós fizemos um trabalho com dobradura. Aí, eu pedi que cada um fizesse a dobradura que soubesse. E, depois, abrindo a dobradura, eles observaram as marcas que foram ficando nessas dobraduras, que são nossos pensamentos... (Profª. AP, Tabela 9, p. 154).

> (...) Então, nós passamos o contexto histórico, eles fizeram pesquisas, e o que eu pedi para eles: dividi a classe em grupos e recortei toda a Declaração e dei um artigo da Declaração para cada um deles. Eles tinham que fazer o olhar deles sobre aquela leitura doartigo. Aí, foram montando com colagens... (Profª. AP, Tabela 9, p. 154).

> (...) Semana passada, eu trabalhei com uma música infantil – 5ª série

> – achei que eles iam se suicidar, pois 5ª série não tem mais essa coisa infantil de antigamente. Eles já estão bem espertinhos. Então, levei uma música do Trem da Alegria que era do Balão Azul, que falade planetas e eles estão estudando isso. E, para minha surpresa, eles gostaram, porque falta um pouco isso...(Profª. MS, Tabela 9, p. 154).

> (...) Eu sei que eles têm noção que o quadrado tem quatro lados, queo triângulo tem três, o retângulo tem quatro lados, mas é diferente doquadrado. Agora, e a régua? Que negócio é esse? São coisas básicas! Então, eu tive que mostrar para eles o porquê que

> era o zero. Se de um número para outro é 1 cm, porque quando chega no 2 está marcado o número 2. Tem 2 cm. E tantos conceitos básicos... (Profª. P, Tabela 9, p. 154).

> (...) se eu dou aula de manhã de Artes e eu trabalho tanto com a parte artística, como com a parte de desenho Geométrico, aí o que eu fiz: eu comecei a deixar a parte de Artes, que é a parte de Oficina de trabalhar com recortes, colagens, pintura, tudo isso. Eu comecei adeixar mais para o período da tarde, porque eu acho importante a parte do Desenho Geométrico. É uma parte que ajuda muito ascrianças quando elas têm a Matemática. Tanto o professor de Matemática, quanto a professora, ela chega num determinado período, normalmente depois de agosto/setembro, entra com Geometria. E eles não sabem o que é um quadrado. Eles não sabemo que é um triângulo... (Profª. P, Tabela 9, p. 154).

A preocupação com "o quê" ensinar aparece nas falas dos professores. Ao final do ano, retornamos à escola observada para perguntarmos sobre quem escolhe o conteúdo a ser ministrado nas Oficinas. Os professores responderam que eles próprios podiam determinar os saberes a serem trabalhados. Também justificaram a ausência de projetos, de planos no primeiro ano da Escola de Tempo Integral, visto que não foi exigido dos professores tal tarefa. Alguns docentes chegaram a criar planos de aula, mas não houve a preocupação em documentar as atividades realizadas.

A partir do segundo ano de existência das Disciplinas, houve a obrigatoriedade de elaboração e apresentação de um projeto pelo professor que pretendesse atuar em alguma. Entretanto, antes disso, não havendo proposta de um plano de ensino, muitos docentes viram-se à mercê de sua criatividade, capacidade de adaptação e experiência pessoal. Vejamos algumas falas:

> (...) O governo, a Secretaria da Educação, eles colocam uma novidade e eles vão falar com você quando a coisa já está praticamente em andamento há cinco, seis meses. Então, você trabalha com o quê? Você trabalha com aquilo que você tem conhecimento... (Profª. P, Tabela 9, p. 154).

> (...) Artes Visuais mais precisamente, você trabalha com todas as disciplinas. É interdisciplinar. Trabalha com Matemática, quando usa tangran, as formas geométricas. Trabalha com Português, quando quer ilustrar um texto. Trabalha com História. A professora de leitura estava com problemas para dar a matéria. Para fazê-los ler você, às vezes, tem que suar. E ela estava se queixando comigo. Ela deu a história de Martim Afonso para ler. Sugeri que ela trabalhasse a transformação da história em quadrinhos. Assim, eles leriam e desenhariam, tornando a atividade mais interessante... (Profª. P, Tabela 9, p. 154).

> (...) a professora de Educação Física vai trabalhar ali, é grande. Dá para pôr colchonetes, dá para fazer *Lien Chi*, dá para fazer teatro, jogar xadrez... Não dizem que é para não usar a lousa? Não precisa da lousa, não precisa de nada disso! (Profª. P, Tabela 9, p. 154).

> (...) como é que eu vou começar? O que eu vou passar para eles? O que é que eu tenho que deixar de passar para eles, porque se trata de ensino regular e eu não posso misturar e colocar na Oficina? Porque você faz um planejamento, entendeu? Agora, "o que é que eu posso colocar e tirar num projeto que eu vou trabalhar numa Oficina, que não é a parte pedagógica do ensino

> fundamental e regular?" Então, no 1º bimestre, todas nós ficávamos como se fôssemos iniciantes, porque é coisa nova... (Profª. P. Tabela 9, p. 154).

Fica evidente a inquietação do professor frente a uma novidade que não o instrumentalizou previamente, trazendo insegurança para a prática cotidiana. Ao mesmo tempo, podemos perceber que existe uma preocupação entre os colegas emfazer com que as atividades funcionem. Não se falou em "lições escolares", em seguir roteiros, mas em uma necessidade de encontrar um caminho para a realização das Oficinas, pois os docentes demonstram carência de informações sobre um projeto que foi implantado sem uma prévia preparação dos envolvidos.

Para Dewey (1952; 1979), o que interessa à escola é promover o desenvolvimento do ser infantil e, para isso, a quantidade e a qualidade dos conhecimentos devem ser norteadas pelas necessidades de quem aprende. O que importa não é o acúmulo de informações, mas sim a formação da personalidade e do caráter do educando (Cunha, 1994, p. 60).

Daí a experiência do professor ser importante em um momento de construçãode um projeto, pois ele possui valores e ideias acumuladas ao longo de sua vida e, como um ser amadurecido, será capaz de proporcionar experiências valiosas aos estudantes – seres ainda em desenvolvimento.

Cunha (1994) fala-nos o que diz a pedagogia Deweyana a respeito dos saberes veiculados nas escolas:

> A matéria de estudo tem serventia indispensável pelo fato de coordenar as experiências individuais, articular uns conhecimentos aos outros, servir de guia para evitar desvios e enganos que possam atrasar o esforço intelectual do aprendiz em seu trajeto na direção dos resultados desejados. Os saberes contidos no programa de ensino não substituem o contato pessoal e direto com as coisas, massua presença é decisiva para auxiliar a experiência individual (p. 61).

E continua:

> O educador é o responsável pela escolha dos meios adequados paraconduzir a atividade do aluno na direção do saber. Compete aomestre conhecer os aspectos psicológicos do desenvolvimento humano, sim, mas sem descuidar de manter domínio sobre as matérias escolares cuja sinopse se encontra nos programas de ensino. Encarar a educação sob o ponto de vista psicológico não significa, para Dewey, desconsiderar o valor dos conteúdos, mas abandonar a maneira tradicional de trabalhá-los; significa fazer a adequação entre os saberes adultos e a experiência da criança; saber traduzir os conhecimentos formalmente estabelecidos pela ciência numa linguagem compreensível para o nível em que se encontra a consciência infantil; enfim, tornar a aquisição de conhecimentos uma experiência viva e pessoal (p. 62).

Vemos, assim, que o problema do professor está em criar atividades que causem interesse nos estudantes, em trabalhar conteúdos de forma diferenciada dentro das aulas, levando-os a adquirir conhecimentos por meio de pesquisas, trabalhos manuais, atividades esportivas. Enfim, desenvolvendo capacidades, proporcionandoavanços e relações com experiências anteriores.

Algumas observações que fizemos das Oficinas comprovam as afirmaçõesacima:

> (...) a maioria tem preferência pelo rosa e pelo azul e, ainda, estão presos às convenções, por exemplo: árvore com a copa grande, tronco marrom. Quando a cor (marrom) faltou, uma aluna se queixou, dizendo que não poderia terminar, pois não havia marrom para o tronco de sua árvore. A professora disse: "Por que você não usa outra cor? Afinal, o desenho é seu! Você já viu árvores diferentes, não viu?" (...) Uma aluna apresentou dificuldades em criar um ambiente para a sua borboleta e mostrou-se aborrecida com a situação. Disse à professora que ela deveria ter avisado antes, que seu trabalho estava feio, ameaçou jogá-lo fora. A professora lhe respondeu que não poderia antecipar as informações, pois o objetivo era exercitar a criatividade deles... (Tabela 8, p. 104).

> (...) Os jogos disponíveis para esta classe foram: copas, dama, gamão, *drawing for children*, *sim city*, *paint*. Aqueles que não quisessem jogar poderiam digitar algum texto de sua escolha ou criaralgum. (...) a maioria dos alunos tinha computador em casa. Aqueles que não o possuíam, frequentavam alguma *lan house*. "Eles aprenderam mexendo, sendo curiosos", ela disse. (Tabela 8, p. 104).

> (...) a professora distribuiu os textos aos alunos e deu início à leitura. Alguns pediram para ler e ela os organizou para que não houvesse confusão. Após a leitura, muitos começaram a falar ao mesmo tempo, o que ocasionou um pequeno alvoroço. Ficou acertado que precisariam aprender a ouvir o outro e respeitar suas ideias... (Tabela 8, p. 104).

> (...) a professora distribuiu um texto para os alunos, propondo que fosse feita uma leitura silenciosa e, depois, uma leitura oral. (...) Sempre têm aqueles que reclamam do tamanho do texto e se recusam a fazer a atividade. Com esta turma não foi diferente. A professora tentou convencê-los a participar, mas não mostraram interesse. (...) Os momentos divididos na folha deveriam corresponder aos principais momentos que os alunos passavam na escola, durante todo o período. Oito períodos: acordei – fui para a escola – aulas da manhã – intervalo para o café da manhã – volta para as aulas – almoço – Oficinas – lanche/ir para a casa. Cada um desenharia seu estado de humor diante das situações indicadas pela professora. (...) Observei que os alunos se divertiram ao realizar esta atividade... (Tabela 8, p. 104).

Até os estudantes demonstram dificuldades em lidar com atividades distantes do giz e do apagador, materiais tão próximos do professor. Sentimos que apesar das queixas feitas pelos docentes, o grau de dificuldades dentro das aulas variou de um para outro. Alguns conseguiram desempenhar o trabalho sem transtornos, outros sentiram os estudantes mais ociosos e desinteressados. Para aqueles, a dimensãocognitiva fez-se além da simples acumulação de conhecimentos, enquanto que para estes o ensino ficou atado apenas a uma teoria, sem apontar para situações futuras.

Queremos dizer que, entre os envolvidos com as aulas, o engajamento de alguns professores os encaminhou para atividades que veicularam saberes mais significativos, geradores de novas possibilidades de aprendizagem. Mas, para uma minoria, os obstáculos do cotidiano tornaram o espaço-tempo das Oficinas emsimples transmissão de conhecimentos, sem questionamentos, nem reflexões.

Acreditamos que os professores envolvidos com este projeto praticam, emseu cotidiano, um ensino ativo, interativo e experiencial. E as dimensões citadas estão presentes em suas práticas. Entretanto, nem todos refletem sobre elas, tampouco demonstram interesse em conhecer, por exemplo, de onde veio a proposta de uma escola de tempo integral, no intuito de iluminar o trabalho das aulas.

Sabemos, também, que a dimensão cognitiva é apenas uma parte de um processo que se pretende integral, pois, conforme ilustra a epígrafe deste item (p. 92), para que o estudante tenha uma formação total efetiva, apenas as informações e saberes veiculados dentro das escolas, diariamente, não darão conta de tal tarefa.

3.2.Dimensão emocional

> (...). O que está verdadeiramente em jogo é o sentido educacional,de uma cultura científica para todos, numa clara desvalorização do instrucional como fim em si. Do que se trata é de a Escola necessitar de reinventar novos modos de se relacionar com o conhecimento, rever os seus próprios fundamentos filosóficos, bem como muitos de seus conceitos, incluindo neles o de cultura geral (Cachapuz; Praia; Jorge, 2000, p. 77).

Qual Professor já não ouviu a expressão "seduzir o aluno"? Nós, professores, estamos sempre procurando por meios para despertar o interesse de nossos estudantes em sala de aula e, com o advento das Disciplinas Curriculares, agora também fora dela. Ou seja, buscamos por novos modos de trazer o estudante mais próximo do conhecimento, sem que isto soe como uma determinação ou obrigação.

Cunha (1994), com base na filosofia de Dewey, diz que as crianças são sensíveis às situações que envolvem autoridade, "quer seja em seus passatempos, quando reagem contra aqueles que querem dominar o curso das brincadeiras, quer seja em sala de aula, quando resistem a atos coercitivos e arbitrários praticados peloprofessor" (p. 64). Elas identificam facilmente quando o controle é socialmente fundamentado e quando é prática do poder pessoal.

Desta forma, trazer o estudante para a escola, no sentido de fazê-lo gostar do ambiente escolar e participar das atividades planejadas pelo professor, é tarefa bastante desafiadora em tempos de mudanças.

Vejamos o que nos dizem alguns professores a esse respeito:

> (...) Eu expliquei para eles. Eu vou montar grupos, melhor, os deixei escolher, montar o grupo de três a quatro alunos e ficavam sempreno mesmo computador. Não dava para deixá-los livres toda aula, tinha que estipular isso com eles, senão não tinha como trabalhar com eles. Toda hora seria uma briga para quem sentasse no computador... (Profª. MS, Tabela 9, p. 154)
>
> Eu, particularmente, penso que se deveria aprender brincando no período dos projetos, sair do tradicional. As Oficinas deveriam ser prazerosas e com o aval do aluno. Ele escolheria a Oficina (Profª. MP,Tabela 9, p. 154).
>
> O projeto da escola de tempo integral é excelente, mas acredito que deveria ter sido iniciado com nas series de ensino fundamental II. Impor a alunos de Ensino Médio tornou a

> implantação muito difícil (Profª. MS Tabela 9, p. 154).
>
> O espaço físico é essencial e é extremamente necessário queos professores revejam suas práticas já que não foram preparados para trabalhar fora da sala de aula. Aquele professor que só consegue controlar os estudantes dentro do espaço restrito de sala de aula terá muita dificuldade para conseguir controlá-los em um espaço aberto, a menos que tenha planejado muito bem sua atividade de maneira que conquiste a atenção dos estudantes. Também,é necessário que a coordenação e direção da escola se conscientizem de que esta prática, fora da sala de aula, é necessáriae precisa de apoio (Profª. S, Tabela 9, p. 154).

Pelo que foi observado as relações professor/aluno são amigáveis, não apresentam problemas impossíveis de serem resolvidos. Mas ter um bom relacionamento com os estudantes é apenas um lado para se conseguir a atenção deles.O outro lado, gerador de alguns transtornos, surge de problemas quanto à formação docente, quanto ao espaço físico inadequado ou mesmo quanto à falta de informação sobre medidas adotadas fornecida aos maiores interessados: os estudantes.

O projeto da Escola de Tempo Integral fala sobre a importância das relações entre estudantes, professores e funcionários e, também, sobre a escola transformar-se em um espaço acolhedor. Ainda, a Resolução SE 89 anuncia, como critérios de adesão ao projeto, a importância do espaço físico compatível com o número de estudantes e a aceitação da comunidade em aderir ao projeto (Anexo VI, p. 216).

As declarações dos professores citadas a seguir contrariam, por vezes, esses critérios, que precisariam ser atendidos a fim de organizar um ambiente que favoreça experiências satisfatórias à construção do conhecimento e que desenvolvaas potencialidades dos estudantes.

> Sem dúvida, um espaço ambientado aos objetivos de cada Disciplina contribuiria para a maximização dos objetivos do trabalho... (Prof. M, Tabela 9, p. 154).
>
> Alguns espaços não foram devidamente adequados à prática que requer as aulas e a acomodação devida. Por isso o professor teve quefazer ajustes ao espaço para adequar a sua prática deixando a desejar o resultado de algumas atividades com os estudantes. (Prof. T, Tabela 9, p. 154).
>
> Pontos positivos: o professor, tendo maior contato com os estudantes, consegue entender as necessidades e dificuldades de cada um. Pontos negativos: o professor não tem tempo para um relaxamentoe nem espaço, então fica muito cansativo (Prof. N, Tabela 9, p. 154).
>
> Poderia ser melhor. Acredito que um passarinho sem espaço emuma gaiola, ou ele fica triste, ou rebelde (Prof. MP, Tabela 9, p. 154).
>
> Muitos estudantes afirmaram que é muto difícil ficar na escola tanto tempo. A comunidade não foi avisada e muitos estudantes tiveram que abandonar cursos e, até mesmo trabalho, para aditarem-se ao novo horário. Muitos ainda não aceitaram essa situação (Profª. MS, Tabela 9, p. 154).

Acreditamos, pelas falas dos professores e pelas observações feitas das aulas que todas as

críticas realizadas em relação à implantação do projeto de Escola de Tempo Integral são produtivas, diante disso os professores manifestam desejos de melhorias, a fim de otimizar sua atuação dentro das aulas. Existe o ponto positivo de um maior contato entre professor e estudante, o que reforçaria a dimensão emocional, pois um maior entendimento entre eles, possivelmente criaria um ambiente mais democrático, despertando valores e atitudes essenciais à vida social e pessoal.

Há que se ter cuidado em não entender a dimensão emocional com permissividade quanto ao comportamento, com atitudes passivas frente a demonstrações de indisciplina. Para que os estudantes cheguem à reflexão, é necessárioque ele compreenda a importância de desenvolver um pensamento coerente e compreensivo.

A concepção Deweyana revela-nos que:

> O autodomínio, que é o objetivo final da educação, não é alcançado nem por meio da imposição de normas exteriores, à moda dos procedimentos educacionais tradicionalistas, e nem por intermédioda supressão pura e simples do controle externo sobre o indivíduo, como querem alguns renovadores. Deixar a criança à mercê de seus impulsos é tão nocivo quanto submetê-la à autoridade cega de seus professores (Cunha, 1994, p. 65).

Nesse sentido, não é bom para o docente ser denominado de "professor bonzinho" ou de "professor carrasco". É preciso reinventar os relacionamentos,buscar interesses comuns, mas sem esquecer que em seu papel está a responsabilidade de nortear o aprendizado de seus alunos.

Mais do que uma convivência agradável, cabe ao educador coordenar as interações entre os aprendizes e destes com os objetos a serem conhecidos. Escolher "o quê" trabalhar com os estudantes e "como" desenvolver o trabalho torna-se empreendimento prazeroso, se as necessidades e capacidades dos indivíduos foremlevadas em conta. É necessário levar em consideração os diferentes ritmos de aprendizagem entre os estudantes e criar oportunidades no presente, no momento em que acontecem, como no caso das disciplinas. Mais do que isso, o professor, sabendo que a experiência se faz por interação do estudante com pessoas e coisas, buscará oferecer condições satisfatórias para que o estudante se desenvolva e construa algo novo.

Não é fácil promover a interação, porque o docente, quando elabora seu planejamento, não tem a possibilidade de conhecer o grupo que terá de educar. E, mesmo ciente da flexibilidade do plano de trabalho, dificilmente o reelabora em prol dos educandos, seja por falta de tempo, seja por desconhecer essa possibilidade.

Apesar das dificuldades apresentadas, é de prioridade do professor planejarantecipadamente as atividades que serão desenvolvidas, organizar um ambiente que favoreça experiências significativas, que permitam a expansão das várias capacidades individuais.

Neste sentido, valorizar as relações entre professor/aluno, provavelmente, possibilitará uma simpatia deste pela disciplina e incentivará a participação do grupo.Entretanto é saudável lembrar que, dentro de uma sala de aula ou em espaços diferenciados de aprendizagem, estudantes e professores não ocupam a mesma posição.

Para esclarecer essa afirmação, Dewey (apud Cunha, 1994) nos fala que:

> São iguais, professores e alunos, no sentido de que são seres humanos que se encontram diante de um ambiente democrático e que irão vivenciar situações que trarão experiências enriquecedoras para ambos; estão no mesmo nível enquanto seres humanos livres, capazes de pensar autonomamente e construir

> por si sós o conhecimento. Diferem, entretanto, pois ao mestre cabe a responsabilidade de dominar toda a extensão dos conhecimentos sobre os quais se darão as experiências construtoras de novos conhecimentos; diferem porque é tarefa do professor planejar as condições ideais para que se dê o desenvolvimento pleno dos alunos(p. 64).

Vale lembrar que, atualmente, só o professor não poderá dar conta de oferecer ao estudante condições ideais para o pleno desenvolvimento, visto que para o funcionamento das aulas práticas, devido ao tempo ampliado dos estudantes na escola, várias adequações necessitam ser feitas como, por exemplo, na estrutura física escolar.

Ao professor cabe dominar os saberes que pretende veicular, construir um caminho de aprendizagens ricas e significativas, levando o estudante a ter autonomia para pensar, estabelecer relações entre as coisas e tomar decisões.

3.3.Dimensão sociocultural

> Sobre o significado da escola, as respostas são variadas: é um lugar de encontrar e conviver com os amigos; é o lugar onde se aprende a ser "educado"; é o lugar onde se aumentam os conhecimentos; é o lugar onde se tira diploma e que possibilita passar em concursos. Diferentes significados, para um mesmo território, certamente irão influenciar no comportamento dos estudantes, no cotidiano escolar, bem como nas relações que vão privilegiar (D. 2001, p. 145).

> Acharam que eles estavam destruindo a escola. Tinha dias que estavam muito bravos. E quando o ser humanoestá revoltado, ele desconta naquilo que ele tem na frente. Começaram a pichar muito, a destruir muito. Mas isso foi no começo.Depois das férias de julho, eles começaram a acalmar um pouco e a produzir... (Profa. AP, Tabela 9, p. 154).

A fala da professora na epígrafe acima leva-nos a pensar sobre o que fariaum adolescente depredar o ambiente escolar que frequenta diariamente.

Já declaramos, anteriormente, que o projeto da Escola de Tempo Integral pegou professores, estudantes e comunidade escolar de surpresa, gerando uma inquietamente entre eles. Essa poderia ser a razão de o estudante depredar sua escola. Entretanto, sabemos que este tipo de comportamento não é novo e vem acontecendo em várias Unidades de ensino.

As Diretrizes Gerais da Escola de Tempo Integral (Goiás, 2006a, p. 8) justificam a atitude de rebeldia de alguns estudantes, devido a eles não sentirem a escola como "sua", nem pertencente a sua comunidade. Na epígrafe acima, Dayrell nos conduz a pensar sobre qual significado tem a escola para o estudante e precisaríamos estar próximos deles, a fim de conhecermos as respostas.

Ainda, segundo as Diretrizes Gerais (Goiás, 2006a), cabe a escola ofertar experiências que tenham sentido para os estudantes, que os leve a adotar uma nova postura com relação ao espaço educativo, com a vida e com as pessoas da escola. Atividades que criem situações em que possam intervir na realidade, tomar decisões pessoais e participar de decisões coletivas (p.8).

Desta forma, por meio das atividades desenvolvidas no Núcleo Diversificado, o estudante seria incentivado a participar da vida social, seja nos limites da escola, seja emações voltadas à

comunidade.

Nas observações feitas durante esta pesquisa, percebi que a escola não estava em boas condições de conservação. E por já conhecê-la anteriormente a execução deste trabalho, senti que, com a chegada da Escola de Tempo Integral, suas salas estavam depredadas, com armários quebrados, carteiras rabiscadas, pátio sujo. Seria este um indício de que o estudante não valoriza a sua escola?

Como o projeto ainda está em construção, buscamos perceber nas atividades das aulas, algumas propostas que promovam a formação de pessoas compromissadas com a escola e, quem sabe, com o país. Vejamos algumas falas das professoras que tentam incentivar nos estudantes valores para a vida em sociedade:

> (...) Vamos criar cartazes que passem uma mensagem positiva de pessoas cuidando de sua rua, de sua escola, de sua cidade, de seu planeta. Com os objetos e enfeites que vocês criarem, poderemos mostrar às pessoas que muita coisa pode ser utilizada para o bem. Teremos uma exposição no final de cada semestre letivo e tenho certeza de que vocês farão trabalhos maravilhosos... (Profª. P, Tabela 9, p. 154).

> (...) Quero tentar ajudá-los dentro das minhas aulas do núcleo diversificado a amar e respeitar a família, estimulando valores como respeito, perdão, caridade.... (Profª. AP, Tabela 9, p. 154).

Algumas das observações que fizemos reforçam essa ideia:

> Não fica claro se existe um plano para a realização desta aula do núcleo diversifico por parte da professora. O que ela chama a atenção é para o cuidar da escola, mantendo o material que ela e os estudantes têm disponível em bom estado, guardando o que foi tirado do lugar e, de alguma forma, procurando despertar nos estudantes uma atitude de compromisso e de responsabilidade para com o patrimônio escolar (Profª. MS, Tabela 9, p. 154).

> Essa era a ideia: criar, criticar, modificar, tomar decisões, auxiliar os colegas (Profª. P, Tabela 9, p. 154).

> A maioria dos estudantes estava com sacolas, nas quais era possível ver garrafas de variados tamanhos, pedaços de plástico, papel alumínio, cola, tesoura, canetas e outros materiais. A professora conversou com eles sobre o que faziam com o lixo, sobre poluição, sobre os cuidados que deviam ter com o meio ambiente (Profª. P, Tabela 9, p. 154).

> Alguns estudantes foram mais resistentes ao debate, evitando conversas. A professora relatou que esta atividade estava prevista para uns 10 encontros e que, provavelmente, aqueles que não haviam feito nada, que não tinham participado, estariam mais soltos e mais abertos para os próximos debates. Ela completou dizendo: "Quero tentar ajudá-los a amar e respeitar a família, estimulando valores como respeito, perdão, caridade" (Profª. AP, Tabela 9, p. 154).

> Pude perceber que esta professora estava bastante preocupada não só com o conteúdo exigido pela escola, mas também ela procurava desenvolver nos estudantes valores importantes

> para um relacionamento em que predomine o respeito, a amizade, a vida em comunidade (Profª. AP, Tabela 9, p. 154).

> A atividade pareceu atingir seus objetivos, pois quando questionados pela professora sobre o que haviam percebido através deste jogo, muitos responderam que as virtudes eram importantes para fazê-los subir na vida no sentido de uma pessoa boa, correta, responsável (Profª. AP, Tabela 9, p. 154).

As práticas desenvolvidas pelos professores mostram a preocupação em despertar nos estudantes uma consciência para o cuidado com o ambiente em que habitam, como também tentam ampliar este cuidado, chamando a atenção para os problemas que o planeta vem sofrendo.

A proposta de atividades de cunho pessoal e social aparece nas disciplinas do núcleo diversificado, sendo que a professora demonstra maior preocupação em desenvolvervalores e atitudes nos estudantes, possivelmente devido ao objetivo da disciplina, que éo de contribuir para a aquisição de um espírito reflexivo e crítico nos estudantes, estimulando a formação de atitudes que contemplem o diálogo e o respeito mútuo.

Apesar de as dimensões aparecerem nesta pesquisa em momentos distintos, cumpre-nos esclarecer que elas estão intimamente ligadas, pois quando o aluno participa de uma experiência significativa, ele amplia seus conhecimentos, exercita o pensamento reflexivo e assume compromissos. Ou seja, as dimensões cognitiva, emocional e sociocultural se manifestam conjuntamente.

Estas dimensões permeiam o ensino ativo, o interativo e o experiencial[5] – explicitados no primeiro capítulo desta pesquisa e desenvolvidos, mesmo que inconscientemente, pelas professoras entrevistadas. Observamos que, durante as aulas, as atividades propostas pelos professores incentivam os estudantes a pensar e a analisar e, apesar da pouca informação que têm sobre o trabalho com projetos, elas vêm se esforçando por elaborar atividades menos tradicionais.

Como a dimensão emocional provoca um aprofundamento das relações entre professores e estudantes, aqueles professores que se mostram mais interessados pelas experiências cotidianas de seus estudantes desenvolvem um ensino ativo e interativo mais eficiente, pois demonstram maior preocupação com “o quê” e “como” propor uma atividade.

A declaração dos professores comprova o que percebemos:

> (...) eu tenho que correr mais em busca de coisas que vão atrair os estudantes. Não adianta ser o que eu quero, o que eu gosto, o que eu acho legal. Também tem que ser interessante a eles. A gente tem que lidar com isso. Fazê-los querer (Profª. MS, Tabela 9, p. 154).

> Agora, nas Artes, Artes Visuais mais precisamente, você trabalha com todas as disciplinas. É interdisciplinar. Trabalha com Matemática quando usa tangran, as formas geométricas. Trabalha com Português quando quer ilustrar um texto. Trabalha com História. A professora de leitura estava com problemas para dar a matéria. Para fazê-los ler você, às vezes,

[5] Em anexo, o Mapa Conceitual sobre os ensinos ativo, interativo e experiencial, permeados pelasdimensões cognitiva, emocional e sociocultural (Anexo V, p. 209).

> tem que suar. E ela estava se queixando comigo. Ela deu a história de Martim Afonso para ler. Sugeri que ela trabalhasse a transformação da história em quadrinhos. Assim, eles leriam e desenhariam, tornando a atividade mais interessante. Acho que deu certo, já que ela não se queixou mais (Profa. P, Tabela 9, p. 154).

Quero parafrasear as ideias de Dewey sobre a importância da seleção de materiais, das escolhas de tarefas a serem realizadas pelos estudantes, pois elas serão primordiais para permitir o desenvolvimento de capacidades dos estudantes. As situações criadas pelos professores serão responsáveis pela experiência educativa, ou seja, aquele aprendizado que provoca no estudante relações com experiências anteriores, que não precisam necessariamente ter acontecido no ambiente escolar, efornecerão o ponto de partida para aprendizagens futuras. Este seria o ensino experiencial.

Desta forma, quando aprendermos a refletir sobre nossas ações, mudanças irão acontecer naqueles que dela participaram. E como o desenvolvimento da experiência se faz por interação do indivíduo com pessoas e coisas, a dimensão sociocultural se faz presente, pois quando o que aprendemos tem significado para nós, o "para quê" passa ser relevante em nossas vidas.

E, como já havia assinado, alguns questionamentos que se fizeram presentes, conforme adentrava às falas dos professores, principalmente quanto às necessidades de formação, tendo em vista a ampliação de tempo/espaço escolar.

3.4. Formação do professor e a escola de tempo integral

> Não há ensino de qualidade, nem reforma educativa, nem inovação pedagógica, sem uma adequada formação de professores. (Nóvoa, 1995, p. 9)

> Com relação aos projetos, acho que são ideias excelentes, porém implantados de maneira precipitada e sem o devido preparo dos profissionais envolvidos. (Professor S, Tabela 9, p. 154).

Para orientar os professores e gestores, a Secretaria de Educação de Estado de Goiás (SEDUC-GO) elaborou diretrizes gerais que fundamentam a concepção e a implementação da Escola de Tempo Integral. Porém neste momento, não foram planejadas ações voltadas para a formação dos professores envolvidos com a dinâmica inovadora do novo Núcleo Diversificado, justificando-se, assim, o comentário do professor na epígrafe citada e reforçada por Nóvoa (1995), que vê na resolução de problemas relacionados à formação do Professor o principal um caminho para um ensino de qualidade.

Diante disso é sábio que os professores vêm enfrentando inúmeras dificuldades dentro e fora das salas de aula. Muitos desses problemas gerados por políticas de partido, que derrubam projetos e implantam outros, apenas para não valorizar ações anteriores. E, no meio destas disputas, estão os professores que, quase sempre são pegos de surpresa e acabam sentindo seu trabalho desvalorizado e necessitando de apoio para dar conta das novas propostas.

Segundo Nóvoa (1995), "mais do que uma profissão desvalorizada aos olhos da sociedade, a profissão de professor no Brasil tornou-se difícil de viver" (p.23).

E quando surge algo inovador dentro das escolas como essa Proposta de ensino em tempo integral cabe ao professor dar-lhe vida, independentemente se está preparado ou não procurando

aplicar no cotidiano escolar as poucas diretrizes partilhadas, acentuando-se, em alguns momentos, o mal-estar profissional, seja em professores experientes, seja naqueles que estão iniciando suas carreiras.

É o que podemos perceber na fala da professora AP, quando expõe suas impressões sobre sua prática (Profª. AP, Tabela 9, p. 154):

> (...) Não sabia o que era a educação em tempo integral. Como a maioria dos professores. (...) Os professores não sabiam muito bem o que fazer. A maioria. (...) Foi a primeira vez que eu dei aula no Estado. Quando eu cheguei, assim que eu vi aquilo..., eu chorava.

E continua:

> (...) Eu não sabia montar um projeto, não sabia como é que fazia. A professora de Artes me ajudou muito. A professora de Educação Física já tem muito tempo na rede. A coordenação está me ajudando.Aí, eu fico me tranquilizando mais.

A professora AP chama a atenção para a falta de preparo dos iniciantes e para a importância do diálogo entre os professores, a fim de consolidar saberes da prática profissional.

Outros aspectos que dizem respeito à formação dos professores foram levantados pela mesma professora, a saber:

> Veio a coordenadora da ETI (...) e que também ajudou muito, trazendo novas ideias (...). Às vezes, não tinha material para trabalhar e ela deu um jeito; ela arrumava material ou se não, muito material o professor acabou comprando do seu próprio bolso para trabalhar (...) (Tabela 9, p. 154).

> Porque para mim que cheguei agora, 1º ano, não tinha noção nenhuma de como funcionava tudo isso aqui. É, foi um grande aprendizado. Tive que estudar muito também, pesquisar muito. Tive que correr atrás para montar todas estas atividades (Tabela 9, p. 154).

> Teve algumas formações. Mas algumas coisas que elas mostravam lá, a gente não podia trabalhar aqui, porque a gente não tinha material. Então fui criando, pesquisando (Tabela 9, p. 154).

> Nas disciplinas do núcleo diversificado são 40, 35, 40 alunos por sala. (...). É assim era muito difícil desenvolver um trabalho com tantos adolescentes na sala de aula (Tabela 9, p. 154).

> Eu dava a aula e já corria para planejar a próxima. Ficava praticamente direto aqui. Mas entre uma aula e outra nem podia descansar, pois precisava pesquisar e preparar atividades, enfim. Quer dizer, com uma estrutura deficiente, pormais boa vontade que o professor tenha, às vezes, ele não consegue. E não é que ele não tenha capacidade para fazer, é que ele não tem uma estrutura de apoio para desenvolver seu trabalho (Tabela 9, p. 154).

Nesse sentido, Schön (apud Nóvoa, 1995, p. 27) afirma que:

> Os problemas da prática profissional docente não são meramente instrumentais; todos eles comportam situações problemáticas que obrigam a *decisões* num terreno de grande complexidade, incerteza, singularidade e de conflitos de valores.

Nóvoa (1995) acrescenta que "as situações que os professores são forçados aenfrentar (e a resolver) apresentam características únicas, exigindo, portanto, respostas únicas: o profissional competente possui capacidades de alta formação reflexiva" (p.27).

Nesse momento pude observar que o professor tem carência por trocar ideias; precisa de tempo para desenvolver suas aulas; clama por melhores condições de trabalho, seja na infraestrutura física, seja na falta de habilidade do cumprimento dos conteúdos formais. E écondição essencial que haja investimento em sua formação, tendo em vista que um projeto como o da Escola de Tempo Integral necessita de professores dispostos a pensar e transformar suas práticas pedagógicas.

Diante desses vários obstáculos tive mais alguns depoimentos:

> (...) Eu não sei dizer para você o que realmente tem que ser feito, mas nas conversas que eu tive com os professores, percebo que esses inspetores novos que entraram no ano passado, não tiveram uma orientação, não tiveram capacitação. A ponto de eles também ficarem bem nervosos. (...) E nós tivemos uns probleminhas com o diretor querendo falar mais alto que você. Então, isso é falta de orientação e de capacitação muito bem feita (frisou) (Tabela 9, p. 154).

> (...) Você sabe que o professor, ele pode ter 20 anos (de experiência), se ele muda de uma escola para outra, você sabe que uma escola não é igual a outra. Já começa pelo diretor que é novo, cada diretor tem um sistema. Têm muitos professores novos, sabe, eisso também contribui, mas você sabe que nada como o dia-a-dia para poder engrenar (Tabela 9, p. 154).

> (...) No 1º bimestre, todas nós ficávamos como se fôssemos iniciantes, porque é coisa nova. E você sabe que tem gente que tem medo do novo. Eu também tenho! Mas é o que eu te digo, quando você quer e tem vontade, você depois vai, não é? O professor, é só você dar incentivo que ele vai (Tabela 9, p. 154).

A professora não só questiona sua prática, como também a de seus colegas envolvidos com a Escola de Tempo Integral, mostrando-se preocupada com toda a comunidade escolar. De qualquer forma, acredita que por meio de capacitações e de muita informação uma situação adversa poderá ser modificada. Basta dar"incentivo", disse.

Quando questionada sobre tempo disponível para participar de programas de formação, a professora MS revelou:

> (...) Eu fiz a Teia do Saber, Biologia e Ciências. O objetivo da teia é para o currículo básico. A Teia traz muitas coisas, é bom. Foi esse curso de formação que eu participei no ano passado. Mas, durante a escola, você sabe que o professor não tem tempo; ele não tem uma hora específica para isso. A proposta da escola, da diretoria era fazer um momento específico com os professores do núcleo diversificado. (...) Discutiam outros projetos, outros

> planos e acabava ficando meio perdido. E, então, você não tem tempo para conversar. Você acaba conversandono intervalo, na hora da entrada, na hora da saída; combina de fazer alguma coisa, mas não tem horário certo (Tabela 9, p. 154).

> Gostaria de mais oportunidades de formação. Momentos para conversar com os outros professores e trocar ideias e experiencias. Eu tenho ideias, o outro tem ideias. É preciso trocá-las. Eu acho que falta orientação. A faculdade dá a base, mas não prepara para a realidade que vamos encontrar. Quando o professor começa a dar aula faltam recursos: xerox, computador. O professor monta uma aula, não tem material disponível. Faz uma prova, não tem computador, como vai imprimir? O professor acaba tirando cópias para a sala. Caímos numa realidade difícil. O importante é controlar a sala de aula, mais do que o conteúdo que você está passando. (...) Os cursos dados pelas faculdades precisam ser reformulados; precisam ouvir os professores e se adequar à realidade. Não preciso nem dizer sobre aqueles estudantes que usam drogas etc. Falo dos alunos de inclusão. Não fomos preparados para recebê-los. E apropaganda diz que as escolas estão preparadas. Como lidar com estes estudantes que não querem estudar? (Tabela 9, p. 154).

A fala da professora nos alerta para a deficiência da formação inicial e da necessidade de uma formação continuada que permita ao profissional da educação aprofundar sua bagagem inicial de conhecimentos, saberes e práticas aprimorando sua práxis educacional.

Não é de hoje que ouço sobre cursos universitários que não preparam o professor para enfrentar o dia-a-dia de uma sala de aula. O mais complicado é acompanhar tantas mudanças e inovações educativas em tempo hábil para atender às necessidades dos professores. Há um bom ditado popular que podemos aderir: (na educação trocamos o pneu do carro com o carro em movimento).

Canário (2006), sobre a formação profissional do professor, declara que:

> (...) a formação profissional continua a ter, no âmbito do ensino superior e, em especial, no quadro universitário, uma conotação negativa, cujas raízes remontam à tradição de dissociar o mundo da educação formal (ou seja, da escola) do mundo do trabalho. Esta dissociação traduz-se na persistência de uma organização dual dos sistemas escolares, em torno de uma via mais "nobre", que leva a percursos escolares prolongados, e de uma via curta, orientada para uma inserção direta no mundo do trabalho (p. 61).

É preciso aprimorar a formação inicial dos próximos professores, no sentido de que exista uma articulação desta formação acadêmica (licenciatura) com o exercício prático profissional, a fim de que possamos sanar muitas das incertezas e frustrações que surgem, no momento em que chegamos às escolas e encontramos projetos a serem desenvolvidos em tempo recorde, sem o mínimo de prática em sala de aula com estudantes que diga-se de passagem estão bem além de nós professores no quesito informação tecnológica por exemplo.

E, em relação às mudanças provocadas pela implementação da Escola de Tempo Integral, a professora MS acrescentou ainda que:

> Olha, foi um choque. Assim, de repente, você tinha que mudar sua aula totalmente, você tinha os estudantes o dia inteiro à sua

> disposição. Com um tempo bem mais intensificado. Começaram então os problemas o dia inteiro. Faltaram funcionários. Penso que todos os funcionários sofreram, pois acabamos sobrecarregando. (...) Um tinha que ajudar o outro. Então, em termos de funcionários, faltou preparo para todos. Faltou orientação, informação para poder trabalhar com projetos, saber quais são as aulas diversificadas que tanto nos foi falado. Eles têm que conhecer (Tabela 9, p. 154).
>
> (...) Terminou o ano, mal sabiam (os colegas de trabalho) o que era, porque ficamos divididos em professores do núcleo diversificado e professores do currículo básico. Eles também poderiam ser orientados, saber o que é escola de tempo integral. Porque se a escola é integral, todos têm que estar envolvidos. Saber o que é, como funciona, o que vai ser trabalhado, planejado (Tabela 9, p. 154).

Surgiu então a necessidade de reflexão na prática e sobre a prática, os idealizadores do movimento da Escola Nova já haviam proposto considerações sobre a abordagem reflexiva na formação de professores. De acordo com John Dewey (apud Menezes, s/d), a busca do professor reflexivo é a busca do equilíbrio entre a reflexão e a rotina, tornando-o um ser reflexivo sob o termo Práxis educacional, entre o ato e o pensamento. Dessa forma, a ação reflexiva envolveria intuição, emoção e não somente um conjunto de técnicas que pode ser ensinado aos professores. Os formadores deveriam, então, propor situações de experimentação que permitissem a reflexão, assim como os professores precisam refletir sobre o papel de ensinar.

De acordo com as falas das professoras entrevistadas, problemas sempre existirão. Entretanto, o apoio para professores, gestores e funcionários por meio de capacitações, maior tempo de autoformação e outros momentos para reflexão viriam como um alento, gerando um processo de troca de experiências e práticas e contribuindo para a valorização do coletivo.

Nesse sentido, ampliar o tempo do professor e encontrar espaços apropriadospara debates e troca de experiências é condição para que a atuação docente nas atividades Curriculares encontre oportunidades positivas de realização para que as dificuldades possam ser sanadas.

Coelho (2002, p. 139) nos leva para a Lei 9394/96, na qual se verifica um avanço quando esta aponta para a necessidade do tempo integral e para a profissionalização docente. Já, no Título V, Capítulo II, Seção III – Do Ensino Fundamental -, em seu artigo 34, a Lei é clara quanto à "extensão do horário escolarpara este nível de ensino":

> Art. 34. A jornada escolar no ensino fundamental incluirá pelo menos quatro horas de trabalho efetivo em sala de aula, sendo progressivamente ampliado o período de permanência na escola [...].
>
> §2. O ensino fundamental será ministrado progressivamente em tempo integral, a critério dos sistemas de ensino.

E sendo assim, é Coelho (2002) quem nos esclarece:

> Acreditamos que o termo progressivamente, utilizado duas vezes ao longo do artigo, abre campo para uma política pública consistente.
>
> Em outras palavras, existindo vontade política, os sistemas de ensino poderão investir seriamente no ensino fundamental,

> ampliando seu tempo e procurando parcerias capazes de constituir, na escola, a partir dessa "ampliação de tempo físico, um *locus* realmente educativo", em que múltiplas atividades político-pedagógicas e outras, mais amplas em natureza, sejam complementares à formação integral do aluno nesse nível de ensino. A ampliação desse tempo a que nos referimos abre espaços, também, para uma "real política pública de formação continuada do profissional da educação"(p. 139).

É possível perceber que a ampliação de tempo, se aproveitada de forma sensata e justa, poderá proporcionar para ambos os envolvidos – docente e discente – situações reais de formação integral.

A ampliação do tempo escolar já é uma realidade em algumas de nossas escolas. No nosso caso, mesmo assim as escolas estaduais ainda não possuem parcerias e os professores não usufruem de uma formação inicial e continuada adequada. O tempo destinado para o professor, também é um fator importante, posto que "não há possibilidade de compromisso efetivo quando o profissional não dispõe de períodos para refletir sobre seu próprio cotidiano de trabalho, principalmente quando essa tarefa envolve aformação de seres humanos" (Coelho, 2002, p. 141).

Nesse sentido, a autora encerra com as seguintes ideias:

> A escola de tempo integral que busque uma educação integral proporcionará oportunidades diversas a alunos, professores, diretores, funcionários e comunidade, uma vez que seu espaço estará aberto a várias manifestações que, tradicionalmente, não fazem parte da instituição de ensino. Atividades culturais, trazendo a cultura erudita, mas enfatizando a popular e a local; atividades de saúde, que previnam, discutam e não apenas curem; atividades que envolvam o mundo do trabalho e suas produções; atividades de lazer, de esportes variados...enfim, que "façam parte da vida, do cotidiano daqueles que a frequentam: que sejam, portanto, dinâmica de construção da cidadania para todos os que se inserem em seu espaço. Inclusive, seus profissionais da educação" (p. 145).

Os aspectos apontados pelas professoras representam inquietações de professores que atuam no currículo básico, mas, principalmente, problemas relativos às práticas dentro do Núcleo Diversificado. Então, além dos temas que dizem respeito à maioria dos docentes, tocamos em pontos que não são apenas de responsabilidade do educador, e sim de todo o ambiente escolar e essa seria a mais difícil entre as tarefas.

Faz-se essencial que melhores condições de trabalho sejam oferecidas aos professores. Estas melhorias dependem de cada espaço escolar específico. Escolhemos evidenciar, assim, no próximo item, o ambiente escolar, pois as escolas que vivem esse projeto sentem os impactos na questão tempo/espaço de forma diferenciada, visto que estudantes e professores convivem dentro do mesmo espaço escolar por muito mais horas. Acredita-se que tal fato produz aspectos positivos e negativos quanto à prática docente e quanto às relações com alunos, grupo gestor e funcionários da área educacional, acarretando alguns vezes em grandes conflitos internos e até familiares.

3.5. O ambiente escolar e as necessidades do professor

Na teoria de Dewey (1952), apresentada no primeiro capítulo deste estudo, a partir da

infância a escola faz-se necessária, passando a constituir um mundo dentro da sociedade e integrando a aprendizagem obtida no ambiente escolar, com as experiências anteriores de cada estudante, adquiridas fora do contexto escolar.

Na visão deste filósofo, a escola proporcionaria ao estudante um ambiente aconchegante, a fim de que pudesse dele participar sem constrangimentos; deixaria de lado os aspectos maléficos do ambiente social; promoveria um ambiente de integração social, de harmonização, de empatia, colaborando com a formação das múltiplas inteligências esclarecidas, tolerantes e compreensivas. Para completar, o objetivo do ambiente escolar seria o de ensinar o estudante a viver no mundo, levando-o a construir o conhecimento e apostando na criatividade e na atividade discentes.

Para isso, todas as atividades escolares realizar-se-iam por meio de projetos, caracterizadas a partir de problemas reais, do dia-a-dia do estudante trazidos previamente.

Para o professor atuar na Escola de Tempo Integral, não lhe foi exigido um plano de trabalho docente, como aquele que é feito para o ensino regular. Os interessados em atuar nas aulas do Núcleo Diversificado, foram instruídos a elaborar um projeto que fosse condizente com o ambiente escolar, com o público-alvo e estivesse de acordo com o roteiro indicado pela equipe da Escola de Tempo Integral (SEDUC-GOIÁS). Tal roteiro pede: nome do responsável, título do projeto, tema, subtema, resumo e relato. Este último item engloba: série e a que Oficina Curricular se destina o projeto;tempo de duração (quantidade de horas-aula necessárias); material necessário;conteúdo; objetivos gerais e específicos (resultados esperados: competências e habilidades); metodologia; informação sobre interação com outras disciplinas; resultados esperados/alcançados ou forma de avaliação; bibliografia recomendada efotos (se houver este registro).

No início muitos professores tiveram dificuldades na elaboração dos seus planejamentos, seus projetos, alegando que as aulas do Núcleo Diversificado surpreenderam não só a comunidade, como também os docentes. Esse momento inicial foi o das descobertas, da criatividade e do questionamento por parte dos docentes.

Conforme nos fala Tardif e Lessard (2005), "o contexto escolar constitui, concretamente, um verdadeiro ambiente cuja contingência pesa enormemente sobre as condições de trabalho dos professores" (p. 55). A falta de recursos e de tempo ea escassez de instrumentos pedagógicos são fatores "materiais" frequentemente mencionados pelos professores como estando entre as maiores dificuldades dessa profissão (p. 56).

Podemos conferir esta questão pelas falas de alguns professores entrevistados apontando o início dessa nova modalidade de – ESCOLA DE TEMPO INTEGRAL.:

> (...) Outro desafio muito importante é munir os professores das ferramentas necessárias (cursos de formação e materiais) para o desenvolvimentodas atividades (Prof MAR, Tabela 9, p. 154).
>
> (...) Quanto ao espaço, as escolas não estão preparadas, em questão física, para receber estes alunos em período integral. Deveria ter sala de música, de teatro, vestiário até, caso o aluno queira/precise tomar banho. Não digo para todos, mas há certos imprevistos... (...) faltam salas, material, funcionários... Em termos de espaço, eu penso que é isto. Agora, tempo, eu acho que deveria ser revisto esse tempo. Duração de aula, de intervalo... (Profª. MS, Tabela 9, p. 154).

A Escola de Tempo Integral não se esquivou desses entraves e acentuou, de certa forma, muitos desses aspectos, visto que ao propor o uso de espaços diferenciados, chamou a atenção do

professor para as questões de estrutura física inadequada, ausência de material didático e de pessoal organizado para viver essa nova proposta de ensino.

O quadro que desenvolvemos mais adiante, procura organizar as principais necessidades apontadas pelos professores em sua rotina diária e seus desejos, em grande parte visando à melhoria das Aulas tanto no Núcleo diversificado quanto no Núcleo Comum, tendo o ambiente escolarcomo o espaço social onde as experiências acontecem.

Segundo Esteves e Rodrigues (1993), a preocupação reflexiva das necessidades surgiu devido ao desejo de conseguir planos mais estruturados e eficazes no processo educativo. Pode centrar-se na ideia de "abrir horizontes" para a autoformação, através da conscientização de suas lacunas, problemas, interesses, motivações. Outras vezes, centrando-se no formador, buscando um equilíbrio entre a "formação esperada pelos formandos e a formação dada pelo formador ou pela instituição formadora" (p. 11).

Em ambos os casos, entendemos que ao analisar as necessidades cria-se a possibilidade de encontrar meios para conhecer as dificuldades sobre um projeto, uma atividade em exercício e para buscar soluções possivelmente concretas e eficazes a um ensino aprendizado de qualidade.

Recorremos a Esteves e Rodrigues (1993) para nós auxiliares a definir o vocábulo:

> Na linguagem corrente, usamo-la para designar fenômenos diferentes, como um desejo, uma vontade, uma aspiração, um precisar de alguma coisa ou uma exigência. Por um lado, remete-nospara a ideia do que tem que ser, daquilo que é imprescindível ou inevitável. Por outro lado, a palavra surge com um registro mais subjetivo, em que o sujeito não aparece tão determinado pela necessidade. Neste caso, a necessidade não tem existência senãono sujeito que a sente (p.12).

No caso das aulas diversificadas, arriscamo-nos a dividir as manifestações dos professores da seguinte forma: de um lado as necessidades relacionadas às situações já vividas dentro das escolas, mesmo antes da implantação do projeto e de outro, as necessidades que expressam possibilidades de mudança e referem-se à situação ideal para o bom desempenho da prática docente.

Não nos preocupamos em dissolver as necessidades pessoais (que se referem ao individual), das profissionais (percebidas pelo coletivo) e, tão poucodas organizacionais (aquelas que envolvem a vida institucional), pois a intenção foi conhecer o pensamento dos docentes sobre como se sentem e o que precisam dentro do contexto escolar.

Aqui surge então a possibilidade de uma organização de um Quadro que aborde as necessidades habituais (ligadas ao estado atual) e as necessidades desejadas (o que poderia ser, transformando em objetivos de ação/mudança) dos professores entrevistados, tendocomo referência o ambiente escolar frente à inovação do Projeto Escola de Tempo Integral.

Para a elaboração deste Quadro, usaremos como referência os estudos de Abdalla (2006) sobre as maneiras de *ser e estar* na profissão, apontando as necessidades percebidas por meio das observações e pelas declarações coletadas entre os professores ouvidos.

TABELA Nº 2

NECESSIDADES REAIS E IDEAIS DOS PROFESSORES[6]

NECESSIDADE REAL DOS PROFESSORES (relacionadas ao estado atual dentro da escola, o que falta ao docente)	NECESSIDADE IDEIAL DOS PROFESSORES (relacionadas às possibilidades de mudança e de melhoria)
DIMENSÃO COGNITIVA	**DIMENSÃO COGNITIVA**
Dar notas, fazer a chamada. Material didático para atuar junto aos ESTUDANTES. Pesquisar e ler mais para preparar suas atividades. Obter informação para desenvolver os projetos propostos. Material disponível para a realização de trabalhos (sejam em linguagem verbal ou não-verbal). Visitar os cadernos. Capacitações pontuais e desarticuladas da realidade específica de cada escola (modificar esta situação). Utilizar os espaços com planejamento e inteligência.	Aumentar a capacidade de concentração dos estudantes; sua escrita e leitura interpretativa. Aproveitar a bagagem dos estudantes e, apartir daí, ensiná-los. Capacitações que respeitem a dinâmica de trabalho realizada na escola. Apoio dos pais e responsáveis. (Integração família/escola)
DIMENSÃO EMOCIONAL	**DIMENSÃO EMOCIONAL**
Despertar o interesse dos estudantes. Tirar os estudantes da ociosidade, pois não querem participar das atividades propostas. Conseguir momentos de descanso. Ser motivado em sua prática docente.Ser incentivado. Convencer o estudante a trazer o material básico, como lápis, caneta e borracha. Controlar os estudantes (falam ao mesmo tempo). Acalmar a sala após o almoço. O docente tem atribuições que vão além de sua formação, como de inspetor, pai, mãe,	Incentivar os estudantes a tocar instrumentose a cantar. Controlar os estudantes fora do espaço dasala de aula. Conquistar a atenção dos estudantes. Tornar as Aulas importantes para os estudantes. Transformar o tempo em momento produtivo. Tornar as aulas interessantes. Conseguir a participação de toda a sala.

[6] As informações que compõem o Quadro acima foram selecionadas das falas das professoras entrevistadas e das respostas dos docentes aos questionários.

assistente social etc. Manter a disciplina entre os alunos.	
DIMENSÃO SÓCIO-CULTURAL	**DIMENSÃO SÓCIO-CULTURAL**
Melhorar a infraestrutura e obter apoioda direção. Biblioteca. Desenvolver as aulas com qualidade. Diminuir o excesso de estudantes em sala de aula. Questionar as imposições. Tempo para compartilhar erros e acertos comos colegas de profissão. Atender estudantes com níveis de aprendizagem diferenciados. Sentar os estudantes em seus devidos lugares. Juntar estudantes de outras salas, quando um professor falta. Organizar carteiras e cadeiras.	Salas de vídeo e de informática; jogos matemáticos. Apoio por parte da direção e da coordenação. Manutenção da escola enquanto espaço para a aprendizagem. Obter um espaço ambientado para cada Aula diversificada. Exemplo: torneiras para as Oficinas de Atividades Artísticas, devido ao trabalho com tintas e outros materiais. Ampliar os espaços, para vivenciar as diversas ações. Desfazer a interpretação entre a comunidade do caráter assistencialistaque a escola adquiriu. Serem consultados – professores e gestores – sobre a construção de um novo projeto. Diminuir a carga horária docente; melhorar os ganhos salariais. Reduzir os números de projetos a serem realizados. Moldar os projetos ao perfil da comunidade em que são implantados. Valorizar o processo e não apenas os resultados de um projeto. Momento específico para discutir sobre as dificuldades do dia-a-dia. Integração do corpo docente e funcionários.

O que pude perceber, assim que levantamos as afirmações dos professores sobre a vida escolar, é que a escola apresenta problemas organizacionais em vários aspectos, entre eles: espaço físico; correta distribuição de tarefas; organização do trabalho do professor e dos estudantes dentro e fora de sala, já que as Aulas procuram espaços de aprendizagem não-formais; realização de atividades que vinculem escola e comunidade; condições de higiene e limpeza; recursos materiais, enfim, condições positivas de trabalho.

Outra observação a fazer refere-se à semelhança entre as necessidades reais e as necessidades ideais: seu dia-a-dia mostra-se tão carente, que suas necessidades ideais acabam por se confundir com os desafios que surgemdiariamente. Isso porque poucas de suas necessidades são atendidas em seu estado atual e terminam por se repetir como possibilidades que clamam por serem atendidas.

Além disso, percebemos que há um número maior de necessidades na dimensão sociocultural. Essa é responsável por fazer o estudante "gostar" da escola e, consequentemente, dela cuidar. Acreditamos que se grande parte destas necessidades forem atendidas, vários professores

exercerão sua prática com mais empenho e assumirão responsabilidades quando forem solicitados.

Todas as dimensões estão presentes na vida do professor e em sua prática, principalmente, a emocional e a sociocultural, como podemos verificar no Tabela nº 2. A dimensão cognitiva revela-se em grau menor, deixando-nos perceber que o docente não tem problemas com o conhecimento. Mas, em compensação, enfrenta inúmeras dificuldades dentro da escola, em especial, nas relações com o aluno, no "como" trazer o aluno para a escola, em como convencê-lo a trazer o material solicitado, entre outros indicadores.

É certo que o "novo" traz desafios ao docente e que esta precisa aprender a lidar com as mudanças que a construção que este projeto exige. Entretanto, pelo que se foi percebido aqui é que partir das necessidades desejadas pelos professores é uma reflexão mais séria e de forma coletiva sobre as possibilidades de melhoria apontadas por eles e, até mesmo, um compromisso com a formação e o desenvolvimento destes profissionais (formação e auto formação).

Nesse sentido, Abdalla (2006) nos alerta sobre a importância da reflexão sobre as mudanças e as alterações que elas provocam na vida do professor. E acrescenta que:

> Há uma lista infindável de desafios que a escola precisa enfrentar, no sentido de valorizar seus professores e fazê-los crescer profissionalmente. Em princípio, estabelecer uma nova ordem de discussões, ressignificando as representações e desejos dos professores, a fim de que eles possam gestar novas práticas. É, nessa *disposição*, que os professores se (re) constroem enquanto profissionais da educação, e a Escola torna-se a base da formação e do desenvolvimento destes profissionais (p. 67).

Quem não quer trabalhar em um ambiente agradável, sem complicações, que promove a participação, o debate e que acredita no desenvolvimento de um trabalho em conjunto?

Hoje, sabemos que o cotidiano escolar apresenta falhas que compromete o trabalho do professor e de outros funcionários envolvidos com as aulas, terminando por refletir em uma aprendizagem fragmentada do estudante.

Caso a escola vá buscar uma postura mais democrática e passe a dar ouvidos a voz dos professores, instrumentalizando-os para o dia-a-dia do espaço em que atuam, é possível que os docentes venham a refletir com mais cuidado e seriedade sobre a sua prática, adotando novas posturas diante das novidades introduzidas pela Secretaria Estadual de Educação.

Retornamos a Abdalla (2006) para resumir o papel da escola e sua importância para o docente:

> (...) a escola é, sem dúvida, o espaço de *ser* e *estar* professor, em que os professores constroem o sentido de sua profissão, para reinventar instrumentos significativos de construção da realidade (p.67).

Mais do que apontar dificuldades, o professor indica possibilidades para crescer em sua prática e, desta forma, atuar com mais segurança em suas Ações Curriculares. É dentro da escola, na busca de compreender a realidade em que vive no cotidiano, que ele reflete sobre sua prática, toma decisões, desenvolve novas atitudes e novos hábitos, na intenção de propiciar aos estudantes uma aprendizagem significativa e que aponte para experiências futuras.

II. MARCO METODOLÓGICO

1. Metodologia da investigação

Este texto tem o objetivo de abordar o percurso no decorrer da realização desta pesquisa, embasando para tanto, conceitos relevantes ao tema. Nessa etapa, estão apresentados os principais procedimentos metodológicos, com o intuito de relatar sistematicamente o caminho seguido para elaboração desta investigação.

Para esta pesquisa, adotou-se a abordagem qualitativa. A escolha partiu do princípio de que, na educação, precisamos compreender e analisar os processos para explicá-los, porque a escola se constitui como um espaço onde estão envolvidas as realidades de vários sujeitos com suas particularidades. Portanto, conhecer os processos construídos e constituídos é de fundamental relevância para a explicação. Ademais, os locais têm de ser entendidos no contexto da história das instituições a que pertencem. Tudo deve ser considerado como um atributo para se tornar uma trilha para o entendimento do nosso objeto de estudo.

A pesquisa é um exame minucioso acerca de um determinado fato. De tal modo, podemos dizer que pesquisar é procurar e encontrar respostas para determinadas questões por meio de métodos científicos. Segundo, Marconi e Lakatos (2009, p. 02), "a pesquisa sempre parte de um tipo de problema, de uma interrogação. Dessa maneira, ela vai responder às necessidades de conhecimento de certo problema ou fenômeno".

Para se iniciar o processo de investigação social faz necessário o uso de um método científico para conferir credibilidade ao que se propõe investigar e que ajudará a pesquisa a seguir o rigor científico. Sobre o método científico, Severino, (2017, p.128) aponta que:

> O método científico é elemento fundamental do processo do conhecimento realizado pela ciência para diferenciá-la não só do senso comum, mas também das demais modalidades de expressão da subjetividade humana, como a filosofia, a arte e a religião. Trata-se de um conjunto de procedimentos lógicos e de técnicas operacionais que permitem o acesso às relações causais constantes entre os fenômenos.

O método consiste em um conjunto de etapas minuciosamente organizadas a serem executadas que tenham por finalidade a investigação de fenômenos para o aprimoramento do conhecimento.

Assim sendo, a metodologia contribui para examinar, descrever e avaliar os métodos e as técnicas de pesquisa, possibilitando a coleta e o processamento das informações, contribuindo para resolução das questões da investigação. Levando em consideração os fundamentos teóricos de Marconi e Lakatos (2009) e Gil (2006), bem como, os postulados de Sampieri, Collado e Lucio (2006), almejamos realizar a presente pesquisa sob os fundamentos da abordagem qualitativa e método fenomenológico.

De acordo com Sampieri, Collado e Lucio (2006, p 10):

> Os estudos qualitativos envolvem a coleta de dados utilizada técnicas que não pretendem medir nem associar as medições e números, tais como observação não estruturada, entrevistas abertas, revisão de documentos, discursão em grupos, avaliação de experiências pessoais, inspeção de histórias de vida, análise semântica e de discursos cotidianos, interação com grupos ou

comunidades e introspecção.

Assim sendo, esta perspectiva descreve e explica como o fenômeno acontece no tempo e espaço, almejando entender características e experiências no qual se efetivou o acontecimento, apontando assim, subsídios para criar e elaborar generalizações que nos ajudará no desenvolvimento da pesquisa.

Gil (2008, p15) esclarece:

> A pesquisa fenomenológica parte do cotidiano, da compreensão do modo de viver das pessoas, e não de definições e conceitos, como ocorre nas pesquisas desenvolvidas segundo a abordagem positivista. Assim, a pesquisa desenvolvida sob o enfoque fenomenológico procura resgatar os significados atribuídos pelos sujeitos ao objeto que está sendo estudado.

Deste modo este estudo utilizará técnicas e instrumentos padronizados (entrevista aberta, observação estruturada e análise documental) de coleta de dados, descrevendo o fenômeno ou a situação de como uma educação baseada nos princípios sócio emocionais tem melhorado a conduta educacional e a socialização de adolescentes e jovens em Goiás, permitindo examinar com exatidão a concepção de educação e estratégias didáticas e pedagógicas adotadas no CEPI, desvendando a relação entre estes eventos.

1.1. Fundamentação metodológica

Neste momento, torna-se primordial conceituar método e metodologia para melhor esclarecimento do desenho metodológico, visto que este, envolve todo planejamento desta investigação. Para Prodanov e Freitas (2013, p. 26) método é "o caminho, a forma, o modo de pensamento. É a forma de abordagem em nível de abstração dos fenômenos. É o conjunto de processos ou operações mentais empregadas na pesquisa", em outros termos, é o caminho que se aplica em todo ciclo da investigação, por isso, sua real importância para o embasamento.

Já a respeito da metodologia, conforme Kauark, Manhães e Medeiros (2010, p. 53-54), "é a explicação minuciosa, detalhada, rigorosa e exata de toda ação desenvolvida no método (caminho) do trabalho de pesquisa", ou seja, é a forma de como se identificam os problemas e se obtém as respostas para eles.

O método menciona o caminho a ser percorrido, enquanto a metodologia, aponta as técnicas para se encontrar os resultados. Por isso, "não basta seguir um método e aplicar técnicas para se completar o entendimento do procedimento geral da ciência" (Severino, 2017, p. 83), é necessário um fundamento que sustenta e justifica a própria metodologia praticada.

Complementa neste cenário Lakatos e Marconi (2003, p. 83) que método, "é o conjunto das atividades sistemáticas e racionais que, com maior segurança e economia, permite alcançar o objetivo - conhecimentos válidos e verdadeiros -, traçando o caminho a ser seguido, detectando erros e auxiliando as decisões do cientista". E, na visão de Severino (2017, p. 74), método "trata-se de um conjunto de procedimentos lógicos e de técnicas operacionais que permitem o acesso às relações causais constantes entre os fenômenos". Diante desta leitura interpretativa, método e metodologia tornam-se uma junção perfeita para que os resultados projetados previamente sejam alcançados.

1.2. Problema da investigação

Observando a importância que a atual sociedade dá a formação educacional como forma de promoção humana e social, a presente pesquisa visa destacar as características que contribuem para um ensino de qualidade, tendo como referência o modelo de educação dos Colégios em Tempo Integral.

O foco da pesquisa neste contexto, almeja investigar como que a implantação de um Colégio Estadual de Tempo Integral em Goiás (CEPI) especialmente na cidade de Santa Helena de Goiás no Estado de Goiás, Brasil nota-se a necessidade de se entender a concepção de Educação Integral de Forma Curricular Interdisciplinar e, juntamente, compreender a forma de organização do currículo que venha ao encontro do que se propõe na Educação Integral, para que ocorra a aprendizagem e a formação efetivas do educando em sua totalidade. A proposta de uma Educação Integral é desafiadora, já que está voltada ao conhecimento por completo do aluno, porém, muitas dúvidas nos cercam. Existe um modelo de currículo Integrado de excelência para a Educação Integral? Quais foram as alternativas encontradas pela escola para organizar um currículo na perspectiva da Educação Integral? Desde o surgimento da Escola Integral o que permaneceu e está dando certo? Partindo de tais questões, observamos o processo histórico de definição do currículo, tomando como base as mudanças e permanências de organização do conhecimento e do tempo presentes no currículo de uma escola pública da rede estadual de Goiás.

Essa análise visa estabelecer ligações com o contexto histórico da escola, observando se essas mesmas mudanças ou permanências têm ocorrido no sentido de concretizar um currículo coerente com o que se propõe na Educação Integral. Para isso, faz-se necessário nela identificar a noção de currículo, compreendendo o cerne da proposta de educação integral para, assim, perceber os possíveis avanços no que diz respeito à organização do tempo e do conhecimento escolar em seu processo histórico. A pesquisa será desenvolvida no CEPI José Salviano Azevedo, localizada na cidade de Santa Helena de Goiás, Goiás onde vamos como base os anos de 2022 e 2023, período em que a pesquisa de Tese do Curso de Mestrado em Ciência da Educação com vistas à realização da Educação Integral será desenvolvida na referida escola. Almejamos observar, a partir deste projeto de que forma ele poderia contribuir para a construção de um currículo voltado às reais necessidades de organização do tempo e para a aquisição da aprendizagem esperada em uma Escola de Tempo Integral, na perspectiva da Educação Integral.

Para desenvolver esta pesquisa, meu objetivo primordial, como já foi mencionado, é compreender a dinâmica de interação necessária para o funcionamento do Núcleo diversificado de qualidade desenvolvido na Escola de Tempo Integral, suas funcionalidades na prática pedagógica do professor, buscando conhecer suas necessidades desejadas, suas maneiras de ser e estar na profissão, na tentativa de articular um novo hábito (Bourdieu, 1997, 1998, 2001; Abdalla, 2006). Ou seja, compreender, na prática, como ampliar a eficácia de uma educação integral dentro de uma escola tendo como eixo norteador o Núcleo diversificado.

Ao iniciar essa pesquisa busquei nas palavras de Abdalla (2006) que considera os seguintes aspectos: “o que falta aos nossos professores, o que eles desejam e o que querem melhorar em suas práticas?” Penso que ao atuar no núcleo diversificado o professor busca compreender e superar as necessidades da própria profissão. Mais do que aquelas necessidades que se apresentam como habituais, que traduzem a rotina de trabalho dentro das escolas, existem também os desejos pessoais do professor, que a autora denominou como “necessidades desejadas” – aquelas que se transformariam em objetivos de inovações.

Já falava Dewey (1979) que “a concepção ampla de hábito envolve a formação de atitudes tanto emocionais, quanto intelectuais; envolve toda nossa sensibilidade e modos de receber e

responder a todas as condições que defrontamos na vida". Bourdieu (2001) também fala que é necessário colocar em evidência as "capacidades criadoras, ativas, inventivas dos hábitos e do agente (que a palavra hábito não diz), chamando a atenção para a ideia de um agente em ação" (p.61).

Diante disso, dispus-me a pesquisar sobre os movimentos sociais e os pensadores que estudaram sobre a Educação Integral.

Entretanto, como o tema educação integral é amplo, optei pelo pensamento de John Dewey (1979), de Anísio Teixeira (1994) e outros seguidores (Fernando de Azevedo et alii, 1932; Lourenço Filho, 2002), a fim de resgatar o sentido da Escola de Tempo Integral no professor coordenado por mim a satisfação de ver seu aluno crescer academicamente dentro de uma escola de qualidade, com professores qualificados e com a família participativa no texto integral do estudante realizando com eficácia a integração curricular do núcleo comum e do núcleo diversificado com uma interação dinâmica e construída em pilares eficazes.

A ideia de uma educação que pretende trabalhar com o estudante de forma integral, surgiu com o movimento da Escola Nova e foi desenvolvida, principalmente, por Anísio Teixeira (1994), que além de elaborar alguns de seus princípios conceituais e práticos, construiu escolas-modelo para a consolidação desta educação. As escolas comunitárias americanas inspiraram a concepção de Escola de Tempo Integral de Anísio Teixeira: uma escola que deveria dar conta de todas as necessidades dos estudantes, até mesmo de cuidados maternos e moradia.

Também, foi possível observar que as Escolas de Tempo Integral funcionam em alguns estados brasileiros, e em especial no estado onde moro Goiás, um estado que busca ampliar anualmente seu número de escola em tempo integral tanto no seguimento de fundamental II quanto no seguimento do Ensino Médio como objeto de campanha governamental do atual Governador eleito, porém as informações circulam em torno da estrutura curricular e da metodologia aplicada.

Apoiada nestes referenciais teóricos considero que as mudanças propostas pela Escola de Tempo Integral, principalmente, no que se refere a tempo e espaço escolar, só poderão transformar-se em ação histórica, isto é, em história atuada e atuante (Bourdieu, 2001, p. 81), se forem assumidas por profissionais realmente envolvidos com a educação e dispostos a assumirem uma vontade de mudança e qualificação de atitude. Para isso, procuro verificar se o professor está sendo devidamente capacitado pela Secretaria de Educação do Estado de Goiás e também pela sua auto formação para colocar tal proposta em prática.

Para dar conta desta pesquisa, optei por uma abordagem qualitativas, dentro da Escola CEPI José Salviano Azevedo. Nesta perspectiva, o estudo se desenvolveu, com base na observação dos professores que atuam tanto no núcleo comum quanto no núcleo diversificado de formas diferentes que infelizmente priorizam o núcleo comum como sendo mais "importante" do que o núcleo diversificado enfrentando inúmeros obstáculos para que aconteçam a verdadeira integração curricular.

A intenção de acompanhar os professores foi perceber como direcionam suas práticas, já que as disciplinas do Núcleo diversificado podem ser desenvolvidas fora da sala de aula, ocupando diferentes espaços disponíveis na escola e no seu entorno, tais como: pátio, biblioteca, sala de leitura, salas-ambientes, laboratório e outros. E, fora de seu espaço costumeiro, ações inusitadas podem se revelar.

Ao lado da observação, realizei entrevistas estruturadas com três professoras, que atuaram no núcleo diversificados e também na coordenação de área. Além disso, apliquei um questionário investigativo a vinte e três professores da escola onde atuo como coordenadora da integração curricular, a fim de conhecer o que pensam sobre a educação deste projeto.

A etapa seguinte foi a fase da análise documental: como fonte de informação para contextualizar o antes e o depois da escola. Os objetivos, recursos e metodologias, conforme a documentação legal. Todas estas informações nos são úteis para compreender a intenção do projeto de Escola de Tempo Integral e conhecer seus efeitos entre os docentes, com destaque para aqueles que atuam no Núcleo diversificado.

1.3. Objetivo da pesquisa

Objetivo significa propósito para atingir determinada meta. Conforme Kauark, Manhães e Medeiros (2010, p. 52), os objetivos deliberam "o que o pesquisador quer atingir com a realização do trabalho de pesquisa".

Logo, ao definir os objetivos da investigação é apresentar de forma clara o que se pretende alcançar com os resultados da pesquisa, por isso, torna-se de suma relevância o desenvolvimento destes para se alcançar os resultados almejados.

Neste estudo, os objetivos da investigação estão assim delimitados:

1.3.1. Objetivo geral

- Analisar a estrutura curricular entre os núcleos comum e diversificado em escolas em Tempo Integral, na busca por uma Integração Curricular de referência no Estado de Goiás.

1.3.2. Objetivos específicos

- Analisar a estrutura organizacional pertencente a escola em Tempo Integral no contexto dos núcleos comum e diversificado para os anos finais do Ensino Fundamental e Ensino Médio na cidade de Santa Helena de Goiás;
- Nortear as políticas públicas direcionadas à Integração Curricular nas Escolas de Tempo Integral com foco no planejamento do docente;
- Identificar no processo da Pedagogia da Presença a configuração do docente na estrutura curricular institucional da escola de tempo integral;
- Analisar a proposta da Integração Curricular tendo em vista explicitar a relação existente entre o currículo e a concepção/finalidades da perspectiva de educação integral em tempo integral.

TABELA Nº 3

PERGUNTAS E OBJETIVOS DA INVESTIGAÇÃO

Objetivos Específicos	Questões aos professores que atuam no núcleo diversificado	Entrevista com os professores do CEPI José Salviano Azevedo
1. Analisar a estrutura organizacional pertencente a escola em Tempo Integral no contexto dos núcleos comum e diversificado para	**1-** Nome; Idade; Formação	**1-** Nome Idade Formação Ano em que se formou Há quanto tempo leciona? Para que nível de ensino?

os anos finais do Ensino Fundamental e Ensino Médio n acidade de Santa Helena de Goiás; **2.** Nortear as políticas públicas direcionadas à Integração Curricular nas Escolas de Tempo Integral com foco no planejamento do docente. **3.** Identificar no processo da Pedagogia da Presença a configuração do docente na estrutura curricular institucional da escola de tempo integral **4.** Analisar a proposta da Integração Curricular tendo em vista explicitar a relação existente entre o currículo e a concepção/finalidades da perspectiva de educação integral em tempo integral.	**2-** Qual a disciplina em que está trabalhando? Indique os objetivos desta disciplina e sua metodologia desenvolvida. **3-** Em que difere o trabalho entre o Núcleo Comum e Núcleo Diversificado? Aponte dificuldades e facilidades. **4-** Em que uma maior permanência do estudante na escola poderá potencializar sua aprendizagem? **5-** A implantação da Escola de Tempo Integral vem sugerindo ao professor reviver o seu fazer pedagógico e reformular sua prática. Isto realmente vem acontecendo? Explique. **6-** Em sua prática docente há tempo para articular seu trabalho com os professores das demais áreas do currículo e, também, para participar de programas de formação? Caso sua resposta seja negativa, explicite os motivos. Se afirmativa, exponha suas áreas de interesse e o porquê de suas escolhas. **7-** Você acredita que as aulas poderão cumprir a função de possibilitar a participação social, a interação entre alunos X	Atua em alguma Oficina? Qual? **Em caso negativo**: Gostaria de atuar em alguma das Oficinas? Qual? Justifique suaresposta. **2-** Quais as condições dadas aos professores para que a Escola de Tempo Integral aconteça? **3-** Qual a influência do espaço na prática docente, visto que as aulas Curriculares exigem adequação do espaço físico existente nas escolas? O docente terá que rever sua prática? Explique. **4-** Que tipo de implicações podemos perceber na prática do professor, com a ofertade um maior tempo de permanência dos alunos na escola? Observe aspectos positivos e negativos 5 - O que pensa sobre os inúmeros projetos que circulam na rede estadual, em especial, a Escola de Tempo Integral. Quais os dilemas e desafios vividos na profissão docente durante a realização de um projeto (ideais criados e a realidadedo dia-a-dia escolar)?

	escola X comunidade X professores,o sentimento de compromisso e formação da identidade da escola? Justifique. **8-** Você fez um planejamento destas aulas em que leciona? Está sendo possível realizar o que planejou? Justifique. **9-** Em que momento os docentes trocam experiências, discutem estratégias, compartilham erros e acertos? O tempo disponibilizado para este momento tem sido suficiente? Os caminhos apontados são impostos pela escola ou compartilhados pelos professores? **10-** Durante este pouco tempo de vivência como Escola de Tempo Integral, quais comentários poderia tecer sobre a atuação da direção, coordenação, docentes, funcionários e discentes quanto à adaptação às mudanças, participação, apoio, compromisso e interesse. Aponte as maiores dificuldades enfrentadas por esta realidade espaço-tempo e dê sugestões para uma educação integral efetiva.	

1.4. Cronograma da pesquisa

O cronograma da pesquisa tem a finalidade de apresentar detalhadamente as atividades

realizadas e o tempo estimado para o desenvolvimento de cada ação. Nesse caso, não se pode esquecer que "determinadas partes podem ser executadas simultaneamente, mas existem outras que dependem das anteriores, como é o caso da análise e interpretação, cuja realização depende da codificação e da tabulação, só possíveis depois de colhidos os dados" (Prodanov & Freitas, 2013, p. 139).

No cronograma são dimensionadas as etapas do desenvolvimento da pesquisa, delimitando o tempo disponível para sua execução. Nesta pesquisa, a primeira etapa inicia com a revisão teórica perfazendo até a elaboração final dos instrumentos. Na segunda etapa, realiza-se a observação seguida da entrevista aberta com os participantes com o intuito de coletar os dados necessários para posteriormente, processar as informações para se obter os resultados. Na terceira e última etapa, equivale à análise dos dados, discussão e a elaboração dos resultados; sequencialmente, realiza-se a redação final, com a elaboração de propostas.

TABELA Nº 4: PROGRAMAÇÃO DAS AÇÕES ANO DE 2023.

Fase	Atividade	Tempo	Meses
Primeira etapa	- Revisão Teórica - Desenho da Investigação - Elaboração dos Instrumentos - Validação dos Instrumentos - Elaboração Final dos Instrumentos	6 meses	Janeiro/23 Fevereiro/23 Março/23 Abril/23 Maio/23 Junho/23
Segunda etapa	- Aplicação dos Instrumentos - Coleta de dados - Processamento das informações	4 meses	Julho/23 Agosto/23 Setembro/23 Outubro/23
Terceira etapa	- Análise dos dados, discussão e elaboração dos resultados - Redação do informe final - Elaboração de propostas	2 meses	Novembro/23 Dezembro/23

1.5. Contexto espacial e socioeconômico da pesquisa

A pesquisa de campo, com duração de aproximadamente 10 meses, aconteceu no cotidiano escolar da Escola Estadual CEPI José Salviano Azevedo.

O Escola Estadual José Salviano Azevedo, localizado na Rua Jacinto Ferreira. de Souza, N. 960, Centro, Santa Helena de Goiás/GO, que por meio de sua gestora profª CK conseguiu autorização para a mudança de modalidade para Centro de Ensino em Período Integral José Salviano Azevedo.

O Centro de Ensino em Período Integral José Salviano Azevedo obteve a autorização de mudança de denominação, o recredenciamento e a renovação da autorização de funcionamento do ensino médio por meio da Resolução CEE/CEB N. 690/2018. Vale ressaltar que a partir do ano de 2020, a escola começou a ministrar os anos finais do ensino fundamental, conforme a portaria N. 2247/2020 SEDUC. Portanto no ano de 2022 a unidade escolar apresenta registros atende plenamente tanto no Regimento Escolar quanto no Projeto Político Pedagógico da escola que autorizam o ensino fundamental do 6º ao 9º ano, da referida instituição de ensino, onde a instituição passou a atender as turmas de 8° e 9° ano além de Ensino Médio.

FIGURA Nº 3: Colégio Estadual De Tempo Integral José Salviano Azevedo

O CEPI hoje encontra-se com um total de 301 estudantes e um quadro de 28 professores, atendendo assim um grande número de estudantes da comunidade. Com uma infraestrutura que segundo dados do Censo/2021, possui:

- Alimentação escolar para os alunos
- Água filtrada
- Água da rede pública
- Energia da rede pública
- Esgoto da rede pública
- Lixo destinado à coleta periódica
- Acesso à Internet
- Banda larga

E uma completa instalação de ensino com:

- 13 salas de aulas
- Sala de diretoria
- Sala de professores
- Laboratório de informática
- Laboratório de ciências
- Quadra de esportes descoberta
- Cozinha
- Biblioteca
- Banheiro adequado à alunos com deficiência ou mobilidade reduzida
- Sala de secretaria
- Despensa
- Almoxarifado
- Pátio coberto
- Pátio descoberto
- Área verde

- Atendimento Educacional Especializado (AEE)

  - Aulas no período da Manhã, tarde
  - Número de turmas 8 / Média de alunos por turma: 2

- Ensino Fundamental de 8º ao 9º anos - 8º Ano

  - Aulas no período da Manhã
  - Número de turmas 1 / Média de alunos por turma: 40
  - Inglês
  - Artes (Educação Artística, Teatro, Dança, Música, Artes Plásticas e outras)
  - Ensino Religioso
  - Educação Física

- Ensino Fundamental de 8º ao 9º anos - 9º Ano

  - Aulas no período da Manhã
  - Número de turmas 1 / Média de alunos por turma: 40
  - Inglês
  - Artes (Educação Artística, Teatro, Dança, Música, Artes Plásticas e outras)
  - Ensino Religioso
  - Educação Física

- Ensino Médio - 1ª Série

  - Aulas no período da Manhã
  - Número de turmas 2 / Média de alunos por turma: 38
  - Aula Presencial
  - Inglês
  - Espanhol
  - Artes (Educação Artística, Teatro, Dança, Música, Artes Plásticas e outras)
  - Filosofia
  - Sociologia
  - Estudos Sociais ou Sociologia
  - Educação Física

- Ensino Médio - 2ª Série

  - Aulas no período da Manhã
  - Número de turmas 2 / Média de alunos por turma: 28
  - Aula Presencial
  - Inglês
  - Espanhol
  - Artes (Educação Artística, Teatro, Dança, Música, Artes Plásticas e outras)
  - Filosofia
  - Sociologia
  - Estudos Sociais ou Sociologia
  - Educação Física

- Ensino Médio - 3ª Série

  - Aulas no período da Manhã
  - Número de turmas 2 / Média de alunos por turma: 22

- Aula Presencial
- Inglês
- Espanhol
- Artes (Educação Artística, Teatro, Dança, Música, Artes Plásticas e outras)
- Filosofia
- Sociologia
- Estudos Sociais ou Sociologia
- Educação Física

FIGURA Nº 4: Entrada Do CEPI José Salviano Azevedo

Escolher a escola que foi o alvo de minha investigação e o foco desta pesquisa dentro do conceito de Integração curricular não foram tarefas fáceis. Pois conhecendo por dentro esse era um assunto de bastante impacto entre os professores que ali estavam, uns por não acreditarem na eficácia de educação por um todo e outros por simplesmente não conhecerem a real proposta da Integração entre o núcleo comum e o diversificado, levando em conta apenas a importância prioritária das disciplinas básicas (língua portuguesa, matemática e outras).

Conforme procurava pelo tema da minha pesquisa e sua necessidade perante o desenvolver das ações futuras, levava em conta o tamanho da unidade de ensino, sua localização, receptividade dos profissionais envolvidos, aceitação dos alunos, percebia que vários obstáculos me eram impostos, não intencionalmente, pois o que transparecia era uma grande insegurança sobre esse princípio de uma interação entre os núcleos comum e diversificado gerando cada vez mais um enorme incômodo entre os professores colegas naquele momento.

Foram muitas observações, muitas conversas direcionadas, algumas desperdiçadas e outras de uma excelência total onde fui aprimorando-me de informações, atitudes, exemplos e claro conhecimentos que cada vez mais me indicavam o caminho a seguir.

Solicitei da Gestora Atual C.K. que permitisse a realização da pesquisa entre a unidade escolar e claro fui prontamente atendida. Iniciei uma longa conversa com todos os membros da escola e expus os propósitos de minha pesquisa. Após isso, obtive autorização para observar algumas aulas e entrevistar o corpo docente, que garantiumeu acesso, de bom grado, às aulas.

As observações aconteceram principalmente nas aulas de estudo orientado I e II, nas aulas de projeto de vida e também nas demais aulas pertencentes ao núcleo de integração curricular o qual eu era neste momento a coordenadora. As professoras destas disciplinas mostraram-se tranquilas e até animadas com a minha presença.

Grupo gestor, professores e funcionários trataram-me com respeito e amizade.

Para aplicar os questionários precisei recorrer a todos os professores tanto do núcleo comum quanto ao núcleo diversificado, pois eles atuavam em ambos. Isto porque assim alcançariam teoricamente a ideia real da integração curricular com excelência.

Diante dos questionários já respondidos tive bastante sorte, pois além de obter respostas escritas dos professores, pude trocar algumas ideias sobre o andamento da Escola de Tempo Integral sob o olhar de cada um deles com uma diversidade de entendimentos sobre a importância de se efetivar uma verdadeira Integração curricular.

A Escola Estadual José Salviano Azevedo faz parte da rede estadual de ensino no Estado de Goiás e foi transformada em CEPI em 2018 e, segundo a atual gestora CKT, a unidade escolar não contava com a estrutura necessária para o funcionamento em tempo integral. Mas essa realidade vem sendo transformada ano após ano com inúmeros investimentos feitos pelo atual Governo estadual.

Em 2017, oferecia Ensino Médio em tempo regular nos períodos matutino, vespertino e noturno.

Na época da coleta de dados, o CEPI atende ao 8º e 9º ano do ensino fundamental e às 1ª, 2ª e 3ª séries do ensino médio.

O corpo docente é composto por professores efetivos e contratos temporários. Há também profissionais de apoio – Inclusão social e coordenadores de áreas especificas como: matemática e suas tecnologias, ciências humanas, ciências da natureza, linguagem e suas tecnologias, integração curricular e coordenação pedagógica geral.

. Possuía um corpo administrativo de secretaria, limpeza e merenda escolar.

A equipe gestora da Unidade de ensino é composta por uma diretora pedagógica, uma coordenadora administrativa e financeira (CAF), uma secretária geral, uma coordenadora pedagógica, 3 coordenadoras de áreas específicas e uma coordenadora da Inclusão social - AEE

Com a adesão ao CEPI, a escola passou a ter em média por classe entre de 35 a 42, totalizando, aproximadamente, 350 estudantes atendidos num período de 9 horas consecutivas. Ofertando além de um estudo ampliado nos dois turnos (matutino e vespertino) 3 refeições diárias sendo o almoço sua principal refeição.

De acordo com alguns funcionários, com a implantação do CEPI trouxe alguns pontos de atenção, a escola perdeu inúmeros estudantes alguns de excelência, pois os pais não aceitaram as normas do projeto. Alunos que vieram de outras escolas não permaneceram por não conseguirem se adaptar principalmente quanto à carga horária de 9 horas consecutivas dentro da escola, alguns inclusive acreditavam que o filho estudava as “matérias importantes de manhã” e a tarde só “brincavam”.

As aulas do núcleo diversificado eram divididas nos períodos da manhã e da tarde, intercaladas pelas aulas do núcleo comum, assim os dois turnos tinham tanto aulas de um núcleo quanto do outro com o objetivo de acontecer de verdade a tal Integração curricular. A escola não possuía quadra esportiva em suas dependências, porém a mesma já está em construção. As aulas de

educação física são realizadas no ginásio municipal, esse fica localizado ao lado da unidade escolar.

O CEPI conta hoje com 3 pátios externos sendo um deles coberto para eventuais eventos e dois abertos para as socializações dos estudantes tanto nos horários de lanche quanto de almoço. Conta ainda com uma praça de alimentação com mesas e cadeiras disponíveis no horário do almoço. A Unidade oferece diariamente uma alimentação balanceada e adequada aos jovens estudantes.

A escola está localizada na cidade de Santa Helena de Goiás, em um bairro central e cercado por vários setores do comércio, tais como: farmácias, padarias, laboratórios, escolas de idiomas etc.

Esta escola não dispunha de salas-ambiente, mesmo assim livros de várias disciplinas estavam nas salas de aula e eram cedidos aos alunos para pesquisa, leitura ou consulta rápida, hoje ela conta uma ampla biblioteca com lousa digital onde o estudante pode realizar suas pesquisas com segurança e de eficácia com informações atuais e pontuais.

A sala de Informática contém 20 computadores com acesso à Internet, espaço esse destinado também a pesquisas acadêmicas disponível a todos os seguimentos da escola. Há um laboratório de ciências com um vasto equipamento de pesquisa e experiências. Há uma sala de robótica para construção de protótipos.

Todas as mudanças e adequações dentro da escola foram recebidas com muitos sorrisos, pois a mudança vinha dando certo,pois os professores são sensíveis, muitos já trabalhavam com projetos e estavam preparados para as eventualidades que uma inovação traz consigo.

A escola desenvolve a ideia de que todos os professores façam registros de seus projetos/ações em portfólios, isso evidencia o desenvolvimento das ações. Nestes portfólios, os docentes descrevem suas ações aplicadas nas aulas do núcleo diversificado durante o semestre e tem data marcada para apresentação deste material no decorrer do semestre, momento esse conhecido como Culminância das eletivas (disciplinas essas que fazem a verdadeira integração curricular entre as áreas do conhecimento) evento onde se apresentam os projetos desenvolvidos. Porém é ai que encontro o foco desta pesquisa – será que há mesmo uma integração curricular com eficácia, coerência e perspicácia entre as áreas do conhecimento como exigisse que aja nas diretrizes da escola de tempo integral? Foi então neste momento que surgiu o meu interesse por pesquisar como alcançar essa ideia de integração na plenitude de sua origem.

No início de cada semestre letivo o grupo de professores regentes precisam apresentar um projeto de eletiva que aborde os principais pontos de atenção detectados pela coordenação para ampliar o conhecimento acadêmico dos estudantes. Assim nascem as ideias de projetos onde o estudante poderá escolher a qual deles quer fazer parte durante o semestre.

A escola oferece também um espaço aconchegante e temático para as aulas de Projeto de Vida, onde os alunos constroem seus sonhos e elaboram estratégias para alcança-los pós ensino médio.

FIGURA Nº 5: Mapa Do Brasil Com Destaque Para O Estado De Goiás

Fonte: arquivo pessoal

Segundo dados do Instituto Histórico de Goiás (2021) e secretaria de infraestrura de Goiás (2022), o pontapé da história de Goiás se deu com a chegada dos bandeirantes, vindos de São Paulo, em busca de ouro, no final do século XVII e início do século XVIII. O contato entre nativos indígenas, negros e os bandeirantes foi fator decisivo para a formação da cultura do Estado, deixando como legado as principais cidades históricas, como Corumbá de Goiás, Pirenópolis e Goiás, antiga Vila Boa e primeira capital de Goiás.

O nome do Estado tem origem na denominação da tribo indígena “guaiás” que, por corruptela, se tornou Goiás. Vem do termo tupi “gwaya”, que quer dizer "indivíduo igual, gente semelhante, da mesma raça". De acordo com a história, Bartolomeu Bueno da Silva, conhecido como o Anhanguera, foi o primeiro bandeirante a ocupar Goiás. Entretanto, o Estado era conhecido e fazia parte da rota dos Bandeirantes já no primeiro século da colonização do Brasil.

As primeiras Bandeiras eram de caráter oficial e destinadas a explorar o interior em busca de riquezas minerais, e outras empresas comerciais de particulares organizadas para captura de índios. A Bandeira saiu de São Paulo em 3 de julho de 1722. O caminho já não era tão difícil como nos primeiros tempos. Três anos depois, os bandeirantes voltaram triunfantes a São Paulo, divulgando a descoberta de cinco córregos auríferos, minas tão ricas quanto as de Cuiabá, com ótimo clima e fácil comunicação.

Pouco tempo depois, os bandeirantes organizaram uma nova expedição para a exploração do novo território, tendo Bartolomeu, agora como superintendente das minas, e João Leite da Silva Ortiz, como guarda-mor. A primeira região ocupada foi a do Rio Vermelho, onde foi fundado o arraial de Sant’Ana, posteriormente chamado de Vila Boa e mais tarde de Cidade de Goiás. A época do ouro em Goiás foi intensa e breve. Após 50 anos, a mineração entrou em rápida e completa decadência. Por outro lado, só se explorou o ouro de aluvião, isto é, das margens dos rios, e a técnica empregada era rudimentar.

Goiás pertenceu até 1749 à capitania de São Paulo. Após esta data, tornou-se capitania independente. Com o declínio do ouro, o governo adotou medidas administrativas que não trouxeram resultado satisfatório. Não havia um produto tão vantajoso que pudesse substituir o ouro, até então, sinônimo de lucro fácil. Com a economia fragilizada, a sociedade goiana regrediu a uma economia rural e de subsistência.

Assim como no Brasil, o processo de independência em Goiás se deu gradativamente. A formação das juntas administrativas, que representam um dos primeiros passos neste sentido, deu oportunidade às disputas pelo poder entre os grupos locais. A partir de 1940, Goiás cresce rapidamente, graças a alguns fatores como a construção de Goiânia, o desbravamento do mato grosso goiano, e a campanha nacional "Marcha para o Oeste", que culmina na década de 50 com a construção de Brasília, e imprimem um ritmo acelerado ao progresso de Goiás.

Já na década de 1960, o Estado passa a apresentar um processo dinâmico de desenvolvimento. Nos anos mais recentes, Goiás passa a ser um grande exportador de commodities agropecuárias, com destaque para o rápido processo de industrialização. Hoje, está inserido no comércio nacional, aprofundando e diversificando, a cada dia, suas relações com os grandes centros comerciais. O processo de modernização agrícola na década de 1970 e o posterior desenvolvimento do setor agroindustrial na década de 1980 representaram uma nova página para o desenvolvimento do Estado de Goiás. A expansão desses setores ampliou as exportações e os elos da cadeia industrial goiana.

Apesar da suposta "vocação natural" do Estado para agricultura, o papel interventor do setor público, tanto federal como estadual, foi vital para o processo de modernização da agricultura e desenvolvimento do setor agroindustrial. Porém, há registros de que o setor público foi essencial para a estruturação dessas atividades no território goiano. As culturas priorizadas foram, principalmente, a soja, o milho e, mais recentemente, a cana-de-açúcar. Tais culturas foram selecionadas devido ao seu maior potencial exportador e maior encadeamento com a indústria.

Em meio a essas transformações, em 1988, o norte do Estado foi desmembrado, dando origem ao Estado do Tocantins. A partir da década de 1990 houve maior diversificação do setor industrial por meio do crescimento de atividades do setor de fabricação de produtos químicos, farmacêuticos, veículos automotores e produção de etanol. Fator responsável pela atração desse capital foram os programas de incentivos fiscais estaduais implementados a partir da década de 1980.

O dinamismo econômico provocado por todos esses processos ocasionou também a redistribuição da população no território, por meio de um intenso êxodo rural. As novas formas de produção adotadas, intensivas em capital, foram as principais responsáveis pela mudança da população do campo para a cidade. As cidades que receberam a maior parte desses migrantes do campo foram a capital, Goiânia, as cidades da região do Entorno de Brasília, como Luziânia e Formosa, e as cidades próximas às regiões que desenvolveram o agronegócio, como Rio Verde, Jataí, Cristalina e Catalão.

Goiás também se tornou um local de alto fluxo migratório nas últimas décadas, sendo considerado um dos Estados com maior fluxo migratório líquido do país. As principais razões para esse alto fluxo migratório são a localização estratégica, que interliga praticamente todo o país por eixos rodoviários, o dinamismo econômico e a proximidade com a capital federal, Brasília. De acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) (2020), o estado de Goiás ocupa uma área de 340.242,854 km² do território brasileiro, como uma população estimada em 2021 de 7.206.589 pessoas, com densidade demográfica 17,65hab/km² em 2010.

FIGURA Nº 6: Reportagem Do G1

Goiás: 1º lugar no Ideb

Formulado para medir a qualidade do aprendizado nacional, o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb) confirma a importância de acreditar e investir na educação

Fonte: https://g1.globo.com/go/goias/especial-publicitario/secom-goias/educacao-em-todo-canto de-goias/noticia/2021/08/16/a-melhor-educacao-do-brasil-e-de-goias-1o-lugar-no-ideb.ghtml

Segundo o IBGE no ano de 2020, o estado de Goiás tinha 861.291 alunos matriculados ensino fundamental, 254.320 alunos matriculados no ensino médio. Além disso, segundo o IBGE o Estado de Goiás possui 39.709 docentes no ensino fundamental e 15.706 docentes no ensino médio, distribuídas em 4384 escolas entre públicas e privadas. E o decimo primeiro estado mais rico do Brasil, dentre as 27 unidades federativas do país. Em dimensão territorial no Brasil, o estado de Goiás é decimo segundo. Ainda segundo os dados do IBGE de 2019 e 2021, o Estado de Goiás ocupa a primeira colocação no ranque do IDEB nos anos iniciais e finais do Ensino Fundamental e Médio no Brasil. O estado de Goiás tem como capital a cidade de Goiânia, fundada em 24 de outubro de 1933, e localizada no sudoeste do Estado de Goiás encontra-se Santa Helena de Goiás. A história de Santa Helena de Goiás começou com a chegada da família de Custódio P. Vêncio, que veio de Buriti Alegre, em 1934, com o propósito de adquirir terras para, conforme alguns historiadores, fundar uma nova cidade. Na região havia duas fazendas, a São Tomás e a Campo Alegre.

FIGURA Nº 7: Cidade De Santa Helena De Goiás

FIGURA Nº 8: Mapa Da Divisão Regional Da Cidade De Santa Helena De Goiás

Santa Helena de Goiás
GO, 75920-000

A história de Santa Helena de Goiás começou com a chegada da família de Custódio P. Vêncio, que veio de Buriti Alegre, em 1934, com o propósito de adquirir terras para, conforme alguns historiadores, fundar uma nova cidade. Na região havia duas fazendas, a São Tomás e a Campo Alegre, nas margens dos rios Verdão, São Tomás e Campo Alegre. Segundo o historiador César de Freitas Silva, Custódio P. Vêncio comprou a fazenda às margens do ribeirão Campo Alegre. Ele e os moradores da redondeza sonhavam com a fundação de uma cidade e partiram para executar a obra. Ainda de acordo com César Silva, Custódio já tinha até um nome em sua mente para o local: Santa Helena, em homenagem à sua protetora.

Santa Helena começou a ser construída, efetivamente, no dia 8 de outubro de 1938, quando foi realizado um grande mutirão para desmatar o local da sede do futuro município. Depois do trabalho de desmatamento concluído, houve um grande churrasco em comemoração. Apesar do desejo de seu fundador, no dia 14 de outubro de 1943, a localidade passava a distrito, mas com o nome de Ipeguari, expressão indígena que significa Campo Alegre. A emancipação e a adoção do nome atual aconteceram no dia primeiro de janeiro de 1949.

Comarca criada com a denominação de Santa Helena de Goiás, pela lei estadual nº 746, de 24-06-1953.

Distrito criado com a denominação de Ipeguari ex-povoado de Santa Helena, pelo decreto-lei estadual nº 8305, de 31-12-1943, subordinado ao município de Rio Verde. No quadro fixado para vigorar no período de 1939-1943, o distrito de Ipeguari, figura no município de Rio Verde.

Elevado à categoria de município com a denominação de Santa Helena de Goiás, pela lei estadual nº 191, de 20-10-1948, desmembrado de Rio Verde. Sede no atual distrito de Santa Helena ex-povoado de Ipeguari.

Em divisão territorial datada de I-VII-1960, o município é constituído do distrito sede. Assim permanecendo em divisão territorial datada de 2007.

Alteração Toponímica Distrital: Ipeguari para Santa Helena de Goiás alterado, pela lei estadual nº 191, de 20-10-1948.

1.6. Participantes da pesquisa

O processo de coleta de dados em campo ocorrerá no Colégio Estadual de Tempo Integral (CEPI) – Unidade Madre Germana, localizado em Santa Helena de Goiás- GO, Brasil. Instituição pública que funciona com verbas públicas estaduais e federais provenientes da arrecadação de impostos da Indústria, comércios e serviços públicos. Esta Unidade Escolar.

A escolha da Unidade Escolar para a pesquisa se dá pelo fato de estar localizado na região central de Santa Helena de Goiás, bairro que acumulava vários problemas de violência. Apesar disso, a escola supracitada é considerada pela comunidade circunvizinha, uma instituição que proporciona um ensino de qualidade, possuidora de bons professores, com o propósito de formar bons cidadãos.

Como a pesquisa utilizará o enfoque qualitativo que busca entender a perspectiva dos participantes acerca dos fenômenos que os rodeiam, além de aprofundar suas experiências, seus pontos de vista, suas opiniões e seus significados acerca da subjetividade de sua realidade. Segundo Marconi e Lakatos (2009, p 27):

> Quando se deseja colher informações sobre um ou mais aspectos de um grupo grande ou numeroso, verifica-se, muitas vezes, ser praticamente impossível fazer um levantamento do todo. Daí a necessidade de investigar apenas uma parte dessa população ou universo. O problema da amostragem é, portanto, escolher uma parte (ou amostra), de tal forma que ela seja a mais representativa possível do todo e, a partir dos resultados obtidos, relativos a essa parte, poder inferir, o mais legitimamente possível, os resultados da população total, se essa fosse verificada (pesquisa censitária).

Os participantes foram selecionados de maneira intencional. A amostra é composta por três (03) professoras, que atuaram no núcleo diversificados e também na coordenação de área a qual foi aplicado uma entrevista. Além disso, apliquei um questionário a vinte e três (23) professores da escola onde atuo como coordenadora da integração curricular, a fim de conhecer o que pensam sobre a educação deste projeto.

1.6.1 Professores

Três (03) professoras do núcleo diversificado e vinte e três (23) professores responsáveis pelas disciplinas dos componentes curriculares obrigatórios do Ensino Fundamental nos 9º anos e Ensino Médio 1ª a 3ª série pois estes professores são responsáveis pelo processo de formação das competências educacionais dos alunos, bem com, fornecem dados do cotidiano das práticas pedagógicas podem compartilhar os desafios encontrados nessa prática.

TABELA Nº 5: PARTICIPANTES DA INVESTIGAÇÃO

PARTICIPANTES		Instrumento
Professores que atuam no núcleo diversificado	3	Entrevista

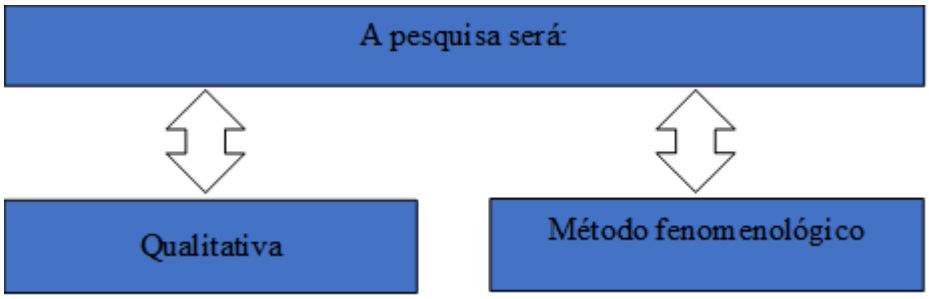
Professores do Ensino Fundamental 9º ano e Professores Ensino Médio 1º ao 3º ano	23	Questionário
TOTAL	26	

Portanto, pretende-se obter dados a partir da pesquisa destinada ao Colégio Estadual de Tempo Integral de Goiás Unidade José Salviano Azevedo, através da observação estruturada/sistemática, da entrevista aberta a três (03) professoras do núcleo diversificado e um questionário realizado com vinte e três (23) professores, visto serem estes, os participantes delimitados para este estudo.

A coleta de dados será efetivada no ano de 2023, compreendendo os meses entre janeiro a dezembro de 2023, finalizando os últimos ajustes entre janeiro a março de 2024, tempo que se estima o suficiente para o fechamento desta investigação.

1.7. Desenho da pesquisa

TABELA Nº 6: ESQUEMA DO DESENHO E ENFOQUE DA PESQUISA



Levando em consideração os fundamentos teóricos de Marconi e Lakatos (2009) e Gil (2006), bem como, os postulados de Sampieri, Collado e Lucio (2006), almejamos realizar a presente pesquisa sob os fundamentos da abordagem qualitativa e método fenomenológico. De acordo com Sampieri, Collado e Lucio (2006, p 10):

> Os estudos qualitativos envolvem a coleta de dados utilizada técnicas que não pretendem medir nem associar as medições e números, tais como observação não estruturada, entrevistas abertas, revisão de documentos, discursão em grupos, avaliação de experiências pessoais, inspeção de histórias de vida, análise semântica e de discursos cotidianos, interação com grupos ou comunidades e introspecção.

Como método essa investigação utilizará o enfoque fenomenológico que segundo Gil (2008, p.14):

> Nas pesquisas realizadas sob o enfoque fenomenológico, o pesquisador preocupa-se em mostrar e esclarecer o que é dado. Não procura explicar mediante leis, nem deduzir com base em princípios, mas considera imediatamente o que está presente na consciência dos sujeitos. O que interessa ao pesquisador não é o mundo que existe, nem o conceito subjetivo, nem uma atividade do sujeito, mas sim o modo como o conhecimento do mundo se dá, tem lugar, se realiza para cada pessoa.

Assim sendo, este enfoque descreve e explica como o fenômeno acontece no tempo e espaço, buscando entender características e experiências no qual se efetivou o acontecimento, apontando assim, subsídios para criar e elaborar generalizações que nos ajudará no desenvolvimento da pesquisa. Gil (2008, p15) esclarece:

> A pesquisa fenomenológica parte do cotidiano, da compreensão do modo de viver das pessoas, e não de definições e conceitos, como ocorre nas pesquisas desenvolvidas segundo a abordagem positivista. Assim, a pesquisa desenvolvida sob o enfoque fenomenológico procura resgatar os significados atribuídos pelos sujeitos ao objeto que está sendo estudado.

Deste modo este estudo utilizará técnicas padronizadas (entrevista aberta, questionário e observação estruturada) de coleta de dados, descrevendo o fenômeno ou a situação de uma educação baseada nos princípios da Disciplina, Cidadania e Civismo tem melhorado a conduta educacional e a socialização de adolescentes e jovens em Goiás, permitindo examinar com exatidão a concepção de educação e estratégias didáticas e pedagógicas adotadas no CEPI, desvendando a relação entre estes eventos.

1.8. Técnicas e instrumentos da coleta de dados

Segundo Marconi e Lakatos (2003, p 167), "o processo de análise e interpretação dos dados corresponde à etapa final do estudo de pesquisa". Ou seja, é o tratamento aplicado aos dados coletados junto aos documentos e pessoais em geral, com o propósito de construir uma argumentação relevante que responda aos objetivos da pesquisa, bem como, ao problema central adotado como propósito da investigação.

Nesta investigação optou-se pelo tratamento dos dados segundo Gil (2008, p 175), que esclarece que a análise dos dados na pesquisa qualitativa passa a depender muito da capacidade e do estilo do pesquisador.

Para Gil (2008, p 176 e 177) a pesquisa qualitativa apresenta três etapas na análise dos dados: redução, exibição e conclusão/verificação.

> A redução dos dados consiste no processo de seleção e posterior simplificação dos dados que aparecem nas notas redigidas no trabalho de campo. Esta etapa envolve a seleção, a focalização, a simplificação, a abstração e a transformação dos dados originais em sumários organizados de acordo com os temas ou padrões definidos nos objetivos originais da pesquisa. Esta redução, embora corresponda ao início do processo analítico, contínua ocorrendo até a redação do relatório final. Nesta etapa é importante tomar decisões acerca da maneira como codificar as categorias, agrupá-las e organizá-las para que as conclusões se

> tornem razoavelmente construídas e verificáveis. A apresentação consiste na organização dos dados selecionados de forma a possibilitar a análise sistemática das semelhanças e diferenças e seu inter-relacionamento. Esta apresentação pode ser constituída por textos, diagramas, mapas ou matrizes que permitam uma nova maneira de organizar e analisar as informações. Nesta etapa geralmente são definidas outras categorias de análise que vão além daquelas descobertas na etapa de redução dos dados.
>
> A terceira etapa é constituída pela conclusão/verificação. A elaboração da conclusão requer uma revisão para considerar o significado dos dados, suas regularidades, padrões e explicações. A verificação, intimamente relacionada à elaboração da conclusão, requer a revisão dos dados tantas vezes quantas forem necessárias para verificar as conclusões emergentes. Os significados derivados dos dados precisam ser testados quanto à sua validade. Cabe considerar, no entanto, que o conceito de validade é diferente do adotado no contexto das pesquisas quantitativas, que se refere à capacidade de um instrumento para medir de fato aquilo que se propõe a medir. Aqui validade significa que as conclusões obtidas dos dados são dignas de crédito, defensáveis, garantidas e capazes de suportar explicações alternativas.

Após o recolhimento de dados, pretende-se um minucioso trabalho no sentido de organizar o material adquirido durante a investigação. Faz -se necessário observar possíveis falhas, erros ou dúvidas para posterior exposição dos significados encontrados ao longo da investigação, confirmando ou não os pressupostos levantados na pesquisa.

A coleta de dados é de fundamental importância para o sucesso da investigação, por constituírem-se no elemento comprobatório do levantamento teórico apresentado, além de possibilitar uma análise em campo e fomentar reflexões sobre adequações ou não da teoria às realidades. A escolha da técnica adequada é de vital importância, pois é por meio dessa técnica que serão obtidas as informações que se pretenda investigar.

Para Marconi e Lakatos (2009, p 19):

> As técnicas de coleta de dados são um conjunto de regras ou processos utilizados por uma ciência, ou seja, corresponde à parte prática da coleta de dados. Durante a coleta de dados, diferentes técnicas podem ser empregadas, sendo mais utilizados: a entrevista, o questionário, a observação e a pesquisa documental.

Na investigação sobre "a Criação das Escolas De Tempo Integral em Goiás e sua Influência na Educação de Adolescentes e Jovens". pretende-se utilizar como técnica para coleta de dados as entrevistas abertas e a observação estruturada.

1.8.1. Entrevista Aberta

A entrevista é uma técnica de coleta de dados onde o pesquisador tem um contato mais direto com a pessoa, no sentido de se inteirar de suas opiniões acerca de um determinado assunto. Esse método requer do pesquisador um cuidado especial na sua elaboração, desenvolvimento e aplicação, sem contar que os objetivos propostos devem ser efetivamente delineados, a fim de que se obtenha o

resultado pretendido. Marconi e Lakatos (2009, p 80 e 81) definem entrevistas e seu objetivo como:

> A entrevista é um encontro entre duas pessoas, a fim de que uma delas obtenha informações a respeito de determinado assunto, mediante uma conversação de natureza profissional. E um procedimento utilizado na investigação social, para a coleta de dados ou para ajudar no diagnóstico ou no tratamento de um problema social.
>
> A entrevista é importante instrumento de trabalho nos vários campos das ciências sociais ou de outros setores de atividades, com o da Sociologia, da Antropologia, da Psicologia Social, da Política, do Serviço Social, do Jornalismo, das Relações Públicas, da Pesquisa de Mercado e outras.

A entrevista tem com o objetivo principal a obtenção de informações do entrevistado, sobre determinado assunto ou problema. A entrevista aberta é uma técnica de pesquisa qualitativa em que o pesquisador através de uma experiência presencial ou semipresencial, realiza perguntas baseadas e em roteiro livre ou semiestruturado a um entrevistado. Como a investigação usará o método fenomenológico, o objetivo será o de atingir o máximo de clareza nas descrições dos fenômenos sociais.

1.8.2. Questionário

O questionário foi construído com questões simples e subjetivas, buscando conhecer a formação acadêmica dos professores; as condições ofertadas aos professores para desempenharem o papel de educador em sala de aula; conhecer as práticas docentes de cada um para identificá-los em suas disciplinas como por exemplo a disciplina de Eletiva; conhecer os espaços físicos disponíveis dentro da Unidade escolar; conhecer a distribuição de tempo ofertada em aulas e projetos observando os aspectos positivos e negativos; identificar os desafios vividos na profissão de professor de Escola em Tempo Integral dentro da cidade de Santa Helena de Goiás e por fim conhecer os avanços que desde a sua iniciação como Escola de Tempo Integral o colégio que antes era regular veio conquistando ano após ano, através dos resultados avaliativos internos e externos.

1.8.3. Observação estruturada

A observação estruturada é um método que o pesquisador observa as etapas e as dificuldades que possam surgir no decorrer do processo e nos resultados do trabalho. A observação deve ser realizada até a obtenção dos resultados almejados**.** Marconi e Lakatos (2003, p 191 e 192), defini a observação como:

> A observação é uma técnica de coleta de dados para conseguir informações e utiliza os sentidos na obtenção de determinados aspectos da realidade. Não consiste apenas em ver e ouvir, mas também em examinar fatos ou fenômenos que se desejam estudar. É um elemento básico de investigação científica, utilizado na pesquisa de campo e se constitui na técnica fundamental da Antropologia. A observação ajuda o pesquisador a identificar e a obter provas a respeito de objetivos sobre os quais os indivíduos não têm consciência, mas que orientam seu

> comportamento. Desempenha papel importante nos processos observacionais, no contexto da descoberta, e obriga o investigador a um contato mais direto com a realidade. É o ponto de partida da investigação social.

A observação estruturada se caracteriza por ser uma ação minuciosamente planejada, que visa a atender critérios preestabelecidos. Assim, ao pesquisador se mantem o mais objetivo possível, eliminando por completo sua influência sobre os fenômenos em estudo e se limitando a somente descrever informações precisas acerca do fato em questão.

A observação estabelece uma comunicação intencional entre o observador e o fenômeno observado de forma planejada, levando em consideração as questões arroladas, o que possibilita ao observador delineie o seu objeto de estudo. A parte central ou mais importante da observação é o de vincular os objetivos colocados no intuito de validar a pesquisa, quando o roteiro de observação sistemática/estruturada é construído ponto a ponto com os objetivos que se pretende atingir, aliado e complementando os demais instrumentos de coleta de dados.

1.8.4. Análise documental

A análise documental nasce a partir da necessidade do conhecimento bibliográfico da instituição a ser pesquisada. Nesta etapa, os dados poderão ser analisados, porém não sofrem quaisquer alterações, pois normalmente fazem parte de leis, normas e projetos internos da escola.

A análise documental "é uma operação ou um conjunto de operações visando representar o conteúdo de um documento sob uma forma diferente da original, a fim de facilitar, num estado ulterior, a sua consulta e referenciação" (Bardin, 2016, p. 51). E complementam Lakatos e Marconi (2003, p. 158) que representa esta é uma fonte indispensável de informações, pois "antes de iniciar qualquer pesquisa de campo, o primeiro passo é a análise minuciosa de todas as fontes documentais, que sirvam de suporte à investigação projetada".

Nesta pesquisa, a análise documental tornou-se importante no momento em que foi possível extrair dos documentos informações contidas a respeito do assunto a ser analisado, as normas e regras, bem como, conhecer o organograma funcional de CEPI.

Nesta acepção, para enriquecer os dados coletados, foi aplicado também nesta pesquisa a análise documental por se tratar de uma técnica qualitativa, utilizando como base, documentos oficiais escolares, que neste caso faz referência à análise do Projeto Político Pedagógico (PPP), do Regimento Interno do CEPI.

A vantagem de usar essa técnica em uma pesquisa qualitativa é por se tratar de uma técnica não intrusa e os dados têm forma permanente. Entretanto, para isso seja de fato relevante para um estudo científico, deve-se levar em consideração a credibilidade do documento analisado.

Por sua vez, cita-se abaixo os documentos que foram abordados nesta análise: O PPP e o Regimento Interno dos CEPI.

1.8.4.1. Projeto Político Pedagógico

O Projeto Político Pedagógico trata-se de uma proposta educacional que a escola elabora objetivando a coletividade efetiva entre a comunidade, ou seja, alunos, pais e equipe pedagógica. Conforme disposto no PPP do CEPI a elaboração do PPP é uma necessidade, haja vista que um documento que registrar os dados, o contexto social, o planejando a curto, médio e longo prazo, sistematizar a sua prática educacional.

A LDB, Lei 9.394/96, prevê no art. 12, inciso I, que os "estabelecimentos de ensino, respeitadas as normas comuns e as do seu sistema de ensino terão a incumbência de elaborar e executar sua proposta pedagógica". Esse preceito legal está sustentado na ideia de que a Unidade Educacional deve assumir como uma de suas principais tarefas o trabalho de refletir sobre sua intencionalidade educativa.

No caso do CEPI, essa regra não aplica na individualidade e sim na coletividade, pois as regras e normas de uma unidade é a mesma para as suas outras diversas unidades no Estado de Goiás. O que fere a Lei 9394/96.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB nº 9.394/96) ampara o PPP como Proposta Pedagógica em seus artigos 12 e 13; e, como Projeto Pedagógico, em seu artigo 14, inciso I. Desta forma, entende-se que esta proposta educacional tem amparo legal no âmbito jurídico.

O PPP do CEPI está intimamente atrelado ao Regimento Interno que orienta a conduta dos integrantes da SEDUC e que reflete a maneira de ser e agir da Instituição, é humanística e inspirada nos ideais de solidariedade e justiça.

O PPP do CEPI é na verdade um apêndice do Regimento Interno, tendo compromisso o desenvolvimento da educação cidadã, através de uma prática educacional voltada para a compreensão da realidade social, dos direitos e responsabilidades em relação à vida pessoal e coletiva.

O Projeto Político Pedagógico (PPP) do CEPI faz referência a uma educação, homogenia, sem levar em conta as desigualdades econômicas, e sociais, visto que, as unidades escolares estão localizadas em regiões distintas no Estado de Goiás.

O PPP apresenta visão dos CEPIs em ser Colégios de referência pelo comprometimento com a qualidade da educação, organização e disciplina, desenvolvimento de notáveis qualidades acadêmicas dos alunos, além de uma clara compreensão de seu papel na construção de uma sociedade justa e humana. Valorizar as potencialidades individuais do educando, fundamentando-as em princípios de disciplina, de respeito, de dignidade e de ética.

Projeto político pedagógico dos CEPIs, tem como objetivo de otimizar da disciplina como fator preponderante, em consonância aos princípios hierárquicos, promoção de valores éticos até a meritocracia. Sua perspectiva é delinear o espaço de forma a ser organizado e acolhedor, na perspectiva de que haja uma possível melhoria no quesito aprendizagem para gerar, assim, um benefício mutuo à coletividade.

1.8.4.2. O Regime Interno do CEPI

O Regimento Interno do CEPI é parte do nosso corpus. Fazemos uma breve descrição desse regimento, composto por normas que estão dispostas em oito Títulos, organizados em quinze capítulos, distribuídos em vinte e quatro seções e nove subseções. O detalhado documento está redigido em linguagem jurídica do gênero legislativo. No Título I estão especificadas as parcerias responsáveis pela criação e pelo funcionamento do CEPI, o nível de ensino em que está inserido e

estão explicitadas, também, a "Natureza, a Personalidade Jurídica e a Identificação" do colégio. Aqui são enumerados os "Princípios, os fins e os objetivos da educação". Assim, mostramos a visão do CEPI quanto ao desenvolvimento e a ampliação do saber, Regimento CEPI, Título I, Capítulo II:

> Art. 4º O ensino ministrado será baseado nos seguintes princípios, fins e objetivos: I- Igualdade de condições para acesso e permanência na escola, dentro das normas previstas neste Regimento; II- Liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar a cultura, o pensamento, a arte e o saber; III- Pluralismo de ideias e de concepções pedagógicas; IV- Respeito à liberdade e apreço à tolerância.

No Título II temos a especificação da "Gestão Escolar" e o Título III contém informações acerca da "Estrutura Organizacional" do CEPI, indicando que o referido colégio está subordinado à Secretaria de Educação do Estado de Goiás, devendo, ainda, submeter-se aos seus planejamentos, coordenação, supervisão e controle. Esse Título III divide-se, detalhadamente, em cinco capítulos, quinze seções e nove subseções.

O capítulo I do Título III apresenta informações referentes à função, às competências e às atribuições do comandante e diretor do CEPI. O Capítulo II fala da formação de ensino e dá informações referentes à coordenação pedagógica e ao componente curricular, com as atribuições específicas de cada um na hierarquia escolar. O que nos faz lembrar que, tudo isso foi dito através do discurso contido no documento aqui analisado, através do qual podemos perceber o controle do discurso escolar dentro da ordem do discurso militar que, por meio das regras contidas no Regimento Interno do CEPI, diz quem pode dizer o que e quando. Ao proibir o aluno de conversar enquanto está em forma, por exemplo, o documento nos diz que o discurso dos estudantes é controlado, medido.

Assim, na subseção II há informações relacionadas aos projetos e eventos e nela se afirmar que eles são chefiados por um pedagogo auxiliado por profissionais civis, portanto, técnicos, e disciplinados por normas que estão dispostas nos cinco itens dessa subseção. Na sequência, colocam-se os aspectos referentes aos laboratórios: o de Ciências da Natureza, o de Informática, o de Matemática e Física, o de Educação Física e Desporto. Tudo com o objetivo de melhorar e dinamizar o processo de ensino-aprendizagem no que diz respeito aos conhecimentos e, finalmente, as atribuições do corpo docente e dos técnicos do colégio, dispostas no artigo 36 e distribuídas em onze itens.

No Título III do Regimento, especificações sobre a "Coordenação de Sucesso do Aluno", responsável pela administração controlada dos alunos em direção ao sucesso na aprendizagem. Em seguida, mencionam-se os recursos didáticos disponíveis no CEPI, bem como as regras que orientam o uso desses recursos.

O Título IV divide-se em quatro capítulos, os quais abrigam desde o artigo 78 até o artigo 101, e se refere à sistemática administrativa escolar, ou seja, à matrícula, transferência e desvinculação dos alunos do CEPI, além de aspectos referentes à escrituração e ao arquivo de documentos e notas.

O Título V comporta elementos sobre a organização pedagógica do CEPI, tais como o currículo, o calendário escolar, a avaliação da aprendizagem, a verificação do rendimento escolar, da recuperação, da promoção, do avanço e aproveitamento de estudos, da aceleração dos estudos do aluno do CEPI, da sua classificação e reclassificação e da progressão.

O Título VI, em seus três capítulos, duas seções, 23 artigos e seis incisos, dispõe sobre os direitos, os deveres e as sanções da comunidade escolar, que é formada pelos técnicos (professores e funcionários técnico-administrativos), pelos estudantes e pelos pais ou responsáveis. Além disso, o

documento também traz a definição acerca dos membros dessa comunidade escolar.

Finalmente, no Título VII encontram-se as disposições finais do documento, bem como a proibição da circulação de animais na área da escola, a indicação de quem é o responsável por resolver os casos omissos e as dúvidas, dentre outras informações. No final 27 das normas, há a previsão de possíveis modificações nas normas contidas no documento, a data em que foi assinado e quem o assinou.

O capítulo II define e especifica as transgressões disciplinares e é composto por 98 incisos reguladores e disciplinadores. Segundo o Regulamento Disciplinar do CEPMG (2020, p. 103), transgressões disciplinares "são quaisquer violações dos preceitos de ética, dos 29 deveres e obrigações das regras de convivência social e dos padrões de comportamento impostos aos estudantes".

Já o capítulo III apresenta as formas e os procedimentos para o julgamento das transgressões que o julgador deve, ao julgar o estudante, considerar: a pessoa e o comportamento anterior do transgressor; as causas que a determinaram; a natureza dos fatos ou atos que a envolvem; as consequências que dela possam advir (p. 103). Tudo num detalhamento que se insere na ordem discursiva do disciplinamento.

O Título V contém informações sobre o conselho de ensino do CEPI. Tais informações estão dispostas desde o artigo 38 até o 41. O Conselho de Ensino é classificado e composto da seguinte maneira conforme Regulamento Disciplinar do CEPI, 2020, p. 107:

> O Conselho de Ensino – CE é órgão auxiliar, sendo um colegiado de natureza consultiva e deliberativa, e tem por fim acompanhar e avaliar o processo ensino aprendizagem, bem como o comportamento dos alunos, tanto no âmbito geral quanto no âmbito específico de cada série, contribuindo para a melhoria do processo pedagógico e administrativo, como também promover a interação Escola Comunidade.

Finalmente no Título VI estão contidas informações sobre os casos omissos e, como todo documento oficial, este vem assinado e contém a data em que entrou em vigor em 2020.

O Regimento Interno é o documento que estrutura, define, regula e normatiza as ações da Instituição de Ensino CEPI.

1.9. Elaboração e validação dos instrumentos

A elaboração do instrumento e sua validação oferecem ao pesquisador a possibilidade de coletar os dados necessários para que possam permitir se chegar aos resultados almejados. A validação da investigação por vezes enfrenta percalços na interpretação, entretanto, Alvarenga (2019, p. 61) explica que para resolver esse problema, "o ideal é que ao terminar de coletar os dados já se revise os mesmos, para controlar se estão completos, de maneira que no mesmo momento se possa detectar se há erros ou falências para que possam ser corrigidas a tempo".

Deve-se, portanto, respeitar as técnicas a serem utilizadas, pois trata-se de um processo contínuo, com procedimentos diferentes para que se possa comprovar se os dados coletados na entrevista são de fato confiáveis.

Para assegurar a confiabilidade e a credibilidade das informações, o pesquisador deve

preparar o guia de entrevistas de maneira formal, “que pode ir desde o alinhamento dos enunciados [...], proposição por proposição [...] para padronização” (Bardin, 2016, p. 131). Por isso, é indispensável a aprovação dos doutores da área disciplinar, com o intuito de analisar a relevância das perguntas para só então, validar os instrumentos da pesquisa a ser aplicada.

Neste sentido, para validação dos instrumentos de coleta de dados, construiu-se entrevistas e questionários para os professores do Ensino Fundamental e Médio, sendo encaminhado posteriormente aos doutores da área disciplinar para análise e ajustamento de dados que não estejam de acordo com o proposto nos objetivos desta investigação.

1.10. Procedimentos para a coleta de dados

Os procedimentos para coleta de dados perfazem uma etapa de grande relevância para responder aos objetivos propostos. Gil (2018, p. 99) esclarece que:

> Nos levantamentos que se valem da entrevista como técnica de coleta de dados, [...] Mesmo que as respostas possíveis não sejam fixadas anteriormente, o entrevistador guia-se por algum tipo de roteiro, que pode ser memorizado ou registrado em folhas próprias.

Primeiramente buscou-se fazer um filtro das escolas militarizadas na cidade Goiânia em agosto de 2015. Para realizar a pesquisa foi selecionado o CEPI José Salviano Azevedo que nos anos anteriores a sua integralização era considerado a pior escola em desempenho escolar da rede estadual de educação de Goiás. E que após a integralização houve melhorias na qualidade do ensino e na conduta e socialização de jovens e adolescentes.

Entre agosto e setembro de 2023, foram construídas as entrevistas aos participantes e, em seguida, enviadas para análise dos professores doutores especialistas na área da educação, com o intuito de viabilizar e validar o instrumento elaborado.

Após validação favorável do instrumento, será iniciada a coleta de dados, realizando juntamente, uma observação da escola escolhida para a pesquisa de campo deste estudo, com o intuito de examinar no contexto atual desta escola.

Assim sendo, os procedimentos para coleta de dados devem estar de acordo com os objetivos propostos na pesquisa. Os dados obtidos através da entrevista aberta têm o objetivo de responder a problemática que envolve a temática da tese. Todas as questões no guia de entrevistas serão aplicadas aos participantes (professores) e, assegura-se que foram desenvolvidas pelo pesquisador e, posteriormente enviadas aos doutores da área da educação, com o objetivo de aprovação e consequente aplicabilidade aos autores envolvidos.

A pesquisa de campo, com duração de aproximadamente 10 meses, aconteceu no cotidiano escolar da Escola Estadual CEPI José Salviano Azevedo.

Utilizei, como já foi anunciado no início deste capítulo, quatro procedimentos metodológicos para a coleta de dados da pesquisa: realizei observações no cotidiano das aulas; realizei entrevistas semiestruturadas com três professoras que atuaram nas aulas do núcleo diversificado; apliquei questões abertas professores da Escola de Tempo Integral e, também, procedemos a análise documental, consultando as Diretrizes Gerais da Escola de Tempo Integral, Resoluções e alguns registros da escola em questão.

Ficar mais próximos das atividades propostas e dos professores que atuam nas Oficinas foi nossa intenção primeira, por entendermos o valor da observação para nosso estudo:

> Usada como o principal método de investigação ou associada a outras técnicas de coleta, a observação possibilita um contato pessoal e estreito do pesquisador com o fenômeno pesquisado, oque apresenta uma série de vantagens. Em primeiro lugar, a experiência direta é sem dúvida o melhor teste de verificação da ocorrência de um determinado fenômeno. “Ver para crer”, diz o ditado popular (Ludke e André, 1986, p. 27).

Durante o processo de observação, procuramos determinar “o quê” (Oficina) e“o como” observar (como sistematizar os dados no diário de campo). O nosso grau de participação classificou-se como participante, pois não só observamos e assistimos às atividades desenvolvidas, mas, principalmente, dialogamos com os sujeitos, opinamos quando fomos requisitados.

Em face de uma nova realidade, observar a atuação do docente junto as Oficinas fazem-se tarefa desafiadora a uma pesquisadora principiante. Vianna (2003, p.75) chama a atenção para os cuidados que precisam ser observados:

> O observador precisa considerar que o ensino ocorre em diferentes locais, com diferentes estruturas arquitetônicas, com salas de diferentes tamanhos, cujos espaços são organizados de diferentes maneiras por diversos professores que adotam várias formas de conduzir o processo de aprendizagem.

De acordo com Vianna (2003, p. 55), a observação participante se complementa, ainda, com entrevistas formais, por exemplo, na escola, gravadascom professores isoladamente ou com todo o corpo docente, envolvendo também, quando for o caso, os pais e elementos da diretoria, ou entrevistas informais com o diretor, o corpo docente e os pais. Além de outras observações fora da escola e a revisão da documentação existente e relacionada ao objeto da pesquisa.

As observações aconteceram na própria Escola, após uma conversa com a diretora desta unidade de ensino CK e nossa apresentação junto ao corpo docente colegas, explicando aintenção deste estudo.

Foram três as Oficinas observadas: Informática/robótica, Atividades Artísticas e Filosofia. Realizamos dez observações distribuídas entre três professoras: foram três observações na Oficina de Informática, três na Oficina de Artes e quatro na Oficina de Filosofia. Sendo que sentimos maior facilidade nas Oficina de Artes pertencentes ao Núcleo Diversificado, pois onde eu atuava também como docente, e por isso além de coordenar, atuar também pude vivenciar o lado de pesquisadora com um olhar mais direcionado ao meu trabalho.

Percebi em minhas observações que a atitude de algumas professoras demonstrava indícios de que os dilemas do cotidiano vêm, de alguma forma, afetando suas práticas junto aos estudantes. De qualquer modo, sua relação com os alunos era pautada pelo afeto e delicadeza, no momento em que falava com eles. Entretanto, concentrei-me em acompanharoutros professores, pois dependia da disponibilidade deles para desenvolver minha observação em outras Oficinas Curriculares.

Para justificar minha postura, fiz uso das palavras de Vianna (2003, p. 89) que afirma:

> Observar tudo ao mesmo tempo é humanamente impossível. O

> observador, no conjunto da escola, ou em relação a um grupo de estudantes, seleciona, previamente, qual seu centro de atenção, ou quais os aspectos a enfocar, a fim de que não se fixe em aspectos menos relevantes em detrimento de outros bem mais importantes para os objetivos da pesquisa.

A maioria das aulas observadas aconteceu em salas-ambiente, sendo que as de Informática/robótica desenvolviam-se em um laboratório muito bem equipado com kits de robótica focados no aprendizado dos estudantes. Selecionei, a cada aula observada, o que acreditava ser fundamental para a compreensão e foco de meu objetivo, limitando-me às anotações sobre "o quê", "como", "tempo/espaço utilizados" e "relações professor/aluno" desenvolvidas em sala de aula[18]. Esses dados localizam-se no Tabela 10 (p. 206).

Um fator a considerar durante a observação refere-se ao material usado pelo docente como elemento auxiliar na promoção da aprendizagem. As Oficinas exigem material diversificado, entretanto a precariedade de recursos causa entre os docentes certa inquietação e dificulta a relação professor/aluno, pois o estudante não percebe o porquê do aumento de sua permanência na escola e a finalidade das Oficinas.

Ao lado da observação, optei por entrevistas semiestruturadas com três professoras que vivenciaram a experiência das Oficinas, desde a sua implantação e,também, apliquei questionários com questões abertas a vinte e três (23), sendo eles efetivos e centrais temporários, onde assim consegui garantir uma captação mais imediata das informações desejadas.

Lüdke e André (1986, p. 33) acreditam que na entrevista a relação que se criaé de interação, havendo uma atmosfera de influência recíproca entre quem perguntae quem responde. Especialmente, nas entrevistas não totalmente estruturadas, em que não há a imposição de uma ordem rígida de questões, o entrevistado discorre sobre o tema proposto com base nas informações que ele detém e que, no fundo, são a verdadeira razão da entrevista. Na medida em que houver um clima de estímulo e de aceitação mútua, as informações fluirão de maneira notável e autêntica.

Por eu fazer parte do corpo docente da unidade de Ensino na qual realizei minha pesquisa onde criei um vínculo mais estreito com os professores, conheço seus horários e as rotinas dentro da escola pude me organizar melhor para conversar com alguns funcionários.Marcamos as entrevistas conforme o desejo e conveniência dos sujeitos entrevistados, garantindo o sigilo e anonimato dos informantes, pois muitos demonstraram preocupação, quando solicitados a responder a algumas questões.

Por fim, para complementar as informações obtidas por meio das entrevistas, questionários e das observações, consultamos alguns documentos referentes à implantação da Escola de Tempo Integral, incluindo Resoluções (Anexo VI, p. 216) e outros documentos pertinentes ao tema.

Conforme Lüdke e André (1986, p. 39), os documentos constituem também uma fonte poderosa de onde podem ser retiradas evidências que fundamentem afirmações e declarações do pesquisador. Representam, ainda, uma fonte "natural" de informação. Não são apenas uma fonte de informação contextualizada, mas surgem num determinado contexto e fornecem informações sobre esse mesmo contexto.

A análise documental para contextualizar o antes e o depois da escola em estudo, a observação do cotidiano escolar, com ênfase nas atividades docentes, os questionários e as entrevistas semiestruturadas são materiais para compreender a relação que se dá entre professor e estudante, estabelecendo o "clima" e a "dinâmica" que se instalam durante a realização das aulas. Após as entrevistas feitas com docentes envolvidos na implantação deste projeto, foi possível elencar algumas dificuldades enfrentadas e as necessidades habituais e desejadas expressas pelos docentes que vivem

a ampliação do espaço/tempo dentro das escolas de ensino fundamental.

Os instrumentos utilizados por esta investigação foram elementos norteadores e, através destes, consegui obter os dados necessários e identificar as concepções dos professores a respeito dos projetos da rede estadual de ensino e estratégias de adaptação de suas práticas dentro dos núcleos desenvolvidos em Tempo Integral, tendo em vista as suas impressões positivas e negativas sobre esta inovação; aspectos práticos das três disciplinas Curriculares: Informática/Robótica, Atividades Artísticas e Filosofia.

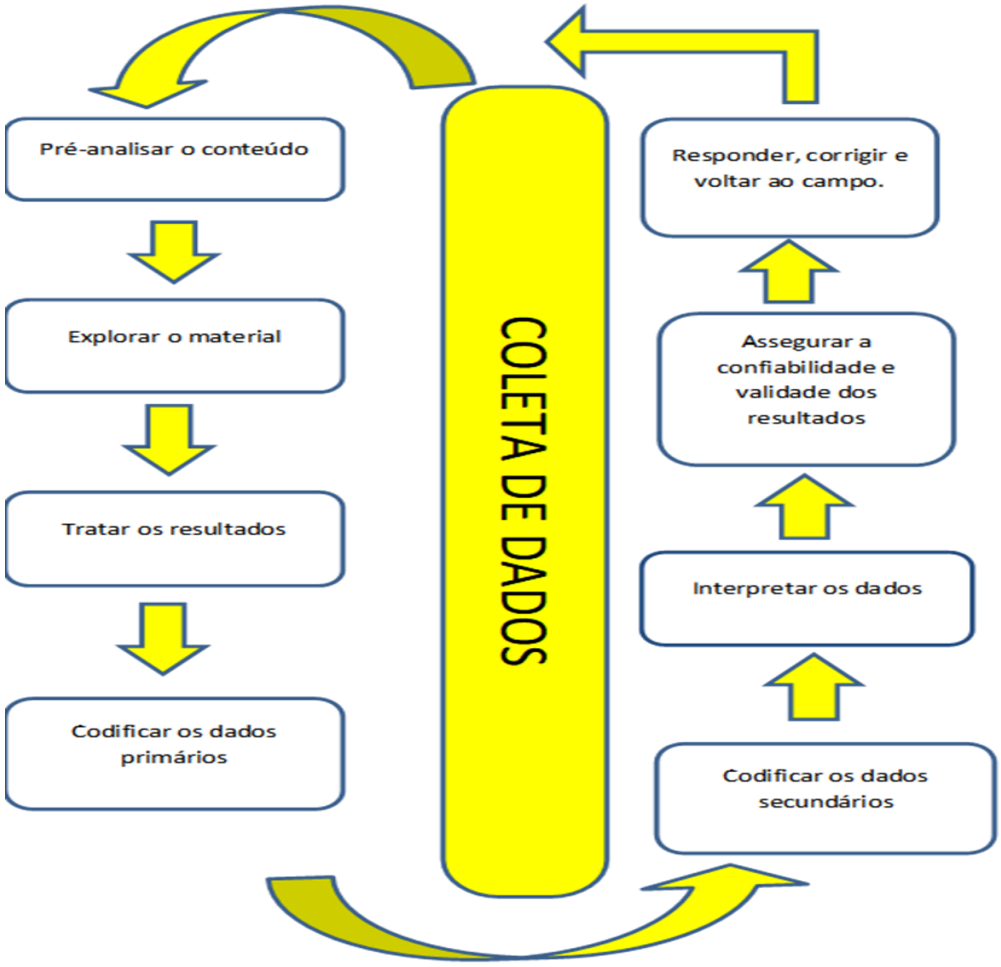
1.11. Técnicas de análise e interpretação dos dados

O procedimento de análise e interpretação da presente investigação, objetiva detalhar o material colhido, a fim de suprimir possíveis dúvidas e erros, demonstrando o real significado sempre em consonância com a temática e os seus objetivos. Feita a coleta dos dados, ocorre a organização de tudo o que foi colhido ao longo da investigação, utilizando-se do referencial metodológico de Gil e de Bardian (2016) para analisar o material coletado, constando de quatro fases: pré análise, exploração do material, tratamento dos resultados e, codificação.

A análise e a interpretação dos dados permitem a obtenção das informações contextualizadas, com o objetivo de organizar e analisar dos dados. Conforme Bardin (2016, p. 131), "a fase de análise propriamente dita não é mais do que a aplicação sistemática das decisões tomadas", com o objetivo de organizar os dados, respondendo às respostas do problema proposto na investigação. Por outro lado, o pesquisador "tendo à sua disposição resultados significativos e fiéis, pode então propor inferências e adiantar interpretações a propósito dos objetivos previstos" (Bardin, 2016, p. 131). Assim sendo, a análise e a interpretação de dados objetivam demonstrar o real sentido do material coletado.

Na pesquisa qualitativa, a análise consiste num conjunto de técnicas sistemáticas interpretativas do conteúdo oculto nos textos, ou seja, "permite sugerir possíveis relações entre um índice da mensagem e uma ou diversas variáveis do locutor" (Bardin, 2016, p. 145). Mas como qualquer tipo de investigação, existem os riscos e benefícios a serem analisados, conforme segue-se.

TABELA Nº 7: ESQUEMA DA ANÁLISE E INTEGRAÇÃO DOS DADOS



Nesta investigação serão analisados e interpretados os dados obtidos através das técnicas de observação estruturada/sistemática e análise documental, utilizando a entrevistas aberta como instrumento. O objetivo neste processo é identificar se há relação entre esses dados coletados com o referencial teórico abordado, visto que a relação entre ambos, compreende o resultado afirmativo da alteridade que se espera comprovar.

As respostas para comprovar os resultados são provenientes das entrevistas abertas aplicadas aos professores desta Unidade escolar.

Neste caso, a interpretação terá a função de identificar os dados coletados a partir das entrevistas e análise documental com base nas normativas e fontes teóricas voltadas ao tema. Logo, a análise iniciará com a tabulação dos dados coletados obtidos através das entrevistas realizadas com os participantes, para posterior interpretação dos dados. Em razão disto, segue-se os passos para análise e interpretação, comprovando o que foi exposto nas fases acima.

1.11.1. Pré análise do conteúdo

A pré análise do conteúdo conforme ensinamentos de Bardin é a fase da organização propriamente dita, que tem por objetivo “tornar operacionais e sistematizar as ideias iniciais, de maneira a conduzir a um esquema preciso do desenvolvimento das operações sucessivas, num plano de análise” (Bardin, 2016, p. 125).

Será feita análise global dos dados baseada nos conceitos de Chizzotti quando ele afirma que: Como a análise de conteúdo constitui uma técnica que trabalha os dados coletados, objetivando a identificação do que está sendo dito a respeito de determinado tema (Vergara, 2005), há a necessidade da descodificação do que está sendo comunicado. Para a descodificação dos documentos, o pesquisador pode utilizar vários procedimentos, procurando identificar o mais apropriado para o material a ser analisado, como análise léxica, análise de categorias, análise da enunciação, análise de conotações (Chizzotti, 2006, p. 98).

Organizar o material é um processo de reajuste onde torna-se seguro a continuidade da relação entre a pesquisa e os dados coletados. Por isso o pesquisador deve revisar os dados coletados para ter certeza que o material estará apto para ser utilizado na análise dos resultados. A escolha dos documentos a serem submetidos à análise depende dos objetivos construídos desde o início da investigação, por isso, "convém escolher o universo de documentos suscetíveis de fornecer informações sobre o problema levantado" (Bardin, 2016, p. 126).

Nessa fase deve-se levar em consideração a leitura, por estabelecer contato com os documentos a serem analisados, "tornando a leitura mais precisa" (Bardin, 2016, p. 126); a escolha e separação dos documentos a serem submetidos aos procedimentos minuciosos da análise; a referenciação dos índices e a elaboração de indicadores, pois desde a pré análise "devem ser determinadas operações de recorte do texto em unidades comparáveis de categorização para análise temática e de modalidade de codificação para o registro dos dados" (Bardin, 2016, p. 130); e, a preparação do material.

1.11.2. Exploração do material

A exploração do material está ligada diretamente a pré análise e, se as atividades forem concluídas na fase anterior, esta será somente a aplicação dos dados anteriormente tratados, pois segue a sequência de atividades produzidas no transcorrer da pesquisa.

No caso das entrevistas gravadas, fazer a transcrição na íntegra; e questões abertas, devem ser anotadas em fichas para posterior análise. Para Bardin (2016, p. 131), esta fase é "longa e fastidiosa, consiste essencialmente em operações de codificação, decomposição ou enumeração, em função de regras previamente formuladas". Por isso, nessa fase, deve-se incluir a correção e a verificação de todos os dados da coleta.

Logo, é importante estabelecer um plano de trabalho inicial para que a pesquisa transcorra conforme o esperado, seguindo para tanto, uma sequência lógica dos fatos e fenômenos delimitados no decorrer da proposta.

Por isso, procurou-se primeiramente verificar se todos os dados coletados a partir das entrevistas e questionários estão de acordo com os objetivos propostos e, se necessário, fazer uma revisão das informações através dos vídeos gravados das entrevistas para alinhar os dados a serem utilizados na interpretação e análise dos dados.

1.11.3. Tratamento dos resultados

Após explorar o material adquirido através das entrevistas e questionários realizados aos professores, será realizado o tratamento dos resultados, analisando o conteúdo coletado, descrevendo as entrevistas filmadas de forma fiel para utilização nos resultados da pesquisa.

Bardin (2016, p. 127), lembra que "nem todo material de análise é suscetível de dar lugar a

uma amostragem, e, nesse caso, mais vale abstermo-nos e reduzir o próprio universo se este for demasiado importante". Logo, todas as informações derivadas da coleta de dados são úteis, entretanto, o pesquisador deverá selecionar, priorizando o que foi proposto nos objetivos da investigação.

1.11.4. Codificar dados primários

Codificar os dados nada mais é do que tratar o material. É uma fase importante porque deve-se "saber a razão por que se analisa, e explicitá-la de modo que se possa saber como analisar" (Bardin, 2016, p. 133), ou seja, é o momento onde o pesquisador obtém os dados coletados através das técnicas de pesquisa delimitadas para coletar as informações que deseja analisar.

Complementa-se que "a codificação corresponde a uma transformação dos dados brutos do texto, transformação esta que [...], permite atingir uma representação do conteúdo ou da sua expressão; suscetível de esclarecer o analista acerca das características do texto" (Bardin, 2016, p. 133).

Os dados primários objetivam codificar os resultados conforme cada categoria de análise nesta pesquisa. Logo, é necessário primeiramente que os dados sejam classificados para que sejam determinadas as categorias de investigação, pois estes dados necessitam ser precisos para maior confiabilidade.

Conforme Bardin (2016, p. 136), pode-se "tomar como unidade de registro a resposta (a uma questão aberta) ou a entrevista, na condição de que a ideia dominante ou principal seja suficiente para o objetivo procurado". Após registrados, os dados são organizados e classificados de maneira sistemática, de acordo com a categoria de cada participante delimitado anteriormente na pesquisa.

1.11.5. Codificar dados secundários

Entende-se por dados secundários, aqueles já coletados a partir das entrevistas realizadas, devendo ser interpretados e elencados de acordo com a categoria de cada participante, ou seja, para os professores. Para Bardin (2016, p. 137), "em muitos casos, torna-se necessário fazer referência ao contexto próximo ou longínquo da unidade a ser registrada [...] torna-se imprescindível um acordo prévio".

Nesses termos, o pesquisador deverá agrupar os dados, ordenando-os de forma lógica e consciente para que possam atingir os objetivos propostos. Mesmo assim, "os resultados são suscetíveis de variar sensivelmente segundo as dimensões de uma unidade de contexto" (Bardin, 2016, p. 137). Portanto, a partir da codificação dos dados se processará a análise e posterior resultados da investigação.

Neste cenário, foram classificadas e catalogadas as respostas das entrevistas realizadas dos professores. Na sequência, realiza-se a codificação dos dados de acordo com a função de cada participante, utilizando apenas as iniciais de cada função seguido de uma ordem numérica crescente, para assegurar e preservar o anonimato dos envolvidos, viabilizando a interpretação dos dados analisados.

Alvarenga (2019, p. 57) ressalta que a confiança é adquirida através da privacidade, logo, o pesquisador deverá "demonstrar interesse por eles e tentar manter boas relações, para ir ganhando a confiança dos mesmos". Portanto, é de suma relevância que o pesquisador esteja empenhado com esses professores, pois os mesmos são a base fundamental para que os resultados sejam efetivos.

1.11.6 Interpretar os dados

Após a coleta dos dados, é hora de organizar todo o material construído no processo da pesquisa para em seguida, descrevê-las. Desta forma, interpretação dos dados consiste em examinar o material coletado, observando possíveis falhas, erros ou dúvidas para posteriormente expor os ensinamentos adquiridos no decorrer da pesquisa.

Interpretar os dados é importante para analisar se as informações coletadas vão atender aos objetivos da pesquisa. Conforme Bardin (2016, p. 131), é nessa etapa que "os resultados brutos são tratados de maneira a serem significativos e válidos". Em outros termos, a interpretação dos dados ocorre a partir de evidências observadas no decorrer das entrevistas, confrontando com a metodologia aplicada. Por isso o interesse do pesquisador fazer uma revisão de literatura voltada aos objetivos que se pretende atingir no final da investigação.

Assim sendo, é imprescindível que o pesquisador analise se as questões respondidas nas entrevistas e questionários estão de acordo com o que foi proposto nos objetivos, se obedecem aos aspectos sociais e, se as legitimidades dos documentos analisados na investigação durante as entrevistas realizadas com os professores estão em conformidade com o solicitado.

Estabeleceu-se nesse contexto, um roteiro para interpretar os dados de forma coerente para cada resposta obtida através das entrevistas e questionários com os participantes, relatando detalhadamente todas as informações coletadas a partir das gravações das entrevistas, procurando sempre, ficar atento as prioridades definidas nos objetivos da investigação para alcançar os resultados almejados.

1.11.7. Assegurar a confiabilidade e validade dos resultados

Objetivando que esta pesquisa tenha confiabilidade e validade dos dados coletados, é fundamental que todos os envolvidos estejam engajados na mesma meta e objetivos, que nessa investigação **é analisar a Criação das Centros de Estudos de Tempo Integral e sua Influência na Educação de Adolescentes e Jovens.**

É nesse período que se busca valorizar a singularidade individual para alcançar o social, ou seja, "preservar 'a equação particular do indivíduo', enquanto faz a síntese da totalidade dos dados provenientes da amostra das pessoas" (Bardin, 2016, p. 94). Por isso, o pesquisador não pode deixar dúvidas quanto às informações adquiridas a partir das entrevistas realizadas com os participantes.

Torna-se, portanto, indispensável uma revisão geral das estratégias e ferramentas utilizadas na coleta dos dados, bem como, na análise e interpretação dos mesmos, com o objetivo de certificar-se da compatibilidade e confiabilidade ao avaliar os fenômenos e fatos investigados. Logo, o pesquisador deve corrigir os possíveis erros de interpretação para assegurar a credibilidade dos resultados apresentados.

1.11.8. Responder, corrigir e voltar ao campo

Esta é a última etapa e tem como objetivo, aprimorar os dados obtidos. Para tanto, é importante

resgatar os objetivos iniciais propostos, visando analisar e interpretar os dados coletados. Torna-se imprescindível a correção das falhas para responder as dúvidas que poderão surgir no decorrer do processo.

Após conclusão da investigação, é crucial retornar a escola pesquisada para explicar como ocorreu os resultados da investigação, com o intuito de relatar se os objetivos propostos atingiram os resultados esperados, que neste caso, é analisar o desempenho do docente na integração entre os núcleos diversificados e comum na Escola de Tempo Integral.

O processo de validade dependerá da segurança que o pesquisador expressará no decorrer da aplicação da pesquisa, pois "qualquer pessoa que faça entrevistas conhece a riqueza desta fala, a sua singularidade individual, mas também a aparência por vezes tortuosa, contraditória, 'com buracos', [...] saídas fugazes ou clarezas enganadoras" (Bardin, 2016, p.94).

Em caso de dúvidas, o pesquisador deverá retomar aos objetivos para certificar-se de que não há erros e, quando necessário, corrigir as imperfeições que possam ter ocorrido no processo da pesquisa para só então, a validade da pesquisa estar de fato apta a qualificação.

III. ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DE RESULTADOS

Considerando que esta pesquisa vê como objetivo perceber e analisar as diversas formas de Integração Curricular entre os núcleos comum de diversificado dentro da Escola de Tempo Integral no papel do professor e de sua prática, apresentei assim, a descrição dos caminhos desta pesquisa. Teve como procedimentos metodológicos: 1) a observação do cotidiano escolar, com o foco no desempenho das atividades docentes, nas condições para desenvolver as oficinas em determinados aspectos do processo ensino-aprendizagem; 2) entrevistas estruturadas realizadas com os professores envolvidos com as práticas docentes tanto no núcleo comum quanto o núcleo diversificado; 3) questionários aplicados a professores revelando o que pensam a respeito da organização do tempo e do espaço na Escola de Tempo Integral; 4) a análise documental, como fonte de informação para contextualizar o antes e o depois da escola em estudo. Os dados coletados foram organizados em três dimensões assim definidas: *cognitiva, emocional e sociocultural*

1. Resultado entrevistas as três (03) professoras do Núcleo Diversificado

TABELA Nº 8: ENTREVISTA COM PROFESSORES DO NÚCLEO DIVERSIFICADO

PROFESSORA DE FILOSOFIA
Professora de Filosofia, responsável pelas aulas de Filosofia, inserida nas Atividades de Participação Social.
Houve uma exposição dos trabalhos realizados durante todo o ano de 2022– e a professora começou por explicar como conduziu esta atividade ao longo deste ano.
(Profª. Filosofia): Aqui (mostrando algumas fotos da primeira atividade feita, chamada “dobrando e desdobrando o pensamento”) foi logo no começo do ano, que eles não tinham ideia ainda do que era filosofia. Estava tudo muito novo para eles, tudo muito recente. Então, eu queria tentar explicar para eles o que seria pensar, o que o pensamento pode refletir nas nossas vidas, no nosso comportamento, nas nossas ideias em função com o outro, no nosso agir com o outro. Então, nós fizemosum trabalho com dobradura. Aí, eu pedi que cada um fizesse a dobradura que soubesse. E, depois, abrindo a dobradura, eles observaram as marcas que foram ficando nessas dobraduras, que são nossos pensamentos que, às vezes, é o que acontece: você tem uma ação. Quando você age, às vezes, este pensamento se tornou em ação e pode te trazer marcas que ficam em sua vida para sempre. Você não tem como retornar. Então, antes de agir, a ideia é sempre essa, não é?

Você tem que pensar nas marcas que esses pensamentos vão refletir no teu caminho, lá na frente ou no teu próximo segundo que eles têm aquele problema grave daesquina .... Eles estão lá batendo no colega, se agarrando, e eles não estão refletindo, nem pensando no que aquilo pode fazer. Acaba com a aflição. Tem crianças que são super amigas...(buscou um exemplo na memória). Teve um caso, uma experiência bem recente, eles eram da 8ª série e, aí, um jogando bolinha de papel no outro. Tinha um tampo de carteira solto, aí o outro levantou pra rebater a bolinha, mas na brincadeira mesmo!! Quando ele levantou, o outro passou por baixo do tampo e pegou aqui (ela mostrou um local na cabeça). Quase matou o menino. Ele ficou internado, quinze dias em observação. Então, quer dizer, o pensamento dele rápido e a ação que ele fez mais rápido ainda, poderia ter matado o amigo dele e ele não refletiu antes. Se o amigo tivesse morrido? O que isso traria de consequências para ele, lá na frente?

(Entrevistadora): Seriam as marcas?

(Profª. Filosofia): As marcas, as dobras!!! O primeiro pensamento dele foi jogar a bolinha; o segundo, puxar o tampo; a seguinte, a outra reação, terceira quase
pegou na cabeça do menino, não é? Então, ele não parou para pensar: eu vou levantar isso aqui, se eu bater eu vou machucar. E se o menino viesse a falecer!?! Ele ficou na UTI por vários dias. Então, quer dizer, essas marcas que a gente acaba tendo que fazer, essas ações e reações, nossos sentimentos, que, às vezes, a gentetem uma reação de amizade, de amor que ficou marcada em nossa mente, quemuda o nosso jeito de agir, os nossas relações de amizade, nosso pensamento e a transformação de nossas ideias, não é? Mudam o ser humano! E isso é um tipo deevolução humana.

(Entrevistadora): E isso foi bem no início, certo?

(Profª. Filosofia): Foi bem o comecinho das Aulas.

(Entrevistadora): Tudo dentro da sala de aula?

(Profª. Filosofia): Tinha que ser dentro da sala de aula. Aqui (mostrou alguns cartazes) esses trabalhos são os últimos do ano, feitos sobre os direitos humanos. Começou ali (apontou). Eles não tinham a mínima noção sobre o que seria direitos humanos. Aí... qual foi a ideia? Apresentar a Declaração Universal dos Direitos Humanos para eles como um dia especial, inclusive o estatuto da criança e do adolescente que embase a Declaração Universal dos Direitos Humanos. Então,antes de apresentar o estatuto da criança e do adolescente, que não deu tempo, vamos ver para o outro ano, é.... tinha que ter apresentado a Declaração Universal dos Direitos Humanos, que ela nasceu dos horrores da guerra de 45, não é? Da guerra mundial. Então, nós passamos o contexto histórico, eles fizeram pesquisas, eo que eu pedi para eles: dividi a classe em grupos e recortei toda a Declaração e dei um artigo da Declaração para cada um deles. Eles tinham que

fazer o olhar deles sobre aquela leitura do artigo. Aí, foram montando com colagens. Teve outros que acharam, por exemplo, artigo 21: "Toda pessoa tem direito de tomar parte no governo de seu país". Usaram o presidente Lula, a previdência social, as escolhas... Outro (leu) "Toda criança tem direito de ir à escola". Aí, eles fizeram a leitura deles sobre esse artigo da Declaração todo com colagem. Esse aqui, oh! (mostrou). Artigo 2º, inciso 1º: "Todo homem tem capacidade para gozar dos direitos e das liberdades estabelecidas nesta declaração, sem distinção de qualquer espécie, seja de cor, raça, sexo, religião, opinião política ou outra natureza, origem nacional, social.....
nascimento ou qualquer outra condição". Vê a leitura que eles fizeram? Fizeram o globo terrestre, colocaram várias carinhas de pessoas diferentes.

(Entrevistadora): Mostrando a diversidade (comentário).

(Profª. Filosofia): Todas as diversidades. Tudo isso aqui. Aí, eles fizeram sobre o trabalho. Cada grupo foi recebendo um artigo. Tinham que fazer a leitura deles, certo? Foi o que eles foram fazendo. Aí, depois dessa leitura que eles fizeram, eu pedi para outra turma, a da 6ª série, escrever toda a Declaração Universal para eles começarem a ter percepção. Por exemplo, eles não têm noção do que é um artigo, do que é lei, inciso, essas coisas todas ficam muito distantes para eles. Aí, dou uma cartolina para cada um porque eles já fizeram individualmente. Aí, dei novamente umartigo para cada um e pedi para eles fazerem com as letrinhas deles, em cada cartolina, decorando, pintando. Jogaram purpurina, coloriram tudo, começaram a ter mais contato com a lei mesmo. Essa noção toda de artigo, de direito, essa coisa toda. Aqui (mostrou sobre uma mesa algumas pastas), eu peguei como base a ética,cidadania e valores. Aí, peguei como base um livro do Chalita, "A ética do rei menino". Cada tema que eu trabalhei, "A ética do rei menino" é uma forma da ética mitômano, só que ela para criança, na linguagem da criança. Fala dos valores de amizade, respeito, dessa coisa toda. Então, eu peguei do Didi, vêm uns cedezinhos de todas as histórias infantis, é.... destacando os valores da ética mitômano e tirei xérox, não é? E dava em dupla para eles sentarem e colocava o CD para eles ouvirem e acompanhar a leitura de toda a historinha. E, aí, já estava trabalhando a leitura, a concentração, porque pra eles ficarem quietos ouvindo isto (riu) é um custo!Mas na 3ª aula eles já estavam acostumados. Quando eles chegavam na classe perguntavam "professora, vai ter historinha hoje?" A 1ª e a 2ª foram terríveis. Na 3ª eles já estavam mais calmos. Aí, quando eles acabavam de ouvir a historinha, dava só em uma aula a historinha. Na outra aula eu pedia pra eles traduzirem o que eles entenderam. Aí, eles fizeram no papel escrito o que eles entenderam: agir com moderação e...(não completou a ideia). No livro do Gabriel Chalita, ele coloca os personagens assim: o abacaxi, a sra. Abacaxi falou com a árvore, brigou, são todos animais ou frutas. Aí, essas figuras inanimadas efetivam valores. Então, eles conseguiram enxergar os valores. Aí, eles passaram para o papel escrito o que eles entenderam. Na outra aula, vão passar a leitura do que entenderam. Aí, eles contaram assim: "Amizade é fazer o bem". É um dos temas do livro do Gabriel Chalita que tem lá. Aí, eles

colocaram isso como amizade. O que eles entendiam, a visão que eles tinham de amizade. Você vê aqui (selecionou um cartaz) que fazer o bem eles ligam com muita comida. Essa ideia da fome....

(Entrevistadora): Fazer o bem é você suprir necessidades, como a fome?

(Profª. Filosofia): Entendem muito isso como comida, televisão, computador. Eles têm essa ideia muito clara na cabeça deles de bem. Oh aqui, oh!! (mostrou imagens nos cartazes). Fazer o bem tem muita comida, trigo, bebê. Fazer o bem. Aí, depois,
eu pedi para eles: "vamos entender o lado ruim e o lado bom do nosso país. Pedi para eles colocarem na cartolina, montar um painel do que eles entendiam como o lado ruim do Brasil e o lado bom. E eles reconhecem as guerras, o *impeachment*. O lado bom eles enfatizam a natureza, enfatizam criança, comida, uma criança nascendo, moradia. Você vê que a mente deles não é tão esparsa como a gente pensa assim; eles não têm noção de nada.

(Entrevistadora): São vistos como alienados.

(Profª. Filosofia): É. E eles têm noção das coisas. Aí, estava na época da eleição. Eles colocaram como o lado ruim o Lula, que eles estavam ligados no que estavam ouvindo de eleição mesmo eles não sendo eleitores ainda. Daquela coisa de mensalão, aquela história toda.

(Entrevistadora): Isso foi tudo fotografado?

(Profª. Filosofia): Um pouco. Têm coisas que eu não tinha máquina ainda. Não deu tempo. Esta exposição de fim de ano eu fotografei tudo. A Marinete (coordenadora) fotografou. Aqui. É que saíram algumas coisas. Eu fui tentar trabalhar com eles"olhar e pensamento". É porque o que você pensa, reflete no seu olhar. Então, nós temos que tomar cuidado com nossas atitudes que geram pensamentos e que vão refletir no seu comportamento com o outro. Muitas vezes uma pessoa até repete numa entrevista de emprego porque o que ela está pensando não reflete aquilo quea psicóloga ou o entrevistador está vendo nos olhos ou no rosto, na impressão do rosto. Então, eu peguei esses olhares todos (um cartaz cheio de vários olhares) e pedi para eles dizerem o que eles entendiam. O que aquele olhar estava passando para eles. Isso foi um auê danado. "Professora, mas como eu vou pensar o que a pessoa está pensando?!". Falei "escolha um, que eles têm todos os números e tente você fazer uma leitura, tente ter sensibilidade". O que será que aquela pessoa está passando na vida dela, porque eles.... muitas vezes eles não, todos nós vemosessas pessoas, não olhamos essas pessoas. Nós julgamos essas pessoas no ver, não no olhar. Aquela impressão, não é? Já julga, já condena e pronto! Assunto encerrado. Então, eu tentei trabalhar com eles essa coisa de você olhar o outro. Nãosimplesmente ver e tomar qualquer atitude. Você tem que parar, analisar, pensar;ver se realmente

aquele ser humano é daquela forma. Justamente por causa das fofoquinhas que eles arrumam, as intrigas entre eles. Daqui a pouco a turminha que era superunida está num canto, a outra no outro, não sabe se o que o outro disse é verdade, aquele caos. Tem que parar para conversar, não é assim! Já vão se pegando, batendo. Vamos tentar olhar. Estava tentando trabalhar com eles essa questão de você analisar o outro pensamento. Aí, eles escolheram os olhares. O olhar n.1. É, eu acho que o olhar n.1 que é aquele ali (mostrou no cartaz) é de amorà primeira vista. A pessoa viu alguém que chamou atenção. O n.10 é um olhar de sensualidade. Talvez na hora da fotografia ela achasse que ficava mais bonita assim, pois o olhar da gente modifica tudo. Se você tirar uma foto com um olhar de raiva, você vai saber ou até qualquer outra pessoa vai saber como você estava quando tirou a foto. E, realmente, quando você tira uma foto. (a profa. leu alguns textos dos alunos). Fui tentando trabalhar essa questão com eles. Aqui (pegou uma pasta que continha vários papéis), eu trabalhei com eles a importância da família: quando os meus pais discutem. Porque é assim. Nossos alunos aqui têm muitos problemas, muitos problemas familiares. Eles chegam e contam que "meu pai bateu na minha mãe; a minha mãe chegou bêbada; a minha mãe...". Várias histórias. Vamos tentar fazer alguma coisa por estas crianças.

(Entrevistadora): Quantas aulas você usou para esta atividade?

(Profª. Filosofia): Foram oito aulas. Comecei a conversar da situação quando os paisdiscutem. Aí, você fica achando que o seu mundo vai acabar. Tive uma aluna que falou que queria se matar porque o pai e a mãe tinham se separado. E ela pegou lá, o que foi? Ah! Aquele chumbinho e a tia chegou. Uma menina da 6ª série, você acha? Uma criança queria se matar!

(Entrevistadora): Você pegou classes de 6ª a 8ª séries?

(Profª. Filosofia): 6ª a 8ª. Aí, dá irritação. Estava explicando para eles que, às vezes,as pessoas têm problemas. Não é porque o pai e a mãe às vezes brigam que tudo vai acabar. Às vezes, eles voltam atrás, não é? São todas essas coisas que eles têmque analisar. Não é querer se matar é tentar compreender o pai e a mãe também. São adultos e têm outra visão da coisa. Aí, eles fizeram uma atividade que se chama"As estrelinhas confusas", que seria a confusão de sentimentos que essa instabilidade na relação dos pais reflete no comportamento deles aqui dentro. Aí., quais os sentimentos que podem fazer as pessoas brigarem? Nós conversamos sobre mágoa, sobre alegria e eles foram colocando X na folha de papel, reconhecendo os sentimentos que poderiam fazer as pessoas ter este tipo de instabilidade emocional, os pais deles. Como você acredita que as brigas e discussões podem ser evitadas? A maioria deles, eu lembro que respondeu que foi conversando com calma. Então, quer dizer, eu falei para eles que quando a gente, o professor grita e eles teimam na arte que eles estão fazendo...Eles não suportam grito mais.

(Entrevistadora): Você acha que estas respostas deles ajudaram a modificar o seu trabalho em sala?

(Profª. Filosofia): Acho. Acho, pois assim, nas primeiras semanas, eu pensei em largar tudo. Pensei: eu não vou aguentar isso. Eles andavam por cima das carteiras, eles me xingavam. Você chegava perto de alguém, eles faziam assim (fez um gesto de repulsa); não conseguiam abraçar. Por mais que você se aproximasse, eles tinham uma atitude agressiva. E, agora, na última semana de aula, eu fui observando a evolução deles. Foram eles que ajudaram a montar tudo isto aqui (a sala com os trabalhos). Estavam todos aqui colando, tudo organizado. Quandoacabava o durex, um ia buscar. Aí, você vê que o seu trabalho ajudou em alguma coisa. Esse conceito de trabalhar em equipe, de ter respeito pelo outro. "Professora, meu trabalho está ali? Foi nesse aqui que eu participei?"

(Entrevistadora): No fim, essas respostas que eles colocaram como "conversando com calma", fez você também conversar com calma?

(Profª. Filosofia): É. Teve uma hora que eu comecei a gritar. Eles não prestavam atenção ao que eu falava. Aí, eu disse: "Meu Deus, o que eu vou fazer?". Vou largar isso. Não vou suportar até o final do ano. Tinha dia que eu saía chorando. Aí, tinha hora que eu parava assim e só observava o pessoal fazer. Uns começavam: "Oh, a professora quer falar! Cala a boca!". E, aí, eles foram se voltando e começaram depois a falar: "professora, a sra. fala calminho, não é? A sra. fala baixinho. Dá até sono na gente". E melhoraram bastante. Assim, foi muito bom. Eles melhoraram muito. No final do ano, é que eu fui observar, no decorrer do dia. Às vezes, você nãopresta atenção. No final do ano, você vai ver o jeitinho deles.

(Entrevistadora): Você lecionou o ano inteiro nessas aulas?

(Profª. Filosofia): O ano inteirinho.

(Entrevistadora): Para o ano que vem você quer trabalhar com as mesmas aulas?

(Profª. Filosofia): Não, ano que vem eu não vou ficar, mas não por causa dos alunos.

(Entrevistadora): Você se inscreveu para pegar alguma atividade de eletiva por e exemplo?

(Profª. Filosofia): Não. Por motivos particulares.

(Entrevistadora): Mas você pegaria uma eletiva novamente? Já com outra ideia na cabeça?

(Profª. Filosofia): Pegaria.

(Entrevistadora): Quando você veio lecionar nesta eletiva, você tinha uma ideia decomo seria? Como funcionaria?

(Profª. Filosofia): É... assim. Eu não tinha ideia nenhuma, porque quando eu cheguei para a atribuição, eu nem sabia que se tratava de oficina. Falaram:" Oh, têm essa aulas aqui, lá na banca. Quer pegar? 6ª, 7ª, 8ª". Falei tá, tá bom. Mas eu não sabia qual o tipo de filosofia que ia ter que trabalhar com as crianças. Não sabia o que era Eletiva. Como a maioria dos professores.

(Entrevistadora): Não houve capacitação?

(Profª. Filosofia): Teve algumas, mas foi lá em julho, agosto, umas Orientações Técnicas (OTs). Os professores não sabiam muito bem o que fazer. A maioria. Então...é... foi a primeira vez que eu dei aula no Estado. Quando eu cheguei, assim que eu vi aquilo..., eu chorava. Meu deus do céu (riu um pouco nervosa). E aquele calor imenso, verão, começo de ano. Eles ficavam mais agitados com aquilo. Eu faleiJesus! (riu novamente).

(Entrevistadora): E você concentrou suas oficinas dentro da sala de aula?

(Profª. Filosofia): É. Tiveram alguns trabalhos como os jogos cooperativos, que eu fiz com a profa. de Educação Física, (citou o nome da profa.), fizemos aqui no pátio. Aí, já foi logo depois das férias esse negócio. A gente começou a ter mais uma ideia depois das OTs, de como tinha que trabalhar as Oficinas.

(Entrevistadora): Então, as Ots ajudam?

(Profª. Filosofia): (Profa. Filosofia): Ajudam.

(Entrevistadora): Foram suficientes ou acha que precisa ter mais?

(Profª. Filosofia): Tem que ter mais. Acho que mensalmente teria que ter uma OT para toda disciplina, porque lá eles dão ideias de como trabalhar, principalmente agora que está neste começo, não é? As meninas lá da OT, elas costumam dar bastantes ideias legais e você adapta para o seu público, para o teu aluno e dá certo. É coisa que talvez você nem pensou em fazer. Isso para mim que eu cheguei assim bebê, não é? Não sabia de nada. Para mim, ajudou muito. Muito mesmo. Que aí eu fui saber. Eu não sabia montar projeto, não sabia como é que fazia. Aí, a profa.de Artes (citou seu nome) me ajudou muito. A profa. de Educação Física já tem muito tempo na rede. A coordenação está me ajudando. Aí, eu fico me tranquilizando mais.

(Entrevistadora): E a direção, ajudou?

(Profª. Filosofia): É (ensaiou), a direção fica um pouco mais distante, não é? Toda essa... toda essa formatação, ela vê mais resultados, não é?

(Entrevistadora): Mas você acha que ela deveria participar mais?

(Profª. Filosofia): Acho, acho. E também a nossa direção ficou afastada uns três meses eu acho, por causa de problemas. Então, a direção veio ver só o resultado nofinal. Como no teatro aqui. A direção só chega quando vai assistir. Não sei se ela observa de longe, não tenho o conhecimento disso.

(Entrevistadora): E nos HTPCs, vocês conversam? Vocês programam alguma coisa?

(Profª. Filosofia): Ah! Nos HTPCs a (citou o nome de outra coordenadora) ajudou muito. Depois veio a coordenadora da ETI (Escola de Tempo Integral), que é da Oficina agora e que também ajudou muito trazendo novas ideias e a coordenadora do ensino regular no que pôde ajudar, ela ajudou. Às vezes, não tinha material para trabalhar e ela deu um jeito aí; ela arrumava material ou se não muito material o professor acabou comprando do seu próprio bolso para trabalhar. Eu gastei bastantedinheiro durante todo o ano com material para fazer todas essas atividades (apontoupara todos os cantos da sala).

(Entrevistadora): Por que eles não trazem? Os alunos?

(Profª. Filosofia): Ah, os alunos é muito, muito difícil. Eles são muito carentes aqui. É..., às vezes eles não têm mesmo, a mãe não tem condições de dar dinheiro para eles comprarem cartolina, cola, sabe... tirar xerox, essas coisas todas. Mas depois foi, assim, depois das férias de julho começou a chegar material, aí, o negócio foi tranquilizando. Aí, nós começamos a ter material disponível para trabalhar.

(Entrevistadora): Eu estou percebendo que você falou que é inexperiente, mas você tem muita facilidade. Estou vendo que estas pastas estão super organizadas: toda metodologia, os recursos, a bibliografia. Você tomou o cuidado em fazer tudo direitinho, não é?

(Profª. Filosofia): Eu fui aprendendo. Eu aprendi muito, muito!

(Entrevistadora): Então, as Oficinas serviram tanto para você quanto aos alunos? Você acredita que houve resultados?

(Profª. Filosofia): Teve. Porque para mim que cheguei agora, 1º ano, não tinhanoção nenhuma de como funcionava tudo isso aqui. É, foi um grande

aprendizado. Tive que estudar muito também, pesquisar muito. Tive que correr atrás para montar todas essas atividades. É...., os embasamentos, bibliografia, os pensadores.... Porque não adianta, como é que eu vou chegar e trazer Platão puro para uma sala de aula de 6ª série. Não tem. Então, você tem que pegar atividades múltiplas, não é,para tentar explicar para eles o que é Filosofia, o que é aquele moço lá chamado Platão, que eu brincava com eles: "sabe aquele moço", como se fosse um colega deles. Que a filosofia parece ainda estar muito distante das pessoas. Parece que é uma coisa assim muito de intelectual, aquelas coisas longe....

(Entrevistadora): Sua formação é em Filosofia?

(Profª. Filosofia): Não, minha formação é Direito. Mas eu sempre gostei muito de Filosofia na faculdade. Eu trabalhei com eles e trabalhei no Ensino Médio, que eudei aula para o Ensino Médio. Então, quer dizer, pude comparar. E eu vou te dizer uma coisa: a mesma noção que eles não têm, o E.M. não tem.

(Entrevistadora): Filosofia começou também este ano no E.M., não é?

(Profª. Filosofia): Mas o regular já tinha Filosofia. A suplência não. Mas você vê. Sãopessoas adultas, de uma vivência bem lá na frente deles e não tem...., a maioria deles nunca havia ouvido falar em direitos humanos. Que é a base!!

(Entrevistadora): Onde está a falha?

(Profª. Filosofia): Olha, eu, quer dizer, teve um provão na outra escola que eu dou aula, Pastor Rei Alberto. Lá, tem provão para o E.M.. Aí, eu trabalhei com eles essa parte da filosofia cidadã, de democracia, que eu achei que seria útil para o E.M. ter esse conhecimento; direitos humanos, direitos sociais. Aí, tinha assim uma questão na prova: Qual o regime de governo de seu país? Era de assinalar. Aí, coloquei: ética, política e democracia. A grande maioria, eu fiquei assim estarrecida, eu comentei isso. Teve gente que colocou ética e política. Regime de governo para pessoas de 30, 40, senhoras.

(Entrevistadora): Por exemplo, a maioria você falou que nem ouviu falar de direitos humanos, nem nada disso. Você acha que é falha da escola?

(Profª. Filosofia): Eu não sei se é falha da escola. Sinceramente eu....(parou para pensar). Eu não sei se é o pouco tempo de aula que o professor tem para passar. Por exemplo, os direitos humanos é uma coisa muito complexa, é imenso. Eu passeiuma coisa bem por cima para eles, uma base rápida. Teria que trabalhar o ano que vem. Se eu fosse professora deles teria que trabalhar novamente outros conceitosde direitos humanos. Como se fosse uma história, o porquê dos direitos humanos,os artigos para eles terem conhecimento; aquela leitura daquilo que eles estão ouvindo, não é. Porque, às vezes, você lê um artigo de lei e você fala o que isto estáquerendo dizer. Aí, eu tenho que trabalhar com eles essa coisa

de eles entenderem. Às vezes, o advogado não está entendendo o que aquele artigo está querendo dizer pra ele. Então, acho que desde a infância as crianças têm que começar a ter esta noção daquilo que ele entende do que estão querendo dizer pra ele. É porque eunão sei se eu tive sorte de trabalhar com as crianças e os adultos ao mesmo tempoe eu vi que os adultos, não sei se na infância eles não tiveram essa base e, por isso,eles têm as mesmas deficiências que essas crianças têm.

(Entrevistadora): Então, as crianças estão em vantagem?

(Profª. Filosofia): Estão. Elas estão desenvolvendo raciocínio e concentração com o xadrez, a dama e o dominó. Essa aqui era a parte que eles mais adoravam, não é?O dia da semana que eu falava para eles "vamos jogar xadrez", e eu não tinhanoção nenhuma de xadrez. Eu fui aprender um pouquinho com a minha filha para tentar estudar os fundamentos do que esses jogos faziam para eles. Que eles têm uma grande dificuldade de se concentrar no que eles estão fazendo. Ficam muito elétricos assim. Eu vejo porque eu tenho minha filha pequena, tenho sobrinhos. Eles estão fazendo uma coisa aqui, daqui a pouco estão querendo fazer outra; fazem aquela bagunça. Eles têm dificuldade de se concentrar. Aí, eles adoravam jogar dominó. Eu trazia vários. Tudo meu: xadrez, dominó, dama e... a minha maiorsurpresa...

(Entrevistadora): Tudo seu? A escola não tem?

(Profª. Filosofia): Eu não sei se tem. Acho que só tem um jogo de xadrez, um só. Então, tinha outros professores que trabalhavam também.

(Entrevistadora): Qual a média de alunos por sala?

(Profª. Filosofia): 40, 35. No Ensino Médio, eu tive uma classe de 3º ano com 52 alunos.

(Entrevistadora): Mas nas Oficinas é essa a média? Quarenta por sala?

(Profª. Filosofia): É. Nas Oficinas são 40, 35, 40. Sabe, para você ter um trabalho...Édifícil você desenvolver um trabalho com tanta criança na classe. A gente teminteligências múltiplas. Às vezes, um adora aquilo que estou falando sobre direitos humanos e outro odeia. Às vezes, um adora jogar xadrez e o outro detesta! Então, o que eu fiz: eu preservava os jogos: xadrez, dama, dominó, quebra-cabeça, jogo de palitinho. Aí, o que eles faziam; eles juntavam as duplas, os grupinhos deles. Eu fui fotografando. Eu sentava no chão pra saber o que eles gostavam. Qual o tipo de inteligência que eles tinham. Esses meninos aqui eles são fascinados por xadrez, fascinados. E a minha maior surpresa, essa dupla aqui também (mostrou uma foto) é.... Os tabuleiros são todos meus. Minha maior surpresa: esses meninos sabem jogar xadrez assim maravilhosamente. Quer dizer,

tem tanta carência material, você pensa que aquela criança nem tem acesso àquele tipo de coisa, não é? E eles têm. Aí, eu fui observar, conhecê-los. Uma hora eu fiquei sabendo que na escola da família eles vêm e jogam. Aí, na outra escola também, que tem escola da família, tem um menino lá que ensina pras crianças. Por isso eles também já possuíam noção de xadrez e gostam tanto de dama, do dominó e de todos os jogos. E assim...eu tinha silêncio total na sala de aula quando eles estavam com esses jogos. Era impressionante.

(Entrevistadora): Isso você fazia uma vez por semana?

(Profª. Filosofia): Acredito que de duas em duas semanas, vésperas de feriados, não é. Eles sempre gostavam de ter estes tipos de atividades em conjunto. Aqui...(mostrou), nós trabalhamos a questão da curiosidade e do livre arbítrio, da questão de você escolher em fazer algo ou não. Aí, eu peguei essas imagens e conversei com eles sobre para onde a curiosidade às vezes pode nos levar. Aí, eu peguei e enfatizei muito o problema da droga. Qual o primeiro caminho que apessoa vai experimentar? O da curiosidade. Aí, eu peguei aqui... o rapazinho tropeçou. O menininho vinha vindo lá pelo caminho dele da vida, aí ele tropeçou numa caixinha. Vamos dizer que olhando essa caixinha ele ficou pensando se ele abria ou não abria, vou, não vou... Aí, quando ele abriu, ele ficou pensando que se ele abrisse e de repente encontrasse um monstrão lá, seria uma coisa ruim e que talvez essa escolha fosse ruim para ele. E, talvez, ele não abrisse, ficou pensando não vou abrir não, vou embora, deixa esse negócio aí, não quero mexer nesse negócio. Como aqui na região, isso me faz de eu morar aqui, conhecê-los; tem muitoproblema com droga aqui. Não digo dentro da escola, mas aqui eles moram, eumoro aqui. De repente alguém vir a oferecer para eles e eles têm que parar e pensarse aquilo vai valer a pena. Será que a minha curiosidade vai valer a pena? Vou experimentar isto, que eu vejo todos os meus amigos falando que é bom, que é legal. Aí, eles foram analisando e montaram historinhas sobre o que eles estavam entendendo. A descoberta nessa questão do livre arbítrio. Eles nem sabiam o que era livre arbítrio, que é o direito de escolher, não é? Então, eu falei muito com elesde drogas.

(Entrevistadora): Isso você trabalhou de 6ª a 8ª? Você falou que o Ensino Médio apresenta a mesma deficiência que o Ensino Fundamental. A Educação de Jovens eAdultos (EJA) também tem?

(Profª. Filosofia): Tem. Para você trabalhar termos filosóficos puros no E.M. é ocaos. É o caos. Eu não sei se é por causa desse negócio de progressão continuada, que você não pode reter o aluno. Eu não entendo muito bem, que eu cheguei agora. Eu só tenho uma visão assim de quando eu estudei, ou você sabia ou não sabia. Você tinha que estudar mesmo que não gostasse daquilo. E agora não. Eles têm a consciência de que...Ah! eu não preciso ficar estudando muito, eu vou passar mesmo!!! Eles têm essa noção da tal progressão continuada.

(Entrevistadora): E como você avalia essa Oficina? Tem nota?

(Profª. Filosofia): Não tem nota. Só tem presença. Então, eu tenho minha avaliação pessoal do que eu vi enquanto trabalhava com eles.

(Entrevistadora): E eles esperavam nota da Oficina?

(Profª. Filosofia): É...assim.... Eles achavam que tinha nota. Porque eles só fazemas coisas pensando que tem nota. O aluno tem essa visão. "Se não for para nota eu não vou fazer não". Então, isso para eles ficou... Eles não ficaram questionando muito. Agora, no final do ano, que eles começaram a ter noção que não tinha nota, mas que os professores das Oficinas têm voto no Conselho. Os professores das Oficinas falam no Conselho e podem reter ele sim. Aí, eles começaram a ter noção, quando viram o boletim deles cheio de NS: "Professora, a senhora pode me repetir?", perguntam. "Posso", respondo.

(Entrevistadora): NS?

(Profª. Filosofia): Aqui é NS, S e OS. NS é não satisfatório, PS é plenamente satisfatório e S é satisfatório. Você só dá nota no formal, no conteúdo formal. Então, a gente vai atribuir nota lá na papeleta de notas, na papeleta só diz faltas.

(Entrevistadora): Mas você tem um diário? Registra as atividades?

(Profª. Filosofia): Tem um diário. Registra tudo direitinho, tudo bonitinho. Só que não tem nota. Mas, as faltas nas Oficinas reprovam, porque somam com todas as faltas da manhã. E eles, tinham uns que pulavam o muro, que bolavam, que se escondiam. Agora que eles foram tendo essa noção, quando eles viram no boletim aquele monte de faltas. "Professora, eu posso repetir porque eu faltei na Oficina?". "Pode, você não teve frequência, tem que ter 75% de presença, não é? Então, estavam com a frequência baixa.

(Entrevistadora): Você acha que eles entenderam o que são essas Oficinas?

(Profª. Filosofia): Eu acho que agora eles começaram, agora. No finalzinho do ano eles começaram a ter noção. Eu podia ficar o dia inteiro conversando. A Rose (Professora de Artes) foi minha grande inspiradora, que me ajudou muito. Porque eu cheguei aqui, não sabia nada! Nada! Encontrei essa mulher na minha frente (a professora entrou). Sabe quando alguém pega pela mãozinha e diz "é assim que funciona". Outra coisa que eu queria trabalhar: a questão de Deus. Mas eu ficava olhando, porque é muito complicado, nós temos alunos evangélicos, espíritas, do candomblé, os católicos. E a minha formação é espírita. Ah!, meu Deus, como eu vou trabalhar Deus com essas crianças? Com toda essa diversidade? Não vou falar com eles do que é Deus, não vou dar um conceito de Deus para eles, mesmo porque é universal. Ninguém tem essa clareza realmente do que é Deus. Depende

de sua vivência, não é? Então, eu fui lendo, li as questões filosóficas em relação a Deus, aquelas coisas. Vamos fazer um negócio? Cada um falou o que achava de Deus, de sua religião, de sua família. Agora vocês vão dizer para mim como você veem Deus, quem é esse Deus para vocês. Que se eu fosse polemizar não ia ter nada deles. Tem criança que não chega um perto do outro, porque o outro é espírita e o outro é evangélico. Não quer nem sentar perto. Então, quer dizer que se eufosse polemizar isso, eu ia ter o quê? Provavelmente, um quebra pau dentro de sala de aula. E como é que você vê Deus? Aí.., oh lá (ela leu um depoimento de aluno): "Eu vejo Deus como verdade". Teve umas alunas que fizeram até - a Gislene, a Taíse a Cecília – um funk: "vem, vem, vem com a mão no coração", elas cantaram. Elas são da Igreja Universal. Elas falavam do diabão, uma ração para tirar o diabão. Quer dizer, cada um tem uma visão. A Natália escreveu sobre o que ela achava de Deus: "eu acredito em Deus porque eu sou evangélica". Já tem uma menina aqui de outra linha da igreja evangélica: "mas eu acho que as pessoas que não acreditam em Deus se enganam no momento, porque depois elas acabam acreditando em Deus". Ela diz que não acredita e que depois acaba acreditando. "Eu não acreditava em Deus e hoje eu estou acreditando e virei evangélica. Sou muito feliz" (escreveu a aluna). Porque isso é verdade. Essa é a verdade que ela estabeleceu sobre Deus para ela. Por que é que eu vou pegar e falar: "não, meu filho, Deus não é isso aqui", com a minha visão de Deus?

(Entrevistadora): A ideia não era a de passar dogma nenhum, não é?

(Profª. Filosofia): Nenhum. Era ver se aquela criança tem conhecimento e noção, porque tem criança que não tem valor nenhum em relação a isso eu acho assim..., é difícil eu passar, como ser humano, que talvez ele não tenha essa noção de amor, não do Deus dogma, do Deus amor com o outro. Não adianta falar que tudo é pecado, meu Deus do céu, eu vou para o inferno!! Não é isso que eu quis passar para eles. Eles enxergam Deus como uma coisa bonita. Apesar de toda essa carência que eles têm, um monte deles que moram nas palafitas ali, que moram no meio do tráfico, do crime, eles ainda conseguem ter uma visão boa deste Deus. Então, eu analisei deste prisma.

(Entrevistadora): Essas ideias, todas estas pastas que você fez. Isso tudo aconteceudurante o ano? As capacitações deram algumas ideias ou você foi criando, buscando atividades?

(Profª. Filosofia): Essa daqui foram todas ideias minhas. Nas capacitações nós tivemos muita coisa de Ensino Médio.

(Entrevistadora): Mas as Oficinas são de 5ª a 8ª, certo?

(Profª. Filosofia): Teve algumas capacitações de 5ª a 8ª. Mas elas é.., algumas coisa que elas mostravam lá a gente não podia ainda trabalhar aqui, porque a

gente não tinha material. Então, fui criando, pesquisando. Eu entrava em *sites* de Filosofia para crianças, faculdade que tinha curso de Filosofia para crianças e ia pesquisando e adaptando às necessidades daqui. Tem uma escola no Rio Grande do Sul que temfilosofia desde a pré–escola, tem até Internet o nome dessa escola. Aí, eles disponibilizam pros professores, tem que fazer um cadastro, como é trabalhado a filosofia na escola deles. Isso me ajudou bastante. Também, tem o Centro deEducação para o Pensar, que é um centro também no Rio Grande do Sul que tem um centro de educação para o pensar, que disponibiliza ao professor a possibilidadede conversar com outros colegas de área.

(Entrevistadora): Estou vendo que você trabalhou ideologia com eles. Como foi?

(Profª. Filosofia): Ideologia, ideologia. Eu fui à livraria Martins Fontes e fiquei fuçando. Eu queria achar a forma de trabalhar filosofia com crianças. Tem um livro que foi feito pela mesa de estudos de filosofia da PUC, em que foi feita uma pesquisa nas escolas estaduais do Estado de São Paulo e viram que o ensino de Filosofia estava muito precário. Então, eles fizeram uma mesa de estudos e publicaram esses estudos, que inclusive mostram como você trabalhar os temas, porque existem temas que são muito profundos e a pessoa não consegue enxergar, depende muito dos conhecimentos prévios que a pessoa tem para entender. E temlá ideologia, aí têm músicas que eu trabalhei com eles. Eu, agora, não vou lembrar amúsica para te falar, mas está lá no livro; têm as atividades que você pode trabalhar,trabalhos etc.

(Entrevistadora): Eles entenderam o que é ideologia?

(Profª. Filosofia): Eles entenderam da seguinte forma: que a ideologia seria algo assim, de uma forma bem simplista: alguma coisa que induz você a acreditar que aquilo é bom. Por exemplo: o mercado consumista. Isto que eles entenderam mais claro, que foi a televisão, que é muito próximo deles. Por exemplo, tinha uma historinha lá, pois tem uma historinha da introdução na linguagem deles, que fala de uma menina que estava no ônibus e, aí, ela queria uma calça jeans. E aquela calça jeans, ela era gordinha e ela tinha passado e visto em um outdoor em uma modelo linda, maravilhosa com aquela bendita calça jeans. E ela ganhava salário mínimo e achava que aquela calça a deixaria igual a moça do outdoor. O outdoor está vendendo a idéia de que você vai ficar linda, maravilhosa, comprando aquela calça, mesmo que você deixe de comer, será suficiente vestir a calça pra ficar igual aquela moça linda. Então, essa história ilustrou para eles a ideologia de uma forma bem clara. Porque trazer conceitos filosóficos profundos de ideologia, eles não iriam conceber num primeiro momento isso. Eu achei que não iria dar certo. No Ensino Médio é difícil demais! Quer dizer, quando essas crianças chegarem no E.M., eles já terão ouvido falar em ideologia. É mais ou menos assim. Então, o professor que os pegar lá na frente, lá no E.M., eles vão ter aquela noçãozinha básica. E não quando como eu chego no E.M., no EJA e tenho que passar

ideologia pra eles dessa forma, porque eles não têm base nenhuma e se eu chegar lá com textos de Aristóteles, de Kant, pelo amor de Deus, vai ser o caos. Eu não posso chegar assim desse jeito. Por isso que essa mesa da PUC eles constataram o seguinte: você tem que tratar filosofia com esses alunos de uma forma e com uma linguagem simples, para depoisintroduzir os textos puramente filosóficos. Mais na frente. Você trabalha ideologia de uma forma clara assim, numa linguagem simples e, depois, você introduz termos mais profundos da ideologia. Aí, eles desenharam aqui (mostrou). Eles montaram as ideias deles através da historinha (leu): "É uma ideia que todos aceitam como uma verdade, isso acontece principalmente nas emissoras de televisão, que através de uma grande facilidade de demonstração acaba colocando nas cabeças das pessoas que certa peça de roupa ou algo diferente irá te transformar em uma outra pessoa totalmente diferente". Quer dizer, para ela ficou claro. Essa menina é da 8ª série. Quando ela chegar ao 1º colegial, agora em 2007, isso aqui para ela, ela não terá tanta dificuldade. Se a professora tentar introduzir ideologia e conceitos filosóficos profundos. Então, é esse que eu acho que é o papel da Oficina de certa forma, dando mais uma base. Acredito que também tenha essa função. Esse menino (continuou mostrando os trabalhos) montou a ideologia de um político: "o político mentiroso". O candidato vendeu uma ideia, uma ideologia de algo que ele não fez. É o que acontece no nosso mundo político atual: o político vem, vende uma ideologia para você, uma ideia. O ser humano acredita, não é? Aqui tem um embasamento de Maquiavel. Ele vai lá em Maquiavel nessa folhinha de papel e ele não tem nemnoção de que ele falou de Maquiavel ainda. Quer dizer, a mentalidade desse meninoaqui, o Luiz Flávio, quando o professor lá no 2º, 3º colegial for passar Maquiavel para ele, as questões políticas em Maquiavel, isso para ele vai ser muito claro.

(Entrevistadora): Você realmente considera que a Oficina de Filosofia teve sucesso?

(Profª. Filosofia): (Profa. Filosofia): Eu acredito que sim. Apesar de todas as dificuldades, acredito que sim.

(Entrevistadora): Alguns alunos ficaram ociosos? Porque esse tempo que você fica amais, da 1h20 até as 16h, conseguiu envolver todos os alunos?

(Profª. Filosofia): Existem alunos que não querem, não fazem. Eu não vou fazer, eu não vou fazer. Mesmo que você se sente ao lado dele e converse. Tenho um aluno que só veio fazer alguma coisa, ficou o ano inteiro ocioso, o João, ele só foi fazer alguma coisa quando viu que ia repetir o ano. Quando ele se sentiu coagido. Acho que cada aula que ele estava na classe, ele perturbava os outros ou ele ficava no canto, ele não queria saber. Por mais que eu chegasse do lado dele e conversasse, tentando conversar com ele, ele não dava ouvido. Quando chegou agora, no último bimestre, que ele pegou o boletim dele e viu aquele monte de faltas, que aquilo poderia reprová-lo, ele começou a fazer.

(Entrevistadora): Você acha que todos os seus colegas professores entenderamesse tempo das Eletivas? Que é um tempo a mais dessa criança na escola.

(Profª. Filosofia): Acho que cada um tem uma visão bem diferenciada.

(Entrevistadora): Você acha que é tempo demais ou não?

(Profª. Filosofia): Assim, eu acho que o tempo é bom, se tivesse estrutura. Umaquestão bem simples, por exemplo, aqui é telha. A gente mora numa cidade de verão. Quando essas crianças, à tarde, entram, eles não têm como tomar um banho,é um calor imenso. Para você conseguir mantê-los para fazer uma atividade se desgasta muito, tentando mantê-los aqui dentro de sala, porque eles querem sair. Querem jogar água um no outro, porque está calor demais. Então, quer dizer, você tem um ventilador deste aqui (aponta para um ventilador na parede) com 40, 45 crianças dentro de uma sala. Então, é a questão da estrutura, por que eles se você dá alguma coisa para eles fazerem, eles até que fazem, o inverno foi maravilhoso depois das férias de julho. Eles estavam calmíssimos! O tempo estava friozinho, nossa! Rendeu muito mais. Agora, nos dias de calor intenso, eles não querem. Teve um dia que a dona Yone, a diretora, precisou mandar desligar a água, porque eles pegaram e começaram a encher as garrafas de água e jogavam em todo mundo, na escola inteira. Mas acho que é uma questão humana mesmo, eles não estavam suportando aquele calor. Teria que ter, sei lá, um vestiário para eles tomarem banho.

(Entrevistadora): O maior empecilho para a Eletiva ?

(Profª. Filosofia): É estrutura mesmo e mais capacitação. Porque, por exemplo, eu tive tempo para sentar no computador, para ir a livrarias, a bibliotecas. Só que têm colegas que não conseguem, não é? Eu tive esse tempo, porque eu tenho computador em casa. Sentava lá, às vezes à meia-noite, quando chegava.

(Entrevistadora): Suas aulas só são aqui?

(Profª. Filosofia): A maioria aqui. Tenho mais 6 aulas nas outras escolas. Mas são 6 no EJA. Então, para mim foi tranquilo. Eu dava a Eletiva aqui e já emendava para o noturno. Ficava praticamente direto aqui. Mas minha parte da manhã podia sentar, podia pesquisar, preparar atividades, enfim. Porém, têm colegas que dão aulas na escola particular, depois vêm para a Oficina da tarde, têm mais aulas à noite. Quer dizer, com uma estrutura deficiente, por mais boa vontade que o professor tenha, às vezes ele não consegue. E não é que ele não tenha capacidade para fazer, é queele não tem uma estrutura de apoio para desenvolver seu trabalho.

(Entrevistadora): E o espaço, a escola está preparada?

(Profª. Filosofia): Não. Nós não temos uma quadra. A quadra está toda cheia de buracos. Se está chovendo, a professora de Educação Física vai fazer o que com ascrianças dentro da sala de aula? Ou senão, ela tem que andar até lá embaixo, na quadra lá da praça com as crianças. Se está sol muito forte. Aí, são 45 minutos de aula. O tempo que ela levou para chegar lá, começar a organizar e desenvolver a atividade, está na hora dela voltar para a escola, porque eles vão ter aula com outro professor.

(Entrevistadora): Quando um professor falta, como ficou esta questão?

(Profª. Filosofia): Ah! É uma loucura! Nós tínhamos uma eventual, a Soninha, que ficava na biblioteca com eles, trabalhando lá uns temas de alguns livros, tentando induzi-los à leitura. Acho que só vi a Soninha. E vi uma moça diferente, mas não seio nome dela, que ia para a sala de aula quando faltava professor. Mas tinha dia que não tinha eventual nenhum. Ou só tinha a Soninha e faltavam três ou quatro professores. E aí? Aí, as inspetoras ficavam loucas, não é? Ou, então, você via a inspetora pedir para o professor de Filosofia ficar com duas classes. Aí, você tem 40,pega mais 30, 40 da outra classe e põe dentro de uma mesma sala. Como é que desenvolve atividade? Fica instalado o caos. O tempo fica um caos. Não dá para aproveitar. Foi típico esse dia. Ficou marcado na minha vida. A 6ª A é tida como a classe mais terrível da escola. Todos os professores falam da 6ª A. Aí, eu estavacom a 7ª C, a classe mais tranquila da escola, eles estavam com o xadrez e euhavia trazido vários desenhos que eles tinham pedido desenhos para mim, pois eles queriam pintar. E eu trouxe uma pilha. Só que eu sei que eles são tranquilos; coloquei tudo em cima da mesa e disse "vocês escolham o que vocês quiserem, o tema que quiserem". Aí, a inspetora pediu pra 6ª A ficar na minha classe, que a professora de Filosofia desta sala não poderia ficar. Quando a 6ª A entrou, foi desenho voando pelo chão, peça de xadrez perdida, foi uma loucura naquele dia. Eufalei: gente, eu vou morrer. Os alunos da 7ª C queriam sair da sala, porque os da 6ª tinham entrado e estavam atrapalhando a atividade que eles estavam fazendo. Vocêimagina. E eu tendo que deixar a 7ª C lá dentro. Isso foi só em uma aula, em 45 minutos. Eu tinha que controlar o aluno que subia na grade, o outro que estava empurrando o colega, alunos que não se davam bem e já estavam armando uma confusão. Fiquei como uma barata tonta.

(Entrevistadora): A professora de Filosofia dessa outra 6ª série, vocês conversaram, combinaram alguma coisa, compartilharam ideias?

(Profª. Filosofia): Não. Não fizemos nada juntas. Ela pegou a 5ª e a 6ª séries e não teve aquela interação.

(Entrevistadora): Nem nos HTPCs? Não houve tempo?

(Profª. Filosofia): Assim, ela não fazia quase HTPC, não sei o porquê. Mas nãofazia. Então, não houve aquela interação. Tivemos uma Orientação Técnica sójuntas, então não sei a forma como ela trabalhou.

(Entrevistadora): Para as capacitações a direção dispensa vocês?

(Profª. Filosofia): Dispensa. A dona Yone não coloca nenhum empecilho. Nenhum. Em todas as capacitações eu fui. Todas as que a diretoria de ensino convocou.

(Entrevistadora): No ano todo, houve quantas?

(Profª. Filosofia): Bastante. Os professores estavam até tirando "sarro". Filosofia está com tudo, toda hora passeando agora! Ficaram com brincadeiras. Tiveram bastante, sendo que começaram só para lá de maio. Maio e junho. Teve capacitaçãoaté o final do ano.

(Entrevistadora): Mas isso não foi igual para as outras disciplinas, não é?

(Profª. Filosofia): Isso eu já não sei te dizer. Que eles ficavam brincando. Você vai toda hora passear, vai fazer capacitação. Tinha capacitação que era o dia inteiro. Tiveram outras que foram só no período da manhã, ou só no período da tarde. Teve uma que foi agora, voltada para o Ensino Médio. Fomos eu e a Rose, Filosofia e Arte. Nós fomos para São Paulo, muito legal! Na Pinacoteca vi a interação entre filosofia e arte, que é muito boa. Mitologia, eu quis explicar mitologia aos alunos. Fui estudar e tentar entender como fazê-los entender mitologia. Aí, o que eu fiz: fui buscar mitologia nas figuras das fábulas infantis, nos desenhos animados que eles assistem. Igual a pequena sereia. Tem lá o tridente, tudo tem fundamento mitológico. Achei na biblioteca da escola um dicionário de mitologia, mas tinha um só. Juntei eles todos e como havia apenas um dicionário, não dava para disponibilizar paraeles pesquisarem. Aí, por exemplo, pegava lá a sereia, a pequena sereia e está lá explicando a figura da mitologia da pequena sereia. Então, eu lia para eles e eles ficavam admirados com as informações. Também mitologia pura não dá pra você trabalhar com eles. Eles tiveram a noção. Tentei explicar para eles através dos desenhos. Eles gostaram da pequena sereia. Eles escreveram a história dela. Estava na época do folclore, fizeram painel e que não fotografei, porque eu não tinhamáquina fotográfica na época. Naquela parede imensa, ali (apontou), eles escreveram a história da pequena sereia inteira e identificaram todas as figuras mitológicas que aparecem na história. O pai, o tritão, a própria sereia, tudo que tinha de mitologia dentro da história, explicando o que era cada figura mitológica e os desenhos das sereias todinhos aqui. Ficou muito legal! Tudo que a gente conversou sobre mitologia me ajudou muito.

(Entrevistadora): Eu estou achando que você falou não ter experiência de

sala de aula, mas que você tivesse dado algumas aulas no ano passado. Começou tudoeste ano?

(Profª. Filosofia): Tudo. Eu me formei em Direito. Prestei Fuvest. Depois, tem um tempo de OAB, não é, para mim infernal. Passei. Eu tenho que sobreviver. Meu estágio tinha acabado. A gente se forma, sai do estágio. Fiquei 5 anos estagiandona área jurídica da Secretaria da Educação do município de Santos. Aprendi muita coisa ali dentro também. Toda a legislação educacional, parte administrativa. Fiquei lá anos. Só que quando a faculdade acabou, a gente sai. Falei: "Meu Deus, que é que eu vou fazer agora? Tenho que tirar a OAB, que é um gasto imenso. Não nasci em berço de ouro, tenho uma filha para criar, separada. Tenho uma filha de 10 anos,estava me divorciando. Pensão para ela, uma mixaria. Como é que eu vou fazer?". Sabe o que vou fazer? Vou dar aulas. No meu diploma estava lá, eu podia dar aulas de Filosofia. Então, eu me inscrevi. E vim com a cara e a coragem. Essa minha amiga, Gláucia, que me acompanha nas atividades, já tinha feito magistério, me ajudou muito, me deu o maior incentivo. E estou aqui! Em outra atividade, peguei e dividi assim: 8 quadrinhos. Como eles se sentiam na ETI? "Acordei, fui para a escola, as aulas da manhã, intervalo, voltei de novo para a aula, almoço, oficina pedagógica, tomar o lanche e ir para a casa". O que vocês sentem em cada período desse aqui. Então, olha aí uma versão de aluno: "Acordo meio murcho, vou para a escola – 1ª aula – está com raiva; intervalo já está feliz; aula novamente – começa a abrir a boca de sono (riu); almoço; as aulas da tarde ela se sente feliz; merenda e ir embora". De manhã está meio assim, mas à tarde parece melhor. Ah, essa aluna é ótima.

(Entrevistadora): Você fez um levantamento dessas informações?

(Profª. Filosofia): Não. Parece que eles não gostam muito de aula. Eles estão mais felizes quando vão embora. Associam a ETI com prisão. Eles não aguentam ficar aqui dentro. Eles falam que é muito tempo. É questão de estrutura, pois do jeito que está eles ficam muito cansados. Porque ficar dentro de uma escola por 9 horas... Eles ficam correndo agitadíssimos depois do almoço pelo pátio, aí vem para a sala agitadíssimos. Até você acalmá-los, na 1ª aula, tem tempo. Aí, eles começam a ter noção de novo de que estão na sala e fazem as atividades. Mas é..., eu acho muita coisa. É legal a Oficina. Você pode envolver muitos conceitos que não consegue desenvolver de manhã, mas teria que ter uma estrutura muito grande para eles verem isso melhor, para eles verem isso como uma coisa boa. Eu trabalhei mitologiacom eles. Eu queria levá-los lá no museu da mitologia, estava tendo uma exposição de mitologia no Masp. Era de graça. Só que não tinha ônibus para levá-los e elesnão têm dinheiro para pagar. Quer dizer, a gente trabalha tudo isso aqui (mostrou osinúmeros trabalhos expostos na sala); se eu os levasse para conhecer o Masp, para conhecer tudo isto, poderia tirar essa ideia de prisão. Eles estariam livres, em um outro ambiente. Não tive condições de fazer isto. A gente tem as ideias, a gente pesquisa, mas o improviso ainda é importante.

(Entrevistadora): Se você tivesse que escolher para o ano que vem. Você preferiria a Oficina ou o currículo básico?

(Profª. Filosofia): Eu escolheria a Oficina no ensino fundamental, mesmo com todas as dificuldades, eu preferiria a Oficina. Porque você não fica preso, tão preso àquela coisa fechada do currículo básico. Você pode criar e ver a criação deles. Na sala de aula é importante? É. A sala, com todo aquele currículo básico, aquelas questões formais, que a gente precisa disso no mundo. Mas, nas Eletivas, você consegue trabalhar com as questões formais, só que de uma forma que para eles fica muito mais alegre. Não aquele caderno, aquela caneta, aquele giz e apagador. Eles trabalham com cola, purpurina, lápis de cor, canetinha, aquela coisa colorida. E essa molecada, quando eles querem, eles fazem. É impressionante. Muito legal!

(Entrevistadora): Você acha que um maior tempo do aluno na escola vai potencializar a aprendizagem dele?

(Profª. Filosofia): Vai. Só que a gente precisa de estrutura, mas muita estrutura.Acho que todos os professores batem na mesma tecla. Todos os meus colegas falaram. Sala de vídeo, por exemplo. Têm vários vídeos que eu separei para passar sobre esses temas todos que foram trabalhados. Se eu tivesse uma televisão aqui e um DVD, por exemplo. Eu já estaria correlacionando os trabalhos com aquilo que eles estariam vendo nos vídeos, nas imagens. Porque, às vezes, outro professor vai usar a sala de vídeo e, aí, você não pode usar e quando chega a sua vez, já está passando para outro tema. Agora, se eu tivesse aqui um vídeo pra trabalhar na sala,tivesse um retroprojetor, tivesse todas essas coisas, mas na sala. E não um para a escola inteira usar. Uma televisão para a escola inteira usar, um DVD para agendar. Porque o que acontece: o teu conteúdo, aquele que você tinha que trabalhar, já tem que ser outro, quando você consegue um espaço lá, pois a gente tem que cumpriras exigências todas de conteúdo, do plano.

(Entrevistadora): Você fez plano?

(Profª. Filosofia): Fiz, mas tiveram muitas coisas que eu fiz, que fui estudando, que foram além do plano.

(Entrevistadora): Você acha que a Oficina promoveu participação social, interação entre aluno/escola/comunidade/professor?

(Profª. Filosofia): A interação social, sim. Porque quando eles estão na Oficina eles conversam muito, eles falam demais, falam dos problemas. Eles vêm conversar comvocê sobre problemas íntimos deles. Parece que eles ficam muito próximos do professor. Interação professor/aluno acontece. Eles vêm, conversam. Contam o que está acontecendo na casa deles. Descobrimos, aí, três meninas que estavam se relacionando intimamente, um triângulo amoroso entre

três alunas, porque elasvieram contar para gente. Alunas da 7ª série. Quer dizer, se você não tem essa proximidade, não há como ajudar. Porque a gente vai além das atividades. Temoutra aluna que o pai foi preso, a avó ficou com raiva porque o pai foi preso, afamília da parte da avó não queria que a menina entrasse na casa. Problemas de pensão. A aluna chorava e dizia que gostava da avó. Eles sentam e começam a falar. A escola não tem muito o que fazer por eles. Nós, professores, só ouvimos e tentamos ajudar no emocional ali naquele momento, porque nunca ouvi aqui esse negócio de Conselho Tutelar. Quando eu trabalhei no jurídico, na Secretaria da Educação de São Vicente, eu comecei a ter visões de que lá tudo vai parar no Conselho Tutelar, às vezes, até fatura. Tudo que vinha para o jurídico, o aluno espirrava, já vinha coisa para o Conselho Tutelar, era ação para isso. Nós tínhamos lá dez mil processos que eu cuidava com mais duas pessoas. Tudo de processos judiciais da vara da infância e da juventude que os pais reclamavam. Até briguinhas dentro da classe, os pais iam para a promotoria da infância e da juventude, entendeu? Um negócio muito ferrenho lá. Que nós tínhamos assuntos assim, é... padrastos que estupravam a enteada e a gente chamava para conversar com a mãe, tinha que pedir permissão do Conselho Tutelar e o Conselho Tutelar não queria representar no Ministério Público, que é uma coisa tão íntima, não é? Aí, chamava para conversar, porque o negócio fugiu da esfera de casa e foi pra dentro da escola. Todo mundo fica sabendo. Só que eu não sei qual é a diferença do município lá para o Estado, porque lá o diretor quando ele sabe de uma situação dessas, ele manda o Conselho Tutelar intervir. Eu não sei qual é a diferença. Essa estrutura administrativa, sinceramente, eu não sei como funciona. Então, como eu estava lá dentro e recebia todos esses processos, com histórias assim mirabolantes,eu via a atuação

(Entrevistadora): Você sente que alguma coisa que você tenha feito aqui neste ano com as Oficinas foi imposição da direção ou da diretoria de ensino?

(Profª. Filosofia): Nenhuma atividade que eu fiz com meus alunos foi imposta. Nenhuma. A coordenação daqui..., se teve com algum professor eu não sei. Mascom a minha disciplina, ela deixou a gente livre. Só queria saber o que a gente estava fazendo, para ter uma noção do que a pessoa está fazendo. Mas não. Não disse "você vai ter que fazer esta atividade". Até o projeto de Educação Física que eu desenvolvi com eles, a coordenadora chegou "você quer desenvolver?". Aí, eu fiz o jornal-escola também. Elas foram muito democráticas nesse sentido. No final das contas, tivemos que expor nossos trabalhos. Tivemos liberdade, mas no final tem uma cobrança! Mas também está correto. Tem que mostrar o que fez com os alunos,porque também eu estava observando outro dia as coordenadoras, a diretora, sei lá, ficam enlouquecidas com essas crianças para mantê-los. Tem que mantê-los na sala de aula, uma hora é um que briga, uma hora é um que quebra o pé, uma hora é um que se machuca e corre para o pronto-socorro. Não dá para elas ficarem do lado do professor o tempo todo, porque essa Escola de Tempo Integral, para eles (osalunos), foi um choque muito grande. Eles

sentiram muito.

(Entrevistadora): Os alunos não sabiam?

(Profª. Filosofia): Eles achavam que iam brincar de tarde. A ideia que eles tinham é de que, à tarde, eles só iam brincar. Acho que a família também entendeu isso.Tanto que foi feita uma reunião com os pais para esclarecer que as Oficinas repetiam de ano sim, que tinha que mandar o aluno para a escola; que à tarde ele tinha que estar na escola. Isso não foi no começo, foi um pouco depois. Eles começaram a reclamar muito da indisciplina dos alunos e a gente, no começo, eu te falei, a gente tinha vontade de chorar. Eu ia andando pra casa, minha cabeça parecia que ia desmontar.

(Entrevistadora): A indisciplina aumentou por eles não entenderem a proposta?

(Profª. Filosofia): Acharam que eles estavam quebrando muito a escola, destruindo muito. Tinha dias que estavam muito bravos. E quando o ser humano está revoltado,ele desconta naquilo que ele tem na frente. Começaram a pichar muito, a destruir muito. Mas isso no começo. Depois das férias de julho, eles começaram a acalmar um pouco e a produzir. Por que eles tinham noção de que iam ficar jogando pingue-pongue, bola, só isso. Falavam "professora, a senhora está me dando coisas para fazer? Falaram que eu ia brincar!". Quem disse isso para você?

(Entrevistadora): Que sugestões você daria para uma educação integral efetiva? Já que a ideia é essa.

(Profª. Filosofia): Eu fiz a Teia do Saber que foi voltada para a ETI e lá eles mostraram outras escolas como o COC, que tem algumas unidades com período integral; é uma escola de alto nível, alto nível de estrutura. É fantástico! Aí, a gente fica sonhando com aquilo. Não tem nem giz e apagador. A lousa deles é toda digitalizada. O professor fica assim..., ele tem uma caneta que ele escreve a cor que ele quer, não tem giz, ele define tudo com aquela caneta. Os alunos não têm caderno. Eles têm um..., como é o nome daquilo? É tipo uma memória de computador, igual da máquina digital. Tudo que o professor está passando vai ser gravado e ele leva para casa. Quando ele tiver que estudar, vai estudar. Todas as salas de aula são equipadas com vídeo, com televisão, com aquele outro lá *data show*. Tudo que você imaginar de alta tecnologia tem ali. Tem piscina, tem vestiários, tem aulas de línguas. Eles estudam inglês, francês e alemão. É escola de bacana. Já pensou o ensino público com toda essa estrutura?

(Entrevistadora): A intenção foi comparar?

(Profª. Filosofia): O que o professor expôs muito é que ele dá aula lá. Ele diz que

com tudo isso, com toda tecnologia que tem para você dar aula e, às vezes, vocênão consegue fazer aquele ser humano aprender. E, às vezes, você com giz e apagador, com toda essa dificuldade que a gente tem, a gente consegue produzir boas coisas, fazer alguém aprender. Têm alunos que com tudo aquilo, que você tenta abrir a cabeça dele e ele não quer saber. O pai paga a mensalidade que é umafortuna e não adianta, ele não quer. E a gente com toda essa estrutura que tem problemas, cheia de dificuldades, cheia de improvisos, falta de material, sala cheia, você consegue pegar alunos brilhantes. Eles enfatizaram muito isso lá. Porque os professores do Estado já chegam assim revoltados, nossa! Eu ficava observando, tudo o que o professor ia falar eles já rebatiam em forma de mau-humor, não queremsaber também: "Ah! Isso não dá certo!". Eles não esperam nem a pessoa terminar. Há falta de vontade, não sei se é por causa de toda essa dificuldade também que refletiu no comportamento do professor. Porque o professor já tem tanta marca de tudo aquilo que ele queria ver se transformar e não viu. Transformações na estruturado ensino público. Fazem tanta coisa, veem tanta coisa e o negócio continua no mesmo. Quando ele chega lá ele já, né, diz que não vai funcionar, não quer nem saber. Então, esse professor, eu gravei muito ele falando na minha mente, ele apresentou toda essa tecnologia que ele trabalha lá e disse que se aquele ser humano não quiser, não adianta, ele tem que querer. E você olha um aluno daqui que não tem acesso a nada daquilo e ele produz coisas maravilhosas. Porque quando eles querem, eles fazem. Eu estava conversando com a Rouse outro dia (Profa. de Artes), eu estava montando com eles o ser humano ideal, o político perfeito. Pedi a eles que fizessem o tema que eles quisessem. Uns falaram do traficante ideal, a boca de fumo como é que tinha que ser. Eles têm uma visão das coisas que você olha pra eles e não acha que eles têm esse conhecimento de mundo. É grande! Todo embaralhado, mas têm. É impressionante. E, aí, esseprofessor estava falando que esses meninos dessa escola de alta tecnologia, que nasceram em famílias riquíssimas e pagam mensalidades exorbitantes, não estão nem aí. Se eu tirar uma coisa legal ali..." Sabe o que eu admiro nos professores do Estado", ele estava falando, que vocês não têm que seguir apostila. Vocês não têm que ficar seguindo método. Vocês têm a liberdade de criar aquilo que vocês acreditam e passar para aquelas pessoas, para aquelas crianças.

(Entrevistadora): A Eletiva lhe deu essa oportunidade de criar?

(Profª. Filosofia): Deu. Você acha que eu ia pesquisar tudo isso se eu não tivesse que passar? Para minha prática docente, a Eletiva teve um efeito positivo. Eu não ia me dar ao trabalho de pesquisar todas essas coisas, tinha que fazer. Eu não ia ficar com 40 crianças dentro da sala de aula, olhando para a cara deles e esperando o Estado me mandar material e esperando a capacitação acontecer. Então, aquele calor, aquela coisa toda, tinha que fazer essa molecada trabalhar com as mãos, coma mente, com o corpo, senão eles se matam dentro da sala de aula. Então, para mimfoi muito proveitoso, porque eu estudei coisas que eu nem tinha conhecimento. Essenegócio de inteligências múltiplas, termos pedagógicos que

nas HTPCs elas começavam a falar e eu não entendia o que elas estavam falando. Termos de Pedagogia e eu ia perguntar para a coordenadora. Eu e a professora de Empreendedorismo. Nós ficávamos sentadas sem entender nada. A coordenadora nos ajudava, a gente ia pesquisar. Tanto que esta professora está fazendo licenciatura em Letras e, eu, em Filosofia. A gente gostou da brincadeira. Nós não temos ar condicionado, ventilador, telhado apropriado, falta iluminação. A grande crítica que eu tenho contra o Estado é que ele passa para a sociedade uma imagem de uma coisa que ele quer que funcione, mas ele não contribui para funcionar. O que é para o Estado equipar uma escola do jeito que ela tem que ser equipada, comtanto imposto que eles arrecadam? A maior receita é a da Educação nesse país. A maior. Milhões e milhões vão para a educação. Aonde está indo esse dinheiro? Aí, você olha, vê parede pichada, janela destruída, você não tem ventilador, você não

tem um teto decente, você não tem vídeo, não tem isso, nem aquilo. Você tem que pagar xérox, comprar papel crepom para o Estado. Você põe do teu bolso; eu tenho conta no xérox aqui do lado. Na televisão tudo aparece lindo. E cadê a grana da educação? Cadê? Eu já dava muito valor para a educação; eu convivi com aeducação por cinco anos, mas no meio jurídico. Eu já dava muito valor para aqueles docentes. Sabe, eu os via trabalhando, se empenhando, aquelas reuniões todas, desenvolvendo provas, atividades, enlouquecidos! E, agora, passei a dar mais valor ainda. Se o governo deste país desse valor para os talentos que ele tem dentro dessas escolas, pois os professores já fazem milagres com o que eles têm. Se eles investissem realmente, teríamos assim gênios e gênios. Às vezes a gente identificava um gênio aqui, gênio ali. E, às vezes, o professor tem que dar tanta aula para sobreviver que não tem tempo para observar e o tempo vai passando. Se a gente tivesse um governo que desse oportunidade de você, de repente, se dedicar auma escola só, ganhando um salário mais ou menos legal, dedicar aos projetos. Falam, falam de projetos, mas o professor está aqui hoje e, no outro ano, já não estámais. Tem que ir para outra escola e o projeto para. Não sei se vem outro que vai continuar. Aí, o outro tem outra visão, não é? Então, eles não dão estabilidade ao professor desenvolver as coisas. Não sei se eu tenho uma visão primária, pois eu cheguei agora. Então, eles querem mostrar uma coisa linda e não dão oportunidade para desenvolver uma educação com base sólida mesmo. Eu tenho um aluno no 3º colegial que você passa para ele escrever sobre tal tema e ele não sabe. Não sai. Aquela pessoa não consegue contextualizar nada. E, aí, o que essa pessoa pode esperar? Ela vai fazer uma entrevista de emprego que pede "disserte sobre taltema", vai fazer um concurso. E na televisão, falam um monte de balela. Isso tudo que tem aqui (apontou todos os trabalhos expostos na sala), você tem que comprar.

(Entrevistadora): Eles mandaram pouco material?

(Profª. Filosofia): É, pouco. Cadê os jogos pedagógicos? Eu não vi! Tanto que meus alunos trabalharam com jogos, eu vi a professora de matemática trabalhar com jogos, que ela foi à marcenaria pedir restos de material para montar jogos. Criar comeles. Temos que desenvolver a função de criar? Sim. Mas por que não

mandam essas madeirinhas cortadinhas? Não. A professora tem que ir lá pedir, aí o moço juntou e ela pediu para o moço cortar. Como fica o tempo do professor? Este é um dos tempos a mais que o professor vai dispender. Está trabalhando. É, está trabalhando. Sempre correndo. Minha mãe até brincou: "Nossa! Mas essa vida de professor, hein?! Vocês estão lá, estão trabalhando. Chegam em casa e continuam trabalhando, porque estão no computador pesquisando, estão preparando aula". No dia em que eu fui preparar esta exposição aqui o que eu fiz: fui juntando tudo que eles fizeram em uma caixa na minha casa, porque eu não tenho um armário na minha escola para guardar as atividades que eles fazem. Meu carro, se você abrir o porta-malas, tem material, tem guache, tem cola, é um festival. Que custa para o Estado pôr um armário aqui para o professor não ter que andar com tanta coisa. Eu tenho carro, mas e o professor que não tem? Tem sala que os armários estão caindo aos pedaços. O que custa pôr umas prateleiras, faz de alvenaria que é mais barato e eles não vão quebrar. E manda pôr porta. Para quê? Isso não vai na cabeça das pessoas. Coisas tão simples. Será que não chega lá? (riu). Meu Pai do Céu, eu penso. Eu estudei em escola pública na minha infância. Só fiz escola particular no Ensino Médio, que eu fiz técnico. Só que eu estudei em escola pública do município, uma escola menor. Era diferente. Meu pai estudou na escola Canadá; ele disse que fez prova, minha avó teve que ir lá. Tudo bem que a sociedade tem que ter acesso ao ensino, que o ensino era muito mais fechado. Tudo bem. Tem acesso? Que a lei garanta esse acesso. Tanto que a minha monografia de conclusão do curso de Direito foi Acesso ao Ensino Fundamental como Garantia e Princípio da Atividade da Pessoa Humana. Esse foi meu estudo de monografia no direito constitucional. Que se garanta esse acesso, mas com qualidade! Não adianta você abrir um monte de escolas e falar que deu acesso e não dar qualidade! E eu não digo qualidade de professor, é qualidade de estrutura mesmo. Gente, como é que você trabalha? No 3º colegial eram 52, eles tinham que buscar carteiras nas outras salas.

(**Entrevistadora): Isso porque não se pode formar classe com menos de 35 alunos.**

(Profª. Filosofia): Por que a escola particular pode fazer com vinte? Por quê?

(Entrevistadora): Você tem tempo para se preparar, para continuar sua formação?

(Profª. Filosofia): De Direito?

(Entrevistadora): Você me disse que conseguiu fazer muita pesquisa, porque estava com tempo livre. Você está com tempo? Pretende prosseguir seus estudos?

(Profª. Filosofia): É. Estou fazendo a plena em Filosofia. Só no final de semana, no sábado. Você fica o dia inteiro na faculdade, os filhos ficam na casa da sua mãe (riu). Fiz Teia do Saber, fiz Ensino Médio em Rede, fiz todas as OTs. Tudo o que veio para fazer eu fiz. Acho importante, muito importante essa capacitação,

que o professor fica muito cansado com aquela rotina toda e, às vezes, ele acha que não tem nada além daquilo. Ah, que só tem um monte de criança infernal, aqueles pestes e não sei o quê e eu vejo que os professores prefeririam estar longe. Alguns já estão tão assim que eles vão obrigados nesses lugares. Eles ficam com aquelamá vontade assim, está transparente na cara deles. Muitos dizem "ai, que droga, porque eu vim pra cá?" Não sei se é porque eu cheguei agora. Não sei se é porque eu tive a visão dos dois lados, porque eu tenho uma formação muito humanista, que a área de direito deixa você muito humano. Se você fizer uma faculdade de Direito não só para ganhar dinheiro, vê todos aqueles aspectos humanos que realmente estuda durante cinco anos; isso deixa você muito humano. Os cinco anos que eu fiquei na Secretaria da Educação eu vejo como uma coisa de Deus, porque eu vi coisas que eu nem imaginava que um ser humano fosse capaz de fazer. Naquele mundo de processos que eu via no papel, histórias assim que eu dizia "o ser humano não é capaz disso", mas é. Então, isso vai te deixando mais humano, abre muito a sua mente. Então, você vai buscar muito resultado, ou ideias para aqueles problemasque você vê. Será que não tem uma coisa que solucione isso aqui? Pelo amor de Deus. O ser humano, ele é muito mutável. Quando estavam pensando em criar a matemática, a Grécia já discutia a questão humana, lá dos filósofos, século VI a.C. Então, a crença no ser humano está na pessoa e se não acreditar no ser humano, a pessoa vai morrer frustrada. Gente, porque se você vai dar aula para ganhar dinheiro puramente, ainda no Estado! Que desilusão, hein? Mas é assim, talvez eu tivesse razões para estar muito desiludida no setor educacional, mas eu vejo eles narua, "fessora!fessora!, eu gosto tanto deles, eu me apaixonei tanto por eles. Os do EJA, os adultos, eles são muito carinhosos. Isso faz você prosseguir. Já numa pesquisa científica eles falaram que o professor é a profissão que morre mais tarde, porque o professor lida muito com o ser humano. Você não tem muita "neura" de buscar questões pequenas. O professor busca coisas que estão mais à frente. Ele lida muito com o humano: se emociona muito, ele se transforma muito, os sentimentos dele mudam muito. Porque tem gente que fica fechada a vida inteira, tem uma decepção aqui e vive aqui até morrer. Morre por causa daquilo. E a maioriados professores não. Teve uma mágoa aqui, aí ele vai dar aula. Ás vezes, eu estava chateada com alguma coisa que aconteceu, eu entrava no noturno para dar aula, mas eu ria tanto com eles, me divertia tanto que eu até esquecia o que tinha acontecido. Eles têm esse poder. Um barato! Na classe a chateação passava. O noturno, então, é uma terapia. Tinha um casal de "sapatão" ...e você vai enxergando as diversidades das pessoas de uma forma diferente. No maior respeito! Eles falam das intimidades deles e você vai descobrindo como são essas pessoas, que só ficavam no imaginário, você não sabe como é. Você acaba derrubando todos os preconceitos. Os alunos acabam pedindo respeito para você entre os colegas. Teve um aluno que no 1º dia de aula ele falou assim: "para que serve Filosofia, não vou estudar Filosofia, isto aqui é uma (palavrão)". Eu falei: "eu não vou nem te responder, ta?" Ás 11h da noite, o ser aqui, maior escuridão na esquina, ele estava saindo de bicicleta e eu estava saindo. Aí, eu o chamei. Falei: "Olha, Ernesto (nome do meu avô), vou te falar uma coisa. Eu não chamei direção, não

chamei ninguém, porque eu não quero te prejudicar e eu acho que você também não quer meprejudicar. Para quê? Eu só quero dar minha aula. Qual é o teu problema? Não te fiznada, é o meu 1º dia de aula. Eu te conheço, eu moro aqui." A senhora sabe quem eu sou? ele perguntou. Falei: "sei". Aí, ele disse: "foi mal, professora". Esse menino, do 2º bimestre em diante, ele fez tudo. Ele só tem PS. Tudo. Ele veio para o ataque, com uma agressividade, não sei se ele tinha cheirado ou o quê. Só que eu acho que ele não esperava que eu o chamaria às 11h da noite, na esquina, não é? Eles têm uma grande carência, querem chamar a atenção. Nossa! Eu falo demais!

(Entrevistadora): Sua formação inicial lhe deu ferramentas para lidar com a proposta da Escola de Tempo Integral?

(Profª. Filosofia): Acredito que a minha formação inicial teve grande contribuiçãopara o desenvolvimento do meu trabalho, pois a minha formação é totalmentevoltada para o ser humano. Acredito que o encontro da Filosofia com o Direito nos proporciona a desenvolver raciocínios e questionamentos mais humanos, tendo em vista que a Filosofia é uma grande questionadora dos problemas humanos e o Direito tenta resolvê-los.

(Entrevistadora): Muito obrigada, professora. Para encerrarmos, fale seu nome completo, sua formação, tempo em que leciona, por favor.

(Profª. Filosofia): (Nome completo). Bacharel em Direito. Faz um ano que eu leciono; estou no pré-primário ainda**.**

PROFESSORA DE ARTES

Professora de Artes, responsável pela Aula Curricular de Atividades Artísticas. Estas aulas dividiram-se em Artes Visuais, teatro, Dança e Música, sendo que a professora entrevistada desenvolveu a eletiva de Artes Visuais.

(Entrevistadora): Qual o objetivo desta eletiva?

(Profª. Artes): O objetivo desta Eletiva envolve vários itens. Na realidade, o primeiro deles é deixar a criança na escola, tirar a criança da rua. Esse é o objetivo principal. Tanto que é o que eles falam, as crianças falam, as próprias mães falam isso. O segundo objetivo é fazer com que eles aprendam algumas habilidades extras, fora aquelas aulas regulares que eles têm no período da manhã. Então, este também é um objetivo muito importante. Aí, você percebe quais são as tendências de cada um.Você vê que tem aquele que gosta mais de desenhar, tem aquele que gosta mais depintar, tem aquele que gosta mais de mexer com massa. Você vai

observar várias tendências deles. Esses são realmente os objetivos mais importantes que eu vejo naOficina da Escola de Tempo Integral.

(Entrevistadora): Qual a metodologia que você usou para realizar esta Oficina?

(Profª. Artes): Você sabe que agora em 2006 foi o primeiro ano da Escola de TempoIntegral. Então, por mais tempo que você tenha como professora fica, às vezes,meio perdida porque você não sabe o que eles querem. O governo, a Secretaria da Educação, eles colocam uma novidade e eles vão falar com você quando a coisa já está praticamente em andamento há cinco, seis meses. Então, você trabalha com o quê? Você trabalha com aquilo que você tem conhecimento. Então, espera um pouco. Se eu dou aula de manhã de Artes e eu trabalho tanto com a parte artística, como com a parte de Desenho Geométrico, aí o que eu fiz: eu comecei a deixar a parte de Artes, que é a parte de Oficina de trabalhar com recortes, colagens, pintura,tudo isso. Eu comecei a deixar mais para o período da tarde, porque eu acho importante a parte do Desenho Geométrico. É uma parte que ajuda muito as crianças quando elas têm a Matemática. Tanto o professor de Matemática, quanto a professora, ela chega num determinado período, normalmente depois de agosto/setembro, entra com Geometria. E eles não sabem o que é um quadrado. Eles não sabem o que é um triângulo. Você quer ver uma coisa importante? Eles perguntam para mim, quando vão usar a régua: "isso começa do zero?" Eles nãotêm noção disso. Uma criança que está há quatro anos numa escola, eu pergunto a você o que os professores fizeram nestes quatro anos? Numa 4ª série que seja. Eu sei que eles têm noção que o quadrado tem quatro lados, que o triângulo tem três, o retângulo tem quatro lados, mas é diferente do quadrado. Agora, e a régua? Que negócio é esse? São coisas básicas (riu)! Então, eu tive que mostrar para eles o porquê que era o zero. Se de um número para outro é 1 cm, por que quando você chega no 2 está marcado o número 2. Tem 2cm. E tantos outros conceitos básicos.

(Entrevistadora): Você trabalha com que série?

(Profª. Artes): 5ª, 6ª, 7ª, 8ª, Ensino Médio

(Entrevistadora): Você só trabalha no CEPI?

(Profª. Artes): No CEPI. Só estou no Ênio. Eu me efetivei no CEPI e no CEPI fiquei. Agora, para 2022, teria que escolher carga suplementar fora, se eu não fosse optar pelas Eletivas. Mas eu sentei com a Ione (diretora), eu conversei com ela e ela falou para mim que o melhor era pegar as aulas. Ela falou "você trabalhou bem, não é de faltar, vai bem com eles. Fica aqui, não arrisca não. Vai ter muito efetivo querendo pegar carga suplementar fora, para não trabalhar com ETI, porque ela é desgastante". Desgastante. E você quer ver uma outra coisa? Eles foram mandar para gente um papel do que eles iriam mandar de valores em dinheiro para comprar material em agosto! Então, você imagina como ficou

difícil pra nós trabalharmos comeles, que é uma escola de periferia e é uma escola que além de ser de periferia, éde gente de classe média baixa, paupérrima, porque têm muitos que moram em palafitas, entendeu? Para você trabalhar com isso. Como você trabalha com crianças que, às vezes, não têm o lápis e a borracha?

(Entrevistadora): O 1º semestre foi por conta de vocês?

(Profª. Artes): Foi por conta. Têm aquelas crianças que trazem. E, aí, é que eu acho muito gracioso, entende? É graciosa mesmo a palavra, porque têm aqueles que dizem "eu trouxe, eu posso dividir para dar para fulano, eu posso dividir para darpara beltrano?". Pode, é seu, você comprou. E tem sempre um ou outro que diz: "Ah,não, minha mãe que comprou, é meu". Então, você tem que trabalhar um pouco também este lado, certo? O de não ser egoísta.

(Entrevistadora): Você tem gastos com material para a escola?

(Profª. Artes): Tenho. Tenho. Eu pus a mão no bolso em março. Em maio, eu comprei EVA, lápis de cor. Normalmente, elas têm algumas caixas para gente, certo? Mas eu sempre tenho. E eu tenho além dessas turmas de ETI, eu sempre tenho alguma coisa guardada minha, por causa da turma da noite, porque a turmada noite tem muitos que vêm direto do serviço, vão direto para escola e eles não têmtempo de passar em casa. Então, o que eles levam? Um caderno, borracha, canetae mais nada. Então, ainda estamos naquela época em que se coloca a mão nobolso. Ainda estamos com isso.

(Entrevistadora): Agora, a questão de o que era Eletiva, entender o que vocês tinham que fazer. No 1º semestre houve capacitação?

(Profª. Artes): Não. Eles começaram com capacitação praticamente um pouco antesdo recesso. Aí, cada semana era uma turma. Uma era Artes, depois era Informática, depois era a turma de Português que dá Oficina de Leitura e a turma de Empreendedorismo, a turma de Filosofia, certo? Que eu achei excelente! As professoras trabalham com moral, com ética. Aquela coisa que ..., lembra quando a gente tinha educação, moral e cívica? Isto era tão importante eles terem agora. Agora, eles não têm valores. Eu não digo que os valores foram modificados, elesnão têm valores. E não são as crianças. As crianças não têm, porque os pais não têm. Os adultos não têm. Eles não têm mais valores. Tem que consertar os pais. Você tem que fazer reunião e ensinar os pais, certo? Eu não sou contra mãe ser divorciada, ser desquitada, ter outro. Mas é uma outra atividade que você tem. Elas estão cada vez (...), as meninas, para mim são meninas, ficando grávidas mais cedo.E isso é porque vem de casa, porque tudo o que está sendo feito de uns bons anos pra cá em matéria de vídeo, palestra. O professor de Ciências trabalha, a própria Romênia, professora de Educação Física este ano na ETI, ela trabalha com eles sobre isso. Até teatrinho ela fez, com a parte de sexualidade. Todos os

anticoncepcionais, como devem ser usados, qual é a idade, conversas. Você nãotem que chegar somente no professor, tem que chegar na mãe, na menina, no pai, no menino. E eles acham que com eles não acontece. Acontece com o vizinho, acontece com o amigo. E quando acontece com elas sabe o que elas falam para mim? Eu já estou cansada de escutar e todos os professores lá. "Ah, eu amo demais, é uma recordação dele. Se não der certo, tudo bem. Eu tenho um filho dele".Olha a mentalidade! Ela não pensa que ela vai ter que amamentar, que ela vai ter que cuidar. Quando crescer, ela vai ter escola, ela vai gastar. É essa a mentalidade deles. É uma recordação do namorado!

(Entrevistadora): Qual a diferença maior que você sentiu do currículo básico para as Aulas Curriculares? Dificuldades e facilidades. É mais fácil o currículo básico ou a Eletiva?

(Profª. Artes): Eu senti na Eletiva a parte da..., por exemplo: eu, no regular, eu não gosto de aula dupla. Já começa por aí. Já, na Oficina, como eram três aulas no ano passado (2023) e esse ano elas passaram para duas, a parte de Artes Visuais. Então, eu tinha aula dupla. Normalmente, nesse dia eu procurava começar uma matéria nova, sabe? Alguma coisa nova, algumas coisas que eles tivessem duas aulas para fazer com calma e, na outra, que era uma aula simples somente, eles terminassem. Essa foi a facilidade, eu achei isso ótimo. Excelente. E a dificuldade maior, por incrível que pareça, foi o material no começo. Foi isso, foi o material. Agora, têm algumas coisinhas que acontecem no decorrer. Então, aquele aluno que não veio nas duas aulas, aí ele vem na 3ª. Você tem que ver que tudo bem que os outros já estão no meio do caminho, mas você tem que, às vezes, deixar de atender uma classe que tem 35, 37. Você tem que ir lá, conversar e explicar. São poucas as dificuldades, quando você tem subsídios. Quando você tem subsídios, são poucasas dificuldades, tá?

(Entrevistadora): Você acha que para o próximo ano (2024) estará melhor?

(Profª. Artes): Vai estar. Eu acho que vai. Nós já passamos da experiência, como dizem aqueles. Quem trabalha tem que ter três meses de experiência, não dizem? Nós tivemos um ano. Teve determinadas horas durante o ano que eu pensei: eles vão tirar, isso não vai dar certo, meu Deus, que loucura! E tinha horas que quandoeu via algum produto final, eu dizia: "Puxa! Mas que bonitinho! Será que eles vão continuar? Tomara!". Então, o primeiro ano realmente é o ano onde você vai experimentar. E, por incrível que pareça, várias vezes nós ficamos sabendo que lána diretoria era elogiada a nossa escola. Isso é bom! Isso é muito bom! Então, quando você tem subsídios, boa vontade e não é da parte só do professor! Tem que ser do aluno. Você deslancha; tem como trabalhar, entendeu? Você vai mais animada, certo? O problema é quando você tem que trabalhar logo no início com a minha disciplina – Artes – e fazer, quando você pega uma 5ª série, fazê-los entenderem que entra um professor, sai outro, entra um professor, sai outro. Hoje, eles já estão mais acostumados com isso. Por isso que a época do CB foi uma época boa. Eles tinham um professor de Artes, eles tinham o professor

de Educação Física, eles tinham um professor da parte regular: Português, matemática, entendeu? Teve uma época que entrava Português, História e Geografia. Depois entrava matemática, que dava Matemática e Ciências. Lembra disso?

(Entrevistadora): Os alunos estavam preparados? Eles estavam cientes de que ficariam o dia inteiro ou foi surpresa para eles?

(Profª. Artes): Foi surpresa. Foi surpresa para eles. Quando chegamos lá, que provavelmente iríamos passar à Escola de Tempo Integral. Aí, as pessoas começam "Ah, que bom!", "Ah, que pena!", "Ah, pelo amor de Deus, trabalhar manhã e tarde!". Só que ninguém pensa que tem aquele professor que ficou lá no final e só tem dez aulas. Eu vou sempre me lembrar do tempo em que eu era ACT, que quando eu voltei em 88, já tinha trabalhado em 79, 70, 71, 72.... Mas quando eu voltei em 88, faltava praticamente só um ano para terminar minha faculdade. Aí, eu não parei mais. Deus sempre me ajudou que eu nunca fiquei sem aula. Nem o vínculo eu perdi! Agora já não está mais assim. Hoje, vai conseguir pegar aula em abril. E com essa "leva" de professores e diretores se aposentando no decorrer do ano inteiro! É um que se aposenta, chama outra para ficar no lugar da vice, chama uma para ficar no lugar da professora que foi chamada pra vice. É uma alta rotatividade. Fora aquele professor ou professora que tira licença em cima de licença, em cima de licença, em cima de licença. E isso prejudica demais. Tivemos uma 7ª série que ficou prejudicada, um pouco prejudicada, até agosto por causa de Matemática. Até que firmou, pois a professora que ficou adiantou. E ela ainda pegou justamente a mesma classe na Oficina. O que ela fez? Ela "mandou ver" (riu). Aproveitou a Oficina pra misturar e fazer com que eles tivessem um pouco mais de conhecimento, porque prejudica, qualquer que seja a disciplina prejudica.

(Entrevistadora): Você acha que esse maior tempo de permanência do aluno na escola potencializou a aprendizagem dele?

(Profª. Artes): No primeiro ano, não. Não. Eles vão precisar desse 2º ano para se disciplinar. Agora, eles já sabem que vão almoçar, vão ficar e vão ter três aulas. Esse 1º ano teve uma boa turma que não se conformava. Principalmente, a 8ª série, porque tinha alguns alunos que estavam pretendendo fazer cursos, entendeu? Então, isso podou demais. E aqueles que gostam muito de passear ou de ficar sentados (riu), isso atrapalhou. Os pais entenderam. Aliás, a maioria, pelo menos lá do Ênio, da comunidade, a maioria achou muito bom, porque têm muitos lá que não só o pai trabalha, a mãe trabalha também. Então, a mãe chega, às vezes, até depoisem casa. Então, ela tinha certeza que até às quatro horas da tarde seu filho estavalá na escola. Alguns moram perto da avó, têm a avó junto. Mas têm alguns que ficamsozinhos em casa, e esse também é outro grande problema. É um problema da sociedade, um problema governamental, um problema geral!

(Entrevistadora): Pelas Diretrizes Gerais da ETI, vocês têm que estar na

escola, juntamente com uma coordenadora designada para a ETI. As diretrizes sugerem também que o professor terá que rever a sua prática, terá que reformular essa prática, rever o seu fazer pedagógico. Você acha que isso realmente vem acontecendo?

(Profª. Artes): Vem, vem. Eu sou uma que já estou pensando o que vou trabalhar com eles. O dia em que eu fui escolher as aulas, tanto a dona Ione (diretora), quantoa coordenadora da ETI falaram assim: Artes Visuais não está mais na 5ª série, em 2007, está na 6ª série. Então, eu falei: "Eu quero a minha 5ª que passou para a 6ª série". Por quê? Por causa de dar uma continuidade no trabalho. E a Marinete, que éa coordenadora da ETI, concordou e a dona Ione também. Então, eu já estou pensando em tudo aquilo que eu trabalhei, para eu continuar a trabalhar com eles. Eu sei que têm professores que acham que eu trago coisas prontas. Eu estou pensando o que eu vou trabalhar. Se você for olhar na minha sala da frente (da residência da professora), verá um monte de sacolas que eu arrumei para trabalhar com eles.

(Entrevistadora): Tem gente que fala que a Oficina ficou o mais do mesmo. Eles só ficam fazendo as mesmas atividades que aplicam no currículo básico. Mas a ideia não é essa, não é?

(Profª. Artes): Não. Você quer ouvir uma coisa? Eu acho que Artes Visuais têm que continuar na 5ª série. Mas mexeram na grade, tudo bem! Por quê? Você vai trabalhar muito com recorte e colagem. E é, na 5ª série, que você vai melhorar a coordenação motora deles, entendeu? Agora, essa turma de 5ª série não vai ter Artes Visuais neste ano de 2007. Eles vão ter Música, se não me engano. Eles têm dificuldades em cortar, dificuldades em colar. Eles colocam cola demais! Você tem que ensinar até isso! Não põe muita cola. Ou põe menos e descola. Até elesaprenderem que você recorta tudo, mas você não vai pegar e colar, pegar e colar, pegar e colar. Eu explico isso para eles: vocês vão fazer um cartaz, vai ter várias figuras para colar. Você primeiro recorta todas as figuras e antes de você colar, vocêcoloca as figuras em cima do suporte que você vai usar que pode ser cartolina,papel cartão, um EVA, seja lá o que for. Antes de você colar, você vai colocar, porque você tem que ver como vai querer colar isso. De repente você pôs a figura deuma caixa logo em cima e não é lá o melhor lugar. Você colou, como você faz? Vai tirar? Então, primeiro vai ver as posições. Muda, muda, vai mudando. Até que você vê que aquilo é o que você quer. Aí, você começa a colar, que nem isso eles têm noção! Nem disso! De lugar, de proporção, principalmente! É muito grande, você põemais para frente, põe mais para trás o que é menor. Aí, você começa a explicar: lembra quando você olha no final da rua, fica lá no fundo parece que é pequenininho; fica na frente é porque é grande. Já é, sem eles saberem, uma noção de perspectiva.

(Entrevistadora): Essa escolha de mudança de grade foi da escola ou foi geral?

(Profª. Artes): Foi geral, porque eles passaram algumas aulas da manhã para tarde também. Sabia?

(Entrevistadora): Do regular?

(Profª. Artes): É. Nós vamos ter algumas Oficinas de manhã e a maior parte à tarde. Vamos ter algumas aulas à tarde também. De manhã, vai ter OEP (Orientação de Estudos e Pesquisa), de 5ª e 6ª séries. OEP de 7ª e 8ª ficou para tarde. Agora, a parte de Artes Visuais, Dança, Música e Teatro, isso é tudo à tarde.

(Entrevistadora): Antes estava decidido que as Eletivas aconteceriam todas à tarde. Era essa a proposta inicial, certo?

(Profª. Artes): Era. O que tinha de manhã era só OEP. E, à tarde, Leitura, Filosofia, Empreendedorismo, Educação Física, Artes Visuais, Música, Dança, Teatro. Na 5ª série Artes Visuais; na 6ª, Música; na 7ª, Dança; e na 8ª, Teatro. Eu acho que deveria ser Artes Visuais no geral. O professor trabalharia cada bimestre com um determinado tema. Apesar de que eu gosto mais de trabalhar as partes visuais, sem colocar teatro, dança. Eu, em dança, não sou muito boa (riu).

(Entrevistadora): Mas a opinião do professor foi consultada?

(Profª. Artes): É, eles consultaram onde a gente achava que deveria colocar cada item. Eu sempre achei que Artes Visuais deveriam ficar na 5ª série por essesmotivos de coordenação motora, de aprender a colar, recortar, ter noção de proporção, de espaço, de lateralidade. Isso vai ajudar mais para frente com a dança,que vai ajudar com o teatro. Entendeu? Eu acho que isso é importante para setreinar com a 5ª série. À medida que eles vão crescendo e vão avançando, eles já vão tendo noções melhores.

(Entrevistadora): Na sua prática, há tempo para você articular o seu trabalho com os professores de outras áreas, tempo para conversar, participar de programas de formação?

(Profª. Artes): Com Artes foi uma situação diferente. Quando entrevistei a professora de Filosofia ela me disse que não deu tempo de conversar com a outra professora da mesma disciplina, não foi possível combinar, nem mesmo traçar um trabalho, por exemplo.

(Entrevistadora): Você acredita que as Eletivas cumprirão com a meta de participação social: interação entre alunos/escola/comunidade/professores, a formação de identidade da escola. Afinal, a escola já foi elogiada na diretoria.

(Profª. Artes): Eu acredito, mas isso a longo prazo. E ela tem que ser muito bem direcionada. Precisa definir os objetivos, para ficar algo bem concreto. Vai ser a longo prazo; acho que mais dois anos, porque a gente sabe que a ETI vai

continuar, eles não vão tirar. Então, você sabe que para cada ano, as escolas que não têm ETI vão ser colocadas. Então, depois que todos eles estiverem como Escola de Tempo Integral. Aí, eu acho que isso vai ser concretizado.

(Entrevistadora): E você acredita que a direção, a coordenação tem um papel importante nesse processo?

(Profª. Artes): Ah, importantíssimo! Muito importante! Porque você vê...., elas também têm as reuniões de capacitação delas. E depois, nos nossos HTPCs, elas têm de passar para gente. E nós temos a nossa capacitação. Tem uma hierarquia, senão qual seria o papel delas, não é? É importantíssimo. Inclusive a coordenação da ETI, voltando atrás à informação que eu falei sobre a gente poder conversar com outra professora através da coordenadora, embora ela não tenha esse papel, eu te pergunto: o que ela faz ali? Ela tem um papel importante. Ela é um elo de comunicação entre os professores. Muito importante. E a coordenadora do regular também ajuda. Eu acho que hoje, o papel principal é do coordenador e do diretor. Eo do diretor é olhar o vice. Mudou, porque o vice aparecia mais que a direção. Eu inclusive, em algumas reuniões que a gente conversa, eu sempre disse que aSecretaria da Educação e o governo do Estado deviam rever com muito carinho o papel da coordenadora, certo? Porque no papel ela trabalha 8 horas e, muitas vezes, ela trabalha mais do que isso. Eu sei. Você sabe que eu já fui coordenadora por um tempo. Então, não só porque eu fui. Eu vejo que hoje está pior em termos de trabalho. Você está fazendo um determinado serviço que você tem um prazo de 4, 5 dias e você tem que parar porque veio alguma coisa que era para entregar hápouco. Você faz tudo mais rápido, por causa da Internet, por causa do computador.O desgaste é mental e físico. Deveria rever o papel do coordenador em todos os termos, também no salarial! Eu acho que o coordenador não tinha que ganhar pelas 33 horas semanais ou 200 horas mensais. Entendeu? O trabalho dele é desgastante, porque ele é o elo também entre professor e direção, entre professor e supervisor, certo? É por isso que eu digo que ele tem um papel primordial. Quer ver uma coisa? Por que é que, quando um diretor entra de férias, o resto da parte administrativa e pedagógica não pode entrar? Se o diretor entrar de férias ou tirar uma licença prêmio, a escola continua, não continua? Porque ela precisa de aluno e de professor. E, hoje, nós temos um coordenador, que procura resolver da melhor maneira possível tudo aquilo que a gente precisa. É importante isso, eu acho muito importante o papel do coordenador.

(Entrevistadora): E a direção ajudou? Ela se envolveu com as Oficinas?

(Profª. Artes): Se envolveu. No caso da Ione, ela é uma pessoa que sempre gostou da parte que os alunos confeccionam, certo? Trabalhos, exposição, ela gosta de ver produção. Não é só para mostrar que está trabalhando, não. Ela gosta muito daparte musical, ela gosta de dança, gosta quando nós vamos mostrar para ela. Então,ela dá apoio sim. Tanto que para as capacitações somos dispensados. Não temesse problema não, com a preocupação com falta. A gente, geralmente, fica

sabendo antes, procura deixar algum material para quem for ficar no nosso lugar...

(Entrevistadora): A questão da falta do professor na Eletiva. Como é que você se acertava, pois pelo que pude perceber, diferente do regular em que a escola mexeno horário, tentando acomodar quando um professor falta, no caso das Oficinas, a situação é outra, não é?

(Profª. Artes): É, a situação é outra. Na maioria das vezes se o professor sabe que vai faltar, ele procura avisar com antecedência. Então, usa-se o mesmo sistema, chamando um eventual. Normalmente, a gente tem sempre um ou dois na escola. Vem, chega mais tarde ou vem mais cedo. Se ninguém faltou na parte da manhã para o ensino regular, a Celinha, que é inspetora, já conversa com ela (a eventual) e pede para vir mais tarde. À 1h, pois sabe que vai faltar alguém da Oficina. No caso de acontecer de uma hora para a outra, aí a gente procura dar um jeito. A gente divide. Pega uma classe e divide, um pouco para cada professor. Isso para que eles não saiam antes do horário. A não ser que seja uma 8ª; procura-se dar um jeito paraque eles tenham as primeiras aulas e, na última, eles vão embora. Isto porque eles são maiores. 5ª, 6ª séries você não vai tirar antes das 16h, porque já é uma coisa mais preocupante...

(Entrevistadora): Mas o eventual não estaria preparado para a Eletiva. Ele usa a criatividade?

(Profª. Artes): Exatamente. Vai usar a criatividade dele. E esse é um grande problema. Que quando você fala com antecedência, você deixa. Têm eventuais ótimos! Já tive gente no meu lugar que fez tudo direitinho, sem problema nenhum. Acho os eventuais dedicados e têm que ser. O eventual é que nem o trabalhador temporário no supermercado: ele tem que mostrar serviço que é para ele poder continuar trabalhando, para ser valorizado (riu). Aí, lembram dele.

(Entrevistadora): Você fez planejamento para as Eletivas? Conseguiu realizar o que planejou? Como são avaliadas as eletivas?

(Profª. Artes): 80%. 75 a 80% sim. A Eletiva você avalia da seguinte forma: ela não tem uma nota, você nem pode comentar muito com eles, porque senão vem aquela frase: "não é pra nota, não vou fazer". Mas isso é a minoria. Você avalia comportamento, disciplina; aquela parte do material se ele realmente trouxe, pois alguma coisa os alunos trazem de casa. Se ele conserva o material e como é o andamento dele na aula. Qual é o entendimento? Porque, às vezes, você tem aluno que você precisa explicar 3, 4, 5 vezes e têm aqueles que já, na primeira vez aprendem, já entendem o que você explicou. Então, eu procuro fazer o seguinte: quando eu vejo que é alguma coisa um pouquinho mais trabalhosa, eu peço para algumas alunas que têm mais facilidade, eu peço para elas sentarem cada uma em uma turma, porque eu gosto de fazer turminha com quatro. É a disposição que eu faço com as carteiras. Quatro carteiras, quatro cadeiras. São quatro alunos. Porquê? Eu tenho uma em cada turma e eu sei que elas também vão ajudar. Eu

passo, eu explico e, aí, elas funcionam como monitoras. E é uma pessoa que dá conta do dela e ainda diz não faz assim...., não faz assado...Olha, você quer ver? E ela sabe que não é para fazer o dele. Faça no seu, mostrando para ele, eu digo. Aí, ele vai pegar o dele e fazer o dele. Desfaz e faz de novo. Então, eu procuro separar desta forma, quando é uma atividade mais trabalhosa. E a gente consegue! Não 100%. Mas 75, 80% você consegue. Porque têm aqueles que ficam na dúvida, mas quandoeles veem o de alguém pronto e um diz: "Ah! Como ficou bonito!". E outro diz: "Puxa,que legal! Gostei dessa cor!". Aí, ele se anima para fazer e quer mostrar que ele também conseguiu. É isso o que tem de bom na Oficina. Muitas vezes ele não sabe, nem ele sabe o que pode fazer, do que ele gosta.

(Entrevistadora): Neste planejamento, que você realizou 80%, você pretende mexer?

(Profª. Artes): A gente sempre mexe. Você conhece. É como fazer um plano para você para esse ano de 2007. Você faz um plano, mas não sabe o que vai acontecer lá em abril pra você e você replaneja. A gente não faz isso quando volta do recesso?A gente replaneja. Nós replanejamos a nossa vida também. A minha intenção era fazer a parte elétrica da minha casa, mas eu precisei mexer primeiro no banheiro, que tive problemas. Replanejei (riu)! Logo no começo!

(Entrevistadora): Vocês trocam experiências nos HTPCs? Discutem estratégias, compartilham erros e acertos. Você sentiu entre os seus colegas que todos aceitaram bem as eletivas?

(Profª. Artes): Não. Posso dizer que 65, 70% sim. Os outros não. Acho que tem umaturminha que ainda não se encaixou, entendeu?

(Entrevistadora): O termo escola de "tempo infernal", você acha que se aplica a esta escola?

(Profª. Artes): É, no começo nós falávamos isso. Você tem que ter uma disposição além daquilo que você imagina que tem, certo? Tem que ter uma paciência muito grande! E eu tive determinados dias que eu achava que não ia conseguir, porque é cansativo eles ficarem das 7 da manhã até 12h20 com aula. Eles tiveram uma hora para eles almoçarem, relaxarem e vão voltar para dentro de uma sala de aula. Era preciso que você tivesse uma escola enorme, onde uma parte tivesse a escola e foradesse prédio tivesse um outro destinado especificamente para as Oficinas. Você mudaria, em princípio, até de ambiente.

(Entrevistadora): A proposta é esta, não é? Novos espaços. Mas parece que a escola não mudou.

(Profª. Artes): Não. Foi o 1º ano, você vai fazer o quê? Aonde? A não ser que você faça em cima da escola, faça uma outra coisa. E a nossa escola é uma escola térrea, que na reforma já foi feito errado. Deveria ter ficado lá de 1ª a 4ª; 5ª a 8ª e

Ensino Médio deveriam ter ido para o Jacob, porque esta é uma escola que tem dois andares. Aí, inverteram o negócio. Os espaços deveriam ter sido replanejados!Então, para eles, os alunos, entrarem no período da tarde, de novo, em uma sala de aula, onde só tem cadeira, entendeu? Você vê, a parte de Artes deveria ter uma salaonde tem uma pia com torneira, um armário, onde você possa colocar tintas, pincéis,cartolinas.....Se você fizer colagem, você não tem espaço, entendeu? Você não vai toda semana na sala da coordenadora pegar material. Toda vez que vai lá pegar material, eu procuro pegar pelo menos para 15, 20 dias. E o seu armário, como éque fica? Todo bagunçado. Aí, você tem outra chave. A chave fica lá em cima. "Professora, vou lavar o pincel e trocar a água". Pega o crachá, vai e volta, depoisvai outro. Agora, se você tem uma sala de Oficina em que você tem alguns recursos melhores, aí, você trabalha muito. Por quê? O cara levanta, vai lá na pia; o outro só sabe que pode ir à pia quando o outro sair. Tem que ter material, tem que terespaço! Porque ele sabe se organizar. Você acostuma desde o começo, ele já sabe.Eu sempre tenho aquele que se vira e diz: "você não escutou o que a professora falou? Espera um pouco que ela vai deixar sair daqui a pouco". Tem aquele também que quando chega, fala: "ô, caraça, você demorou tanto! Não sabe que tem um monte de gente e é um de cada vez? A professora já não falou?". Tem aquele que cobra? Você acostumando, eles se organizam. E você tendo um espaço desse, é totalmente diferente! Porque na cabecinha deles ainda vai continuar: é a sala de aula, é a sala de aula. E este ano vai ficar a mesma coisa, a não ser que tenha algo novo que não estou sabendo e só quando chegar lá é que vou saber, quando voltar do recesso. Mas não tem muito o que mexer, porque a gente precisa das salas de manhã para as aulas, certo? Deveria ter um outro prédio onde lá estaria escrito: "Oficinas". Uma sala onde tivesse almofadas no chão, alguns sofazinhos. Seria asala de leitura.

(Entrevistadora): Eles sentiriam um novo estímulo, viveriam uma nova forma de aprendizado?

(Profª. Artes): Exatamente! Agora, realmente, vamos fazer coisas diferenciadas aquele outro espaço onde têm colchonetes no canto. Está chovendo, por exemplo, a professora de Educação Física vai trabalhar ali, é grande. Dá para pôr colchonetes, dá fazer *Lien Chi*, dá para fazer teatro, jogar xadrez...Não dizem que é para não usara lousa? Não precisa da lousa, não precisa de nada disso! Você vai ter armárioscom algum material e, no nosso caso, torneira, panos, porque você precisa.

(Entrevistadora): Quem leva esse material?

(Profª. Artes): Eles levam, os alunos. Vieram algumas tintas com essa verba que recebemos no final de agosto e, depois, quando foi no finalzinho de outubro, veio mais um pouco de verba. Comprei mais alguma coisa para trabalhar com enfeites deNatal no final do ano. Demorou! No final de agosto e, no final de outubro, veio alguma verba. Aí, deu para trabalhar melhor.

(Entrevistadora): Durante este pouco tempo de vivência com a Escola de Tempo Integral, sobre a atuação da direção, dos docentes, dos funcionários, a adaptação a essas mudanças, apoio. Quais foram as maiores dificuldades em relação a espaço/tempo, pois aumentou o tempo de permanência dos alunos, porém os espaços, como já falamos, ficaram os mesmos. Foram feitas adequações. Que sugestões você pode dar para que aconteça uma educação integral efetiva?

(Profª. Artes): A dificuldade de início foi com as inspetoras, porque tocava o sinal, elas tinham que colocar os alunos para dentro. É aquilo que eu falei para você, eles saíam uma hora da sala de aula e tinham que voltar para sala. Alguns, elas tinham que catar. Eles resolviam ir ao banheiro na hora em que tocava o sinal. Elas tinham que tirar todo mundo do banheiro, fechar a porta para pôr eles para dentro. Aí, os professores já estavam na sala. Então, você tem que parar porque tem um que parou na porta e pediu licença, depois vem outro e mais outro. Então, estas foram asgrandes dificuldades: colocar a turma para dentro, fazê-los entender que tocou o sinal, tem que entrar; que toca e em segundos tem que estar todo mundo lá dentro, certo? Eu não sei dizer para você o que realmente tem que ser feito, mas nas conversas que nós tivemos com os professores, nós percebemos que esses inspetores novos que entraram no ano passado, não tiveram uma orientação, não tiveram capacitação. Eles não tinham noção do que era inclusive trabalhar em uma escola com crianças de 5ª a 8ª. A ponto de eles também ficarem bem nervosos. Eu acho que, de imediato, seria uma orientação, um curso de capacitação para esses inspetores, porque você sabe que a parte da disciplina fica sempre com o diretor, mas isso quando é um acontecimento muito grande! Quem manda na sala de aula é você, não pode deixar ninguém mandar por você. E nós tivemos uns probleminhas com inspetor querendo falar mais alto que você. Então, isso é falta de orientação e de capacitação muito bem feita (frisou). Para ele ver se realmente é essa profissão que ele quer ou se eles estão ali porque não tinham outra coisa para fazer. Estavam precisando trabalhar. Tem isso, não é? Muitos trabalham nesta área para ajudar em casa. Mas das três novas que entraram, uma delas depois teve que tirar licença, porque estava muito doente, inclusive era uma das alunas do EJA e precisou parar ocurso, mas as outras duas, depois com o tempo, eu vi que elas começaram a entrar no ritmo. Mas elas precisam, é necessária uma orientação para trabalhar melhorcom a gente, certo?

(Entrevistadora): Para ter essa integração entre vocês e todo mundo, entender o queestá acontecendo.

(Profª. Artes): Exatamente. Agora, tem professores também que têm que colocar na cabeça que ela é inspetora da escola e não empregada dele (risos), porque eu não tive problema com elas, entendeu? “Olá! Bom dia! Boa tarde, tudo bom?” ou “Posso te pedir um favor? Você tá ocupada? Muito obrigada”, entendeu? “Ah! Eu te chameie você não vem?!”. Não. “Na hora que você puder, você pode vir?”,

entendeu?

(Entrevistadora): Os problemas de disciplina você achou que aumentaram?

(Profª. Artes): No começo sim. Justamente, por essa falta de orientação delas e professores novos, muitos professores novos. Você sabe que o professor, ele pode ter 20 anos, se ele muda de uma escola para outra, você sabe que uma escola nãoé igual a outra. Já começa pelo diretor que é novo, cada diretor tem um sistema.Têm muitos professores novos, sabe, e isso também contribui, mas você sabe que nada como o dia-a-dia para poder engrenar.

(Entrevistadora): Nós recebemos da Rede vários projetos que eles nos propõem e a Oficina da Escola Integral começou como um projeto.

(Profª. Artes): O ETI é um projeto, a Escola de Tempo Integral é um projeto.

(Entrevistadora): Mas você acha que um professor, mesmo o bastante experiente, com 20 ou mesmo 23 anos lecionando como tem, enfim, você acha que quando ele pegou a Oficina sentiu como se estivesse num começo de carreira? Com aquele medo que a gente tem?

(Profª. Artes): Eu acho. Eu acho, sabe por quê? Porque o 1º bimestre era uma coisanova. "Como eu vou começar? O que eu vou passar para eles? O que é que eu tenho que deixar de passar para eles, porque se trata de ensino regular e eu não posso misturar e colocar na Oficina?" Porque você faz um planejamento, entendeu? Agora, "o que é que eu posso colocar e tirar num projeto que eu vou trabalhar numa Oficina, que não é a parte pedagógica do ensino fundamental e regular?" Então, no 1º bimestre, todas nós ficávamos como se fôssemos iniciantes, porque é coisa nova.E você sabe que tem gente que tem medo do novo. Eu também tenho! Eu tenho experiência, mas o que é que eu vou deixar para continuar passando para eles no período da manhã e o que é que eu vou tirar para trabalhar com eles à tarde na Eletiva? Mas é o que eu te digo, quando você quer e tem vontade, você depois vai, não é? O professor é só você dar incentivo que ele vai (risos).

(Entrevistadora): As capacitações foram suficientes ou você acha que tem que ter mais?

(Profª. Artes): Tem que ter mais, tem que ter mais. Mas eu, assim mesmo, fiquei surpresa com a parte de Artes, mas é porque foi o 1º ano e era muita coisa. Então, a Diretoria de Ensino tinha que pensar em capacitação para Filosofia, que também erauma coisa muito mais nova do que Artes. O que vai passar para uma criança à tardena Oficina sobre Filosofia, que você não vai escrever, que o máximo que você pode fazer é ler, não é? E a Ana Paula trabalhou muito bem! Basta dizer que é o 1º ano dela como professora, não é? Empreendedorismo, o que é isso? O que vai ajudarem capacitação? Entendeu? Então, elas se preocuparam mais até

com essa parte, porque a parte de Artes ainda não é tão difícil assim. Filosofia, Empreendedorismo, oprofessor que sentar e colocar a cabeça para funcionar, ele sabe como começar, elepode começar como eu estou pensando. Eu já estou pensando em um projeto para isso, começar com a 5º série e por que não começar com a própria história da escola? "Por que é e quem foi o Ênio; quando ela foi construída; quantos anos ela tem". Entendeu? "O espaço dela, onde ela está? Qual o bairro?". Você vai trabalhar com História, Geografia, Português, Ciências, nós temos o mangue aí. Você pode trabalhar a parte de pesquisa com tudo isso. Conversar com eles como próprio bem. Que eles vão ter essas notas na escola nova para conhecer a escola.

(Entrevistadora): Então, você acredita que a Oficina ainda pode dar certo?

(Profª. Artes): Acredito.

(Entrevistadora): E você escolheu a eletiva novamente porque você quis e não por falta de opção?

(Profª. Artes): Não, a minha opção era, se eu não escolhesse a Oficina, eu ia ter queescolher a carga suplementar fora, porque agora para 2007, nós temos outra professora de Artes. Eu escolho essa carga, ela escolhe o que sobra e as duas, fora domingo, para completar. Eu estou no Ênio desde 1994, vai fazer 13 anos, vocêacha que agora com 23 anos de Estado, eu vou mudar de escola? Pegar outra que eu não sei como que vai ser e que horas? Não. Por isso que eu sentei e conversei com a diretora e nós chegamos à conclusão que o bom seria ficar lá (risos). E ela queria que eu pegasse tudo, orientação.

(Entrevistadora): Que tem de 5º à 8º série?

(Profª. Artes): Tem, de 5º à 8º série, mas eu falei não. Eu quero a orientação de manhã, depois eu tenho que pegar mais aula à tarde e eu não quero, porque eu tenho noturno! Aí, eu vou ficar o dia inteiro lá! Vou levar a cama! E eu não quero.

(Entrevistadora): Espero que não mude essa visão, não é? Porque, infelizmente, a gente está vendo muita garotada indo para o supletivo. Eles estão estudando pouco já com a visão do supletivo. Estão se dedicando pouco, a gente está percebendo. Qual a sua formação?

(Profª. Artes): Minha formação é, primeiro, Artes Plásticas e, depois, Pedagogia. Fiz Magistério e Especialização em Educação Infantil.

PROFESSORA DE BIOLOGIA E INFORMATICA

Professora com formação em Biologia e Informática. Atua em duas escolas

diferentes na Oficina "Informática Educacional".

(Profª. Informática): Lá, o que eu vejo é assim: todos os problemas, tudo o que aconteceu no ano passado... foram em proporções maiores, pois a escola é grande.

(Entrevistadora): Quantos alunos?

(Profª. Informática): Ano passado tinham quatro turmas. A média na 1ª série, queera uma classe numerosa, era de 35 alunos. Nas 2ª e 3ª séries do EM tinham de quinze a vinte alunos. Com estes alunos rendeu um trabalho até melhor, porque era um número reduzido de alunos. Tinha possibilidade de dar mais atenção, deles desenvolverem...

(Entrevistadora): Quantos computadores?

(Profª. Informática): Na sala tinham nove, só que funcionando, passei quase o ano inteiro com sete, às vezes, oito computadores.

(Entrevistadora): Dava para essa quantidade de alunos?

(Profª. Informática): Com turmas menores dava, agora... , quando era 1ª série EM era complicado, mas, aí, eu entrei com o meu trabalho. Eu expliquei para eles. Eu vou montar grupos, melhor, os deixei escolherem montar o grupo de três a quatro alunose ficavam sempre no mesmo computador. Não dava para deixá-los livres toda aula, tinha que estipular isso com eles, senão não tinha como trabalhar com eles. Toda hora seria uma briga para quem sentar no computador. Estipulei isso com as quatro turmas.

(Entrevistadora): E funcionou?

(Profª. Informática): Funcionou.

(Entrevistadora): A escola tinha Internet?

(Profª. Informática): Não tinha Internet, como dito nas Diretrizes. Não tinha Internet, não tinha impressora. Quando eu cheguei lá, a diretora até falou: "prometeram mandar dez computadores". A sala é grande, caberia até mais, mas prometeram mandar dez. Estou até agora esperando. Tive, praticamente, sete computadores, mais nada. Não tinha impressora, não tinha material. No final do ano, quandochegou a verba, que eles distribuíram do meio para o final, me deram uma caixinha de disquetes e seis CDs. Nem folha de sulfite deram. Eu gastei sulfite, impressora, algumas eu imprimi na escola na sala da coordenação. Mas outras, eu imprimi em casa. Tive que buscar isso.

(Entrevistadora): Você dá aula só em Eletiva?

(Profª. Informática): Não, eu tenho outros alunos em Ciências. Trabalhei no Ensino Médio, ano passado.

(Entrevistadora): Você pegou oficina por opção mesmo?

(Profª. Informática): É. Deixei o projeto com a diretora e como eu tinha outro projeto, em 2004, que era um projeto de reforço na escola que chama "Números em Ação", não sei se você ouviu falar? Fiquei dois anos na escola com esse projeto, então, a diretora já sabia, já me conhecia, sabia do meu trabalho. Eu e outra professora que dava aula lá, sempre trabalhamos em conjunto, não tivemos problemas com a sala eé complicado trabalhar na sala de Informática. As pessoas pensam: "Ah! Vamos para sala de Informática, vamos deixar os alunos à vontade". Não pode, não dá parafazer isso.

(Entrevistadora): Qual é sua formação?

(Profª. Informática): Eu me formei em Biologia. Então, esses dois anos eu trabalhei com projeto. Só não trabalhei no outro ano, no ano passado, porque como a escola virou de período integral, não tinha mais espaço para aquele projeto, que era de reforço. Os alunos vinham em outro horário da sala de aula. Como agora eles passam o dia na escola, eles não têm mais horário. Eles não podem estudar à noite, não é? E era de 5ª a 6ª séries o projeto. A diretora aceitou e eu peguei. São poucas aulas as minhas, eu tenho 8 aulas; são duas salas.

(Entrevistadora): Lá você também teve projeto?

(Profª. Informática): Não. Lá, porque lá no passado, no começo, teve a atribuição na diretoria de ensino. Foi um dia específico, eu fui até meio-dia, para ver como estavaa minha classificação e comecei, em 2004, a dar aulas no Estado. Então minha pontuação é baixa. Mas tinham poucas pessoas no dia e eu acabei pegando aula naatribuição. Aí, este ano, tudo mudou. Acho que este ano já foi melhor. Quem pegou, sabe onde está mexendo, não é? Teve capacitações, teve duas, eu fui. Eu notei que os professores sabiam o que fazer, pareciam preparados para trabalhar. O que é difícil..., tinham salas de Informática na escola, que tinham 3 computadores para serem utilizados com uma sala de 40 alunos. Numa média de 10 alunos por computadores, 5 funcionando, sem Internet, sem impressora e sem iluminação na sala. Tinha uma sala grande com uma lâmpada funcionando e 35 alunos, 40 por sala. Estava muito difícil. Muito difícil e não dava para trabalhar, muitos reclamaram, porque é assim. Você não tinha que ir para a sala de Informática. . Quer utilizar essaOficina tem que usar a psicologia. Pode usar a sala de Física, como eu usei no ano passado. Por causa do horário têm umas turmas que não vão poder ir para a sala deInformática. Vão para a sala de aula, vão trabalhar música e outras coisas, utilizandosom, vídeos. Mas chega uma hora que eles têm que ir para a sala de Informática; eles pedem, eles gostam. É um momento do aluno, que ele sai um pouco da sala de aula. Porque é essa a proposta da Oficina. Trabalhar algo diferenciado, lúdico. Então, aí é que fica complicado. Até que ano passado, comparando com outras professoras e professores, eu até que estava bem, mesmo sem a Internet. Fiquei o ano inteiro sem Internet. Esse ano já tenho na escola; ainda não estou usando, mas já tem Internet.

(Entrevistadora): O que eles faziam sem a Internet?

(Profª. Informática): Eu trabalhava, é..., eu levei estes programas ligados a Oficinas, por exemplo. Eu trabalhei com um que utilizava Matemática, tem o que utiliza Português. Então eu trabalhei bastante coisa com eles. Trabalhei com textos, com desenhos, com história em quadrinhos, jogos que usam de certa maneira as Oficinas. Trabalhei com o Show do Milhão, que eles adoraram. Você tem todas as Oficinas: Português, Matemática, Ciências, História, Inglês.

(Entrevistadora): Você que teve as ideias para trabalhar com os alunos?

(Profª. Informática): Eu tive ideias. Fiquei procurando ideias e informações com outros professores. A Internet é uma opção nossa que dá para você trabalhar muito. Tem até que controlar, pois os alunos se empolgam e não querem deixar o computador.

(Entrevistadora): O que você sente de diferente do currículo básico para com as Oficinas? Dificuldades, facilidades? O que, para você, é mais fácil: as Oficinas ou o ensino regular?

(Profª. Informática): É que a minha Oficina é como Educação Física. Eles gostam. Porque têm Oficinas que eles não gostam, pois eles ficam em sala de aula. A proposta da Escola de Tempo Integral, das Oficinas, é sair da sala de aula e buscar novos espaços. Durante o ano passado (2023), você não tinha planejamento, não tinha nota. Você ia fazer seu planejamento, é claro, seguindo o critério da escola, mas não tinha uma regra a ser seguida. Não impuseram nada disso, dizendo temque fazer isso, isso, isso. Não! O professor vai trabalhar, vai escolher o que é melhorde acordo com a escola. E assim, para mim a Informática eu vejo que é mais desligada em termos de disciplina de aluno. Em termos de conteúdo, eu tenho que mais do que o currículo básico, eu tenho que correr mais em busca de coisas que vão atrair os alunos. Não adianta ser o que eu quero, o que eu gosto, o que eu acho legal. Também tem que ser de interesse deles. A gente tem que lidar muito com isso. Fazê-los querer.

(Entrevistadora): Como não tinha nota, como você garantia a presença deles na escola?

(Profª. Informática): É, esse foi um dos grandes fatores difíceis. Eu, também, trabalhei nesta escola em que estou hoje. Eu dava aulas de Ciências. Eu via os alunos e eles não queriam ficar na escola. “Escola o dia inteiro! É uma prisão!”, eles diziam. E lá, pelo menos em Cubatão, eles ficavam. Era um ou outro aluno que, às vezes, não queria ficar; queria fazer curso, queria jogar futebol. Mas assim, em termos de presença... No começo nós conseguimos segurar, mas chega no final...Eu acho que os alunos esse primeiro ano foi meio desorganizado: os professores
não estavam preparados, a escola não estava preparada. Então, foi assim, os

alunos sentem quando não tem uma organização. Chegou no final do ano, os alunosou saíram da escola, ou não foram mais para a escola. Alguns fugiam. Eu dava aulas à tarde! Meio-dia eles fugiam. Temos casos de alunos que nunca frequentavam a Oficina e, de manhã, frequentavam. À tarde eles iam embora. Todosos dias. Agora, por exemplo, comigo, às vezes eles falavam. Uma vez eu estava preparando a sala, porque eu chegava bem antes, pelo menos uns vinte minutos para abrir a sala, ligar os computadores, deixar tudo preparado para eles. E uma vezeu me atrasei um pouco. Então, uma aluna disse: "Ah, professora, que susto! Eu pensei que a senhora tivesse faltado! Não pode faltar. Hoje é Oficina de Informática."Eles gostam mesmo. No ano passado, as aulas que mais se destacavam eram a aula de Informática e a de Educação Física. Eles gostam mesmo. A partir do momento que o aluno sai de sala de aula, ele se sente melhor. Tinha que ter salas diferenciadas, para não precisar sair da sala. Têm Oficinas que não dá. O professor de Artes acertou. Tinha uma sala grande; ele tentou levar os alunos para lá, fazer os trabalhos, mexer com trabalhos manuais. Era uma sala que eles podiam sentar no chão, que eles podiam... Eles acabaram gostando também. Então, assim, eu acho que nesse ponto eu tenho vantagem, comparado às outras disciplinas, porque em Português/Matemática eles acham que vão fazer mais lição.

(Entrevistadora): Como você vê que a maior permanência do aluno na escola vai potencializar a aprendizagem dele? Ou você pensa que isso não é possível?

(Profª. Informática): Eu acredito que a ideia da ETI é ótima, porque o objetivo, a gente sabe que é tirar o aluno da rua, acabar com o uso de drogas, crimes. É fazer isso. Mais do que isso! Principalmente, para dar oportunidade para ele de aprender. Você vê, por exemplo, a maioria dos alunos não tem computador em casa. Tinham alguns que nem sabiam mexer, não sabiam o que era teclado, *mouse*. Então,estamos mostrando coisas para eles que estão longe da realidade deles. Eu achei isso válido: aumentar a oportunidade. Por exemplo, Empreendedorismo. É uma coisa que..., a ideia dessa Oficina é mostrar alternativas com que eles, de repente, podem trabalhar, vender alguma coisa, ter essa ideia em termos de negócios. Eu acho que tudo isso enriquece o currículo do aluno. Pelo menos, na teoria, é essa ideia. Eu acho importante. Agora, o que está sendo colocado em prática é essa ideia de problema, como a gente acaba contornando e da maneira como é. Eu tinha que comprar materiais quando dava trabalho, eles teriam que expor. Eles gostam de vero trabalho deles. Eu acho importante que eles fiquem mais. O problema foi mais estrutural, pois a escola não estava pronta. Falou-se até que deveria ser um projeto piloto e não começar assim, como foi feito. Poderiam ser feitas experiências em algumas escolas, desenvolver algumas Oficinas até você ter experiência de como é trabalhar com os alunos naquela Oficina, para depois se tornar uma coisa maior. Porque foi assim, na verdade, nós ficamos sabendo que a escola tinha essa proposta em dezembro e a escola começou em fevereiro. Como é que a própria estrutura da escola vai se adequar a isso?

(Entrevistadora): Os recursos chegaram?

(Profª. Informática): Não. Do meio do ano para quase o final do ano começaram a chegar os recursos, as capacitações. Eu fui a duas, porque eles deram algum material, mas muito pouco, muito pouco.

(Entrevistadora): Essa implantação fez você rever a sua prática? Você acha quevocê aprendeu, que reformulou o seu fazer pedagógico?

(Profª. Informática): É, porque eu tinha, quando eu pesquisava, eu tinha que saber, tinha que praticar um jogo, por exemplo. Isso para ver se eu sabia fazer. Eu me revi desta maneira, pois eu não ia chegar e dar uma coisa sem saber. Não posso fazer isso como professora. Eu tenho, primeiro, que ver tudo, para depois, passar para os alunos. A parte de reviver, de aprender até eu aprendi. Tem que estar sempre procurando, pesquisando. Às vezes, é uma coisa... o professor vai. Eu dou aula de Ciências, tem o livro e a gente dá aquilo. Hoje em dia, eu não faço isso. Eu trabalho com pesquisa, procuro na Internet, elaboro outras coisas. Eu aprendi, com isso, também a trabalhar com o currículo básico. Estar sempre procurando e não ficar só com o livro didático. Semana passada, eu trabalhei com uma música infantil – 5ª série – achei que eles iam se suicidar, pois 5ª série não tem mais essa coisa infantil de antigamente. Eles já estão bem espertinhos. Então, levei uma música do Trem naAlegria que era do Balão Azul, que fala de planetas e eles estão estudando isso. E, para minha surpresa, eles gostaram, porque falta um pouco isso. Eu venho, eu trabalho em uma escola que é de periferia, que tem muita criminalidade onde eles moram, eles convivem com o mundo adulto. Então eles perdem um pouco essa infância e a gente tem que resgatar essa coisa, o lúdico, tem que brincar com eles, porque é o sonhar, o desenhar que está longe deles. Difícil ver 5ª série com jeitinho de criança, eles já têm malícia. Eles acabaram de sair da 4ª série. São crianças, não é? Dez, onze anos são crianças e eles têm vocabulário de adulto. As classes estão muito heterogêneas. 5ª série com alunos de 10, 11, 13, 14, 17 anos. Um aluno de onze anos, na sala, brincava com carrinho e os outros riam dele. Temos problemas com alunos que perdem o ano por falta, muito mais que por conteúdo.

(Entrevistadora): Você tem tempo para articular, para conversar com professores de outras áreas, para participar de programas de formação?

(Profª. Informática): Então, no ano passado, não houve oportunidade para isso, nemtanto falta de tempo. Claro que conversávamos, trocávamos ideias. Eu fiz a Teia do Saber, Biologia e Ciências. O objetivo da Teia é para o currículo básico. A Teia traz muitas coisas, é bom. Foi esse curso de formação que eu participei no ano passado.Mas, durante a escola, você sabe que o professor não tem esse tempo; ele não tem uma hora específica para isso. A proposta da escola, da diretoria, era fazer umHTPC específico com os professores das oficinas. Eu participava lá, em Cubatão, deum, mas discutiam outros projetos, outros planos e acabava ficando meio perdido. E,então, você não tem tempo para conversar. Você acaba conversando no intervalo, na hora da entrada, na hora da saída, combina de fazer alguma coisa, mas não tem horário certo.

(Entrevistadora): Você acha que a Eletiva cumpre essa interação entre escola x comunidade x professor x aluno. Essa preocupação de mostrar para o aluno que ele precisa ter compromisso com a escola, com a formação de identidade. Você acha que a Oficina começou com essa ideia?

(Profª. Informática): Eu acho que sim. Às vezes, você consegue ajudar as famílias que trabalham... Eu acho que dá para fazer acontecer. É que pela experiência doano passado, a gente percebe que faltou organização. É preciso fazer uma coisa mais organizada, mais planejada. Não é criticando nem nada a escola, mas foi feita uma exposição para a diretoria de ensino, para os supervisores. Os trabalhos dos alunos nas Oficinas, a gente montou tudo. Só que é assim, a gente não montou paraos alunos, para os pais, para a comunidade. Não montamos uma exposição dessase poderia ter sido montada, porque é para eles. Mas eu acho que acaba fazendo só para mostrar que, de repente, está dando certo. Eu acho que pode dar certo se tiver um planejamento.

(Entrevistadora): No 1º ano você falou que não foi feito um planejamento. Este anojá está diferente?

(Profª. Informática): Está. Nós fizemos um projeto que eu já comecei a trabalhar. Um para cada bimestre, uma proposta. Cada bimestre o que os professores pretendem trabalhar. Teve já uma proposta. Nós, professores das Oficinas, desenvolvemos um projeto. Por exemplo: tem um professor de Saúde e Qualidade de Vida, que ele fez o"Projeto da Horta". Ele tem esse projeto e vai implantá-lo esse ano. Está sendo bem difícil para a gente. Chegou material. Nesta escola em que estou chegaram 4 computadores. Nesta escola tem 10, 9 funcionando. Chegaram. Estão embalados e temos que esperar até vir instalar. Não sabemos quando. O material que temos hoje é o que chegou ao final de 2006. A escola comprou material em termos de folha, papel, bola, material esportivo. Na nossa escola estamos esperando um coordenador para a ETI. Hoje, temos 14 salas em período integral.

(Entrevistadora): A comunidade está aceitando melhor?

(Profª. Informática): Parece que sim. Muitos alunos matriculados. O que acontece é que em casos específicos, muitos pais não articulam por causa da fama da escola. Perdemos 4 salas, eram 18. Perdemos o Ensino Médio da manhã; agora só à noite.

(Entrevistadora): E quanto a professor eventual?

(Profª. Informática): Ano passado, não tinha. Eu lembro que juntavam duas salas quando faltava professor. Educação Física e Artes passavam muito por isso. No meu caso não dava, porque não tinha espaço. Tanto é que no começo do ano, eu tinha uma "janela" e ofereci ficar com os alunos duas aulas, sendo que uma seria como eventual. Mas não podia. E os alunos ficavam lá, sem fazer nada e eles

acabavam se enchendo. Fica um tempo ocioso. A ideia era assistir às aulas normais pela manhã e, à tarde, propor atividades diferenciadas. Ficar à tarde sem fazer nada...! (comentou indignada). Tinha que ter uma sala grande com revistas e outros materiais, até uma televisão para passar um filme. Alguma coisa para acalmar e elespoderem descansar, pois eles não vão ficar 9 horas sentados em uma cadeira. Não ficam 4, que é o horário normal! Este ano, 2007, a proposta é misturar as aulas do currículo básico com as Oficinas. Tem chamada, mas não tem nota.

(Entrevistadora): E a avaliação, como fica?

(Profª. Informática): Eles dizem que é avaliação contínua. Ano passado não foi exigido nada de acompanhamento de aluno, sabe. Alguma planilha que pudesse preencher para saber o que o aluno desenvolveu, se ele participou das atividades, o grau de interesse, o grau de aprendizagem. Não teve nada disso, nada. Este ano (2023) ainda não se falou nada, por enquanto. O ano começa assim: ninguém fala nada; depois o que tiver que chegar, chega. Chegam os diários, registramos as presenças e o conteúdo. Nota não!

(Entrevistadora): Gostaria que você tecesse alguns comentários sobre a atuação da direção.

(Profª. Informática): O ano passado, lá em Cubatão, houve mudanças na direção. Até que a diretora foi bem. Ela ficava o dia inteiro para discutir problemas pedagógicos, de disciplina. Mas não sei, eu acho que foi muita coisa. A direção estava mais preocupada com os resultados. Perguntava "como é que vão as Oficinas?" Porque nós entregamos relatórios para a diretoria. Se não me engano foram dois relatórios no ano. Eles queriam saber como estava indo. Eu acredito que essa atenção da diretoria foi para com todas as escolas, pensando nos resultados.

(Entrevistadora): Você acha que seus colegas de profissão estavam preparados para essa mudança? Estavam dispostos?

(Profª. Informática): Olha, foi um choque. Assim, de repente, você tinha que mudar sua aula totalmente, você tinha os alunos o dia inteiro. Começaram dando problemas o dia inteiro. Faltaram funcionários. Acho que todos os funcionários sofreram, pois acabou sobrecarregando. Inspetores, serventes, professores: o número poderia ser maior. Para ajudar mais! São muitos alunos. Imagina na hora do almoço! Eles queriam entrar na cozinha. Aí, um tinha que ajudar o outro. Então, em termos de funcionários, faltou preparo para eles. Faltou orientação, informação para poder trabalhar com projetos, saber quais são as oficinas. Eles têm que conhecer.

(Entrevistadora): E os colegas, professores?

(Profª. Informática): Eles também.... Terminou o ano, mal sabiam o que era,

porque ficamos divididos em professores da oficina e professores do currículo básico. Eles também poderiam ser orientados, saber o que é escola de tempo integral. No final do ano, a gente tentou divulgar isso nos HTPCs, nós nos reunimos, mas foi mais em termos de montar cartazes e falar o que é escola integral, o que é período integral, com o que se trabalha do que propriamente para dar uma informação. Porque se a escola é integral, todos têm que estar envolvidos, mesmo aqueles que não são da oficina, têm que estar envolvidos. Saber o que é, como funciona, o que vai ser trabalhado, planejado.

(Entrevistadora): Quais são as maiores dificuldades enfrentadas, pensando em espaço/tempo. Quais sugestões você daria para uma educação integral efetiva?

(Profª. Informática): Olha, quanto ao espaço, as escolas não estão preparadas, em questão física, para receber estes alunos em período integral. Deveria ter sala de música, de teatro, vestiário até, caso o aluno queira/precise tomar banho. Não digo para todos, mas há certos imprevistos – às vezes, a criança passa mal – e um banhoé necessário. Faltam salas, material, funcionários... Em termos de espaço, eu penso que é isto. Agora, tempo, eu acho que deveria ser revisto esse tempo. Duração de aula, de intervalo. Ele tem vinte minutos de manhã, tem uma hora para o almoço e tem mais vinte minutos à tarde. De repente, acaba sendo pouco. Eram seis aulas de manhã e três à tarde. O intervalo deles deveria ser prorrogado, eles precisam de um tempo maior. Eu não sei se a escola tem autonomia para fazer estas mudanças.

(Entrevistadora): Pensando na sua formação inicial, ela foi suficiente para dar conta da Oficina?

(Profª. Informática): Da eletiva, não. Eu me formei em Biologia, depois fiz Informática. Minha formação na faculdade foi licenciatura, mas fui preparada para dentro da sala de aula. Não se falava em projeto de Escola de Tempo Integral.Tenho que ficar dia e noite procurando por coisas atraentes. Foi o que eu lhe falei: não são coisas que eu ache legais, têm que ser atraentes e, também, acrescentar algo para a realidade deles.

(Entrevistadora): Você pretende investir na sua formação? Tem ideia de fazer mais alguma coisa, além da Teia do Saber?

(Profª. Informática): Mais alguma coisa? Não sei... Só se eu passar em algum concurso. Fui a duas capacitações no ano passado.

(Entrevistadora): Foram boas?

(Profª. Informática): Ah! As que eu fui trouxeram algumas ideias, como montar roteiro, histórias. Interessantes, mas que na prática não se aplicam. Como é que eu vou aplicar isso para uma sala de 40 alunos? Seria bom se pudéssemos dividir os alunos em turmas. Nem todo aluno gosta de teatro ou de informática.

Uns gostam dedança, de música. O que fazer com aqueles que não querem participar? As ideias são boas, mas estão distantes da nossa realidade. Como segurar 40 alunos quando apenas 20 querem trabalhar? A professora da eletiva de Atividades Artísticas descobriu que a maioria gostava de artesanato e ela trabalhou praticamente com apenas isso. E a que ela tinha, dividia-se em música, teatro e dança, mas como é que ela ia trabalhar com isso? Decidiu trabalhar com a realidade deles e como que eles gostavam. Poder dividir as turmas, deixá-los escolher, poderia ser uma saída. Eles poderiam se inscrever na oficina de sua preferência. Horários montados, professores capacitados, material necessário. E, nas orientações, eles falam de realidades diferentes, dão exemplos da educação na Europa, coisa de primeiro mundo. Deram exemplos, se não me engano, da Espanha, não me lembro bem o país, mas lembro que os professores eram avaliados de tempos em tempos. Eles trabalhavam em apenas uma escola, com um salário correspondente a dez mil reais.Eles estudam, fazem mestrado, pós-graduação, doutorado. Eles podiam se dedicara uma escola só. Aqui é diferente: o professor tem que trabalhar no Estado, na Prefeitura, na escola privada. Então, ele acaba trabalhando em três escolas, quatro. E a que horas ele vai ter tempo para pesquisar algum assunto, elaborar alguma atividade diferente? Acaba ficando preso ao livro didático. Tudo isso são empecilhos.E depois perguntam: "Por que não dá certo a Escola de Tempo Integral?" É uma série de problemas que estão envolvidos desde a escola básica.

(Entrevistadora): E você acha que do jeito que está vai dar certo?

(Profª. Informática): Do jeito que está hoje, não. Atrair estes alunos não vai ser fácil. Outro dia ouvi na televisão que, para acabar com a violência, é preciso trazê-lospara a escola. Mas como dar uma escola de qualidade para eles? Como vamos prendê-los na escola? Lá fora é muito mais interessante para eles. Ele vai estar livre,ele não vai ter mãe e pai em cima dele, principalmente aqueles da periferia. Eles trabalham no que querem. Nós, professores, não temos oportunidade para estudar, ganhamos mal, estamos desmotivados. Não vejo maneira de atrair o aluno, de trazero aluno para a ETI. Tem que ser repensado tudo: desde a estrutura física, professores, formação, salários.

(Entrevistadora): Você continuaria a trabalhar nas eletivas? Completou sua carga?

(Profª. Informática): Sim. Mesmo tendo experiência, tive que correr atrás, procurar, conseguir material. Tanto é que eu poderia ter feito Saúde e Qualidade de Vida, poisestá na minha área. Mas como eu vou trabalhar um conteúdo desses? Em sala de aula? Qual capacitação houve para esta oficina? Muito pouco.

(Entrevistadora): As Oficinas estão caminhando graças ao "jogo de cintura" dos professores?

(Profª. Informática): Eu acredito que se der certo é por causa do professor. A escola dando apoio, mas assim no que dá, no que ela pode. A escola também não

tem recursos. Chegou a verba no ano passado, mas tudo contadinho. É assim: o que chega é para material permanente e você quer comprar algo diferente, mas não pode, porque não é considerado material permanente. Então, dificulta cada vez maise você fica de mãos atadas. Tem material que é caro, porque comprar um é uma coisa, comprar para todos os alunos, já fica pesado para você, não é?

(Entrevistadora): Qual a sua expectativa quanto à educação?

(Profª. Informática): Olha, eu vou te dizer que quando eu entrei não foi fácil, foi um grande choque. Eu não sou tão velha, tenho vinte e cinco anos. Então, estudei no Fundamental no Médio há uns dez anos. A realidade é totalmente outra, totalmente diferente, estou falando de sistema de ensino. Fiquei muito decepcionada. Quando eu estudava, eu estudei perto de casa, os alunos eram da periferia, moravam lá. Os mesmos que eu dou aula hoje. Mudou a sociedade, é um reflexo da sociedade. Em termos de sistema de ensino, eu acho que hoje em dia o professor tinha uma arma na mão e foi tirada dele: a nota. O aluno, para passar de ano, ele pode tirar zero em todas as provas, mas vai passar de ano, porque ele estava presente. Se ele se comportou, melhor ainda!! (riu). Vai passar de ano, entendeu? E aí, ele aprendeu alguma coisa? Ele sabe ler e escrever? Os alunos que estão estudando este anosão semianalfabetos. Eles não sabem compreender. Eu sou da época em que se estudava muita gramática. Lembro de minha primeira professora: ela dava lição de casa, tinha prova, várias provas. Era totalmente diferente, a gente aprendia mesmo. Tinha respeito pelo professor. O aluno podia ser terrível, mas tinha respeito pelo professor, pelas normas da escola. E, hoje em dia, eu vejo assim: não pode expulsaro aluno, não existe expulsão. O que se faz é chamar os pais na escola, o conselho de escola, convidar o aluno a fazer matrícula em outra escola....; porque expulsão mesmo não pode. Está na lei. Então, eu vejo que este projeto está tentando "tapar o sol com a peneira". Eu acho que tem que investir desde baixo. Ano passado, tinha sido destinado um milhão para as escolas. São poucas as escolas, se fossem todas,eu entenderia. Mas não são. Então, onde foi parar esse dinheiro prometido? Eu vejo que enquanto não olharem, pensando em reestruturar, eu vejo alunos do Ensino Médio saírem totalmente despreparados. Afinal, na prova do ENEM, eles sentem dificuldades, porque não sabem interpretação. Eles vão passando, passando, passando. Aí, tudo bem, conseguem diploma do Ensino Médio. Vão prestar um concurso, estão iludidos, porque não vão ter competência para brigar com os outros.

(Entrevistadora): Quais são suas necessidades como professora?

(Profª. Informática): Necessidades de mais oportunidades de formação mesmo. Momentos para conversar com os outros professores e trocar ideias. Eu tenho ideias, o outro tem ideias. É preciso trocá-las. Eu acho que falta orientação. A faculdade dá a base, mas não prepara para a realidade que vamos encontrar. Quando o professor começa a dar aula faltam recursos: retroprojetor, xerox, computador. O professor monta uma aula, não tem retroprojetor. Faz uma prova, não tem computador, como vai imprimir? O professor acaba tirando xerox para a

sala. Caímos numa realidade difícil. O importante é controlar a sala de aula, mais do que o conteúdo que você está passando. Aí, você fica decepcionado enquanto profissional. Eu sou uma educadora, o professor é um educador. Então, ele tem que passar o mínimo de conteúdo, de informação. Se ele não segura a sala de aula, ele tem problemas. Então, ele não é um bom profissional. Será que é isso? Nós não fomos formados para isso. Ninguém disse vai trabalhar assim, assim, assim esegurar a disciplina. Não é isso. Vai trabalhar alguma didática, com conteúdo, desenvolvimento. Os cursos dados pelas faculdades precisam ser reformulados, precisam ouvir os professores e se adequar à realidade. Não preciso nem dizersobre aqueles alunos que usam drogas etc. Falo dos alunos de inclusão. Não fomos preparados para recebê-los. E a propaganda diz que as escolas estão preparadas. Como lidar com estes alunos? Até a forma pedagógica é diferente. Alguns são agressivos, outros arredios. Se eu quiser fazer um curso, só terei dispensa de ponto caso seja convocada pela diretoria. Quando eu participei da Teia, era no sábado, das 8 da manhã às 4 horas da tarde. Aí, você pensa: Puxa vida! O único dia que tenho livre, porque durante a semana eu não tenho. Como é que o professor vai preparar aulas, ficar com a família, ter um momento de lazer, passear? Temos nossomomento de trabalho, este sim, pois levamos, quase sempre, trabalho para casa.

1.1. Resumo entrevista a professoras

Ao observar os relatos das professoras diante de suas estratégias utilizadas no decorrer das aulas, pude perceber que elas estavam preocupadas não apenas com o conteúdo ministrado pela escola, mas procuravam desenvolver com seus estudantes valores importantes para um relacionamento em que predomine o respeito, a amizade e a vida em comunidade, fundamentando suas aulas em valores comportamentais entre seus estudantes. Visando buscar constantemente a plenitude e o conceito geral de uma verdadeira Escola de Tempo Integral, ampliando não somente o tempo em que os estudantes ficam dentro da Unidade de Ensino como também a compreensão das virtudes importantes para fazê-los mudar o rumo de suas vidas tanto como profissionais quanto como pessoas integras e de valores morais éticos para uma vida em sociedade. Diante das palavras finais das professoras, pude notar que em suas práticas educativa sendo neste momento professoras de Escola Integral já haviam um conceito formado de que ser integral vai bem além da sala de aula.

Essas professoras demonstram que, fazer parte de um Projeto tão ousado como a Escola de Tempo Integral, não é apenas aumentar o tempo de permanência da sala de aula, nem tão pouco cuidar do estudante como se fosse uma creche de adolescentes. Em suas palavras e ações, percebi que elas vão bem além, elas buscam compreender, conhecer e aprimorar o conhecimento prévio que seus estudantes trazem consigo na bagagem da vida. Assim elas estão construindo de forma sutil um conhecimento amplo onde deixam de lado o fato de serem meras professoras, serem mães em alguns casos e irmãs em outros. Esse é aos meus olhos, o principal papel de uma escola em Tempo Integral e formar o estudante para a vida!

2. Resultado questionário com vinte e três (23) professores

TABELA Nº 9 : QUESTIONÁRIO COM PROFESSORES DO NÚCLEO CURRICULAR

1- Há quanto tempo leciona?	
Professor M	07 anos
Professor D	19 anos
Professor R	01 ano
Professor A	15 anos
Professor E	18 anos
Professor T	26 anos
Professor P	22 anos
Professor S	21 anos
Professor H	24 anos
Professor N	25 anos
Professor MA	21 anos
Professor C	5 anos
Professor J	25 anos
Professor V	30 anos
Professor AP	10 meses
Professor SC	37 anos
Professor F	10 anos
Professor MC	25 anos
Professor AM	7 anos
Professor MAR	20 anos
Professor K	18 anos
Professor MP	23 anos
Professor MS	Não revelou

2- Para que nível de ensino?	
Professor 1	Fundamental e Médio
Professor 2	Fundamental
Professor 3	Fundamental e Médio
Professor 4	Fundamental e Médio
Professor 5	Ciclo I, Ciclo II e Médio
Professor 6	Não houve resposta
Professor 7	Fundamental, Médio e EJA
Professor 8	Fundamental e Médio
Professor 9	Fundamental, Médio e EJA

Professor 10	Fundamental e Médio
Professor 11	Fundamental e Médio
Professor 12	Fundamental e Médio
Professor 13	Fundamental
Professor 14	Fundamental e Médio
Professor 15	Educação Infantil, Fundamental e Médio
Professor 16	Fundamental e Médio
Professor 17	Fundamental e Médio
Professor 18	Fundamental e Médio
Professor 19	Fundamental
Professor 20	Fundamental e Médio
Professor 21	Fundamental e Médio
Professor 22	Fundamental e Médio
Professor 23	Fundamental e Médio

3- Atua em alguma disciplina? Qual?	
Professor 1	Sim. Hora da Leitura
Professor 2	Sim. Saúde e qualidade de vida
Professor 3	Sim. Empreendedorismo Social
Professor 4	Sim. Orientação para Estudo e Pesquisa
Professor 5	Sim. Artes Visuais e Música
Professor 6	Sim. Experiências Matemáticas
Professor 7	Sim. Artes Visuais
Professor 8	Sim. Espanhol
Professor 9	Sim. Filosofia
Professor 10	Sim. Saúde e Qualidade de Vida
Professor 11	Sim. Espanhol
Professor 12	Não
Professor 13	Sim. Experiências Matemáticas
Professor 14	Sim. Atividades Artísticas
Professor 15	Sim. Leitura
Professor 16	Sim. Saúde e Qualidade de Vida
Professor 17	Sim. Orientação para Estudo e Pesquisa (OEP)
Professor 18	Sim. Leitura
Professor 19	Sim. Informática Educacional
Professor 20	Não.
Professor 21	Sim. Orientação para Estudo e Pesquisa e Oficina de Artes
Professor 22	Sim. Atividades Esportivas e Motoras
Professor 23	Sim. Informática Educacional

4- Em caso negativo: Gostaria de atuar em alguma das Eletiva? Qual? Justifique.[7]	
Professor 1	Gostaria de continuar atuando nas Eletivas de Leitura e, ainda, na de Orientação de Estudos de Pesquisa.
Professor 2	_
Professor 3	_
Professor 4	_
Professor 5	_
Professor 6	_
Professor 7	_
Professor 8	_
Professor 9	_
Professor 10	_
Professor 11	_
Professor 12	Gostaria de atuar na Eletiva de Empreendedorismo Social
Professor 13	_
Professor 14	_
Professor 15	_
Professor 16	_
Professor 17	Já atuei e atuo nas Eletivas. Espero poder atuar em 2024 também
Professor 18	_
Professor 19	Posso atuar também na Eletiva “experiências Matemáticas”, mas adoro a Eletiva em que atuo.
Professor 20	Música. Tenho um projeto para trabalhar com os estudantes , levando instrumentos paraa sala. Incentivando-os a aprender a tocare a cantar. A música é o alimento para a alma.
Professor 21	_
Professor 22	_
Professor 23	_

[7] Os não respondentes não atuaram em Eletivas.

5- Quais as condições dadas aos professores para que a Escola de Tempo Integral aconteça?	
Professor 1	Poucas, o que, em parte, justifica-se pelo projeto ETI estar no meio, mas, por outro lado, deve-se ao já histórico descaso pela educação em nosso país.
Professor 2	Falta de infraestrutura para os professores, falta de apoio da direção e coordenação e falta de interesse por parte dos alunos.
Professor 3	Falta de interesse dos alunos, apoio porparte da direção e coordenação da escola e infraestrutura.
Professor 4	Apoio por parte da direção e coordenação, infraestrutura e falta de interesse dos alunos.
Professor 5	Nos foram dadas orientações técnicas a partir de agosto/2022.
Professor 6	Inicialmente tivemos dificuldades esperadas como: falta de capacitação de oficinas dirigidas ao professor e de materiais para desenvolver os trabalhos. Mas com a competência que tivemos, conseguimos superar parte das dificuldades. Mesmo assim, surgiram alguns contratempos na realização das atividades.
Professor 7	Neste ano, contam com a boa vontade dos professores, coordenação e direção, pois a verba para o material só apareceu no meio do ano. As condições são poucas, é necessário que se tenha espaço para as oficinas.

Professor 8	No caso de espanhol, havia alguns dicionários e gramáticas que foram dadas para o Ensino Médio e gravadores para dar Música. As aulas de Informática também contavam com computadores para dar suas aulas.
Professor 9	No início do ano letivo, as condições estavam bastante precárias, mas no decorrer foram melhorando com a chegada de materiais. Entretanto, os recursos ainda são precários, pois a estrutura física não proporciona melhor qualidade no desenvolvimento das oficinas.
Professor 10	Todas, de acordo com as necessidades.
Professor 11	Boa retaguarda da direção e funcionários.
Professor 12	Vídeos, passeios, orientações técnicas.
Professor 13	Sala de vídeo, sala de informática, jogos matemáticos.
Professor 14	Alimentação, material.
Professor 15	Na minha área: biblioteca, sala de vídeo, sala de informática e todas as áreas disponíveis para efetuarmos um bom trabalho.
Professor 16	A horta com dois canteiros pequenos.
Professor 17	Através de criatividade; pesquisar, ler – professores e alunos + coordenação.
Professor 18	Boa.
Professor 19	Espaço físico para as atividades, material para trabalhar. É preciso agilizar reparos, manutenção. O problema não é da escola, mas do trâmite dos processos.
Professor 20	Salas-ambientes. No meu caso, teria que ter uma sala só para música. O instrumento ficaria no local; material ligado à música. Apoio de outros professores.
Professor 21	Boas. Material, apoio da direção e da coordenação.
Professor 22	Temos material, mas nos falta espaço para trabalhar.

Professor 23	Não há material para trabalhar com as classes; não temos nem Internet.

6- Qual a influência do espaço na prática docente, visto que as Eletivas exigem adequação do espaço físico existente nas escolas? O docente terá que rever sua prática? Explique.	
Professor 1	Sem dúvida, um espaço ambientado aos objetivos de cada oficina contribuiria para a maximização dos objetivos do trabalho. O docente deverá, sim, rever sua prática, tendo em vista que a mesma se embasa, fundamentalmente, no recurso coercitivo de atribuição de notas, conceitos e, até mesmo, das "presenças" ou "ausências".
Professor 2	As salas de aulas inadequadas para as aulas, influência negativa.
Professor 3	Negativa, pois o espaço físico da escolanão está preparado para receber alunos em tempo integral (9 horas).
Professor 4	Influência negativa porque a escola não está preparada, faltando materiais, espaço físico inadequado.
Professor 5	Minha bagagem em Artes, ajudaram muito no decorrer deste ano. Tem que haver muita criatividade por parte dos professores e dos alunos. A sala de aula foi adaptada para as aulas de núcleo diversificado.
Professor 6	Alguns espaços não foram suficientemente adequados à prática, que requer as aulas, e a acomodação devida. Por isso o docente teve que fazer alguns ajustes ao espaço para adequar a suaprática deixando a desejar o resultado de algumas atividades com alunos.
Professor 7	Como foi explicado, na pergunta anterior, necessitamos de espaços apropriadosreferentes a cada aula. Em uma aula com técnica de pintura, por exemplo, fica difícil o manuseio do material como pincel, tintas, pois torneiras temos apenas no pátio, causando um afluxo entre os estudantes.

Professor 8	O espaço físico é muito importante e é extremamente necessário que os professores revejam suas práticas já que não foram preparados para trabalhar fora da sala de aula. Aquele professor que só consegue controlar os alunos dentro do espaço restrito de quatro paredes terá muita dificuldade para conseguir controla-los em um espaço aberto, a menos que tenha planejado muito bem sua atividade de maneira que conquiste a atenção dos alunos. Também, é necessário que a coordenação e direção da escola seconscientizem de que esta prática, fora dasala de aula, é necessária e precisa de apoio.
Professor 9	Extremamente importante visto que épreciso de espaço adequado para desenvolver as atividades que requerem movimento e que os alunos permanecem um longo tempo na escola. Diante dasdificuldades, muitas vezes, é preciso mudar a prática.
Professor 10	O espaço físico é importante, mas não fundamental, pois cada professor vai adequando seus projetos aos espaços disponíveis.
Professor 11	Sempre podemos melhorar. O espaço deve ser utilizado com planejamento e inteligência. E, este ano, a escola estásofrendo reformas úteis, que nos ajudarão na nossa prática de atuação nas Oficinas.
Professor 12	Pequena. O professor precisa rever suas atividades.
Professor 13	A maioria das atividades é feita em salade aula. Há um pouco de dificuldade na sala de Informática.
Professor 14	Sim, pois um dos maiores problemas é o grande número de estudantes na sala de aula.
Professor 15	Melhor desempenho nas atividades.
Professor 16	O espaço é mínimo para o número de estudantes.

Professor 17	Sim. O espaço é igual. Somos criativos; asala de Informática e de vídeo não são prioridades das aulas.
Professor 18	Não houve resposta.
Professor 19	Bem, temos que estar preparados para o desenvolvimento de nossas aulas a qualquer espaço, visto que de escola paraescola temos muita variação da disponibilidade do espaço físico. Ex.: Se da sala-ambiente de Informática não há disponibilidade de computadores, acrescentamos espaço para leitura: gibis, revistas de informática; espaço de jogos: banco imobiliário, dama, dominó e outros.
Professor 20	Influência total.
Professor 21	Total influência, pois sem o espaço adequado não tem como trabalhar. O docente tem que rever sua prática e o governo também.
Professor 22	O professor de Educação Física é ummestre em adaptar, entretanto fazemos o possível, mas não fazemos milagres.
Professor 23	O espaço não mudou, mas precisaria ser ampliado. Estamos tentando dar atividades diversificadas em um mesmo espaço.

7- Que tipo de implicações podemos perceber na prática do professor, com a oferta de um maior tempo de permanência dos estudantes na escola? Observe aspectos positivos e negativos.	
Professor 1	Ainda que realizadas sem condições ideais – até muito longe disso – é indubitável que uma maior permanênciado estudantes, sobretudo o carente, como oatendido por nossa UE, trará reflexos positivos, seja a curto – maior capacidade de concentração para os estudos escolares – a médio - melhoria da escrita, leitura e mesmo da sociabilidade – ou a longo prazo – aumento da capacidade analítica, senso crítico etc.

Professor 2	Influência negativa, pois as escolas não estão preparadas. Perda das aulas para professores.
Professor 3	As Eletivas ainda estão em desenvolvimento. Precisa de esforço e dedicação por parte de todos.
Professor 4	Produtivo, mas precisa de lapidação, adequação. Negativo, falta de interesse por parte dos estudantes, haja vista não terem notas, somente faltas. A opinião dos professores é irrelevante.
Professor 5	O professor se viu obrigado a rever seus estudos. Pesquisar, ler muito e envolver- se com atividades que pudessem proporcionar ao aluno um bom aprendizado. No meu entendimento, as turmas das Eletivas deveriam ser montadas com um número menor de alunos (20 alunos).
Professor 6	Positivo: Entrosamento social e educacional. Negativo: Rejeição pelo horário e rebeldia pelo cansaço.
Professor 7	Positivamente, os estudantes se aprimoram no aprendizado, e tem um tempo maior para suas habilidades e, também, para renovar ou aumentar conhecimentos. Negativamente, o cansaço, tanto para alunos, como para professores, é mais evidente.
Professor 8	Este tempo de permanência dos estudantes na escola, para alguns professores, aumentou o número de aulas e até possibilitou aulas para aqueles que não são efetivos e não conseguiam aulas. Este seria um aspecto positivo. Um aspecto negativo seria que alguns professores e funcionários sentiram-se incomodados com a presença dos estudantes em um período antes ocioso.

Professor 9	Positivos: desenvolvimento de mais temas de forma mais próxima da realidade dos alunos. Negativos: diante da ausência de estrutura adequada, muitas vezes, o professor tem dificuldade de manter a concentração e a disciplina dos alunos, número de alunos muito grande em sala.
Professor 10	Aspectos positivos: o professor, tendo maior contato com os alunos, consegue entender as necessidades e dificuldades de cada um. Aspectos negativos: o professor não tem tempo para um relaxamento e nem espaço, então fica muito cansativo.
Professor 11	Aspectos positivos: maior conhecimentoaluno x professor. Necessidade de múltiplas atividades. Aspecto negativo: na minha área, não poder contar com uma sala-ambiente.
Professor 12	Positivo: o professor fica mais tempo com os estudantes. Negativo: o estudante fica, algumas vezes, cansado quanto à permanência na escola.
Professor 13	Os pontos positivos praticamente sãopara a família, pois o estudante não fica narua. Pontos negativos – há vários: falta deespaço, grande número de alunos em sala de aula.
Professor 14	Positivos: o estudante sai da rua e fica no espaço de aula, fora de perigo. Negativo: estafa para o educando.
Professor 15	Positivo: os estudantes ampliaram o número de amigos e adoram essa convivência do dia-a-dia. Negativo: cansaço no final do dia.
Professor 16	Um tempo maior na escola, os estudantes ficam menos tempo na rua. O problema é o número de estudantes por aula.

Professor 17	Positivos: quando a Oficina atinge metas e objetivos, o diferente é bem-vindo. Negativos: quando existe repetição de atividades – livro x cópia x lousa.
Professor 18	Positivo: o estudante sai das ruas. Negativo: falta de espaço físico.
Professor 19	Positivo: maior interação; integraçãoestudantes x estudantes, professores x professores e professores x alunos. Necessidade de uma maior dinâmica do desenvolvimento de projetos, objetivando o crescimento dos alunos/professores.
Professor 20	Negativo: alimentação, ventilação. Positivo: afetividade e amabilidade aumentaram.
Professor 21	Negativo: estrutura da escola, alimentação; salas inadequadas; falta de interesse dos alunos e das mães; a escolavirou creche. Positivo: a permanência do estudante na escola e fora das ruas; aprende um ofício, trabalhos manuais.
Professor 22	Poderia ser melhor. Acredito que um passarinho sem espaço em uma gaiola, ou ele fica triste ou rebelde.
Professor 23	Muitos alunos revelaram que é bastante difícil ficar na escola tanto tempo. A comunidade não foi avisada e muitos estudantes tiveram que abandonar cursose, até mesmo, trabalho para adequarem- se ao novo horário. Muitos ainda não aceitaram essa situação.

8- O que pensa sobre os inúmeros projetos que circulam na rede estadual, em especial, a Escola de Tempo Integral. Quais os dilemas e desafios vividos na profissão docente durante a realização de um projeto (ideais criados e a realidade do dia-a-dia escolar)?	
Professor 1	Infelizmente, o problema é que todos eles aparecem no bojo de disputas políticas, portanto sem um efetivo compromisso com a melhoria da aprendizagem e sem consulta responsável às bases – docentese gestores, sobretudo. A nós, cabe “tirar água de pedra” e aproveitar até que

	chegue um novo "forasteiro" querendo imprimir sua marca, desprezando tudo que se faz e propondo novas emiraculosas fórmulas de sucesso (pessoal, é claro). Dilemas-chave: baixos salários e carga horária excessiva, ambos os frutos da eterna incompreensão brasileira com a profissão do educador;todos os demais dilemas, mais direta ou indiretamente, partem desses dois.
Professor 2	Houve projetos muito bons, porém há de ter mais divulgação desses trabalhos e ideais para os outros.
Professor 3	O projeto que apliquei de história em quadrinhos foi um sucesso. Pude perceber que os estudantes têm potencial. Mas eles precisam ter um horizonte,alguém que os oriente. Meu projeto foi um sucesso.
Professor 4	Prática docente sem motivação, falta de incentivo, valorização;
Professor 5	Os projetos que circulam na rede estadualnão condizem com a realidade dos educandos. Nós, professores, gostaríamos e sonhamos que um dia as aulas possam ser elaboradas em ambientes "condizentes" à proposta elaborada. Minha vivência é uma, ainda tenho sonhos, e quero transferir esses sonhos para os meus estudantes. Eles têm direito a sonhar e cabe a nós, educadores, realizar seus sonhos.
Professor 6	Ao deparar com a realidade do dia-a-dia percebe-se que não é fácil começar. O que fazer, aplicar, ensinar ou mesmo aproveitar a bagagem que eles trazem e, daí, partir, ré ensiná-los. Assim, se foi primeiro os jogos já conhecidos por eles, depois reconstruí-los com material reciclado ou reaproveitável, pois a quantidade era pequena e, logo

	depois, os jogos matemáticos, propriamente ditos, tangram, números inteiros negativos e positivos; parte de geometria assim por diante, sem sair do projeto da Escola de Tempo Integral. Mas, no segundo semestre, após o recebimento das verbas do governo dirigidas para esse projeto melhorou muito, pois ficou mais prático e mais fácil de trabalhar. Também o que nos ajudou bastante foi a oficina da Teia do Saber que tivemos no início do segundo semestre de julho a outubro.
Professor 7	Os projetos são ótimos, mas serão viáveis à medida que se aplica (pode ou não dar certo), dilema maior quando o espaço de tempo é curto e a exigência é excessiva.
Professor 8	Com relação aos projetos acho que são ideias excelentes, porém implantadas de maneira precipitada e sem o devido preparo dos profissionais envolvidos.
Professor 9	O professor acaba trabalhando muito além do horário escolar para concretizar os projetos; investe recursos próprios para que sejam realizados.
Professor 10	O problema é a qualidade. Seriam necessários menos projetos, que fossem mais sólidos e que a escola tivesse condições físicas e financeiras para executá-los.
Professor 11	Projetos são sempre bem-vindos. Sua execução deve ser de acordo com a realidade do aluno. Desafio poder trazer todos os alunos para perto do professor, atingir os objetivos propostos.
Professor 12	Não houve resposta.
Professor 13	Os projetos são interessantes, pois estão envolvidos no dia-a-dia dos alunos. Os dilemas e desafios são grandes, pois envolvem muitas pessoas, experiências.

Professor 14	Quando escolho é bom, se é imposto é chato, mas mesmo assim respeito e obedeço às ordens impostas e trabalhocom amor.
Professor 15	Bons, quando você pode escolher e difíceis quando são impostos.
Professor 16	Todo projeto deve ser muito bem elaborado, pois nem sempre o que se planeja, se consegue realizar, devido às interferências ocorridas.
Professor 17	O projeto hoje é uma realidade. Basta você escolher os projetos, levando em consideração a clientela (idade, níveletc.). Os desafios são de mão dupla - professor e estudante.
Professor 18	Deveria haver um só projeto para ser bem desenvolvido.
Professor 19	São muito importantes para o crescimentodos alunos e o principal desafio está na integração (união) das equipes de trabalho, seja direção/professores e estudantes. Outro desafio é que é muito importante munir os professores das ferramentas necessárias (cursos emateriais) para o desenvolvimento das atividades.
Professor 20	Projetos são ótimos. Só é preciso relacionar mais os professores, direção e coordenação para desempenhá-los.
Professor 21	Bons projetos, mas não podem ser muitos, senão não fazemos nada.
Professor 22	Eu, particularmente, penso que deveria se aprender, brincando no período dos projetos, sair do tradicional. As Eletivasdeveriam ser prazerosas e com o aval do aluno. Ele escolheria a Eletiva.
Professor 23	O projeto da escola de tempo integral é bom, mas acredito que deveria ter sido iniciado com os estudantes do Ensino Fundamental II. Impor aos estudantes do final Ensino Fundamental II, tornou a implantação muito difícil. Faltou informação para a comunidade, para o Ensino Médio e mesmo para os professores. Temos que criar do nada; as capacitações demoraram a

	acontecer. Os projetos podem ser lindos, mas precisam se moldar ao perfil da comunidade em que são implantados.

9- Formação dos Professores:	
Professor 1	Mestre em Letras
Professor 2	Matemática, Ciências, Ciências da Computação (Bacharelado), Pedagogia,Física (cursando)
Professor 3	Bacharel em Direito
Professor 4	Geografia
Professor 5	Educação Artística
Professor 6	Matemática
Professor 7	Educação Artística
Professor 8	Letras (Inglês/Francês)
Professor 9	Bacharel em Direito
Professor 10	Ciências Biológicas
Professor 11	Letras (Espanhol)
Professor 12	Superior (não especificou)
Professor 13	Superior (não especificou)
Professor 14	Superior (não especificou)
Professor 15	Superior (não especificou)
Professor 16	Superior (não especificou)
Professor 17	Pedagogia

Professor 18	Letras
Professor 19	Matemática
Professor 20	Letras
Professor 21	Geografia, História e Filosofia (cursando)
Professor 22	Educação Física
Professor 23	Matemática e Biologia.

2.1. Resumo questionário a professores

Ao concluir os questionários com os nobres colegas professores do Colégio Estadual de Tempo Integral José Salviano Azevedo, pude perceber que há sim professores extremamente bem intencionados e que buscam incansavelmente se aprimorarem em auto formações sobre o Projeto de Escola de Tempo Integral, alguns buscam entre graduações, pós graduações e até mestrados nessa área que abordem temas como: Educação Integral no contexto socio emocional. Diante dessa percepção observei que ao atuarem nas aulas do Núcleo Diversificado em consonância com o Núcleo Comum, os professores experimentaram dinâmicas diferentes de todas que já haviam trabalhado e desenvolvido em suas rotinas pedagógicas. Alguns buscaram novas formas de se apropriarem e ensinarem de diversas formas na tentativa de alcançarem todos os campos do conhecimento acadêmico dos seus estudantes tanto quanto o campo socioemocional deles. Foi questionado ainda se eles (professores) gostariam de atuar em outras disciplinas e alguns deixaram claro que sim, sob a justificativa de que assim também conheceriam a plenitude da Escola Integral tanto quanto os estudantes.

Em seus relatos ficou percebido que mesmo com boas intenções ao ensinar, mesmo com tanta sede de aprimorar-se, os professores enfrentaram diversos obstáculos diante do Projeto que chegou de forma Imposta pela Secretaria de Educação do Estado de Goiás, sem oferecer-lhes um momento de pelo menos conhecer a ideia. Isso dificultou demais o engajamento de todos, tanto dos professores quanto dos estudantes. Diante desse tão grande obstáculo surgiu entre o grupo escolar uma necessidade de se apoiarem como membros em busca de um único objetivo, fazer com que a sociedade Santalenense[8] aceitasse e aprovasse esta nova proposta de deixar seus filhos o dia todo na escola.

Os professores entrevistados ainda expuseram suas técnicas, dinâmicas e estratégias inovadoras para conseguir conquistar seu público acadêmico que diante da ideia de ficar "preso" na escola o dia todo, precisavam suprir as expectativas de conquista-los primeiramente para depois iniciarem o prazer por estudar. Lembrando que essa prática de estudar o dia todo não era comum entre os estudantes, até porque vários deles já trabalhavam de forma informal para ajudar na renda da família. E esse foi um dos pontos que mais dificultou a implantação deste projeto na cidade. As famílias tinham que abrir mão da ajuda financeira do filho em prol da oportunidade de estudar o dia inteiro com a perspectiva de um dia seu filho ter uma vida melhor.

Observei também que ao se trabalhar com um tempo de permanência mais ampliado, os

[8] Moradores da cidade de Santa Helena de Goiás, Goiás, Brasil

professores tiveram que optar por usar matérias mais diversificados e esse era o segundo obstáculo a ser enfrentado. Não havia nem matérias didáticos disponíveis e nem tão pouco espaço físico adequado para as diversas atividades propostas dentro do Projeto. E com isso, os professores tiveram que se adaptar e se reorganizar com o que naquele momento de implantação tinham em suas mãos. Poucos recursos, pouco espaço físico e muita demanda de trabalho. Porém mesmo com os obstáculos mencionados anteriormente os professores entrevistados conseguiam relatas os pontos positivos que acreditam e se fundamentavam para realizarem seus trabalhos com grande excelência. Alguns aprendiam lado a lado com seus estudantes no início e outros buscavam aprimoramento pessoal para conseguirem enfrentar e se destacarem como escola de referência na cidade.

Ainda que as condições ideias não haviam sido alcançadas os professores incansavelmente conseguiram desenvolver a proposta da ampliação do tempo escolar dos estudantes, oferecendo a todos o melhor do seu trabalho a curto prazo com reflexos positivos, a médio prazo com a melhoria da escrita, leitura, cálculos matemáticos e sociabilidade e a longo prazo aumentando a capacidade intelectual dos estudantes

Ao final das entrevistas ficou claro que hoje os professores temem que mesmo já estando estrutura a ideia de Escola em Tempo Integral, possa se tornar um alvo de bojo de disputa política, e isso possa quebrar o compromisso com a melhoria da aprendizagem seria sem dúvida uma perca imensurável à toda a sociedade do Estado de Goiás.

3. Resultado da observação das aulas do Núcleo de Integração Curricular

Durante o período de observação, procuramos chegar mais cedo à escola, a fim de deixar os professores mais à vontade. Nossa presença foi justificada pela diretora da escola e, também, pela coordenadora pedagógica da Escola de Tempo Integral, na intenção de permitir aos docentes aceitar (ou não) nossa presença no momento da realização das Eletiva. As professoras responsáveis pelas várias Eletivas mostraram-se bastante receptivas e tranquilas quanto à nossa presença e nos deram liberdade para segui-las em suas atividades.

TABELA Nº 10: OBSERVAÇÃO DAS AULAS DO NÚCLEO DE INTEGRAÇÃO CURRICULAR

Dia 27/09/2023 **Oficina:** Atividades Artísticas. **Espaço:** sala de aula/turma 2ª C. EM **Tempo:** 14h10 às 15h50.	Cheguei após o almoço dos alunos, que acontecia sempre das 12h20 até as 13h20. Conversei com os funcionários da secretaria, explicando porque estaria na escolapor algumas vezes. A seguir, encontrei-me com a vice-diretora e com a coordenadora pedagógica da ETI, anunciando que daria início – com o aval delas – às minhas observações. Fui aconselhada a não entrar na 1ª aula, logo após o almoço dos alunos, pois eles ainda estavam muito agitados e relutantes a retornar para a sala de aula. Reparei que a escola não estava em boas condições deconservação. Digo isso, pois me efetivei nesta unidade escolar há alguns anos e ela era um verdadeiro "brinco". As salas continuavam ambientes, mas não estavam maisbem cuidadas como antigamente. A diretora estava de licença e eu esperava encontrá-la em breve, a fim de questionar sobre o estado da escola. A segunda Oficina teria início às 14h10, com duração de duas aulas de 50 minutos cada. A sala

	que me foi indicada: 2ª série C EM, por ser considerada uma boa sala, segundo professores e coordenação.
Dia 04/10/2023 **Oficina:** Atividades Artísticas. **Espaço:** sala de aula/turma 1ª A. **Tempo:** 14h10 às 15. **O que foi feito nesta Oficina:** Colagem – Técnica de recorte e colagem. **Objetivo:** noção espacial;	Acompanhei a professora de Artes até a sala de aula. Dentro da sala, os alunos mostraram-se curiosos sobre minha presença e a professora lhes explicou que eu estava fazendo Mestrado e que meu tema era voltado para a Escola de Tempo Integral. Eles perguntaram se seriam fotografados ou entrevistados, ao que lhes respondi que apenas ficaria observando as atividades em sala. Deram-se por satisfeitos e voltaram sua atenção para a professora. **O que foi feito nesta Eletiva:** Teatro de Fantoches (duas apresentações). O cenário e os bonecos foram feitos pelos alunos, sob a supervisão e orientação da professora, em aulas anteriores. O texto lido pela narradora foi elaborado pelos alunos, sendo que os diálogos foram todos improvisados. Algumas músicas, tambémselecionadas pelos estudantes, serviram de fundo em situações que os alunos consideraram importantes na peça. Antes de dar início à apresentação, os alunos da 2ª série C convidaram colegas de outras classes para a assistência ao teatro e estenderam o convite às professoras de Filosofia e de Empreendedorismo Social, sendo que apenas a última pôde comparecer, por estar com poucos alunos e tê-los trazido para assistir a representação. A professora da disciplina não interferiu, em momento algum, na atuação dos alunos. Esclareceu à plateia que ensinou a feitura dos bonecos que serviram de personagens para a peça e que forneceu algumas orientações para a elaboração desta atividade. Os alunos pareciam estar à vontadee desempenharam a proposta sem dificuldades. A plateia estava, a princípio, inquieta. Alguns estavam conversando; outros, distraídos com seus celulares; outros, deitados nos bancos da sala de aula. Não houve nenhum comentário da professora quanto a estes comportamentos. Quando a apresentação teve início, os alunos passaram a prestar atenção, acompanhando o desenrolar da história até o final. A plateia aceitou as propostas de interação com os alunos, quando estes pediam para bater palmas, por exemplo. Ao final da peça, o grupo foi aplaudidopelos alunos e professores presentes. Foram feitas duas apresentações seguidas, nas quais os alunos fizeram uso do mesmo cenário e dos mesmos personagens. Intitularam a peça com o nome "Anos 60 e AIDS". O texto abordou assuntos relacionados à relação sexual, gravidez precoce, AIDS, aborto, uso de camisinha e afins. A linguagem utilizada pelos personagens foi bastante informal, com presença de termos como "idiota", "cachorra" e outros semelhantes. O curioso é que este vocabulário parecia comum entre os alunos e motivo de diversão entre eles. Difícil precisar quantos alunos estavam presentes, pois alguns entravam e saíam a todo instante. Tudo

	foi arrumado momentos antes da apresentação, sem uma organização prévia. Os alunos utilizaram papelão, papel sulfite, pedaços de pano, ou seja, materiais simples na elaboração do cenário. A classe estava suja, com mesase bancos espalhados aleatoriamente pela sala. No corredor ao lado, alunos passavam correndo de tempos em tempos, sem que ninguém se queixasse ou desse falta deles. As professoras disseram-me que aquele era um dia atípico, pois esta era a primeira apresentação do ano feita pelos alunos. A pedido da professora responsável pela sala, após a representação, apresentei-me formalmente aos alunos, a fim de esclarecer melhor a minha presença na escola. Muitos alunos fizeram questão de manter conversa comigo, contando-me sobre a elaboração do teatro e querendo mais detalhes sobre o que eu fazia ali. Novamente, a pedido da professora, expressei minha opinião sobre a atuação dos alunos e fiz algumas questões simples sobre o texto e os personagens. Fui ouvida pelos adolescentes com simpatia. Pretendia ficar apenas como espectadora, entretanto, por conta da situação, acabei por me envolver nesta atividade, no momento em que fui levada a dar palpites. A professora não fez a chamada.
Dia 09/10/2023 **Oficina:** Informática Educacional **Espaço:** sala de informática **Tempo:** 14h10 às 15/turma 8ª B. **O que foi feito nesta Oficina:** atividades diversificadas	A professora trouxe borboletas desenhadas e xerocadas aos alunos. Elesescolheram as cores que usariam para dar vida às borboletas. Foram usados papéisfantasia de várias cores para a execução do trabalho. Após esta primeira etapa, os alunos recortaram as borboletas e as colaram sobre uma folha de papel sulfite, no lugar escolhido por eles. A proposta seguinte dada pela professora: criar um ambiente para a borboleta apenas com colagens; não poderiam usar lápis de cor e outros recursos. Para os alunos que não haviam prestado atenção ou que não haviam feito as outras etapas, a professora propôs que criassem sua própria borboleta, a fim de conseguirem acompanhar os colegas de classe. Observei que a relação entre a professora e seus alunos era bastante amigável. Todos pediram licença antes de entrar na sala. Eles estavam um pouco agitados no início das atividades, pois alguns deles já haviam dado início à proposta e queriam pegar seus trabalhos para terminá-los. A maioria tem preferência pelo rosa e pelo azul e, ainda, estão presos às convenções, por exemplo: árvore com a copa grande, tronco marrom. Quando a cor (marrom) faltou, uma aluna se queixou, dizendo que não poderia terminar, pois não havia marrom para o tronco de sua árvore. A professora disse: “Por que você não usa outra cor? Afinal, o desenho é seu! Você já viu árvores diferentes, não viu?” A aluna, satisfeita, aceitou a sugestão da professora e, após pensar um pouco, fez o tronco roxo. Três alunos ficaram de braços cruzados e não participaram das atividades. O restante da sala, conforme iam terminando, mostravam aos colegas, davam palpites, buscavam a aceitação da professora. Uma aluna apresentou dificuldades em criar um ambiente para a sua borboleta e mostrou-se aborrecida com a situação.

	Disse à professora que ela deveria ter avisado antes, que seu trabalho estava feio, ameaçou jogá-lo fora. A professora lhe respondeu que não poderia antecipar as informações, pois o objetivo era exercitar a criatividade deles. Completou dizendo que ela poderia recortar novamente sua borboleta e criar outro lugar se quisesse. Essa era a ideia: criar, criticar, modificar, tomar decisões, auxiliar os colegas. A menina pegou outra folha, recortou sua borboleta e fez as mudanças que considerou necessárias. Já, com o trabalho adiantado, a professora de Artes pediu aos alunos que os levassem para casa e os terminassem para a aula de 2ª feira. Eles pareceram felizes durante está Eletiva. Mostraram-se interessados e exigentes, tentando caprichar. Como era dia de reunião de pais, a professora perguntou aos alunos se eles queriam que as mães vissem os trabalhos e a maioria quis. Então, eles deixaram suas borboletas sobre as mesinhas da sala, combinando de pegá-los de volta, ao final da reunião. Esta sala estava organizada: grupos de quatro mesas, armários com os trabalhos guardados e identificados pela série. Os alunos, quando queriam ir ao banheiro ou beber água, pediam à professora e ela lhes fornecia uma espécie de crachá. Um de cada vez deixava a sala. Reparei que não demoravam a voltar e permaneciam sentados enquanto executavam as atividades. O tom da professora era baixo, porém todos a ouviam perfeitamente, principalmente no momento da chamada. A classe não tinha alunos que gritavam ou atrapalhavam o andamento dos trabalhos e a professora disse-me que não tinha problemas com esta sala. Eram crianças doces e talentosas.
Dia 09/10/2023 **Oficina:** Informática Educacional **Espaço:** sala de informática/ turma 5ª C. **Tempo:** 15h às 15h50 **O que foi feito nesta Oficina:** jogos, desenhos, digitação.	A professora estava à porta para recebê-los. Conforme iam entrando, escolhiam as melhores cadeiras e a mesa de computador de sua preferência. A sala, de acordo com a professora, tinha 45 alunos, mas o número de frequentes beirava os 36. Ficavam três alunos por computador, porém esta sala só possuía sete computadoresfuncionando e seis cadeiras com rodinhas. As outras cadeiras vinham das salas de aula junto com os alunos que chegavam, mostrando que eles já estavam acostumados com esta situação. Cinco computadores estavam com defeito. A impressora não tinha tinta. A professora trazia um cartucho de tinta, que só usava com seus alunos. Quando não tinha aulas, ela o retirava da máquina, caso contrário não teria tinta para as outras aulas. De oito luminárias com lâmpadas duplas instaladas na sala, apenas seis lâmpadas funcionavam. A sala estava bastante escura. Não tinham Internet, por isso estavam usando alguns jogos que a escola já possuía. Um deles chamava-se “Números em Ação, que a professora explicou ser ideal para as 2ª e 3ª séries. Disse-me que já havia pedido várias vezes melhorias para a sala de informática, porém não havia conseguido resposta até o momento.Ela os tratava

	por “amor”, “queridos” e outros termos carinhosos. Fez a chamada, registrou alguma coisa em seu diário e o guardou. Volta e meia um aluno vinha reclamar que ainda não tinha conseguido mexer no computador e ela pedia que aguardasse um pouco. Vários alunos estavam ociosos, pois não havia máquinas para todos. Um grupo grande de adolescentes, seis alunos, ocupava o mesmo espaço, disputando um campeonato de futebol. Alguns desenhavam, outros digitavam pequenos trechos de textos que haviam trazido: letras de “funk”, de samba, poesias etc. A professora não fez nenhuma proposta de atividade, permanecendo sentada durante todo o tempo da Oficina. Os alunos nãoreclamavam, porém não faziam nada produtivo ou mesmo aprendiam algum comando novo que pudesse ser aplicado futuramente. Quando perguntei sobre oque ela pretendia fazer com os alunos, a fim de que eles conhecessem um pouco das ações de um computador, ela me disse: “Não há material para as 1ª séries. Não foram mandados os programas prometidos”. Quando o sinal tocou, aquele gruponão queria sair, pois o campeonato de futebol não havia terminado. Após insistência da professora, concordaram em deixar a sala. Os computadores não foram desligados, pois uma nova turma estava chegando.
Dia 12/10/2023 **Oficina:** Filosofia **Espaço:** sala de aula **Tempo:** 14h10 às 15h50/turma 1ª série. **O que foi feito nesta Oficina:** leitura e reflexões sobre discussões dentro de casa.	Enquanto os alunos entravam, pedindo licença, a professora lhes pedia para tirar o boné. Eles a atendiam sem causar problemas. Pareciam ter um bom relacionamento. Conversando comigo, ela comentou que a classe era “agitada”, mas os alunos eram “bonzinhos”. A sala era a mesma que havia sido ocupada pelos alunos da 8ª série. Os mesmos problemas quanto à quantidade de computadores por alunos, número de cadeiras insuficientes e pouca iluminação. Já acomodados, a professora fez a chamada, suas anotações e fechou o diário. Os jogos disponíveis para esta classe foram: copas, dama, gamão, *drawing for children*, sim *city, paint.* Aqueles que não quisessem jogar poderiam digitar algum texto de sua escolha ou criar algum. A professora me contou que a maioria dos alunos tinha computador em casa. Aqueles que não o possuíam, frequentavam alguma *lan house.* “Eles aprenderam mexendo, sendo curiosos”, ela disse. Observei que mesmo sendo menores, os alunos ficam à vontade com a máquina, fazendo uso dos jogos oferecidos pela professora, digitando letras de músicas e de poemas, disputando umcampeonato de futebol e inventando outras atividades. Dificilmente, eles se dirigemà professora para perguntar, pedir informações sobre o uso do computador. A docente permanecia sentada. Algumas vezes fazia algum comentário comigo ou com outro aluno, outras vezes lia uma revista. Ao final da aula, os alunos desligaram os computadores e uns poucos se ofereceram para arrumar a sala

	e devolver as cadeiras às salas de aula. Este era o horário de saída para o lanche e depois para casa. Pareciam ansiosos para irem embora. Aqueles poucos que fizeram a arrumação da sala, perguntaram para a professora: "Próxima aula vou entrar primeiro, né?"
Dia 17/10/2023 **Oficina:** Filosofia **Espaço:** sala de aula **Tempo:** 14h10 às 15h50/turma 2ª série. **O que foi feito nesta Oficina:** um jogo envolvendo atenção, percepção, habilidade para colagem e desempenho junto ao grupo. **Objetivo:** compreender algumas virtudes e seu papel na nossa evolução.	A professora recebeu os alunos na porta da sala de aula com uma "boa tarde", sorridente. Os alunos responderam em sua maioria. Todos estavam sentados, quando a professora fez a chamada e começou a explicar o que fariam naquelas poucas horas juntos. "Durante as aulas fui percebendo que vocês reclamam de situações que acontecem em suas casas e que, muitas vezes, vocês magoam seus amigos, falando mal das famílias deles". Alguns alunos retrucaram, dizendo que isto não acontecia e ela foi recordando alguns episódios junto com eles e com os quais acabaram concordando. " Hoje, nós vamos dar início a uma atividade chamada "A importância da família", enfatizando o tema "Quando meus pais discutem". Trouxe um texto para lermos juntos e conversarmos sobre o que entendemos". A seguir, a professora distribuiu os textos aos alunos e deu início à leitura. Alguns alunospediram para ler e ela os organizou para que não houvesse confusão. Após a leitura, muitos alunos começaram a falar ao mesmo tempo, o que ocasionou um pequeno alvoroço. Ficou acertado que precisariam aprender a ouvir o outro e respeitar suas ideias. Eles tentaram seguir as regras, porém ficavam empolgados e a confusão voltava. A professora interferia e a paz reinava novamente. A princípio, dandocontinuidade à proposta, os alunos receberam folha de sulfite. Cola, lápis de cor, canetinha foram deixados entre os grupos, pois eles estavam sentados em grupos circulares de seis a oito carteiras. A proposta foi que desenhassem os moradores de suas casas e os identificassem com o grau de parentesco. A professora fez a seguinte pergunta: "Como me sinto quando acontecem discussões em minha casa?"No início, eles não sabiam o que responder ou mesmo falavam "eu não faço nada!". Devagar, a professora foi conversando com eles, questionando sobre seus sentimentos e eles acabaram por escrever na folha suas reações frente às brigas em casa. Como continuidade, foi pedido que eles fizessem a árvore genealógica (a docente explicou o que era e deu sugestões de como poderiam confeccioná-la; mostrou um exemplo feito em cartolina) e a trouxessem na próxima aula. Na saída, após esta Oficina, eles pareciam mais tranquilos, como se conversar sobre seus problemas tivesse tirado um peso deles. Alguns alunos foram mais resistentes ao debate, fechando-se em um canto, evitando conversas. A professora comentoucomigo que esta atividade estava prevista para uns seis a oito encontros e que, provavelmente, aqueles que não haviam feito nada, que não tinham participado,

	estariam mais soltos e mais abertos para os próximos debates. Ela completoudizendo: “Quero tentar ajudá-los a amar e respeitar a família, estimulando valores como respeito, perdão, caridade”. Desejei um bom trabalho para a professora. Pude perceber que esta professora está preocupada não só com o conteúdo exigido pela escola, mas procura desenvolver nos alunos valores importantes para um relacionamento em que predomine o respeito, a amizade, a vida em comunidade. Ela procura planejar suas atividades, arriscando-se a calcular o número de encontros que precisará ter com os alunos, a fim de desenvolver seu trabalho. Além disso, todas as atividades, incentivadas por ela, culminam na realização de um trabalho prático, seja em forma de cartazes, seja na aplicação de um jogo ou outro instrumento em que a professora possa avaliar a aprendizagem.
Dia 19/10/2023 **Oficina:** Filosofia **Espaço:** sala de aula **Tempo:** 13h20 às 14h10/turma 3ª série. **O que foi feito nesta Oficina:** audição musical e pintura. **Objetivo:** perceber como as emoções e sentimentos provocam alterações no corpo, compreender seus efeitos sobre a saúde integral do Ser.	Quando os alunos entraram, eu e a professora já estávamos esperando por eles. Ajudei a professora a desenhar umas escadas em folha de papel Kraft e a recortar tiras de papel que seriam distribuídas aos alunos. Após a chamada, ela os dividiu emtrês equipes, entregando uma folha de papel com uma escada de dez degraus desenhada para cada equipe. Os alunos estavam curiosos e perguntando o que fariam com aquilo. “Esperem que já explicarei a todos”, a professora respondeu. A seguir, cada equipe recebeu dez tiras de papel com a mesma altura dos degraus e largas o suficiente para caberem a escrita de palavras. Quase tudo já estava feito com antecedência pela professora; apenas a ajudei a terminar algumas escadas e com alguns recortes. “Pessoal, atenção!” Ela conseguiu a atenção deles. “Vamos fazer um jogo. Vocês lembram que já discutimos sobre as virtudes e pretendodescobrir o que assimilaram de nossas conversas. Vocês terão pistas para descobriro nome das virtudes que estarei descrevendo. Terão 20 segundos para dialogar e responder, por escrito, nas tiras que receberam qual a virtude que está de acordo com as pistas dadas. Não podem falar alto, para as outras equipes não copiarem, certo?”. Todos concordaram e ficaram em silêncio para ouvir as pistas. A classe mostrou ter espírito competitivo, pois cochichavam dentro das equipes, a fim de não serem ouvidos. Ficou difícil respeitar os 20 segundos e eles ultrapassaram este tempo várias vezes. As questões sugeriam as seguintes virtudes: paciência, trabalho, justiça, gratidão, responsabilidade, caridade, simplicidade, disciplina, coragem e amor. No momento da conferência, a

	professora explicou que as respostas corretas seriam coladas na escada, começando de baixo para cima. As erradas eram deixadas de lado. A equipe que chegasse mais alto seria vencedora. Um representante da equipe teria que desenhar uma "pessoinha" no degrau onde a equipe tivesse chegado. Para finalizar, a equipe vencedora daria um abraço nos demais jogadores. Não houve resistência entre os alunos da classe. Muitos jáestudavam juntos desde a 5ª série, o que facilitava o relacionamento amigável. A atividade pareceu atingir seus objetivos, pois quando questionados pela professora sobre o que haviam percebido através deste jogo, muitos responderam que as virtudes eram importantes para fazê-los subir na vida no sentido de uma pessoa boa,correta, responsável. Esta professora não levanta a voz com os alunos e estásempre sorrindo. Isto parece influenciá-los de alguma forma. Suas atividades estão sempre organizadas e os alunos não encontram a sala em bagunça quando chegampara a Oficina. Ela toma o cuidado em dispor as carteiras com boa estética, separa os materiais que serão usados e pede ajuda aos alunos para que arrumem o que foi tirado do lugar. Ao toque do sinal, os alunos dirigiram-se ao pátio para o lanche e o retorno para suas casas. Em conversa com a professora, descobri que ela arca com as despesas de xerox, lápis de cor, canetinhas e até mesmo alguns jogos que realiza em sala de aula, como por exemplo, tabuleiros de xadrez.
Dia 24/10/2023 **Oficina:** Filosofia **Espaço:** sala de aula **Tempo:** 13h20 às 14h10/turma 2ª série. **O que foi feito nesta Oficina:** leitura do texto "O valor de um sorriso", desenho e pintura. **Objetivo:** reconhecimento dos próprios estados interiores e emoções e de como eles dão características ao nosso comportamento.	Realmente, já haviam me dito que após o almoço os alunos ficavam muito agitados. Parecia que seria impossível colocá-los dentro da sala de aula. Eles estavam relutantes, queriam correr, diziam que precisavam ir ao banheiro, pediam para ir embora. Depois de muito esforço das inspetoras e dos professores, os alunosentraram nas salas. Enquanto eles se acomodavam, ainda com bastante barulho, a professora me dizia que havia escolhido esta atividade, porque a música acalmava eapós o almoço ela acreditava que conseguiria fazê-los fechar os olhos para ouvir com mais atenção. Seu costume era fazer a chamada assim que entravam e ela fez como todos os dias. Perguntei quantos alunos estavam presentes neste dia. "32", ela me respondeu. Entregou folhas com figuras, uma para cada aluno; giz de cera nas cores determinadas pelas folhas. Colocou sobre sua mesa dois copos transparentes: um com água limpa e outro com água suja. Disse-lhes que colocaria uma música suave para ouvirem. Pediram para colocar um "funk" e ela explicou que esta atividade pedia uma música suave. "Talvez em outra oportunidade". Recomendou que eles tentassem ficar o mais confortável possível. Colocou a

	música, algumas risadas “Fechem os olhos, por favor”. Fecharam, abriram, deram algumas risadas, mas acabaram colaborando. Enquanto a música tocava, a professora ia falando dos sentimentos e onde eles se revelavam em nosso corpo, sugerindo que eles pensassem a respeito. “Aonde a raiva se revela em meu corpo?E a tristeza? O amor?”. Deixou a música terminar. “Abram os olhos. Agora é hora de pintar nas figuras, os lugares onde são experimentados cada sentimento, cadaemoção. Individual e sem conversa”. Este momento durou uns 15 minutos. A professora chamou a atenção dos alunos para os copos com água e explicou que o copo com água limpa representava os bons sentimentos. O copo com água suja representava os maus sentimentos, aqueles que turvam a fonte da saúde. “O que acontece com as pessoas que bebem água contaminada?”. Os alunos responderam: “ficam doentes”. Ela explicou que se cultivamos os maus sentimentos, ficamos doentes e trazemos situações ruins para nossa vida. “Devemos conquistar e manter bons sentimentos, mesmo que, às vezes, sintamos raiva ou fiquemos aborrecidos. Épreciso esquecer as mágoas e cultivar sentimentos bons”. Para a aula seguinte, ela informou que eles explicariam suas pinturas e criariam um texto a partir de uma proposta que lhes seria dada. Por serem menores, eles diziam sobre situações que os deixavam com raiva, falavam das pessoas que desejavam bater e tudo mais. A professora comentou que sentir raiva era normal, mas que não podiam guardá-la no coração. Precisavam saber perdoar e saber pedir desculpas. Alguns se mostraram orgulhosos com a sugestão dela: “Pedir desculpas? Eu? Nunca!!!” Outros diziam que sabiam pedir desculpas, que faziam isso em casa, quando brigavam com o irmão ou irmã, ou quando desobedeciam a seus pais. A professora ouvia a todos com paciência, tentando cultivar as boas ações entre eles. Tocou o sinal e saíram correndo, sem quase não dar tempo de ela lembrá-los sobre a continuação da atividade. Eu a ajudei a recolher as pinturas e agradeci pela oportunidade de participar desta Oficina.
Dia 08/10/2023 **Oficina:** Artes Visuais **Espaço:** sala de aula **Tempo:** 14h10 às 15h50/turma 3ª série. **O que foi feito nesta Oficina:** atividades com sucata (rolinho de papel higiênico, garrafas pet, potes descartáveis de vários alimentos) **Objetivo:** conscientização	Após a chamada, a professora distribuiu um texto para os alunos, propondo que fosse feita uma leitura silenciosa e, depois, uma leitura oral. Alguns alunos secandidataram para ler o texto. Ela concordou e eles começaram a leitura silenciosa. Sempre têm aqueles que reclamam do tamanho do texto e se recusam a fazer a atividade. Com esta turma não foi diferente. A professora tentou convencê-los a participar, mas não mostraram interesse. Ela os deixou com o texto e foi para frente da classe, esperando que os alunos terminassem a leitura. Quando todos terminaram, deu início a leitura oral, com os alunos que haviam pedido para ler. Abriu-se um pequeno debate sobre a importância de um sorriso. As crianças foram dando exemplos do bem que

do uso de material reciclado, cuidados com o meio-ambiente.	faz um sorriso. Quando se sentem tristes e alguémvem sorrindo conversar, quando estão de mau humor e a risada de alguém modifica isto ou mesmo quando estão doentes, com alguma dor e um parente ou amigo vem visitá-lo, sorridente, fazendo-o esquecer que não está se sentindo bem. Deram vários exemplos. A professora entregou uma folha de sulfite para cada aluno, pedindo que dividissem esta folha em oito partes. Sugeriu que dobrassem a folha em oito pedaços, para depois passar o lápis ou caneta, já que muitos alunosestavam sem régua naquele momento. Os momentos divididos na folha deveriam corresponder aos principais momentos que os alunos passavam na escola, durante todo o período. Oito períodos: acordei – fui para a escola – aulas da manhã – intervalo para o café da manhã – volta para as aulas – almoço – Oficinas – lanche/ir para casa. Cada um desenharia seu estado de humor diante das situações indicadas pela professora. Em seguida, poderiam mostrar seus desenhos aos colegas da classe. Para aqueles que não desenharam, ela recomendou que observassem os outros e apontassem os desenhos mais parecidos com o jeito de perceberem seus sentimentos. Observei que os alunos se divertiram ao realizar estaatividade e iam discutindo com os colegas da classe sobre como se sentiam nas situações propostas pela professora. A professora ficou feliz ao verificar que amaioria dos alunos não se desenhou infeliz no momento das Oficinas. À hora das refeições, como café, almoço, lanche eles se retrataram felizes. Após o almoço, comsono, mas felizes. Mais felizes, ainda, no momento de voltar para casa. O momento de mau humor era a hora de acordar, pois acordavam muito cedo para chegar às 7 horas da manhã na escola. Na aula seguinte eles terminariam de explicar seus desenhos. A professora ficou bastante entusiasmada com a participação dos alunos e revelou que analisaria com bastante cuidado todas as imagens, pois delas poderia ter uma pequena visão de como viam a Escola de Tempo Integral. Agradeci à professora por sua colaboração e paciência nestes dias. Ela se mostrou muito simpática, colocando-se à disposição caso precisasse de mais alguma coisa.
Dia 07/10/2023 **Oficina:** Informática Educacional **Espaço:** sala de informática **Tempo:** 14h10 às 15h/turma 3ª série. **O que foi feito nesta Oficina:** digitação de trechos de textos, desenhos. **Objetivo:** conhecer os comandos do editor de texto	Após a entrada dos alunos, a professora pediu que sentassem em grupos, de posse do material que haviam trazido. A maioria dos alunos estava com sacolas, nas quais era possível ver garrafas de variados tamanhos, pedaços de plástico, papel alumínio, cola, tesoura, canetas e outros materiais. A professora conversou com elessobre o que faziam com o lixo, sobre poluição, sobre os cuidados que deviam tercom o meio-ambiente. Apesar de crianças, foi fácil perceber que estavam entendendo os riscos que a vida do planeta corria todos os dias, pois falaram de aquecimento global, efeito estufa, da água do mar poluída etc. A professora os ouviasem fazer comentários e, ao mesmo

(Word).	tempo que os ouvia, separava algumas imagens que trouxera: rios cheios de espuma, de sucata; locais residenciais com lixoa céu aberto, centros urbanos com ruas sujas, ruas com muitos carros e o gásjogado na atmosfera, entre outros. Deixou que eles observassem as imagens. Precisaram se levantar, pois a curiosidade era grande. Pareciam estar em uma exposição, queriam tocar nas figuras, comentar a respeito. "Voltem aos seus lugares, por favor", pediu a professora. "Deixarei as imagens penduradas para que possam observá-las melhor, certo?" completou. A partir daí, ela fez sua proposta de trabalho: "vocês receberão cartolinas e tentarão reproduzir um ambiente ideal, sem poluição, sem lixo espalhado e, com o material que trouxeram, criarão um brinquedo ou algum utensílio que seja útil para as pessoas. Temos guache, lápis de cor, giz de cera, caso precisem de algo". Muitos deles pareceram não compreender a proposta, pois perguntavam ao mesmo tempo, falavam alto, demonstrando que tinham dúvidas. A professora tornou a falar: "precisamos mostrar para a comunidade que lugar de lixo é no lixo e que muitas coisas que jogamos fora podem ser reaproveitadas. Como o planeta está sofrendo pela falta de cuidado dos seres humanos, que não respeitam a natureza, que jogam lixo pela janela do carro e, até mesmo, pela janela do carro...., temos a obrigação de ensiná-los a viver de forma mais cuidadosa, não acham?". Eles concordaram com a professora. "Vamos criar cartazes que passem uma mensagem positiva, do homem cuidando da sua rua, da sua escola, de sua cidade, de seu planeta. Com os brinquedos e enfeites que vocês criarem, poderemos mostrar às pessoas que muita coisa pode ser utilizada para o bem. Teremos uma exposição no final do ano e tenho certeza de que vocês farão trabalhos maravilhosos". Os alunos ainda olharam mais algumas vezes as imagens que ela trouxe, conversaram entre eles e começaram a trabalhar. A professora os lembrou da importância de planejar o trabalho, antes de gastarem cola, riscarem a cartolina etc. "Façam um rascunho se preferirem. Caso não dê tempo de terminar a atividade, continuaremos na próxima aula". Realmente, o tempo não foi suficiente para tantas ideias. Demoraram para entrar em acordo com os colegas, pois o trabalho era em grupo. Então, ela usava um cartucho de tinta que trazia, era preciso chegar a um acordo. Mas não houve brigas, eles chegaram a uma ideia que agradou aos colegas. A professora percorria a sala, atendendo os grupos e sanando as dúvidas quando surgiam. Ajudava-os, também, quanto ao uso adequado de tinta, canetinha ou até mesmo na quantidade de cola a ser usada. Perto da aula terminar, ela fez a chamada e os convidou a arrumar a sala. Guardou os trabalhos, devidamente identificados, em seu armário e colocou as sucatas em um canto da sala – também com identificação. Poucos alunos

	deixaram de trazer o material solicitado e aqueles que não o trouxeram, ficaram entusiasmados e pediram àprofessora se poderiam participar na outra aula. Ela concordou, entretanto os avisou da importância de cumprir prazos e tornar o tempo que tinham produtivo. Disse-lhes que teriam menos tempo para fazer o trabalho, devido não terem feito nada na sala. Os alunos não discutiram, parecendo aceitar os argumentos da professora. Após o toque do sinal, os alunos despediram-se da professora e foram para o pátio.

4. Resultado da análise documental[9]

Diante da proposta documentada pela Resolução SE 7, de 18 de janeiro de 2006, onde fundamenta a legalidade da criação da Escola de Tempo Integral no Estado de Goiás, dispondo sobra a organização e funcionamento desta Escola, o Secretário de Estado da Educação objetiva a implementação, assegurando aos estudantes do Ensino Fundamental II e Ensino médio a ampliação da vivência de atividades escolares, fundamentando sua participação sociocultural e tecnológica. Compreendendo o currículo básico do ensino fundamental II e ensino médio em aulas distintas áreas entre o núcleo comum e o núcleo diversificado em forma de eletivas e projetos pedagógicos. Ressaltando a organização em seus aspectos de regime de estudo, carga horária e jornada diária aos estudantes. Esta resolução traz ainda as matrizes curriculares que nortearam os trabalhos pedagógicos ministrados e desenvolvidos pelos professores atuantes nesse processo. Assim os professores se norteiam, planejam e distribuem suas aulas com mais organização e disposição na tentativa de conquistar para aprimorar o conhecimento acadêmico dos estudantes.

Ao usar esta resolução como eixo legal norteador do meu estudo, percebo que seu objetivo de promover a permanência do estudante na escola, assistindo integralmente em suas necessidades básicas e educacionais, reforçando o aproveitamento escolar, a autoestima e o sentimento de pertencimento, intensificando as oportunidades da socialização na escola estão sendo alcançados dia após dia, mesmo enfrentando inúmeros novos obstáculos diários que tentam minar a ideia deste projeto. Os professores já conhecem e fomentam a proposta com muita garra e determinação buscando o melhor para a permanência e a não evasão escolar nesta unidade de ensino.

[9] Anexo VI (p. 216)

IV. CONCLUSÃO

A questão do tempo foi um ponto crucial na escolha do tema deste trabalho. E parece que ele me sugava durante toda a trajetória desta pesquisa. O tempo mostrou-se impiedoso. Passou depressa demais, gerou inquietações para o cumprimento dos prazos, angústias até. Me colocando as vezes sob uma vontade imensa de desistir.

Conforme os dados iam se acumulando e eu procurando organizá-los, compreendê-los e relacioná-los aos conceitos, o tempo mostrava-se mais curto, convencendo-me de que consegui mostrar uma entre as várias possibilidades de análise, interpretação e conclusão. Assim, as conclusões e reflexões que aqui exponho são apenas um olhar dos muitos possíveis.

Estou certa de que mudanças ocorreram em minha forma de enxergar muitas das questões relacionadas à educação, principalmente, quanto à minha prática pedagógica. A cada passo que avançava em minha pesquisa, questionava em mim mesma minha maneira de ser educadora e minha relação com a aprendizagem que procurava proporcionar aos meus queridos estudantes. E, sendo assim, após este estudo espero poder, modestamente, contribuir para a prática da reflexão no que se refere à minha atuação como docente em da sala de aula e, também, em espaços diferenciados. O qual atualmente ocupo (Coordenadora Pedagógica).

A pesquisa focou a prática dos professores junto às Aulas do Núcleo Diversificado Curriculares, visto que, para ampliar o tempo dos estudantes na escola, foram criadas várias Aulas no intuito de proporcionar inúmeras oportunidades de aprendizagens aos estudantes do ensino fundamental II e Ensino Médio das escolas estaduais do Estado de Goiás, Brasil.

Para compreender um pouco mais de forma real o que seria o Projeto da Escola de Tempo Integral, busquei referenciais teóricos que tratassem sobre educação integral, tempo integral e, também, sobre experiências de escolas de tempo integral, pois é certo que essa temática vem ganhando relevância no Brasil de hoje. Carvalho (2006) que nos fala sobre a busca de consensos em torno de conceitode "educação integral":

Por vezes todos esses pensamentos estão juntos em uma mesma situação, pois manter os estudantes na escola por mais tempo envolve a oferta de múltiplas oportunidades, com a intenção de lhes proporcionar resultados que sejam significativos. Então, considerei de suma importância apresentar informações a respeito do movimento liberal reformador da Escola Nova, visto que os *escola novistas* fizeram uso da noção de *educação integral*, ampliando as funções da escola.

Atualmente, reinterpretado, esse movimento tem fornecido subsídios para uma pedagogia dinâmica, centrada na criatividade e na atividade discente numa "perspectiva de construção do conhecimento pelos alunos, mais do que na transmissão dos conhecimentos pelo professor" (Amaral, 2003, p. 225).

A implantação do Projeto Escola de Tempo Integral, anunciada em dezembro de 2005, através da Resolução SE 89 (Anexo VI, p. 216), considerou o prolongamento da permanência dos estudantes do ensino fundamental II na escola pública estadual, de modo a ampliar as oportunidades de crianças e jovens, favorecendo o aprimoramento pessoal, social e cultural.

No início o projeto já era uma realidade em algumas escolas públicas estaduais. Professores, estudantes e comunidade entraram em contato com o projeto, vivendo a experiência no dia-a-dia escolar. Assim, não houve tempo para que discutissem ou questionassem a respeito de "educação

integral", "tempo integral".

Os professores entrevistados apresentaram, através de seus relatos, preocupação em buscar meios para lidar com a nova ideia apresentada. Entretanto, a ausência de um plano no início da implantação, de momentos de troca de ideias, de capacitações voltadas à realidade específica de cada escola provocou inquietudes entre os docentes e, consequentemente, na comunidade.

O que se espera do professor que atua na Escola de Tempo Integral é uma mudança na maneira de pensar e repensar a escola, uma reorganização de sua prática. As metodologias tradicionais, que trabalham os conteúdos escolares de maneira fragmentada, atendendo à proposta de aulas que priorizam o fazer (destacando o pensar/refletir) dentro de um processo que compreende o aluno como pessoa global, composta de dimensões interdependentes e que se relacionamde forma dinâmica.

Não há um conceito uniforme entre as Escolas de Tempo Integral, pois cada Unidade de Ensino tem suas particularidades a serem norteadas dentro da Comunidade na qual está inserida. Os professores vivem momentos conflituosos no que se refere às aulas diversificadas: pois pouco se definiu ainda como desenvolver um trabalho tão rico em espaços determinados, a fim de tornar o tempo produtivo.

Não só nos focos de minha observação (Aulas de Informática Educacional, Atividades Artísticas e Filosofia), como nas outras Aulas, as dificuldades em administrar tempo/espaço mostram-se evidentes, principalmente porque os estudantes não compreendem a dinâmica desta nova proposta e, também, porque os docentes dão mostras de inadaptação de sua prática quando fora da sala de aula. Ou seja,em contato com um espaço que exige mudanças. Isso acarreta uma certa frustação tanto no professor quanto nos estudantes.

Outro aspecto relevante é o trabalho interdisciplinar, envolvendo professores de diferentes áreas, que ainda nesse momento da Educação ainda é um grande desafio. Muitos professores da mesma disciplina passaram o ano sem, praticamente, conseguir conversar a respeito do andamento de suas atividades. Imagina como é então professores de áreas diferentes. A preocupação, aqui, não é com o processo, mas com os resultados. Os professores não têm tempo, por exemplo, para compartilhar ideias; conhecer os projetos que estão sendo desenvolvidos por seus colegas de trabalho. Isso prejudica o bom andamento dentro da escola de Tempo Integral tanto quanto em qualquer outra Unidade de Ensino não integral.

Desde o momento da implantação do projeto e apresentou-se dificuldades relacionadas ao espaço e à realização das aulas, fatoque exigiu uma orientação e apoio permanentes da parte de coordenadores, diretores e profissionais envolvidos com a implantação da Escola de Tempo Integral. Cursos de capacitação vêm sendo oferecidos aos docentes, a fim de instrumentalizá-los para a tarefa de implantar as inovações que uma educação integral requer, mas de modo pontual e pouco articulado às vivências.

Neste sentido, afirmam os docentes, "são bons cursos", entretanto ainda é preciso, adaptar as ideias divulgadasao contexto escolar em que o docente atua, a fim de dar andamento às propostas para o desenvolvimento das aulas.

Os professores ainda se queixam da falta de material didático (livros, computadores, material esportivo, entre outros) e a ausência de salas-ambiente para arealização de algumas aulas especificas. Outra dificuldade refere-se à elaboração e implementação de uma proposta pedagógica devidamente planejada e compartilhada entre os docentes: a maioria das aulas teve início sem haver, por exemplo, uma preparação prévia à sua realização, tornando-se um conjunto de práticas cotidianas sem significado para o professor e para o estudante.

A maior preocupação é a falta de preparo, as aulas não poderiam estar apenas reforçando um conteúdo já desenvolvido nas escolas do currículo básico e o professor não daria "mais do mesmo", transformando sua prática em atividade mecânica, sem necessidade de planejamento e de ações novas se houvesse ações focadas a conquistar e motivar o professor a planejar suas aulas com prazer e comprometimento com a proposta de Escola em tempo integral. Ou seja, o docente estaria apenas reforçando um conteúdo já trabalhado no período da manhã, sem oferecer situações novas de aprendizagem ao estudante no período da tarde.

O pensamento de Imbert (2003) traduz a preocupação com a prática das aulas, se pensarmos em práxis como um projeto de emancipação, na medida em que cria sentidos novos a uma realidade que traz mudanças e que exige que enxerguemos as várias propostas de uma perspectiva que não seja tradicional, a fim de preenchermos da melhor maneira possível o espaço e o tempo escolar que partilhamos com nossos estudantes.

Como um projeto em construção, a Escola de Tempo Integral tem sido alvo de críticas e elogios por parte dos envolvidos, pois a adequação dos compromissos e orientações está sujeita a cada realidade escolar e social.

As aulas do núcleo diversificado, apesar de se desenvolverem em horário integrado ao das disciplinas do currículo básico, estão compondo o total de horas letivas. Os avanços alcançados pelo estudante nas atividades das aulas devem ser considerados na análise do seu desempenho global e incorporados às avaliações realizadas em outras situações de aprendizagem (São Paulo, 2006a, p.13).

Até o momento, as observações indicam que as Aulas do Núcleo Diversificado levam o docente a repensar sobre a concepção de tempo e de espaço, pois o estudante que entrou na escola às 7h30 horas da manhã e assistiu às aulas previstas pelo currículo básico, continua no período da tarde, das 12h20 às 17:00, esperando ampliar sua aprendizagem em um espaço diferente daquele da sala de aula.

As prioridades destacadas na proposta política pedagógica (Diretrizes Gerais), tais como: saber construído, cultura de paz e protagonismo juvenil, vêm sendo modestamente desenvolvidas pelos professores que atuam nas aulas do núcleo diversificado. Isto porque, mesmo com todo material disponível, a escola em estudo vem demonstrando dificuldades em lidar com a ampliação do tempo, visto que, apesar dos esforços dos professores que atuam nas aulas de forma dinâmica, muitos estudantes recusam-se a participar nas atividades, ficando ociosos durante algumas aulas que eles acreditam não reprovarem. Além disso, tanto professores, quanto estudantes, demonstram dificuldades para compreender e desenvolver a proposta das aulas do núcleo diversificado, ocasionando problemas de relacionamento entre eles.

No decorrer da pesquisa, tomar conhecimento das práticas dos professores frente às aulas do núcleo diversificado possibilitou a percepção de como articulavam os saberes propostos para seus estudantes, já que o objetivo do projeto Escola em Tempo Integral, aponta para que o estudante desenvolva a capacidade de buscar informações e elabore os próprios conceitos.

Nesse sentido, o papel do professor vai além do conhecimento sistematizado, que está acostumado a desenvolver dentro das salas de aula, exigindo que o professor aproveite experiências prévias dos estudantes, criando condições de aprendizagens que permitam o desenvolvimento de capacidades e o pleno exercício da cidadania. E, para isso acontecer, cabe ao professor a seleção de experiências que irão influir de forma frutífera e criadora, despertando para outras experiências o desejo no estudante de buscar sua auto formação acadêmica dentro de um contexto pelo e integral.

Esses aspectos nos levaram a questionar as práticas dos professores envolvidos no projeto da Escola de Tempo Integral, buscando características de um ensino ativo, interativo e

experiencial – conceitos intimamente ligados à teoria de Dewey (1952, 1979) -, importantes para nos levar a compreender o conceito "educação integral".

Consideramos ser fundamental para a compreensão de nosso objetivo, as falas assertivas no "o quê", "como" e "para quê", acreditando serem pontos que revelam a reflexão dos professores sobre suas práticas, no sentido de serem significativas para os estudantes.

Essa escolha nos induziu a analisar essas falas sob três dimensões:

- Cognitiva: relacionada ao conhecimento prévio do estudante;
- Emocional: destacando as relações entre professor/estudante/escola/comunidade;
- Sociocultural: despertando valores/atitudes/pertencimento tanto por parte do estudante quanto do professor.

Juntas reforçam os conceitos de ensino ativo, interativo e experiencial, fundamentando, assim, a educação integral pretendida pelo projeto "Educação Integral em Tempo Integral.

Os professores pesquisados, cada um a seu modo, propõem experiências significativas nas aulas dinamizadas pertencentes ao núcleo diversificado, por meio de um ensino ativo, interativo e experiencial. Entretanto, afirmo que estas práticas necessitam de momentos de reflexão, planejamento e ação a fim de criar sentidos novos a uma realidade que traz mudanças.

Também a articulação das dimensões do ensino foi observada em maior ou menor grau na prática dos professores. O ensino se constrói no cotidiano escolar e é importante que cada professor busque continuamente responder o quê ensinamos, por quê ensinamos, como ensinamos, para quê e para quem ensinamos, levando em consideração as dimensões citadas anteriormente.

Ao analisar as práticas dos professores, surgiram informações de que, entre eles, alguns fizeram revisão de sua prática, procurando por alternativas para atuar com competência nas aulas diversificadas, buscando elevar o conhecimento integral do estudante, pensando tanto dentro do contexto escolar quanto fora dele. Entretanto, sentimos que a maioria viveu a experiência das aulas confiando em seu conhecimento prévio e aprendendo na prática. Várias declarações apontaram para a ineficiência dos cursos de formação, visto que os conhecimentos adquiridos estão distantes de sua prática cotidiana.

Assim, entendemos que as seguintes proposições podem sugerir algumas discussões sobre os cursos de formação:

Nesse momento podemos perceber a necessidade de que os cursos de formação, tanto inicial como continuada, favoreçam a articulação entre teoria e prática, buscando no contexto escolar elementos para estudo, no qual a prática seria o ponto de partida e chegada rumo a construção da Práxis educacional que tanto buscamos alcançar como professores.

Se a proposta é trabalhar com projetos inovadores e operacionais, o projeto de Escola de Tempo Integral, precisa proporcionar aos professores o contato com teorias e experiências que enfoquem o método por projetos, a fim de instrumentalizar não só os futuros professores, como também os que já atuam na profissão.

Que os projetos, como a própria palavra sugere (prefixo pro = antes) – **projetar para frente** – sejam tratados como algo possível e não como uma ação utópica aos olhos tanto do professore que irá desenvolver a ideia quanto o estudante que será conquistado por essa mesma ideia. Desta forma, os professores não passarão pela ansiedade e sentimento de obrigação em fazer dar certo, e sim de

um processo de criação e de formação e auto formação.

Incentivar a reflexão dos professores sobre sua prática possibilitará a todos encontrar soluções para as incertezas e angústias que surgem quando lidamos com o novo, motivando-os a buscar dia após dia uma nova maneira dinâmica de conquistar seu espaço.

Também fica claro, pelos depoimentos dos professores, a necessidade de cursos, de formação ou, até mesmo, de investimento na transformação da escola em uma instituição que aprende com a própria experiência, construindo seu próprio eixo educacional.

Considerando o que concluímos e propusemos, o professor, para atuar nessas aulas diversificadas é aquele capaz de perceber que por meio de sua prática é possível provocar e experimentar transformações, seja para ele mesmo, para o estudante e, principalmente, para o coletivo, na certeza de ter contribuído para uma formação integral individualizada ou dentro da sua própria comunidade escolar, levando seu conhecimento para fora dos muros da escola.

O conjunto de todas as Aulas pertencentes ao Núcleo Diversificado ou Comum Curriculares desenvolvidas pelo projeto da Escola de Tempo Integral, tem o grande desafio de vencer as dificuldades mostradas e partilhar os acertos vividos pelos professores, poderá desenvolver no estudante o crescimento físico, emocional e intelectual anunciado, anteriormente, pela teoria de Dewey.

O acúmulo positivo de todos os projetos elaborados pelos professores e vivenciados no cotidiano das Aulas encaminhará a Escola de Tempo Integral para o *continuum* experiencial, tornando o agir no cotidiano mais leve e significativo. Daí a responsabilidade do professor e de todo o corpo gestor das escolas em escolher, minuciosamente, projetos que estejam em harmonia com toda a comunidade aprendente local.

A Escola de Tempo Integral é um projeto de todos os envolvidos: professores, estudantes, funcionários e comunidade. Ampliar o tempo do estudante não é suficiente para assegurar uma educação de qualidade, a começar pelo tamanho e deficiência ainda presentes na rede estadual de ensino. É importante dar tempo aos professores, a fim de que possam inserir novas propostas de ensino e aprendizagem na sua forma de ensinar.

E, quando o professor praticar, conscientemente, um ensino ativo, interativo e experiencial, norteado pelas dimensões cognitiva, emocional e sociocultural, será uma peça fundamental da construção de uma educação que valoriza os saberes, dando significado a novas atitudes sobre o sentir, o pensar e o fazer, e assim dará lugar à inclusão e a equidade social com foco em um aprendizado humano e integralizado, disposto a existir dentro e fora do contexto educacional conduzindo os estudantes a buscar cada vez mais seu aperfeiçoamento pessoal e profissional no futuro.

V. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Abdalla, M. (2005) Do percurso de formação e desenvolvimento profissional: entre normas e (pré) conceitos para repensar a profissão docente. *Olhar de professor*. Ponta Grossa: Editora UEPG, p. 10 – 25,

_____. *O Senso Prático de Ser e Estar na Profissão***.** São Paulo: Cortez, 2006.

Alves, F. (1997). Satisfação dos professores: estudo de opiniões dos professores do Ensino Secundário do Distrito de Bragança. En M. Estrela, M. T. (Org.). *Viver e Construir a Profissão Docente.* Porto: Porto Editora, , p. 81-95.

Amaral, A. (2003) Conflito conteúdo/forma em pedagogias inovadoras: a pedagogia de projetos na implantação da escola plural. En M. Marin, A., Silva, A., Souza, M.. (Orgs.) *Situações didáticas*. Araraquara: JM Editora, p. 223-235.

André, M. (1995) *Etnografia da Prática Escolar.* Campinas: Papirus. (Série Prática Pedagógica).

_____. Pesquisa em Educação: buscando rigor e qualidade. *Cadernos de Pesquisa.* São Paulo, n. 113, 1-10, jul. 2001. (Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci Acesso em 8/9/2023).

Arco-Verde, Y. (2003) *A Arquitetura do Tempo na Cultura Escolar*: um estudo sobre os Centros de Educação Integral de Curitiba**.** Tese (Doutorado). São Paulo: PUC/SP – Programa de Estudos Pós-graduados em Educação: História, Política, Sociedade.

Azenha, M. (1993) *Construtivismo:* de Piaget a Emília Ferreiro. São Paulo: Ática.

Arendt, H. (1979) A crise na educação. En M. Arendt, H. *Entre o passado e o futuro.* São Paulo: Perspectiva.

Azevedo, F. (1932) *Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova*: 1932. (Disponível em: http: www.escolanova.net/pages/manifesto.htm./Acesso em 27/8/2023).

Bogdan, R; Bilklen, S. (1994) *Investigação Qualitativa em Educação:* uma introdução à teoria e aos métodos. Porto: Porto Editora.

Bourdieu, P. (1997) *Razões Práticas:* sobre a teoria da ação. Campinas: Papirus.

_____. *A Economia das Trocas Simbólicas.* 5 ed. São Paulo: Perspectiva,1998.

_____. *O Poder Simbólico.* Tradução de Fernando Tomaz. 4. ed. Rio deJaneiro: Bertrand Brasil, 2001.

Briza, L. (2004) Anísio Teixeira: o defensor da escola pública na teoria e na prática. *Revista Nova Escola. nº* 178. São Paulo, p. 1-3.

Cachapuz, A.; Praia, J.; Jorge, M. (2000) Reflexão em torno de perspectivas doensino das ciências: contributos para uma nova orientação curricular – ensino por pesquisa. *Revista de Educação.* Vol. IX, nº 1, Departamento de Educação da F.C. daU.L, p. 69-78.

Canário, R. (2006) *A Escola tem Futuro?* Das Promessas às Incertezas. Porto Alegre: Artmed, p. 51-72.

Carvalho, M. (2006) O lugar da educação integral na política social. *CadernosCenpec.* São Paulo, n. 2, p. 7-11.

Cavaliere, A. (2002) Educação Integral: uma nova identidade para a escola brasileira? *Educação &Sociedade.* v.23, n. 81, Campinas, p. 1-14.

Codo, W. (1999) *Educação:* carinho e trabalho. Petrópolis: Vozes.

Coelho, L. (2002) Formação Continuada do Professor e Tempo Integral: uma parceriaestratégica na construção da educação integral. En M. Coelho, L.; Cavaliere, A. (Orgs). *Educação Brasileira e(m) Tempo Integral.* Petrópolis: Vozes, p.133-146.

Coll, C. (1997) *O Construtivismo na sala de aula.* 3 ed. São Paulo: Ática, (Org.).

Cunha, M. (1994) *John Dewey:* uma filosofia para educadores em sala de aula. Petrópolis: Vozes.

Daher, M. (2004) *As Práticas Pedagógicas na Escola de Tempo Integral*: um estudo na visão de alunos e professores. Dissertação de Mestrado. São Paulo: PUC/SP – Programa de Estudos Pós-graduados em Educação: História, Política, Sociedade.

Dayrell, J. (2001) A escola como espaço sociocultural. En M. Dayrell, J. (Org.) *Múltiplos Olhares sobre Educação e Cultura.* Belo Horizonte: Ed. UFMG, p. 136-161.

Dewey, J. (1952) *Vida e Educação***.** 3 ed. Trad. de Anísio Teixeira. São Paulo: Melhoramentos.

_____. *Experiência e Educação*. 3 ed. Trad. de Anísio Teixeira. São Paulo: Nacional, 1979.

Esteve, J. (1999) *O Mal-Estar Docente:* a sala de aula e a saúde dos professores.Trad. Durley de C. Cavicchia. São Paulo: EDUSC.

Esteves, M.; Rodrigues, A. (1993) *A Análise de Necessidades na Formação de Professores.* Porto: Porto Editora.

Felice, R. (2007) O *Professor e a (Re)Construção de sua Identidade Profissional no Cotidiano da Sala de Aula.* Dissertação de Mestrado. Santos: Universidade Católica de Santos.

Ferretti, C.; Vianna, C.; Souza, D. (1991) Escola Pública em Tempo Integral: o PROFIC na Rede Estadual de São Paulo. *Cadernos de Pesquisa***.** São Paulo, n.76, 5-17.

Freire, P. (1996) *Pedagogia da Autonomia:* saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra (Coleção Leitura).

Gimeno, J. (2000) O Currículo: os conteúdos do ensino ou uma análise prática? En M. Gimeno, J.; Pérez, A. *Compreender e Transformar o Ensino.* 4 ed. Trad. Ernani F. da Fonseca Rosa. Porto Alegre: Artmed,p. 118-148.

Giorgi, C. (1986) *Escola Nova.* São Paulo: Ática (Série Princípios).

Ghiraldelli, P. (2001) *História da Educação.* 2 ed. São Paulo: Cortez.

Gonçalves, A. (2006) *Reflexões sobre Educação Integral e Escola de Tempo Integral*. Cadernos Cenpec. São Paulo, n. 2, p. 129-135.

Guará, I. (2006) É imprescindível educar integralmente. *Cadernos Cenpec*. São Paulo, n. 2, p. 15-24.

Hernández, F.; Ventura, M. (1998) *A Organização do Currículo por Projetos de Trabalho*. 5 ed. Trad. de Jussara Haubert Rodrigues. Porto Alegre: Artes Médicas.

Imbert, F. (2003) *Para uma Práxis Pedagógica*. Trad. de Rogério de Andrade Córdova.

Brasília: Plano Editora, 2003.

Leite. M. (2006) *Los Valientes:* a formação de professores na escola secundária básica de Cuba. Dissertação de Mestrado. Santos: Universidade Católica de Santos.

Leontiev, A. (1978) *Activity, Consciouness and Personality.* Versão on-line do Leontiev Internet Archive. Trad. Maria Silvia Cintra Martins, Grupo de Estudos Marxistas em Educação. (Disponível em: http://www.marxists.org/portugues/leontiev/1978. Acesso em 29/09/2023).

Libâneo, J. (2004) *Adeus Professor, Adeus Professora?*: novas exigências educacionais e profissão docente. 8 ed. São Paulo: Cortez (Coleção Questões de Nossa Época; v. 67).

Lourenço, M. (2002) *Introdução ao Estudo da Escola Nova*: bases, sistemas e diretrizes da pedagogia contemporânea. 14. ed. Rio de Janeiro: Ed UERJ/Conselho Federal de Psicologia.

Ludke, M.; André, M. (1986) *Pesquisa em Educação*: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU.

Mazzotti. A. (2006) Usos e Abusos dos Estudos de Caso. *Cadernos de Pesquisa.* São Paulo, v. 36, n. 129. (Disponível em:http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci Acesso em 9/9/2023).

Mendes, M. (2006) *Práticas Significativas de Professoras bem-sucedidas*: a voz do aluno do Ensino Médio. Dissertação de Mestrado. Santos: Universidade Católica de Santos.

Mendonça, A. (2009) Anísio Teixeira e a Escola Nova. En M. XAVIER, M. C. *Manifesto dos Pioneiros da Educação:* um legado educacional em debate. São Paulo: FGV/FUMEC, s/d, p.241-255.

Menezes, E.; Santos, T. (2008) *Dicionário Interativo de Educação Brasileira,* EducaBrasil. São Paulo: Midia mix, Editora, s/d.
(Disponível em http:/www.educabrasil.com.br/eb/dic/dicionário.asp?id=23, acessado e, 09/01/2024).

Nóvoa, A. (1995) Formação de Professores e Profissão Docente. En M. Nóvoa, A. (Org.) *Os Professores e a sua Formação.* Lisboa: Publicações Dom Quixote, p. 14-33.

Oliveira, M. (2007) *As Relações entre o Ensinar e o Aprender:* o professor como mediador do processo ensino-aprendizagem. Dissertação de Mestrado. Santos: Universidade Católica de Santos.

Paro, V. (1988) *Escola de Tempo Integral***:** desafio para o ensino público. (Org.) São Paulo: Cortez/ Autores Associados.

_____. Viabilidade da Escola Pública de Tempo Integral. *Revista Educação &Sociedade*, Ano X, n. 29, p. 87-99. julho de 1988.

Perrenoud. P. (1999) *Construir as competências desde a escola.* Porto Alegre: Artmed.

_____. *Dez novas competências para ensinar*. Porto Alegre: Artmed, 2000.

Pitombo, M. (1974) *Conhecimento, Valor e Educação em John Dewey***.** São Paulo:Pioneira.

São Paulo (2005) Secretaria Estadual de Educação. Resolução SE nº 89.

São Paulo (2006) *Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas – CENP***.** 2ª versão preliminar das Diretrizes Gerais sobre a Escola de Tempo Integral.

São Paulo (2006) Secretaria Estadual de Educação. Resolução SE 7.

Schettini, R. (2006) *A Construção do Objeto em uma Rede de Sistemas de Atividade de Formação de Professores (RESAFOP).* Tese de Doutorado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo/PUC.

Tardif, M.; Lessard, C. (2005) *O Trabalho Docente:* elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas. 2ª ed. Trad. de João Batista Kreuch. Petrópolis: Vozes, p. 55-79.

Teixeira, A. (1994) *Educação não é Privilégio***.** 6. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ.

_____. *Pequena Introdução à Filosofia da Educação:* a escola progressiva oua transformação da escola. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2007.

Vianna, H. (2003) *Pesquisa em Educação***:** a observação. Brasília: Plano Editora.

V. ANEXOS

ANEXO I – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

UNIVERSIDAD AUTÓNOMA DE ASUNCIÓN – UAA
FACULDAD DE CIENCIAS DE LA EDUCACIÓN Y LA COMUNICACIÓN
MAESTRÍA EN CIENCIAS DE LA EDUCACIÓN

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO

Eu,.....,
declaro estar devidamente esclarecido(a) em participar do estudo: **Análise do processo de Integração de referência entre os núcleos diversificado e comum na escola de Tempo Integral em Santa Helena de Goiás, Goiás, Brasil.** Estudo realizado por Lanúcia Pereira de Lima, mestranda em Ciências da Educação pela Universidade Autonoma de Assunção (Paraguai). Serei entrevistado (a) pela pesquisadora e concedo as informações prestadas para o uso que se fizer necessário.

_____

Assinatura do professor entrevistado

Este termo foi assinado por todos os entrevistados e não foram apresentados aqui para preservar a identidade dos participantes desta pesquisa.

ANEXO II – ROTEIRO DE ENTREVISTA COM OS PROFESSORES

UNIVERSIDAD AUTÓNOMA DE ASUNCIÓN – UAA
FACULDAD DE CIENCIAS DE LA EDUCACIÓN Y LA COMUNICACIÓN
MAESTRÍA EN CIENCIAS DE LA EDUCACIÓN

ROTEIRO DE QUESTIONARIO PARA PROFESSORES

1- Nome ..... Idade.....
Formação .....Ano em que se formou .....

11- Qual a disciplina em que está trabalhando? Indique os objetivos desta disciplina e sua metodologia desenvolvida.

.....
.....
.....

12- Em que difere o trabalho entre o Núcleo Comum e Núcleo Diversificado? Aponte dificuldades e facilidades.

.....
.....
.....

13- Em que uma maior permanência do estudante na escola poderá potencializar sua aprendizagem?

.....
.....
.....

14- A implantação da Escola de Tempo Integral vem sugerindo ao professor reviver o seu fazer pedagógico e reformular sua prática. Isto realmente vem acontecendo? Explique.

.....

.....
.....

15- Em sua prática docente há tempo para articular seu trabalho com os professores das demais áreas do currículo e, também, para participar de programas de formação? Caso sua resposta seja negativa, explicite os motivos. Se afirmativa, exponha suas áreas de interesse e o porquê de suas escolhas.

.....
.....
.....

16- Você acredita que as aulas poderão cumprir a função de possibilitar a participação social, a interação entre alunos X escola X comunidade X professores, o sentimento de compromisso e formação da identidade da escola? Justifique.

.....
.....
.....

17- Você fez um planejamento destas aulas em que leciona? Está sendo possível realizar o que planejou? Justifique.

.....
.....
.....

18- Em que momento os docentes trocam experiências, discutem estratégias, compartilham erros e acertos? O tempo disponibilizado para este momento tem sido suficiente? Os caminhos apontados são impostos pela escola ou compartilhados pelos professores?

.....
.....
.....

19- Durante este pouco tempo de vivência como Escola de Tempo Integral, quais comentários poderia tecer sobre a atuação da direção, coordenação, docentes, funcionários e discentes quanto à adaptação às mudanças, participação, apoio, compromisso e interesse. Aponte as maiores dificuldades enfrentadas por esta realidade espaço-tempo e dê sugestões para uma educação integral efetiva.

.....
.....
.....

ANEXO III - ENTREVISTA APLICADA A PROFESSORES QUE ATUAM (OU NÃO) NAS AULAS DO NÚCLEO DIVERSIFICADO

UNIVERSIDAD AUTÓNOMA DE ASUNCIÓN – UAA
FACULDAD DE CIENCIAS DE LA EDUCACIÓN Y LA COMUNICACIÓN
MAESTRÍA EN CIENCIAS DE LA EDUCACIÓN

QUESTIONÁRIO PARA OS PROFESSORES

1-Nome .....
Idade.....
Formação .....
Ano em que se formou .....
Há quanto tempo leciona? .....
Para que nível de ensino? .....
Atua em alguma Oficina? .....
Qual?.....
Em caso negativo: Gostaria de atuar em alguma das Oficinas? Qual? Justifique sua resposta.
.....
.....
.....

5- Quais as condições dadas aos professores para que a Escola de Tempo Integral aconteça?
.....
.....
.....
.....

6- Qual a influência do espaço na prática docente, visto que as aulas Curriculares exigem adequação do espaço físico existente nas escolas? O docente terá que reversua prática? Explique.
.....
.....
.....

7- Que tipo de implicações podemos perceber na prática do professor, com a ofertade um maior tempo de permanência dos alunos na escola? Observe aspectos positivos e negativos.
.....
.....
.....

.....

8- O que pensa sobre os inúmeros projetos que circulam na rede estadual, em especial, a Escola de Tempo Integral. Quais os dilemas e desafios vividos na profissão docente durante a realização de um projeto (ideais criados e a realidadedo dia-a-dia escolar)?

.....

.....

.....

ANEXO IV – EDUCAÇÃO INTEGRAL

(Categoria de Análise)

UNIVERSIDAD AUTÓNOMA DE ASUNCIÓN – UAA
FACULDAD DE CIENCIAS DE LA EDUCACIÓN Y LA COMUNICACIÓN
MAESTRÍA EN CIENCIAS DE LA EDUCACIÓN

TABELA Nº 11 – EDUCAÇÃO INTEGRAL

ENSINO ATIVO (unidade de sentido)
(...) eu tenho que correr mais em busca de coisas que vão atrair os alunos. Não adianta ser o que eu quero, o que eu gosto, o que eu acho legal. Também tem queser de interesse deles. A gente tem que lidar muito com isso. Fazê-los querer
(...) a maioria dos alunos não tem computador em casa. Tinham alguns que nem sabiam mexer, não sabiam o que era teclado, mouse. Então, estamos mostrando coisas para eles que estão longe da realidade deles. Eu achei isso válido: aumentar aoportunidade
Eles têm dificuldades em cortar, dificuldades em colar. Eles colocam cola demais! Você tem que ensinar até isso! Não põe muita cola. Ou põe menos e descola. Até eles aprenderem que você recorta tudo, mas você não vai pegar e colar, pegar ecolar, pegar e colar. Eu explico isso pra eles: vocês vão fazer um cartaz, vai ter váriasfiguras para colar. Você primeiro recorta todas as figuras e antes de você colar, você coloca as figuras em cima do suporte que você vai usar que pode ser cartolina, papel cartão, um EVA, seja lá o que for. Antes de você colar, você vai colocar, porque você tem que ver como vai querer colar isso.
Então, eu queria tentar explicar para eles o que seria pensar, o que o pensamento pode refletir nas nossas vidas, no nosso comportamento, nas nossas ideias em relação com o outro, no nosso agir com o outro. Então, nós fizemos um trabalho com dobradura. Eu pedi que cada um fizesse a dobradura que soubesse. E, depois, abrindo a dobradura, eles observaram as marcas que foram ficando nessas dobraduras, que são nossos pensamentos que, às vezes, é o que acontece: você tem uma ação. Quando você age, às vezes, este pensamento se tornou em ação e pode te trazer marcas que ficam em sua vida para sempre.
O segundo objetivo é fazer com que eles aprendam algumas habilidades extras, fora aquelas aulas regulares que eles têm no período da manhã. Então, este também éum objetivo muito importante. Aí, você percebe quais são as tendências

de cada um. Você vê que tem aquele que gosta mais de desenhar, tem aquele que gosta mais de pintar, tem aquele que gosta mais de mexer com massa. Você vai observar várias tendências deles. Esses são realmente os objetivos mais importantes que eu vejo na Oficina da Escola de Tempo Integral.

Você trabalha ideologia de uma forma clara assim, numa linguagem simples e depois você introduz termos mais profundos da ideologia. Aí, eles desenharam aqui (mostrou). Eles montaram as ideias deles através da historinha (leu): "É uma ideia que todos aceitam como uma verdade, isso acontece principalmente nas emissoras de televisão, que através de uma grande facilidade de demonstração acaba colocando nas cabeças das pessoas que certa peça de roupa ou algo diferente irá te transformar em uma outra pessoa totalmente diferente". Quer dizer, para ela ficou claro.

De repente você pôs a figura de uma caixa logo em cima e não é lá o melhor lugar. Você colou como você faz? Vai tirar? Então, primeiro vai ver as posições. Muda, muda, vai mudando. Até que você vê que aquilo é o que você quer. Aí, você começaa colar, que nem isso eles têm noção! Nem disso! De lugar, de proporção principalmente! É muito grande, você põe mais pra frente, põe mais pra trás o que é menor. Aí, você começa a explicar: lembra quando você olha no final da rua, fica lá nofundo parece que é pequenininho; fica na frente é porque é grande. Já é sem eles saberem, uma noção de perspectiva.

O cenário e os bonecos foram feitos pelos alunos, sob a supervisão e orientação da professora, em aulas anteriores. O texto lido pela narradora foi elaborado pelos alunos, sendo que os diálogos foram todos improvisados. Algumas músicas, também selecionadas pelos estudantes, serviram de fundo em situações que os alunos consideraram importantes na peça

Mas é uma outra atividade que você tem. Elas estão cada vez, as meninas, para mim são meninas, ficando grávidas mais cedo. E isso é porque vem de casa, porque tudoo que está sendo feito de uns bons anos para cá em matéria de vídeo, palestra; o professor de Ciências trabalha, a própria Romênia, professora de Educação Físicaeste ano na ETI, ela trabalha com eles sobre isso. Até teatrinho ela fez, com a parte de sexualidade. Todos os anticoncepcionais, como devem ser usados, qual é a idade,conversas

Eu trabalhava, é..., eu levei estes programas ligados a Oficinas, por exemplo. Eu trabalhei com um que utilizava Matemática, tem o que utiliza Português. Então, eu trabalhei bastante coisa com eles. Trabalhei com textos, com desenhos, com história em quadrinhos, jogos que usam de certa maneira as Oficinas. Trabalhei com o Show do Milhão, que eles adoraram.

A professora de Atividades Artísticas descobriu que a maioria gostava de artesanato e ela trabalhou praticamente com apenas isso. E a oficina que ela tinha, dividia-se em Música, Teatro e Dança, mas como é que ela ia trabalhar com isso? Decidiu trabalhar com a realidade deles e com o que eles gostavam.

Você não tinha que ir para a sala de Informática. Quer utilizar essa Oficina tem que usar a psicologia. Pode usar a sala de Física, como eu usei no ano passado. Por causa do horário têm umas turmas que não vão poder ir para a sala de Informática. Vão para a sala de aula, vão trabalhar Música e outras coisas, utilizando som.

ENSINO INTERATIVO
(unidade de sentido)

Agora...., Artes, Artes Visuais mais precisamente, você trabalha com todas as disciplinas. É interdisciplinar. Trabalha com Matemática quando usa tangran, as formas geométricas. Trabalha com Português quando quer ilustrar um texto. Trabalha com História. A professora de leitura estava com problemas para dar a matéria. Para fazê-los ler você, às vezes, tem que suar. E ela estava se queixando comigo. Ela deu a história de Martim Afonso para ler. Sugeri que ela trabalhasse a transformação da história em quadrinhos. Assim, eles leriam e desenhariam, tornando a atividade mais interessante. Acho que deu certo, já que ela não se queixou mais.

Inclusive a coordenação da ETI, voltando atrás à informação que eu falei sobre a gente poder conversar com outra professora através da coordenadora, embora ela não tenha esse papel, eu te pergunto: o que ela faz ali? Ela tem um papel importante. Ela é um elo de comunicação entre os professores. Muito importante. E a coordenadora do regular também ajuda. Eu acho que hoje, o papel principal é do coordenador e do diretor

Nós passamos bom tempo do ano passado, até metade, sem coordenador praticamente. Chegou uma, mas era coordenadora para tudo. Ela tinha que fazer tudo. Lá, no Zulmira, teve uma professora, mas ela ficou uns dias e depois não ficou mais. Faltou um coordenador para orientar e fazer uma ligação entre os professores das Oficinas e do currículo básico

u acho que sim. Às vezes você consegue ajudar as famílias que trabalham... Eu acho que dá para fazer acontecer. É que pela experiência do ano passado, a gente percebe que faltou organização. É preciso fazer uma coisa mais organizada, mais planejada

Então, nós passamos o contexto histórico, eles fizeram pesquisas, e o que eu pedi para eles: dividi a classe em grupos e recortei toda a Declaração e dei um artigo da Declaração para cada um deles. Eles tinham que fazer o olhar deles sobre aquela leitura do artigo. Aí, foram montando com colagens. Teve outros que acharam, por exemplo, artigo 21: "Toda pessoa tem direito de tomar parte no governo de seu país". Usaram o presidente Lula, a previdência social, as escolhas... Outro (leu): "Toda criança tem direito de ir à escola"

Esse aqui, oh! (mostrou). Artigo 2º, inciso 1º: "Todo homem tem capacidade para gozar dos direitos e das liberdades estabelecidas nesta declaração, sem distinção de qualquer espécie, seja de cor, raça, sexo, religião, opinião política ou outra natureza, origem nacional, social..... nascimento ou qualquer outra condição". Vê a leitura que eles fizeram? Fizeram o globo terrestre, colocaram várias carinhas de pessoas diferentes

É. Tiveram alguns trabalhos como os jogos cooperativos, que eu fiz com a profa. de Educação Física, (citou o nome da profa.), fizemos aqui no pátio. Aí, já foi logo depois das férias esse negócio. A gente começou a ter mais uma ideia depois das OTs, de como tinha que trabalhar as aulas.

Como é que eu vou chegar e trazer Platão puro para uma sala de aula de 6ª série? Não tem. Então, você tem que pegar atividades múltiplas, não é, para tentar explicar para eles o que é filosofia, o que é aquele moço lá chamado Platão, que

eu brincava com eles: “sabe aquele moço”, como se fosse um colega deles. Que a filosofia parece ainda estar muito distante das pessoas. Parece que é uma coisa assim muito de intelectual, aquelas coisas longe

A interação social, sim. Porque quando eles estão na Oficina eles conversam muito, eles falam demais, falam dos problemas. Eles vêm conversar com você sobre problemas íntimos deles. Parece que eles ficam muito próximos do professor. Interação professor/aluno acontece. Eles vêm, conversam

O que o professor expôs muito é que ele dá aula lá. Ele diz que com tudo isso, com toda tecnologia que tem para você dar aula e, às vezes, você não consegue fazer aquele ser humano aprender. E, às vezes, você com giz e apagador, com toda essa dificuldade que a gente tem, a gente consegue produzir boas coisas, fazer alguém aprender

ENSINO EXPERIENCIAL
(unidade de sentido)

A partir do momento que o aluno sai de sala de aula, ele se sente melhor. Tinha que ter salas diferenciadas, para não precisar sair da sala. Têm Oficinas que não dá. O professor de Artes acertou. Tinha uma sala grande; ele tentou levar os alunos para lá, fazer os trabalhos, mexer com trabalhos manuais. Era uma sala que eles podiam sentar no chão, que eles podiam... Eles acabaram gostando também. Então, assim, eu acho que nesse ponto eu tenho vantagem, comparado às outras disciplinas, porque em Português/Matemática eles acham que vão fazer mais lição.

Por exemplo, Empreendedorismo. É uma coisa que..., a ideia dessa Oficina é mostrar alternativas com que eles, de repente, podem trabalhar, vender alguma coisa, ter essa ideia em termos de negócios. Eu acho que tudo isso enriquece o currículo do aluno. Pelo menos, na teoria é essa ideia. Eu acho importante. Agora, o que está sendo colocado em prática é essa ideia de problema, como a gente acaba contornando e da maneira como é.

A professora da Oficina de Atividades Artísticas descobriu que a maioria gostava de artesanato e ela trabalhou praticamente com apenas isso. E a oficina que ela tinha, dividia-se em Música, Teatro e Dança, mas como é que ela ia trabalhar com isso? Decidiu trabalhar com a realidade deles e com o que eles gostavam.

Então, eu falei: “Eu quero a minha 5ª que passou para a 6ª série”. Por quê? Por causa de dar uma continuidade no trabalho. E a Marinete, que é a coordenadora da ETI, concordou e a dona Ione também. Então, eu já estou pensando em tudo aquilo que eu trabalhei, para eu continuar a trabalhar com eles

Eu tenho experiência, mas o que é que eu vou deixar para continuar passando para eles no período da manhã e o que é que eu vou tirar para trabalhar com eles à tarde na Oficina? Mas é o que eu te digo, quando você quer e tem vontade, você depois vai, não é? O professor é só você dar incentivo que ele vai (risos)

Nós já passamos da experiência, como dizem aqueles. Quem trabalha tem que ter três meses de experiência, não dizem? Nós tivemos um ano. Teve determinadas horas durante o ano que eu pensei: eles vão tirar, isso não vai dar certo, meu Deus, que loucura! E tinha horas que quando eu via algum produto final, eu dizia: “Puxa! Mas que bonitinho! Será que eles vão continuar? Tomara!”. Então, o primeiro ano realmente é o ano onde você vai experimentar. E, por incrível que pareça, várias

vezes nós ficamos sabendo que lá na diretoria era elogiada a nossa escola. Isso é bom! Isso é muito bom! Então, quando você tem subsídios, boa vontade e não é da parte só do professor! Tem que ser do aluno.

E, aí, já estava trabalhando a leitura, a concentração, porque para eles ficarem quietos ouvindo isto (riu) é um custo! Mas na 3ª aula eles já estavam acostumados. Quando eles chegavam na classe perguntavam: "Professora, vai ter historinha hoje?" A 1ª e a 2ª foram terríveis. Na 3ª eles já estavam mais calmos. Aí, quando eles acabavam de ouvir a historinha, dava só em uma aula a historinha. Na outra aula eu pedia pra eles traduzirem o que eles entenderam. Aí, eles fizeram no papel escrito o que eles entenderam: agir com moderação.

Eu já estou pensando em um projeto para isso, começar com a 5ª série e por que não começar com a própria história da escola? "Por que é e quem foi o Ênio? Quando ela foi construída? Quantos anos ela tem"? Entendeu? "O espaço dela; onde ela está? Qual o bairro"? Você vai trabalhar com História, Geografia, Português, Ciências, nós temos o mangue aí. Você trabalhar a parte de pesquisa com tudo isso. Conversar com eles como próprio bem. Que eles vão ter essas notas na escola nova para conhecer a escola.

Cadê os jogos pedagógicos? Eu não vi! Tanto que meus alunos trabalharam com jogos, eu vi a professora de Matemática trabalhar com jogos, que ela foi à marcenaria pedir restos de material para montar jogos. Criar com eles. Temos que desenvolver a função de criar? Sim. Mas por que não mandam essas madeirinhas cortadinhas?

Ações e reações, nossos sentimentos, que, às vezes, a gente tem uma reação de amizade, de amor que ficou marcada em nossa mente, que muda o nosso jeito de agir, as nossas relações de amizade, nosso pensamento e a transformação de nossas ideias, não é? Mudam o ser humano! E isso é um tipo de evolução humana.

Então, nós passamos o contexto histórico, eles fizeram pesquisas, e o que eu pedi para eles: dividi a classe em grupos e recortei toda a Declaração e dei um artigo da Declaração para cada um deles. Eles tinham que fazer o olhar deles sobre aquela leitura do artigo. Aí, foram montando com colagens. Teve outros que acharam, por exemplo, artigo 21: "Toda pessoa tem direito de tomar parte no governo de seu país". Usaram o presidente Lula, a previdência social, as escolhas... Outro (leu): "Toda criança tem direito de ir à escola"

Aí, eu tenho que trabalhar com eles essa coisa de eles entenderem. Às vezes, o advogado não está entendendo o que aquele artigo está querendo dizer para ele. Então, acho que desde a infância as crianças têm que começar a ter esta noção daquilo que ele entende do que estão querendo dizer pra ele. É porque eu não sei se eu tive sorte de trabalhar com as crianças e os adultos ao mesmo tempo e eu vi que os adultos, não sei se na infância eles não tiveram essa base e, por isso, eles têm as mesmas deficiências que essas crianças têm

A gente tem inteligências múltiplas. Às vezes, um adora aquilo que estou falando sobre direitos humanos e outro odeia. Às vezes, um adora jogar xadrez e o outro detesta! Então, o que eu fiz: eu preservava os jogos: xadrez, dama, dominó, quebra-cabeça, jogo de palitinho. Aí, o que eles faziam; eles juntavam as duplas, os grupinhos deles. Eu fui fotografando

Mas é uma outra atividade que você tem. Elas estão cada vez, as meninas, para mim são meninas, ficando grávidas mais cedo. E isso é porque vem de casa, porque tudo o que está sendo feito de uns bons anos pra cá em matéria de vídeo, palestra. O professor de Ciências trabalha, a própria Romênia, professora de

Educação Física este ano na ETI, ela trabalha com eles sobre isso. Até teatrinho ela fez, com a parte de sexualidade. Todos os anticoncepcionais, como devem ser usados, qual é a idade, conversas...

Quatro carteiras, quatro cadeiras. São quatro alunos. Por quê? Eu tenho uma em cada turma e eu sei que elas também vão ajudar. Eu passo, eu explico e, aí, elas funcionam como monitoras. E é uma pessoa que dá conta do dela e ainda diz não faz assim...., não faz assado...Olha, você quer ver? E ela sabe que não é para fazer o dele. Faça no seu, mostrando para ele, eu digo. Aí, ele vai pegar o dele e fazer o dele. Desfaz e faz de novo. Então, eu procuro separar desta forma, quando é uma atividade mais trabalhosa. E a gente consegue! Não 100%. Mas 75, 80% você consegue.

Eu trabalhava, é..., eu levei estes programas ligados a Oficinas, por exemplo. Eu trabalhei com um que utilizava Matemática, tem o que utiliza Português. Então, eu trabalhei bastante coisa com eles. Trabalhei com textos, com desenhos, com história em quadrinhos, jogos que usam de certa maneira as Oficinas. Trabalhei com o Show do Milhão, que eles adoraram. Você tem todas as Oficinas: Português, Matemática, Ciências, História, Inglês

ANEXO V – DIMENSÕES

UNIVERSIDAD AUTÓNOMA DE ASUNCIÓN – UAA
FACULDAD DE CIENCIAS DE LA EDUCACIÓN Y LA COMUNICACIÓN
MAESTRÍA EN CIENCIAS DE LA EDUCACIÓN

TABELA Nº 12 -SÍNTESE Nº 1: INFORMÁTICA EDUCACIONAL

DIMENSÃO COGNITIVA

DIMENSÃO COGNITIVA	Não tinham Internet, por isso estavam usando alguns jogos que a escola já possuía. Um deles chamava-se "Números em Ação. Um grupo grande de adolescentes, seis alunos, ocupava o mesmo espaço, disputando um campeonato de futebol. Alguns desenhavam, outros digitavam pequenos trechos de textos que haviam trazido: letras de "funk", de samba, poesias etc. A professora não fez nenhuma proposta de atividade, permanecendo sentada durante todo o tempo da aula. Quando perguntei sobre o que ela pretendia fazer com os alunos, a fim de que eles conhecessem um pouco das ações de um computador, ela me disse: "Não há material para as 9ª séries. Não foram mandados os programas prometidos". Os jogos disponíveis para esta classe foram: Copas, Dama, Gamão, Drawing for children, Sim City, Paint. Aqueles que não quisessem jogar poderiam digitar algum texto de sua escolha ou criar algum. Ela trouxe alguns textos para serem digitados pelos estudantes. Como não havia computadores para todos, um estudante ditava e outro digitava. Depois de um tempo, eles trocavam de posição, a fim de que todos tivessem contato com a atividade

DIMENSÃO EMOCIONAL	Enquanto os estudantes entravam, pedindo licença, a professora lhes pedia para tirar o boné. Eles a atendiam sem causar problemas. Pareciam ter um bom relacionamento. Conversando comigo, ela comentou que a classe era "agitada", mas os estudantes eram "bonzinhos". Ela os tratava por "amor", "queridos" e outros termos carinhosos. Dificilmente eles se dirigem à professora para perguntar, pedir informações sobre o uso do computador. A docente permanecia sentada. Algumas vezes fazia algum comentário comigo ou com outro estudante, outras vezes lia uma revista. A professora recebeu os alunos da mesma forma que fazia: fila para entrar e divisão de grupos para o uso dos computadores. Ela os beija na entrada e os chama de "amor" todo o tempo. Os estudantes que terminavam a tarefa pediam a ela que fosse ver se estava bom. Então, ela os ajudava a formatar o texto, a fim de deixá-lo mais apresentável. Para imprimir as atividades, ela usava um cartucho de tinta que trazia para asaulas, que havia comprado com seu dinheiro. "Não posso deixá-lo aqui, pois acabarei sem tinta para as aulas. Por isso, uso e levo para casa". Cada grupo que terminava, ela os ensinava a imprimir. Visitava os trabalhos e os guardava no diário. Poucos estudantes deixaram de trazer o material solicitado e aqueles que não o trouxeram, ficaram entusiasmados e pediram à professora se poderiam participar na outra aula. Ela concordou, entretanto os avisou da importância de cumprirprazos e tornar o tempo que tinham produtivo.
DIMENSÃO **SOCIAL/CULTURAL**	Ao final da aula, os estudantes desligaram os computadores e uns poucos se ofereceram para arrumar a sala e devolver as cadeiras às salas de aula. Antes de entrar na sala, os estudantes trouxeram algumas cadeiras, pois não há número suficiente para todos se acomodarem. Ao tocar o sinal, a professora pediu que levassem as cadeiras paraas salas de onde haviam tirado. As outras cadeiras vinham das salas de aula junto com os estudantes que chegavam, mostrando que eles já estavam acostumados com esta situação. Cinco computadores estavam com defeito. A impressora não tinha tinta. Não fica claro se existe um plano para a realização desta aula, por parte da professora. O que ela chama a atenção é para o cuidar da escola, mantendo o material que ela e os alunos têm disponível em bom estado, guardando o que foi tirado do lugar e, de alguma forma, procurando despertar nos estudantes uma atitude de compromisso e de responsabilidade para com o patrimônio escolar.

TABELA Nº 13 -SÍNTESE Nº 2: ATIVIDADES ARTÍSTICAS

DIMENSÃO COGNITIVA	O cenário e os bonecos foram feitos pelos estudantes, sob a supervisão e orientação da professora, em aulas anteriores. O texto lido pela narradora foi elaborado pelos alunos, sendo que os diálogosforam todos improvisados. Algumas músicas, também selecionadas pelos estudantes, serviram de fundo em situações que os estudantes consideraram importantes na peça. Intitularam a peça com o nome "Anos 60 e AIDS". O texto abordou assuntos relacionados à relação sexual, gravidez precoce, AIDS, aborto, uso de camisinha e afins. A linguagem utilizada pelos personagens foi bastante informal (...) A professora trouxe borboletas desenhadas e xerocadas aos estudantes. Eles escolheram as cores que usariam para dar vida às borboletas. Foram usados papéis fantasia de várias cores para a execução do trabalho. Após esta primeira etapa,os estudantes recortaram as borboletas e as colaram sobre uma folha de papel sulfite, no lugar escolhido por eles. A proposta seguinte dada pela professora: criar um ambiente para a borboleta apenas com colagens; não poderiam usar lápis de cor e outros recursos. Uma estudante apresentou dificuldades em criar um ambiente para a sua borboleta e mostrou-se aborrecida com a situação. Disse à professora que ela deveria ter avisado antes, que seu trabalho estava feio, ameaçou jogá-lo fora. A professora lhe respondeu que não poderia antecipar as informações, pois o objetivo era exercitar a criatividade deles. A maioria dos estudantes estava com sacolas, nas quais era possível ver garrafas de variados tamanhos, pedaços de plástico, papel alumínio,cola, tesoura, canetas e outros materiais. Aprofessora conversou com eles sobre o que faziam com o lixo, sobre poluição, sobre os cuidados que deviam ter com o meio ambiente. Apesar de crianças, foi fácil perceber que estavam entendendo os riscos que a vida do planeta corria todos os dias, pois falaram de aquecimento global,efeito estufa, da água do mar poluída etc. A professora os ouvia sem fazer comentários e, ao mesmo tempo que os ouvia, separava algumas imagens que trouxera: rios cheios de espuma, de sucata, locais residenciais com lixo a céu aberto, centros urbanos com ruas sujas, ruas com muitos carros e o gás jogado na atmosfera, entre outros. A professora tornou a falar: "precisamos mostrar para a comunidade que lugar de lixo é no lixo e que muitas coisas que jogamos fora podem ser reaproveitadas. Como o planeta está sofrendo pela falta de cuidado dos seres humanos, que nãorespeitam a natureza, que jogam lixo pela janelado carro e até mesmo, pela janela do carro , temos a obrigação de ensiná-los a viver de forma mais cuidadosa, não acham?". Eles concordaram

	com a professora.
DIMENSÃO EMOCIONAL **DIMENSÃO** **SOCIAL/CULTURAL**	(...) a relação entre a professora e seus estudantes era bastante amigável. Todos pediram licença antes de entrar na sala. Os estudantes, quando queriam ir ao banheiro ou beber água, pediam à professora e ela lhes fornecia uma espécie de crachá. Um de cada vez deixava a sala. Reparei que não demoravam a voltar e permaneciam sentados enquanto executavam as atividades. O tom da professoraera baixo (...) "Voltem aos seus lugares, por favor", pediu a professora. "Deixarei as imagens penduradas para que possam observá-las melhor, certo? "completou. A professora percorria a sala, atendendo os grupos e sanando as dúvidas quando surgiam. Ajudava-os, também, quanto ao uso adequado de tinta, canetinha ou até mesmo na quantidade de cola a ser usada. Perto da aula terminar, ela fez a chamada e os convidou a arrumar a sala. A professora ouvia a todos com paciência, tentando cultivar as boas ações entre eles. Tocouo sinal e saíram. Antes de dar início à apresentação, os estudantes do 9º ano C convidaram colegas de outras classes para a assistência ao teatro e estenderam o convite às professoras de Filosofia e de Empreendedorismo Social, sendo que apenas a última pôde comparecer, por estar com poucos alunos e tê-los trazido para assistir a representação. Quando a apresentação teve início, os estudantes passaram a prestar atenção, acompanhando o desenrolar da história até o final. A plateia aceitou as propostas de interação com os estudantes, quando estes pediam para bater palmas, por exemplo. Essa era a ideia: criar, criticar, modificar, tomar decisões, auxiliar os colegas. "Vamos criar cartazes que passem uma mensagem positiva, do homem cuidando da sua rua, da sua escola, de sua cidade, de seu planeta. Com os brinquedos e enfeites que vocês criarem, poderemos mostrar às pessoas que muita coisa pode ser utilizada para o bem. Teremos uma exposição no final do ano e tenho certeza de que vocês farão trabalhos maravilhosos". Demoraram para entrar em acordo com os colegas, pois o trabalho era em grupo. Então, era preciso chegar a um acordo. Mas não houve brigas, eles chegaram a uma ideia que agradou aos colegas.

TABELA Nº 14 - SÍNTESE Nº 3: FILOSOFIA

DIMENSÃO COGNITIVA	"Hoje, nós vamos dar início a uma atividade chamada "A importância da família", enfatizando o tema "Quando meus pais discutem". Trouxe um texto para lermos juntos e conversarmos sobre o que entendemos". A seguir, a professora distribuiuos textos aos estudantes e deu início à leitura. Alguns alunos pediram para ler e ela os organizou para que não houvesse confusão. Cola, lápis de cor, canetinha foram deixados entre os grupos, pois eles estavam sentados em grupos circulares de seis a oito carteiras. A proposta foi que desenhassem os moradores de suas casas e os identificassem com o grau de parentesco. Entregou folhas com figuras, uma para cada estudantes; giz de cera nas cores determinadas pelas folhas. Colocou sobre sua mesa dois copos transparentes: um com água limpa e outro com água suja. Disse-lhes que colocaria uma música suave para ouvirem. Enquanto eles se acomodavam, ainda com bastante barulho, a professora me dizia que havia escolhido esta atividade, porque a música acalmava e, após o almoço, ela acreditava que conseguiria fazê-los fechar os olhos para ouvir com mais atenção.
DIMENSÃO EMOCIONAL	A professora recebeu os estudantes na porta da sala de aula com uma "boa tarde", sorridente. Os alunos responderam em sua maioria. Todos estavam sentados, quando a professora fez a chamada e começou a explicar o que fariam naquelas poucas horas juntos Devagar a professora foi conversando com eles, questionando sobre seus sentimentos e elesacabaram por escrever na folha suas reações frente às brigas em casa Recomendou que eles tentassem ficar o mais confortável possível. Colocou a música, algumas risadas.... "Fechem os olhos, por favor". Fecharam, abriram, deram algumas risadas, mas acabaram colaborando Esta professora não levanta a voz com os estudantes e está sempre sorrindo. Isto parece influenciá-los de alguma forma. Suas atividades estão sempre organizadas e os estudantes não encontram a sala embagunça quando chegam para a aula. Após a leitura, muitos estudantes começaram a falar ao mesmo tempo, o que ocasionou um pequeno alvoroço. Ficou acertado que precisariam aprender a ouvir o outro e respeitar suas ideias. Eles tentaram seguir as regras, porém ficavam empolgados e a confusão voltava. A professora interferia e a paz reinava novamente,

DIMENSÃO SÓCIO- **CULTURAL**	Alguns estudantes foram mais resistentes ao debate, fechando-se em um canto, evitando conversas. A professora comentou comigo que esta atividade estava prevista para uns seis a oito encontros e que, provavelmente, aqueles que não haviam feitonada, que não tinham participado, estariam mais soltos e mais abertos para os próximos debates. Ela completou dizendo: "Quero tentar ajudá-los a amar e respeitar a família, estimulando valores como respeito, perdão, caridade" Pude perceber que esta professora está preocupada não só com o conteúdo exigido pela escola, mas procura desenvolver nos estudantes valores importantes para um relacionamento em que predomine o respeito, a amizade, a vida em comunidade. A atividade pareceu atingir seus objetivos, poisquando questionados pela professora sobre o que haviam percebido através deste jogo, muitosresponderam que as virtudes eram importantespara fazê-los subir na vida no sentido de umapessoa boa, correta, responsável. "Vamos fazer um jogo. Vocês lembram que já discutimos sobre as virtudes e pretendo descobriro que assimilaram de nossas conversas. Vocês terão pistas para descobrir o nome das virtudes que estarei descrevendo. Terão 20 segundos paradialogar e responder, por escrito, nas tiras que receberam qual a virtude que está de acordo com as pistas dadas. Não podem falar alto, para as outras equipes não copiarem, certo?". Todos concordaram e ficaram em silêncio para ouvir as pistas. A classe mostrou ter espírito competitivo, pois cochichavam dentro das equipes, a fim de não serem ouvidos.

ANEXO VI – DOCUMENTAÇÃO SOBRE A ESCOLA DE TEMPO INTEGRAL

UNIVERSIDAD AUTÓNOMA DE ASUNCIÓN – UAA
FACULDAD DE CIENCIAS DE LA EDUCACIÓN Y LA COMUNICACIÓN
MAESTRÍA EN CIENCIAS DE LA EDUCACIÓN

Resolução SE 7, de 18-1-2006

Dispõe sobre a organização e o funcionamento da Escola de Tempo Integral

O Secretário de Estado da Educação, à vista:

- dos objetivos definidos para a implementação da Escola de Tempo Integral. Que assegura a alunos dos ciclos I e II do ensino fundamental a ampliação da vivência de atividades escolares e de participação sociocultural e tecnológica;
- da necessidade de se firmar diretrizes que permitam aos educadores implementarem o processo educacional proposto para a Escola de Tempo Integral, resolve:

Artigo 1°- A Escola de Tempo Integral destina-se a alunos dos ciclos I e II do ensino fundamental de escolas da rede pública estadual que tenham atendido aos critérios de que trata o artigo 3°da Res. SE n°89 de 09/12/ 2005.

Artigo 2°- A organização curricular do Ciclos I e I I em período integral compreenderá o currículo básico do ensino fundamental e um conjunto de oficinas

eenriquecimento curricular.

§ 1°- Entenda-se por oficina de enriquecimento curricular a ação docente/discente concebida pela equipe escolar em sua proposta pedagógica como uma atividade de natureza prática, inovadora, integrada e relacionada a conhecimentos previamente selecionados, a ser realizada por todos os alunos, em espaço adequado, na própria unidade escolar ou fora dela, desenvolvida por meio de metodologias, estratégias e recursos didático-tecnológicos coerentes com as atividades propostas para a oficina.

§ 2°- Os componentes curriculares, que integram o currículo básico do ensino fundamental,

e os eixos temáticos das oficinas curriculares constam dos anexos I e II que fazem parte da presente resolução.

Artigo 3°- Na organização da Escola de Tempo Integral, observar-se-á:

I- regime de estudos para cada classe dos ciclos I e II, em período integral: manhã e tarde;

II- carga horária semanal de 45 aulas;

III- total de aulas diárias: 09 aulas;

IV- jornada diária discente: 09 horas, com intervalos de uma hora para almoçoe vinte minutos, em cada turno, para recreio.

§ 1°- No Ciclo I, o turno da manhã destinar-se-á ao desenvolvimento das disciplinas do currículo básico, com duração de 05 (cinco) aulas diárias, ficando o turno da tardecom uma carga horária de 04 (quatro) aulas diárias destinadas às oficinas curriculares.

§ 2°- No Ciclo II:

I- o turno da manhã compreenderá 06 (seis) aulas diárias, destinadas ao desenvolvimento das disciplinas do currículo básico e das seguintes oficinas: Hora da Leitura e Orientação para Estudos e Pesquisa e;

II- o turno da tarde, com 03 (três) aulas diárias, destinar-se-á, exclusivamente, ao desenvolvimento das demais oficinas curriculares.

§ 3°- Para fins de definição de pessoal na Escola de Tempo Integras, com base nas disposições do Decreto n° 37.185 de 5/8/1993, e da Resolução SE n° 35 de 7/4/2000, será considerado em dobro o número de classes em funcionamento nos termos do "caput" deste artigo.

Artigo 4°- A atribuição das classes e das aulas da Escola de Tempo Integral far-se-á aos docentes inscritos no processo regular de atribuição de classes/aulas, a partir desua etapa inicial, pelo Diretor de Escola, podendo haver também, se necessário, atribuição das referidas classes e aulas em nível de Diretoria de Ensino.

§ 1°- As aulas das disciplinas do currículo básico do Ciclo II do Ensino Fundamental deverão ser atribuídas com observância à ordem de prioridade das faixas de habilitação/qualificação de docentes, estabelecida no artigo 12 da Resolução SE – 90/2005.

§ 2°- Com relação às aulas das Oficinas Curriculares s, a atribuição deverá se dar na seguinte conformidade:

I- no Ciclo, a portadores de diploma de licenciatura plena em Pedagogia

ou de curso de nível superior equivalente, com habilitação em Magistério das Matérias Pedagógicas do Ensino Médio ou em Magistério das Série Iniciais do Ensino Fundamental, nesta ordem de prioridade de habilitações, exceto para as oficinas de Língua Estrangeira Moderna – Inglês, Atividades Artísticas e Atividades Esportivas e Motoras, cujas aulasserão atribuídas a portadores de licenciatura plena em Letras com habilitação em Inglês, Educação Artística/Arte e Educação Física, respectivamente.

II- No Ciclo II, a atribuição contemplará as seguintes habilitações/qualificações docentes para cada oficina/conjunto de atividades:

a) Orientação para Estudo e Pesquisa: licenciatura plena em Pedagogia ou curso do Ciclo I, na mesma ordem de prioridade;

b) Hora da Leitura: licenciatura plena em Letras com habilitação em Língua Portuguesa, preferencialmente, ou licenciatura plena em qualquer componente curricular;

c) Informática Educacional: licenciatura plena com formação e conhecimento na área, preferentemente com curso de capacitação desenvolvido pelos NRTEs, desde que devidamente comprovado;

d) Experiências Matemáticas: licenciatura plena em Matemática, ou licenciatura plena em Física, ou em Química ou ainda licenciatura em Ciências plenificada com qualquer habilitação;

e) Língua Estrangeira Moderna – Espanhol: licenciatura plena em Letras, com habilitação no idioma ou com comprovada proficiência adquirida em cursos especializados;

f) Atividades Esportivas e Motoras: licenciatura plena em Educação Física;

g) Atividades Artísticas: licenciatura plena em Educação Artística/Arte;

h) Saúde e Qualidade de Vida: licenciatura em Ciências plenificada em Biologia, ou química, ou Física ou Matemática, ou licenciatura plenaem Ciências Biológicas ou ainda licenciatura plena em História natural;

i) Filosofia: licenciatura plena em Filosofia:

j) Empreendedorismo Social: licenciatura plena em Ciências Sociais.

§ 3°- Na ausência de docentes com as habilidades previstas para as aulas de Atividades Artísticas do Ciclo I e para as atividades do Ciclo II constantes das alíneas "d" a "j", as aulas poderão ser atribuídas com observância à ordem de prioridade das faixas de qualificação estabelecidas pelo artigo 12 da Resolução SE –90/2005, respeitadas as demais disposições de seus parágrafos.

§ 4°- As aulas das Oficinas Curriculares poderão se atribuídas a docentes titulares de cargo, apenas, como carga suplementar de trabalho ou para composição de jornada, exceto as aulas das Atividades Artísticas e Atividades Esportivas e Motoras que poderão ser atribuídas, também, para constituição de jornada dos respectivos titulares de cargo.

Artigo 5°- As Coordenadorias de Ensino e de Estudos e Normas Pedagógica, respeitadas as respectivas áreas de competência, poderão expedir instruções complementares à presente resolução e, quando necessário, decidir sobre situações cujas especificidades exijam análise casuística.

Artigo 6°- Esta resolução entra em vigor na data de sua publicação

Notas:

Decreto n°37.185/93, à p. 58do vol. XXXVI;

Res. SE n° 35/00, à p. 107 do vol. XLIX;

Res. SE n°89/05;

Res. SE n°90/05.

TABELA Nº 15

MATRIZ CURRICULAR I

ESCOLA DE TEMPO INTEGRAL						
MATRIZ CURRICULAR						
ENSINO FUNDAMENTAL e MÉDIO						
Componentes curriculares			Séries/aulas			
			1ª	2ª	3ª	4ª
Currículo Básico	Base Nacional Comum e Parte diversifica-da	Língua Portuguesa	7	7	7	7
		Educação Artística	2	2	2	2
		Educação Física	2	2	2	2
		História	2	2	2	2
		Geografia	2	2	2	2
		Matemática	7	7	7	7
		Ciências Físicas e Biológicas	3	3	3	3
	Total		25	25	25	25
Oficinas Curriculares	Orientação para estudo e pesquisa		2	2	2	2
	Atividades de Linguagem de Matemática	Hora da Leitura	3	3	3	3
		Experiências Matemáticas	3	3	3	3
		Língua Estrangeira Moderna-Inglês	1	1	1	1
		Informática Educacional	2	2	2	2
	Atividades Artísticas	Teatro	3	3	3	3
		Artes Visuais				
		Música				
		Dança				
	Atividades Esportivas e Motoras	Esporte	3	3	3	3
		Ginástica				
		Jogo				
	Atividadesde Participação Social	Saúde e Qualidade de Vida	3	3	3	3
		Filosofia				
		Empreendedorismo Social				
	Total		20	20	20	20
Total			45	45	45	45

TABELA Nº 16

MATRIZ CURRICULAR II

<table>
<tr><td colspan="7">ESCOLA DE TEMPO INTEGRAL</td></tr>
<tr><td colspan="7">MATRIZ CURRICULAR</td></tr>
<tr><td colspan="7">ENSINO FUNDAMETAL e
ENSINO MÉDIO</td></tr>
<tr><td colspan="3" rowspan="2">Componentes curriculares</td><td colspan="4">Séries/aulas</td></tr>
<tr><td>5ª</td><td>6ª</td><td>7ª</td><td>8ª</td></tr>
<tr><td rowspan="10">Currículo Básico</td><td rowspan="9">Base Nacional Comum e Parte Diversificada</td><td>L. Portuguesa</td><td>6</td><td>6</td><td>6</td><td>6</td></tr>
<tr><td>Língua Estrangeira Moderna-Inglês</td><td>2</td><td>2</td><td>2</td><td>2</td></tr>
<tr><td>Educação Artística</td><td>2</td><td>2</td><td>2</td><td>2</td></tr>
<tr><td>Educação Física</td><td>2</td><td>2</td><td>2</td><td>2</td></tr>
<tr><td>História</td><td>3</td><td>3</td><td>3</td><td>3</td></tr>
<tr><td>Geografia</td><td>3</td><td>3</td><td>3</td><td>3</td></tr>
<tr><td>Matemática</td><td>5</td><td>5</td><td>5</td><td>5</td></tr>
<tr><td>Ciências Físicas e Biológicas</td><td>4</td><td>4</td><td>4</td><td>4</td></tr>
<tr><td>Ensino Religioso</td><td>-</td><td>-</td><td>-</td><td>-</td></tr>
<tr><td colspan="2">Total</td><td>27</td><td>27</td><td>27</td><td>27</td></tr>
<tr><td rowspan="12">Oficinas Curriculares</td><td colspan="2">Orientação para estudo e pesquisa</td><td>1</td><td>1</td><td>1</td><td>-</td></tr>
<tr><td rowspan="4">Atividades de Linguagem e de Matemática</td><td>Hora da Leitura</td><td>2</td><td>2</td><td>2</td><td>2</td></tr>
<tr><td>Experiências Matemáticas</td><td rowspan="3">5</td><td rowspan="3">5</td><td rowspan="3">5</td><td rowspan="3">5</td></tr>
<tr><td>Língua Estrangeira Moderna-Espanhol[10]</td></tr>
<tr><td>Informática Educacional</td></tr>
<tr><td rowspan="4">Atividades Artísticas</td><td>Teatro</td><td rowspan="4">3</td><td rowspan="4">3</td><td rowspan="4">3</td><td rowspan="4">3</td></tr>
<tr><td>Artes Visuais</td></tr>
<tr><td>Música</td></tr>
<tr><td>Dança</td></tr>
<tr><td rowspan="3">Atividades Esportivas e Motoras</td><td>Esporte</td><td rowspan="3">3</td><td rowspan="3">3</td><td rowspan="3">3</td><td rowspan="3">3</td></tr>
<tr><td>Ginástica</td></tr>
<tr><td>Jogo</td></tr>
<tr><td rowspan="3">Atividades de Participação Social</td><td>Saúde e Qualidade de Vida</td><td rowspan="3">4</td><td rowspan="3">4</td><td rowspan="3">4</td><td rowspan="3">4</td></tr>
<tr><td>Filosofia</td></tr>
<tr><td>Empreendedorismo Social</td></tr>
<tr><td colspan="2">Total</td><td>18</td><td>18</td><td>18</td><td>18</td></tr>
<tr><td colspan="3">Total</td><td>45</td><td>45</td><td>45</td><td>45</td></tr>
</table>

[10] A carga horária de Língua Estrangeira Moderna – Espanhol, quando incluída, seráde uma hora semanal.

Resolução SE n°89, de 09 de Dezembro de 2005

Dispõe sobre o Projeto Escola de Tempo Integral

O Secretário de Estado da Educação, considerando:

- a educação como presença fundamental no dia a dia de crianças e jovens, por desempenhar papel relevante na dinâmica das sociedades;
- a importância de se oferecer aos estudantes do Ensino Fundamental a oportunidade de estender o tempo de participação na escola em atividades que ampliem suas possibilidades de aprender;
- a necessidade de atender às expectativas da comunidade entra e extraescolar e desenvolver ações que integram a política de inclusão, resolve:

Artigo 1°- Fica instituído o Projeto Escola de Tempo o Integral com o objetivo de prolongar a permanência dos alunos de ensino fundamental na escola pública estadual, de modo a ampliar as possibilidades de aprendizagem, com o enriquecimento do currículo básico, a exploração de temas transversais e a vivência de situações que favoreçam o aprimoramento pessoas, social e cultural.

Artigo 2°- O projeto Escola de Tempo Integral em como objetivos:

I- promover a permanência do educando na escola, assistindo-o integralmente em suas necessidades básicas e educacionais, reforçando oaproveitamento escolar, a auto estima e o sentimento de pertencimento;

II- intensificar as oportunidades de socialização na escola;

III- proporcionar aos alunos alternativas de ação no campo social, cultural,esportivo e tecnológico;

IV- incentivar a participação da comunidade por meio do engajamento noprocesso educacional implementando a construção da cidadania;

V- adequar as atividades educacionais à realidade de cada região desenvolvendo o espírito empreendedor.

Artigo 3°- O Projeto Escola de Tempo Integral prevê o atendimento inicial de escolasda rede pública estadual de ensino fundamental que atendam aos critérios de adesão, que estejam distribuídas pelas 90 Diretorias de Ensino, inseridas, preferencialmente, em regiões de baixo IDH- Índice de Desenvolvimento Humano –e nas periferias urbanas.

Parágrafo único – São critérios para adesão ao Projeto:

1- espaço físico compatível com o número de alunos e salas de aulapara funcionamento em período integral e
2- intenção expressa da comunidade escolar em aderir ao Projeto,ouvido o Conselho de Escola.

Artigo 4°- A Escola de Tempo Integral funcionará em dois turnos – manhã e tarde, com uma jornada de 9 horas diárias e carga horária semanal de 45 aulas.

Artigo 5°- A organização curricular da Escola de Tempo Integral inclui o currículo básico do ensino fundamental e ações curriculares direcionadas para:

I- orientação de estudos;

II- atividades Artísticas e Culturais;

III- atividades Desportivas;

IV- atividades de Integração Social;

V- atividades de Enriquecimento Curricular.

Artigo 6°- Caberá à Coordenadoria de Estudos e Norm as pedagógicas expedirinstruções complementares à presente resolução.

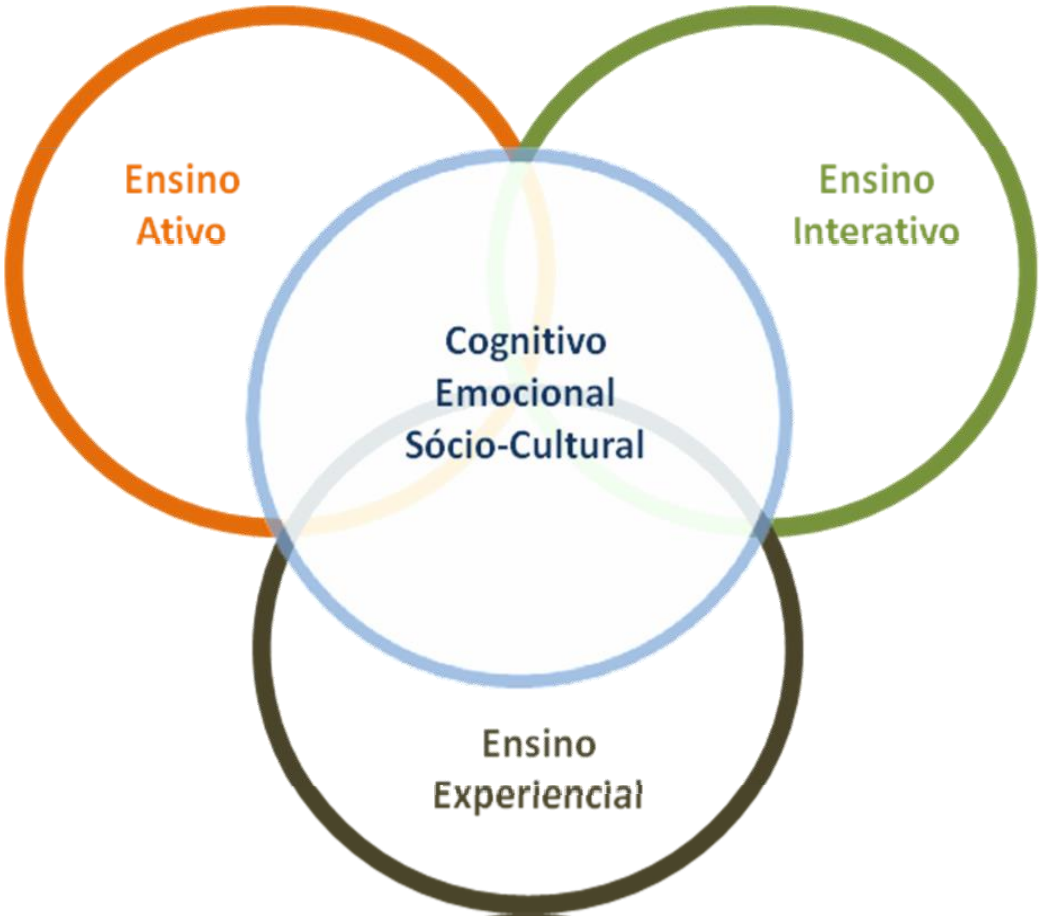
Artigo 7°- Esta resolução entra em vigor na data de sua publicação.

ANEXO VII – PERSPECTIVAS DE ENSINO ENVOLVIDAS NA CONFIGURAÇÃO DAS TRÊS DIMENSÕES DO PROCESSO FORMATIVO

UNIVERSIDAD AUTÓNOMA DE ASUNCIÓN – UAA
FACULDAD DE CIENCIAS DE LA EDUCACIÓN Y LA COMUNICACIÓN
MAESTRÍA EN CIENCIAS DE LA EDUCACIÓN

PERSPECTIVAS DE ENSINO ENVOLVIDAS NA CONFIGURAÇÃO DAS TRÊS DIMENSÕES DO PROCESSO FORMATIVO (COGNITIVA/EMOCIONAL/SÓCIO- CULTURAL).

FIGURA Nº 9: Educação Integral



ANEXO VIII – LEI Nº 20917 de 21/12/2020

UNIVERSIDAD AUTÓNOMA DE ASUNCIÓN – UAA
FACULDAD DE CIENCIAS DE LA EDUCACIÓN Y LA COMUNICACIÓN
MAESTRÍA EN CIENCIAS DE LA EDUCACIÓN

LEI Nº 20917 de 21/12/2020

Assembleia Legislativa do Estado de Goiás, nos termos do art. 10 da Constituição Estadual, decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

CAPÍTULO I - DAS DISPOSIÇÕES PRELIMINARES

Art. 1º Fica instituído no âmbito do Poder Executivo o Programa Educação Plena e Integral, vinculado à Secretaria de Estado da Educação do Estado de Goiás - SEDUC, que tem por objetivo o desenvolvimento de políticas públicas direcionadas à melhoria da qualidade da educação básica, por meio da implementação da educação em tempo integral.

Art. 2º O Programa Educação Plena e Integral será implantado e desenvolvido, em regime integral, em unidades escolares da rede pública estadual de ensino, que passam a ser denominadas Centros de Ensino em Período Integral - CEPIs, conforme dispuser o Governador do Estado, via decreto.

§ 1º Para esta Lei, considera-se Centro de Ensino em Período Integral - CEPI a unidade escolar de jornada estendida, com conteúdo pedagógicos, métodos didáticos, gestão curricular e administrativa próprios.

§ 2º A gestão pedagógica e administrativa dos Centros de Ensino em Período Integral - CEPIs será disciplinada em regulamento.

Art. 3º O Programa Educação Plena e Integral tem por finalidade:

I - ampliar as oportunidades de acesso a uma educação de qualidade para crianças e jovens da rede estadual de educação do Estado de Goiás, alinhadas com as demandas do século XXI;

II - garantir o desenvolvimento de crianças e jovens da rede de Ensino Fundamental II e Ensino Médio em suas dimensões físicas, intelectuais, emocionais, sociais e culturais;

III - expandir a educação básica em tempo integral para a rede estadual do Ensino Fundamental II e Ensino Médio; e

IV - executar a Política Estadual da Educação em Tempo Integral, em consonância com o Plano Estadual de Educação de Goiás - PEE/GO, Plano Nacional de Educação e as diretrizes e políticas educacionais fixadas pela Secretaria de Estado da Educação - SEDUC.

Parágrafo único. Para cumprir as finalidades constantes deste artigo, integram o programa as unidades escolares identificadas no Anexo I desta Lei.

Art. 4º O currículo dos Centros de Ensino em Período Integral - CEPIs será elaborado e implementado seguindo as legislações educacionais regulamentadas pelo Poder Executivo Estadual e Federal, compreendendo as disciplinas da Base Nacional Comum Curricular - BNCC e da Parte Diversificada.

Parágrafo único. A carga horária da matriz curricular dos Centros de Ensino em Período Integral - CEPIs será disciplinada por ato do Secretário de Estado da Educação, conforme as legislações vigentes e o que dispuser o Governador do Estado em regulamento.

CAPÍTULO II - DOS RECURSOS HUMANOS

Art. 5º Os Centros de Ensino em Período Integral, com estrutura, organização e funcionamento peculiares contarão, em sua implementação, com quadro de pessoal próprio e funções específicas, conforme regulamento do Governador do Estado.

§ 1º O quadro de pessoal do Centro de Ensino em Período Integral -CEPI será composto pela equipe de gestão e pela equipe escolar.

§ 2º Para esta Lei, considera-se Coordenador Pedagógico o profissional do quadro de magistério efetivo, responsável por coordenar a gestão pedagógica do Centro de Ensino em Período Integral - CEPI e assessorar os Professores Coordenadores de Área, também por orientar e auxiliar os docentes no cumprimento do currículo e na gestão da aprendizagem.

§ 3º Integram como membros da equipe escolar, além dos servidores que compõem as unidades de ensino da rede estadual, aqueles que exercem as seguintes funções:

I - Professor Coordenador de Área;

II - Professor Coordenador do Núcleo Diversificado;

III - Laboratorista;

IV - Auxiliar de Pátio;

V - Auxiliar de Alimentação Escolar; e

VI - Auxiliar Administrativo-Financeiro.

§ 4º Para esta Lei, considera-se Professor Coordenador de Área Específica e Professor Coordenador do Núcleo Diversificado os docentes responsáveis por ministrar aulas em áreas específicas, planejar e avaliar a participação do estudante no processo de aprendizagem, e apoiar os seus pares na gestão da aprendizagem.

§ 5º As atribuições específicas da equipe gestora e da equipe escolar serão disciplinadas em regulamento do Governador do Estado.

Art. 6º A carga horária do Professor Coordenador de Área Específica, em exercício no Centro de Ensino em Período Integral - CEPI, respeitados os respectivos campos de atuação e as habilitações/qualificações que possua, compreenderá obrigatoriamente os componentes curriculares da Base Nacional Comum Curricular - BNCC e os da Parte Diversificada.

Art. 7º A jornada de trabalho dos integrantes do Quadro do Magistério Efetivo e dos Agentes Administrativos Educacionais, em exercício nos Centros de Ensino em Período Integral - CEPIs, será cumprida em Regime de Dedicação Plena e Integral - RDPI, com carga horária de 8 (oito) horas diárias, correspondendo a 40 (quarenta) horas semanais, em período integral, com atividades multidisciplinares e/ou de gestão especializada.

Art. 8º É vedado o desempenho de qualquer outra atividade remunerada pública ou privada durante o cumprimento da jornada de trabalho no Centro de Ensino em Período Integral - CEPI.

Art. 9º Será permitida a contratação de professor por tempo determinado, prevista no inciso X do artigo 92 da Constituição Estadual, para atender à necessidade temporária de excepcional interesse público, observados os termos da Lei nº 13.664, de 27 de julho de 2000, e demais legislações que regem a matéria, cuja carga horária será adequada à demanda do Centro de Ensino em Período Integral - CEPI enquanto permanecer lotado nessa unidade escolar.

Parágrafo único. O professor a que se refere o caput deste artigo deverá cumprir sua jornada de trabalho em regime integral, sendo vedado o desempenho de qualquer outra atividade remunerada pública ou privada durante o horário de funcionamento do Centro de Ensino em Período Integral - CEPI.

Art. 10. Fica criada, no âmbito da Secretaria de Estado da Educação, a função de Assessor Pedagógico da Educação em Tempo Integral, que atuará na implementação do Programa Educação Plena e Integral.

Parágrafo único. O Assessor Pedagógico da Educação em Tempo Integral ficará vinculado à Superintendência de Educação Integral, e suas atividades e metas serão disciplinadas em regulamento.

Art. 11. O exercício das atividades dos profissionais a que se refere o artigo 5º desta Lei poderá ser condicionado à aprovação em processo seletivo específico, conforme as respectivas atribuições exercidas.

Parágrafo único. As diretrizes sobre o processo seletivo serão disciplinadas em regulamento.

Art. 12. Os profissionais a que se referem os artigos 5º, 9º e 10 desta Lei serão submetidos a processo de avaliação de desempenho específico às atribuições desenvolvidas com o Programa Educação Plena e Integral.

Parágrafo único. A avaliação de desempenho prevista no caput deste artigo visa à garantia da qualidade da educação integral, de modo que os objetivos, os critérios, a periodicidade e as consequências do aproveitamento insuficiente serão especificadas em regulamento.

CAPÍTULO III - DAS GRATIFICAÇÕES

Art. 13. A Gratificação de Dedicação Plena Integral - GDPI passa a ter as funções e os valores constantes do Anexo II desta Lei.

Parágrafo único. A Gratificação de que trata o caput deste artigo será concedida também ao Assessor Pedagógico da Educação em Tempo Integral.

Art. 14. A Função Comissionada de Ensino em Período Integral - FCEPI passa a ter as funções e os valores constantes do Anexo III desta Lei.

Art. 15. O pagamento da Gratificação de Dedicação Plena e Integral - GDPI e da Função Comissionada de Ensino em Período Integral - FCEPI, será concedido aos servidores constantes no artigo 5º desta Lei.

§ 1º O pagamento das vantagens pecuniárias constantes do caput deste artigo está condicionado ao cumprimento da jornada de trabalho de 8 (oito) horas diárias, correspondendo a 40 (quarenta) horas semanais, em período integral, desde que observadas as disposições desta Lei e demais regulamentações que regem o Programa Educação Plena e Integral.

§ 2º O servidor perderá o direito à percepção da Gratificação de Dedicação Plena e Integral -GDPI- ou da Função Comissionada de Ensino em Período Integral -FCEPI- em caso de afastamentos e ausências de qualquer natureza, salvo quando se afastar em virtude de férias, licença-maternidade, licença-paternidade e licença para tratamento da própria saúde, concedida pela Junta Médica Oficial do Estado.

§ 3º Os valores da Gratificação de Dedicação Plena e Integral - GDPI e da Função Comissionada de Ensino em Período Integral - FCEPI não serão incorporados aos vencimentos ou aos subsídios para nenhum efeito, também não serão considerados para cálculo de quaisquer vantagens pecuniárias.

§ 4º Sobre o valor das gratificações e funções de que trata o caput deste artigo, não incidirão os descontos previdenciários e os de assistência médica.

§ 5º Nos casos em que o servidor possuir qualquer outra vantagem pecuniária referente ao exercício de funções de direção, chefia, supervisão, assessoramento ou secretariado, ele não fará jus à Gratificação de Dedicação Plena e Integral -GDPI ou à Função Comissionada de Ensino em Período Integral - FCEPI.

CAPÍTULO IV - DAS DISPOSIÇÕES FINAIS

Art. 16. As metas dos Centros de Ensino em Período Integral serão estabelecidas em ato do Secretário de Estado da Educação, que também poderá prever os critérios e a periodicidade em que os resultados serão avaliados.

Art. 17. A administração poderá servir-se da contribuição de organizações da sociedade civil com atuação na área educacional, mediante a celebração de parceria específica, com ou sem transferência de recursos financeiros, para o desenvolvimento de estudos, pesquisas e projetos que auxiliem na construção de modelos inovadores na área do ensino público, desde que observadas as legislações estaduais e/ou federais que regem a matéria.

Art. 18. O Secretário de Estado da Educação, dentro de suas atribuições legais, poderá editar normas complementares à aplicação do disposto nesta Lei, de acordo com os limites traçados por delegação do Governador do Estado, via Decreto.

Art. 19. As despesas resultantes da aplicação desta Lei correrão à conta de dotações consignadas no orçamento vigente, podendo ser suplementadas, caso necessário.

Art. 20. O Poder Executivo regulamentará a relação dos Centros de Ensino em Período Integral - CEPIs.

Parágrafo único. As unidades escolares previstas no art. 1º da Lei nº 11.333, de 12 de outubro de 1990, nas alíneas "z" e "au" do inciso XVIII do art. 1º da Lei nº 14.050, de 21 de dezembro de 2001, e no art. 1º da Lei nº 14.153, de 3 de junho de 2002, passam a adotar a denominação constante dos números 10, 90, 105 e 113 do Anexo I desta Lei.

Art. 21. Em decorrência do disposto no art. 14 desta Lei, a Tabela 2 da alínea "c" do Anexo VI da Lei nº 20.491, de 25 de junho de 2019, passa a vigorar com as alterações constantes do Anexo III desta Lei.

Art. 22. Fica revogada a Lei nº 19.687, de 22 de junho de 2017.

Art. 23. Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Goiânia, 21 de dezembro de 2020; 132º da República.

RONALDO CAIADO